

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DÉBORA DO ROCIO PACHECO DA SILVA

O PARANÁ MENTAL E UMA MULHER POLIVALENTE: TRAJETÓRIA E OBRA DE  
MARIANA COELHO NO CENÁRIO INTELECTUAL PARANAENSE (1857-1954)

PONTA GROSSA

2024

DÉBORA DO ROCIO PACHECO DA SILVA

O PARANÁ MENTAL E UMA MULHER POLIVALENTE: TRAJETÓRIA E OBRA DE  
MARIANA COELHO NO CENÁRIO INTELECTUAL PARANAENSE (1857-1954)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como parte do requisito para a obtenção do grau de Mestre na área de História, Cultura & Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves

PONTA GROSSA

2024

S586 Silva, Débora do Rocio Pacheco da  
O Paraná Mental e uma mulher polivalente: trajetória e obra de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense (1857-1954) / Débora do Rocio Pacheco da Silva. Ponta Grossa, 2024.  
191 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves.

1. Mariana Coelho. 2. Educação. 3. Paraná Mental. 4. Imprensa. 5. Redes de sociabilidade. I. Chaves, Niltonci Batista. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 981.62

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Débora do Rocio Pacheco da Silva**

### **UMA MULHER POLIVALENTE: TRAJETÓRIA E OBRA DE MARIANA COELHO (1857-1954) NO CENÁRIO INTELECTUAL PARANAENSE DO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História - Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 27 de fevereiro de 2024, pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** NILTONCI BATISTA CHAVES  
Data: 26/02/2024 18:38:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves (Orientador)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ALEXANDRA PADILHA BUENO  
Data: 26/02/2024 21:18:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Padilha Bueno (UNESPAR)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** NEVIO DE CAMPOS  
Data: 26/02/2024 20:53:11-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Névio de Campos (UEPG)

## **AGRADECIMENTOS**

Posso dizer que o período do mestrado foi um tempo “turbulento”, vivenciamos um contexto desafiador, de pandemia, covid-19, período de isolamento social. E eu, nesse caso, me encontrei também em meio a uma segunda graduação, que fez com que eu dividisse o meu tempo entre dois objetivos que eu queria muito alcançar: Mestrado em História e Licenciatura em Pedagogia.

Mas, digo também, que o período do mestrado foi de muita riqueza em minha trajetória pessoal e acadêmica. Foi, através desse tempo de imersão nos estudos, que conheci pessoas e fiz novas amizades, mudei para uma nova cidade, me senti parte da Universidade, estabeleci vínculos que espero manter, para além das discussões de “mesa de bar”, daquelas que se estendem num “pós mesa-redonda”.

A pesquisa possibilitou que eu me aproximasse de professores que, antes mesmo de conhecer pessoalmente, já eram e seguem sendo minha referência como profissionais da área. Através do PPGH, consegui participar de eventos que foram muito significativos, pude trocar experiências com outros pesquisadores e por isso, estendo meus agradecimentos também à CAPES, por ter concedido uma bolsa de estudos durante boa parte da pesquisa, o que tornou esse processo mais leve.

Ao Núcleo de História Intelectual, por todas as reuniões, discussões, por todas as indicações e comentários que contribuíram para que levasse essa pesquisa adiante, até mesmo por outras perspectivas.

Gratidão à minha família, meu pai Sandro, minha mãe Denise e minha irmã Alessandra, pelo apoio, paciência e palavras de conforto nos momentos em que as coisas ficavam difíceis, por não me deixarem desistir e, também, por compreenderem as minhas ausências. Meu muito obrigada também a todos os meus amigos com quem compartilhei as alegrias e angústias deste processo.

Agradeço também a meu orientador Niltonci, cujo nível de paciência é louvável, por me aguentar apresentando mais fontes, além do que eu iria dar conta, no tempo hábil pra entregar uma dissertação finalizada. Obrigada pelas leituras, conselhos, críticas e sugestões, tudo tem sido fundamental para o desenvolvimento da minha carreira acadêmica.

O mundo não dizia a ela como dizia a eles “Escreva se você quiser, para mim não faz diferença”. O mundo dizia com uma gargalhada “Escrever? O que tem de bom na sua escrita?”

(Virginia Woolf)

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo apresentar e analisar a trajetória de Mariana Coelho, educadora, feminista e escritora portuguesa (1857-1954), naturalizada brasileira. Procuramos refletir sobre como Mariana Coelho se estabeleceu em determinados espaços da sociedade em que viveu, discutindo as dificuldades de inserção feminina no mundo das letras e as estratégias de Mariana Coelho para participar ativamente nesses campos e neles obter reconhecimento, bem como as suas próprias percepções sobre o desenvolvimento cultural, artístico e letrado no Estado e sua contribuição para com o projeto desses intelectuais de trazer à tona um discurso de modernidade e progresso. Isso é possível através da análise de sua obra *O Paraná Mental*, de 1908, na qual ela faz um levantamento crítico do cenário intelectual paranaense. Buscamos reconhecê-la como figura importante não apenas no meio social, a partir de suas redes de sociabilidade, mas também como uma importante figura intelectual feminina. Pensando em sua inserção nesse espaço sociocultural, utilizamos os conceitos teóricos propostos por Sirinelli para o entendimento do que caracteriza o ser “intelectual”, o engajamento e as estruturas de sociabilidade, como obstáculos que poderiam autorizar ou desautorizar determinado sujeito dentro do espaço letrado, ao obter reconhecimento ou não, entendendo Mariana Coelho como uma mediadora cultural/intelectual mediadora, utilizando também os conceitos teóricos de Bourdieu, como campo, *habitus* e capital social. Como fontes, são utilizados recortes de artigos de jornais e revistas e seus sumários, que fazem referência a autora analisada, a obra *O Paraná Mental*, de 1908, por Mariana Coelho, a obra *Crítica Paranaense ao Paraná Mental*, de seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, bem como cartas trocadas entre Mariana Coelho e alguns de seus colegas intelectuais. Utilizamos também na análise as dedicatórias encontradas em algumas edições do livro *O Paraná Mental*, de 1908, visto que esse mesmo livro possui uma reedição em 2002.

Palavras-chave: Mariana Coelho; educação; *Paraná Mental*; imprensa; redes de sociabilidade.

## ABSTRACT

This dissertation aims to present and analyze the trajectory of Mariana Coelho, educator, feminist and Portuguese writer (1857-1954), naturalized Brazilian. We seek to reflect on how Mariana Coelho established herself in certain spaces of the society in which she lived, discussing the difficulties of female insertion in the world of letters and Mariana Coelho's strategies for actively participating in these fields and obtaining recognition in them, as well as her own perceptions about the cultural, artistic and literate development in the State and its contribution to these intellectuals' project of bringing to light a discourse of modernity and progress. This is possible through the analysis of her work *O Paraná Mental*, from 1908, in which she makes a critical survey of the intellectual scene in Paraná. We seek to recognize her as an important figure not only in the social environment, based on her sociability networks, but also as an important female intellectual figure. Thinking about its insertion in this sociocultural space, we use the theoretical concepts proposed by Sirinelli to understand what characterizes the "intellectual" being, engagement and sociability structures, as obstacles that could authorize or disauthorize a certain subject within the literate space, at the same time. obtain recognition or not, understanding Mariana Coelho as a cultural mediator/intellectual mediator, also using Bourdieu's theoretical concepts, such as field, habitus and social capital. As sources, clippings of articles from newspapers and magazines and their summaries are used, which make reference to the analyzed author, the work *O Paraná Mental*, from 1908, by Mariana Coelho, the work *Crítica Paranaense ao Paraná Mental*, by her brother Carlos Alberto Teixeira Coelho, as well as letters exchanged between Mariana Coelho and some of her intellectual colleagues. We also used in the analysis the dedications found in some editions of the book *O Paraná Mental*, from 1908, since this same book was reissued in 2002.

**Keywords:** Mariana Coelho; education; *Paraná Mental*; press; sociability networks.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia de Mariana Coelho.....	42
Figura 2 – Revista Azul.....	55
Figura 3 – Sumário.....	55
Figura 4 – Sumário 2.....	56
Figura 5 – Lista de colaboradores – Colaboração .....	56
Figura 6 – Lista de colaboradores 2 – Colaboração .....	57
Figura 7 – "O que se diz o que se faz" .....	60
Figura 8 – Notícia .....	61
Figura 9 – Notícia sobre o Grêmio das Violetas.....	74
Figura 10 – Lista dos membros do Instituto Néo-Pitagórico no ano de 1944 .....	139
Figura 11 – Notícia sobre o Colégio Santos Dumont.....	143
Figura 12 – Propaganda Colégio Santos Dumont.....	145
Figura 13 – Imagem do Boletim Primavera, Órgão das alunas da Escola Profissional "República Argentina" .....	146
Figura 14 – Imagem do Boletim Primavera 2, Órgão das alunas da Escola Profissional "República Argentina" .....	147

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Literatura – 1ª Geração .....	91
Quadro 2	– Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Literatura – 2ª Geração .....	92
Quadro 3	– Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Teatro – Velha Geração .....	107
Quadro 4	– Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Teatro – Moderna Geração .....	107
Quadro 5	– Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Belas Artes – Musicistas e Pintores – Velha Geração .....	108
Quadro 6	– Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Belas Artes – Musicistas e Pintores – Moderna Geração .....	109
Quadro 7	– Lista de alunos da Escola de Belas Artes, com suas áreas de destaque .....	112

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPFC	Centro Paranaense Feminino de Cultura
HDB	Hemeroteca Digital Brasileira
CRPMB	Centro Republicano Português Miguel Bombarda
BPP	Biblioteca Pública do Paraná
INP	Instituto Neo-Pitagórico
ALP	Academia de Letras do Paraná
CLP	Centro de Letras do Paraná
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 – MARIANA COELHO: UMA PORTUGUESA RUMO À TERRAS PARANAENSES.....	20
1.1 CONTEXTO: CURITIBA NA VIRADA DO SÉCULO .....	30
1.2 MARIANA Coelho OUTSIDER: UMA MULHER ADENTRANDO O MUNDO DAS LETRAS .....	42
1.3 NA IMPRENSA PARANAENSE .....	47
1.4 INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS.....	66
CAPÍTULO 2 – UM PANORAMA DO MUNDO ARTÍSTICO E LETRADO PARANAENSE .....	75
2.1 A OBRA “O PARANÁ MENTAL”:	80
2.2 EM SUA DEFESA: <i>A CRÍTICA PARANAENSE aO PARANÁ MENTAL</i> , POR TEIXEIRA COELHO .....	118
CAPÍTULO 3 – UMA MULHER POLIVALENTE .....	130
3.1 UMA MARIANA COELHO ESTABELECIDADA: ADENTRANDO O MUNDO CULTURAL CURITIBANO.....	134
3.2 NA IMPRENSA, NA EDUCAÇÃO, NO CENÁRIO INTELECTUAL E NO FEMINISMO .....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
REFERÊNCIAS.....	173
APÊNDICE A – FONTES, CORRESPONDÊNCIAS, JORNAIS E REVISTAS.....	181
ANEXO A – PRONTUÁRIO DE MARIANA COELHO. EM GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E ESTATÍSTICA DO ESTADO DO PARANÁ, DISPONÍVEL EM ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ .....	185
ANEXO B – COELHO, MARIANA. PELA PATRIA!. REVISTA NOVA ALVORADA- REVISTA MENSAL LITTERARIA E SCIENTIFICA – PORTUGAL. EDIÇÃO 00000, P. 8. ....	186
ANEXO C – COELHO, MARIANA. NA ORLA DO ABYSMO. REVISTA NOVA ALVORADA- REVISTA MENSAL LITTERARIA E SCIENTIFICA- PORTUGAL. ANO 1893 - EDIÇÃO 00003, P. 24.....	187
ANEXO D – A DIVULGAÇÃO. VOLTANDO AO PASSADO. ED. 28, 1950.....	188
ANEXO E – CAPA DO OPÚSCULO A CRITICA PARANAENSE AO PARANÁ MENTAL – DE CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO .....	189
ANEXO F – CAPA DO LIVRO O PARANÁ MENTAL –1908 – MARIANA COELHO .....	190
ANEXO G – DEDICATÓRIA NA OBRA <i>O PARANÁ MENTAL</i> , DE MARIANA COELHO PARA SEBASTIÃO PARANÁ.....	191

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o espaço público, a participação no meio literário e intelectual, era interdito às mulheres, ficando essas restritas quase que exclusivamente aos espaços privados, dos cuidados com o lar, casamento e filhos. A participação política era cerceada, visto que os discursos médicos e socioculturais afirmavam uma sensibilidade e fraqueza feminina, sendo divulgados estereótipos que moldavam os comportamentos femininos como incapazes e intelectualmente inferiores.

Pensando nas pesquisas que trazem à tona a temática proposta, a partir dos anos 20 do século XX, com novas abordagens historiográficas, e com uma ampliação da noção de fontes que possibilitaram novos usos de fontes históricas com a Escola dos Annales, houve um rompimento da noção de fonte histórica, sendo essa antes entendida apenas como sendo composta por documentos oficiais, de exaltação de grandes figuras masculinas, e grandes acontecimentos.

Com a Escola dos Annales, percebe-se que é preciso ir além, acabar com a restrição documental e expandir o universo da fonte, a partir do qual o(a) historiador(a) é também um sujeito histórico. Com essa expansão dos objetos de pesquisa e novas abordagens, outros objetos e materiais que não apenas os documentos oficiais passam a ter sua importância histórica, como livros, jornais e revistas, pois através deles seria possível perceber maiores detalhes sobre o cotidiano do período, os discursos e sujeitos sociais que até então eram marginalizados pela historiografia, como por exemplo, as mulheres.

Sendo assim, essa pesquisa teve como intuito apresentar a trajetória de Mariana Coelho, educadora e escritora portuguesa (1857-1954), naturalizada brasileira, de significativa contribuição no meio cultural, educacional e literário paranaense. Buscou-se refletir o porquê de muitos homens de seu círculo social obterem grandes reconhecimentos nesse meio, enquanto o público feminino era, em muitos momentos, invisibilizado, sendo realmente público e não protagonista, tendo suas produções questionadas e deslegitimadas, consideradas como amadoras no meio literário e artístico, o qual por vezes fazia com que não seguissem nesse meio profissionalmente, vendo esses meios apenas como um entretenimento, hobby temporário e uma maneira de apresentar à sociedade seus “dotes”.

Utilizamos a noção de *trajetória* de Pierre Bourdieu, em que essa análise possibilita entender as posições e posicionamentos ocupados por um mesmo agente (ou grupo) em um espaço em constante construção e transformação (BOURDIEU, 1986). Buscamos refletir sobre como Mariana Coelho se estabeleceu em determinados espaços e como era essa “superfície social” por ela vivenciada, que, para Bourdieu (1986), representa o “conjunto de posições simultaneamente ocupadas em um determinado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída, atuando como suporte de um conjunto de atributos próprios” intervindo como um *agente* em diferentes *campos*. Assim, é possível encontrar no *habitus* desses agentes “as percepções passivas, da unificação de práticas e representações” (Bourdieu, 1986).

Segundo ele, o *habitus* pode ser compreendido como esquemas de percepção, pensamento e ação. Sendo consideradas como “estruturas mentais através das quais eles aprendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social”. (Bourdieu, 2004a, p. 158). Que, para Bourdieu (1996) nos permite também compreender determinadas condutas sociais, interações, e até mesmo situações de rivalidade e conflito.

O intuito dessa pesquisa é entender como se deu a inserção de Mariana Coelho no meio cultural e literário no Paraná, assim como as suas próprias percepções sobre o desenvolvimento cultural, artístico e letrado no Estado. Isso será possível através da análise de sua obra *O Paraná Mental*, de 1908, em que ela faz um levantamento crítico do cenário intelectual paranaense, listando nomes da literatura, apresentando uma apreciação artística de poetas, prosadores e jornalistas, em seguida trazendo nomes de relevância no teatro paranaense, como comediógrafos e dramaturgos, e finaliza com comentários em torno dos musicistas e pintores envolvidos com as “Belas Artes” nesse Estado. Através desse levantamento feito por Mariana Coelho, podemos também perceber como se situavam as mulheres dentro desses espaços artísticos, culturais e intelectuais no Paraná.

Para entendermos Mariana Coelho como parte desse meio, deve-se buscar compreender como se deu a entrada dessa mulher nesses espaços, quais as estratégias utilizadas por ela para conseguir adentrar no mundo letrado, não apenas como observadora, comentarista e crítica, mas também como produtora. Buscamos reconhecer Mariana Coelho como figura importante não apenas no meio social a partir

de suas redes de sociabilidade, mas também como uma importante figura intelectual feminina de privilégio.

Para isso, utilizamos de uma abordagem bourdieusiana, recorrendo aos conceitos de Pierre Bourdieu, conceitos esses chamados por ele de “*ferramentas de pensar*”, e que podem ser utilizados para refletir sobre os processos sociais apresentados nessa pesquisa. Será feito uma análise de campo. Chery Hardy (2018) nos apresenta instruções necessárias para esse tipo de análise, seguindo as “*ferramentas de pensar*” de Bourdieu. Segundo Hardy (2018) a análise de campo compõe 3 níveis, sendo:

Nível 3: *comparar os habitus de um conjunto de indivíduos*. Examinar rigorosamente as características de participantes individuais do *campo*, incluindo os mais dominantes, para identificar quais formas de *capital* são mais valiosas no campo. Buscar características comuns e correspondências próximas entre participantes do campo. Lembrar que a análise é de relacionamentos. Esse estágio de análise enfoca o desenvolvimento de categorias que diferenciam os indivíduos. [...] Nível 2: *examinar as interconexões entre agentes e instituições do campo*. Ligar indivíduos engajados no campo a organizações, instituições e outros agrupamentos ou coletividades. Identificar quais instituições estão ligadas mais intimamente a quais agentes e a natureza das interconexões. [...] Nível 1: *examinar o campo em relação a outros campos, particularmente o campo do poder*. Identificar e esmiuçar os contextos econômico, cultural e político de larga escala do objeto de pesquisa (o espaço social mais amplo) (Hardy, 2018, p. 314-315).

No primeiro capítulo é abordado sobre o início da trajetória de Mariana Coelho, de sua vinda de Portugal para o Brasil, até seu estabelecimento definitivo em Curitiba, onde irá residir até falecer em 1954. Utilizamos autoras como Kamita (2005), Muzart (2003), Padilha (2010) e Tomé (2020) para tratarmos desse aspecto, pois ambas possuem suas pesquisas referentes a essa figura.

Muzart (2003) foi uma das pioneiras nessa tentativa de dar visibilidade a escritoras do século XIX, como Mariana Coelho, resgatando sua produção literária, aspectos biográficos, e escrevendo sobre sua inserção no campo educacional e pioneirismo no movimento feminista, sendo acompanhada posteriormente pelas demais pesquisadoras, com novas abordagens e novas fontes.

Abordou-se sobre suas contribuições ao mundo das letras ainda em Portugal, assim como o início de seu envolvimento com o círculo literário curitibano. Pensando em sua inserção nesse espaço sociocultural, utilizamos os conceitos teóricos propostos por Sirinelli para o entendimento do que caracteriza o ser “intelectual”, o engajamento e as estruturas de sociabilidade, como obstáculos que poderiam

autorizar ou desautorizar determinado sujeito dentro do espaço letrado, ao obter reconhecimento ou não.

Sendo assim, entendendo Mariana Coelho como uma *mediadora cultural/intelectual mediadora*, concordamos com o que Gomes e Hansen (2016, p. 09) tratam sobre essa perspectiva, em que “reconhecemos que as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento”.

Segundo Gomes e Hansen (2016), a partir dos anos 80 e 90 do século XIX ocorreram vários movimentos de estudiosos que criticavam os modelos explicativos deterministas e macrosociais de análise dos sujeitos históricos, trazendo à cena novas possibilidades de reflexões, que diferiam da história das ideias, considerada abstrata, e que teriam como principal objetivo a análise da produção social, por uma história cultural, em que:

O que se deseja destacar, nesse grande movimento, é a centralidade que as variáveis culturais passam a assumir para a compreensão do mundo ou da “visão de mundo” dos intelectuais, cada vez mais pensados em articulação com seus pares e com a sociedade mais ampla. Ou seja, como sujeitos conectados entre si, com genealogias e passados imaginados, além de um diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo (Gomes; Hansen, 2016, p. 12).

É ainda comum, nos estudos sobre história intelectual, encontrarmos a utilização dicotômica entre “autores/criadores/inovadores do saber como separados de divulgadores/difusores/vulgarizadores”, dando características de hierarquização para os intelectuais assim percebidos. Não devemos entender o intelectual mediador como um mero transmissor, mas sim que, ao transmitir um código ou produto cultural/social, é também um sujeito envolvido nesse processo com bens culturais. Gomes e Hansen dizem que:

O que se quer sublinhar com tais exemplos é que um mesmo intelectual pode ser “criador” e “mediador”; pode ser só “criador” ou só “mediador”, ou pode ser “mediador” em mais de um tipo de atividade de mediação cultural, sendo seu valor conferido pelo reconhecimento de seu trabalho, quer pelo público, quer pelo próprio campo intelectual com o qual dialoga (Gomes; Hansen, 2016, p. 23-24).

Dessa maneira, os mediadores culturais e/ou intelectuais mediadores devem ser entendidos também como produtores de sentido e de bens culturais. Mariana



Coelho estava inserida num cenário de disputas do meio intelectual, da busca por reconhecimento, por firmar autoridade, se posicionar publicamente e politicamente. Atuou como mediadora cultural/intelectual mediadora na imprensa, no meio educacional e no meio cultural curitibano, o que fez com que acumulasse diversas funções e posições durante sua trajetória profissional, mas que também serviu para ampliar o público com o qual teve contato, assim como de diferentes tipos de atividades divulgadoras, como através de artigos para jornais, através da sala de aula e de conferências nos centros culturais, por exemplo. Segundo Gomes e Hansen:

Consideramos, então, que os intelectuais mediadores podem ser tanto aqueles que se dirigem a um público de pares, mais ou menos iniciado, como a de um público não especializado, composto por amplas parcelas da sociedade [...] Em muitos casos o intelectual mediador necessita de um grande empenho para se especializar em escrever/falar/fazer/gerir/organizar livros e revistas, instituições culturais, programas de rádio e televisão, cinema, exposições, livros infantis, etc. (Gomes; Hansen, 2016, p. 22-23).

Portanto, entendemos como de suma importância levantar aspectos sobre o contexto do período, sendo esse compreendido como a virada do século XIX para o XX, momento da ascensão do movimento republicano, instauração da República, emancipação política do Paraná, influência dos ideais positivistas, as tentativas de seguir moldes europeus, como o ideal de modernidade, evolucionismo, determinismo, busca pelo progresso civilizacional, novos hábitos e comportamentos que influenciaram a geração inserida no meio literário do Paraná, com a qual Mariana Coelho conviveu, compreendendo-o como *campo* (de produção cultural).

Para Bourdieu (2004a, p. 169) a noção de campo de produção cultural, que engloba o campo artístico, campo literário, campo científico, etc., permite romper com a ideia vaga de mundo social através de palavras como “contexto”, “meio” e “fundo social”. Através da análise do campo da produção cultural paranaense é possível entender a estrutura desse espaço social, assim como, identificar interesses particulares dos intelectuais que fazem parte desse campo.

Nessa articulação entre os campos da produção cultural (literário, artístico, político, econômico, etc.) percebe-se também relações de poder. Segundo Bourdieu (2004) esses campos podem ser entendidos também como campo de forças e de lutas. Onde, depende principalmente, do poder e do capital, seja para publicar ou recusar publicações, como receber apoio de autores consagrados, prefaciá-las, receber prefácios e se estabelecer nos espaços intelectuais de prestígio.

Outros conceitos que aparecem bastante na pesquisa, é em torno da ideia de progresso em busca da “civilidade”, e de acordo com Elias (1994), a ideia do conceito de “civilidade” pode se referir a uma grande variedade de fatos, desde ao nível da tecnologia de determinada sociedade, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes, assim como pode se referir aos tipos de habitações, aos modos do convívio entre homens e mulheres, bem como como se organiza o sistema judiciário ou como se preparam os alimentos. Para Elias, “nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada” (Elias, 1994, p. 23). Ou seja, é resultado da forma como entendemos e medimos as atitudes e atividades humanas e que diferem entre diferentes grupos sociais.

É tratado sobre as dificuldades da inserção feminina no mundo das letras, o surgimento da imprensa no Paraná e as estratégias de Mariana Coelho para participar ativamente do meio jornalístico, suas colaborações para jornais, periódicos e revistas locais, assim como a forma de fazer com que seu nome se fizesse conhecido.

Para isso então, utilizamos os pressupostos teóricos de Bourdieu, como o conceito de *campo*, *habitus* e *capital (social/simbólico)* para refletir sobre essas redes de apoio dentro do campo da escrita, do campo cultural e o intercâmbio intelectual entre Mariana Coelho e escritores mais conhecidos e possuidores de maior *capital simbólico*, bem como os *habitus* desses grupos letrados e a adequação dela para fazer-se reconhecida por eles, consciente das relações de poder que a circundavam. Para a análise desse contexto e da inserção de Mariana Coelho, usamos como fonte complementar a imprensa periódica, jornais e revistas nas quais ela colaborou e nas quais foi mencionada.

Segundo Capelato (1988, p. 13) “a imprensa registra, comenta e participa da história”, assim como “constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”. Ao servir de fonte para o(a) historiador(a), podemos “captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais” (Capelato, 1988, p. 21), percebendo esses sujeitos como agentes das histórias e conscientes em suas práticas sociais. Concordamos com Capelato (1988, p. 13) quando ela diz que “é fascinante ler a história do Brasil através dos jornais. Em cada página nos deparamos com aspectos significativos da vida de nossos antecessores, que permitem recuperar suas lutas, ideias, compromissos e interesses”.

No capítulo 2 o foco é voltado para a sua obra *O Paraná Mental*, de 1908, obra essa que é uma espécie de “catálogo” crítico sobre a produção literária. Feito por

encomenda do Governo Estadual para participar da Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908, essa obra é o primeiro livro escrito por Mariana Coelho do qual se tem conhecimento, e tinha o intuito de apresentar o cenário intelectual do Paraná, com um discurso bastante progressista. É interessante notar que Mariana Coelho, nesse período, ainda não possuía nenhum livro escrito de sua autoria, apenas pequenos artigos e poesias colaborativas para a imprensa. Vivendo já há 16 anos em Curitiba, frequentando os mesmos espaços dos literatos, não sendo possuidora de grande capital social/simbólico e financeiro que a fizesse ser reconhecida, mesmo assim foi escolhida para elaborar esse livro, descrevendo sua opinião sobre as gerações de literatos e artistas paranaenses, apesar do seu gênero ter pouco espaço nesse meio.

Apresentando a forma como seu livro foi recepcionado e a repercussão desse na imprensa, as críticas recebidas tanto pela sua obra quanto os comentários acerca do seu gênero e a escrita feminina, o entendemos como um “*objeto mediador*”. Dentro desse também se destacam as diferenciações das escolas literárias do período, do parnasianismo, naturalismo ao simbolismo, sendo nítida a preferência de Mariana Coelho para com a escrita mais objetiva e materialista e a sua crítica ao “*nephebatismo*” sentimentalista e sonhador, que trazia ideias de subjetividade, espiritualismo e mistério.

Percebe-se que Mariana Coelho não era muito adepta ao estilo de escrita simbolista, porém convivia com os grupos simpatizantes, com intelectuais envolvidos nesse clima de misticismo que se trazia. Exemplos disso são vistos no capítulo 3, ao analisar os espaços ocupados por Mariana Coelho, suas amigas, sua participação juntamente com a maçonaria, na Loja Filhas de Acácia, nos círculos de estudos esotéricos, do Instituto Neo-pitagórico, a sua influência enquanto educadora, atuante nos colégios curitibanos, no incentivo de meninas para a instrução e o acesso ao meio artístico e literário.

Analisamos também as impressões e críticas que seu livro recebeu através de artigos da imprensa. Dessa maneira, entendemos, assim como Capelato (1988 p. 24), que “um documento – o jornal [e o livro], no caso, não pode[m] ser estudado[s] isoladamente, mas em relação com outras fontes que ampliem sua compreensão”. Por isso, utilizamos o livro como fonte principal e os jornais como complementos, para entendermos a dinâmica social do período, como suportes de determinadas práticas sociais, que fala de um lugar social, com uma intencionalidade histórica que o constitui, com historicidade e peculiaridades próprias (Cruz; Peixoto, 2007). Ou seja,

buscamos pensar esses discursos e representações a partir dos seus contextos de produção, de circulação e de recepção, das redes de sociabilidade que envolveram Mariana Coelho e os demais intelectuais que fizeram parte de sua trajetória, bem como as práticas sociais desses grupos na missão de organizarem a vida cultural, social e política da Curitiba.

Segundo Capelato (1988), através da leitura e análise dos discursos expressos nos jornais é possível acompanhar e compreender o movimento das ideias de determinado período, assim como entender o ideário, a prática política e as lutas sociais dos grupos envolvidos, em que “o confronto das falas, que exprimem ideias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos” (Capelato, 1988, p. 34)

Abordamos também sua participação e incentivo à outras mulheres no Centro de Letras do Paraná, no Centro Paranaense Feminino de Cultura, a amizade de Mariana Coelho com membros da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e sua movimentação em prol da emancipação e instrução feminina e o seu entendimento enquanto feminista. Ao abordarmos sobre o projeto desses intelectuais de trazer à tona um discurso de modernidade, ao qual Mariana Coelho era também propagadora, e o entendermos como uma estratégia discursiva, buscaremos “afirmar a importância da cultura e da educação no processo de desenvolvimento do país” (Bona Júnior; Vieira, 2007, p. 15), discurso esse de incentivo à modernidade e ao progresso, que serviu como retórica não apenas para os intelectuais locais, mas também em âmbito nacional.

Trazendo a importância de Mariana Coelho para o presente, apresentamos brevemente o Coletivo Marianas, criado sob inspiração e em homenagem à Mariana Coelho, que tem como objetivo a valorização da literatura feminina em tempos atuais. As mulheres participantes desse Coletivo fazem a divulgação e fomento da literatura e a arte produzidas por mulheres com a criação de eventos culturais e com a publicação de livros, mantendo vivo o seu legado de luta em prol da participação das mulheres no mundo literário.

Como fontes, são utilizados recortes de artigos de jornais e revistas e seus sumários, que fazem referência a autora analisada, a obra *O Paraná Mental*, de 1908, por Mariana Coelho, a obra *Crítica Paranaense ao Paraná Mental*, de seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, bem como cartas trocadas entre Mariana Coelho e alguns de

seus colegas intelectuais. Utilizamos também na análise as dedicatórias encontradas em algumas edições do livro *O Paraná Mental*, de 1908, visto que esse mesmo livro possui uma reedição em 2002.

## CAPÍTULO 1 – MARIANA COELHO: UMA PORTUGUESA RUMO À TERRAS PARANAENSES

*Quando pisei terras paranaenses, outra maravilha que honra a engenharia brasileira, me surpreendeu a estrada de ferro que galga a serra do Mar, e cujo conjunto de belezas, em que a Arte e a Natureza se dão amoroso amplexo, fascina e entusiasmo os estrangeiros que têm a ventura de admirar!*

(Mariana Coelho).

Uma das primeiras impressões de Mariana Coelho ao chegar ao Paraná foi se deparar com a locomotiva que a levaria até Curitiba, onde viveria pelo restante da sua vida. Da mesma forma que o povo paranaense acreditava na locomotiva como forma de se trazer modernidade e progresso para os sertões provincianos, Mariana Coelho acreditava que a escrita também poderia desempenhar esse papel, e fez assim, da pena, o seu instrumento para propagar suas ideias. E claro, isso desagradou a muitos.

Marianna Candida Teixeira Coelho<sup>1</sup> nasceu em Portugal, no distrito de Vila Real, mais especificamente na Vila de Sabrosa, no dia 10 de setembro, porém o ano do seu nascimento não é de consenso entre os pesquisadores. Rosana Kamita (2005), Zahidé Muzart (2003) e Dyeinne Tomé (2020) afirmam que ela nasceu no ano de 1857. Ao verificar a documentação, Kamita (2005) acessou os dados no Cemitério São Francisco, em Curitiba, onde Mariana Coelho está sepultada, e, de acordo com os registros contidos lá, ela teria falecido em novembro de 1954, com 74 anos. Assim, ela aponta que seria o ano de nascimento 1880, o que não poderia fazer sentido, visto que se encontram escritos publicados de Mariana Coelho já em 1891, quando seria muito jovem para ser considerada já uma “*distincta escriptora*”. Muzart (2003) acredita ser o ano de 1857, por também ser o mesmo afirmado pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura. Para ambas, 1857 seria o ano correto pois, em conversa com familiares de Mariana Coelho, esses afirmam terem lembranças dela bem idosa, com mais que seus supostos setenta e quatro anos (como consta nos documentos oficiais).

Dyeinne Tomé (2020) acessou o registro de batismos do Arquivo Distrital de Vila Real e lá consta a seguinte informação:

---

<sup>1</sup> Era defensora da língua portuguesa simplificada. Em 1936 apresenta uma tese sobre isso no Congresso das Academias de Letras e Sociedade de Cultura Literária do Brasil, onde, desde então passou a utilizar o seu nome com apenas uma letra n, assinando sempre Mariana Coelho. Assim, nessa pesquisa optamos por utilizar o nome do mesmo modo que a autora tinha preferência.

Marianna, filha de Manoel Antonio Ribeiro Coelho e sua mulher D. Maria do Carmo Teixeira Coelho, nepta materna de Felix Ribeiro e Maria Amalia Coelho (já defunto o primeiro) de Lamas da freguesia do mesmo nome de Orelhão, Bispado de Bragança, materna de Antonio Joze de Meireles e Maria Engracia de Valcovo freguesia de Santa Comba da Ermida, nasceu dia dez de setembro de mil oitocentos e cinquenta e sete e foi solemnemente por mim baptizada nesta pia baptismal da Igreja de Cumieira dia vinte cinco do mesmo mez e anno, com imposição dos santos óleos. Foram seus padrinhos: Padre Joze Candido de Carvalho por seu procurador Jeronimo Joze Correa Botelho, que apresentou a competente procuração que reconheço, e D. Mariana Maxima Correa Botelho mulher deste procurador. E para constar fiz este termo que assigno. Cumieira vinte e quatro de setembro de 1857 (Arquivo Distrital de Vila Real, 1857, fl. 69 verso).

Alexandra Padilha Bueno (2010) comenta que muitos trabalhos apontam o ano de nascimento da autora como sendo o ano de 1872, como visto em: *O Dicionário de Mulheres do Brasil* (Schumacher, 2000, p. 418); *Dicionário mundial de mulheres notáveis* (Oliveira, 1999, p. 267); e *Dicionário de Mulheres* (Flores, 2011, p. 183). De acordo com Bueno (2010), esse ano seria indicado pela razão do que Leonor Castellano<sup>2</sup> escreveu no prefácio da obra *Palestras Educativas* (1956), em que fala que Mariana Coelho teria jubulado no cargo de diretora da Escola Profissional Feminina em meados dos anos 40.<sup>3</sup>

Em pesquisa para esse trabalho, o Arquivo Público do Paraná disponibilizou o prontuário do Gabinete de Investigação e Estatística do Estado do Paraná (Anexo A), em que consta informações sobre Mariana Coelho, do seu pedido de atestado de boa conduta para fins de sua naturalização como cidadã brasileira. Esse documento, de 23 de maio de 1934, consta como data de seu nascimento o ano de 1879. Vê-se que o ano de batismo de Mariana Coelho e o ano de nascimento assinado por ela em 1934 não são os mesmos. Pode-se supor que ela tenha nascido em 1857 e sido registrada formalmente em cartório apenas no ano de 1879, já que no período era bastante comum esse tipo de ocorrência. Enfim, essas informações são apenas para que possamos localizar temporalmente a trajetória dessa personagem, desde a sua mudança de Portugal para o Brasil em 1892, e como ela se estabeleceu no Estado do Paraná como uma “*illustre escriptora*” até o ano de sua morte em 1954.

Percebe-se a admiração de Mariana Coelho perante a locomotiva e a estrada

<sup>2</sup> Leonor Castellano (1899-1969) foi uma escritora bastante atuante nos círculos intelectuais curitibanos. Influente incentivadora da emancipação feminina, teve importante participação no Centro de Letras do Paraná e no Centro Paranaense Feminino de Cultura (Zomer, 2011).

<sup>3</sup> Há uma grande divergência sobre o ano de seu nascimento, posto que há trabalhos em que se apontam os anos de 1857, 1872, 1873, 1880, etc.

de ferro que ligava a Serra do Mar até Curitiba (inaugurada em 1885). Esses são vistos como uns dos símbolos que impulsionaram posteriormente a chegada da dita “modernidade” na Província do Paraná, culminando num crescimento na circulação de mercadorias de forma mais facilitada, um aumento populacional, de visitantes, abertura de novos comércios, de novas estradas, uma migração de pessoas da região do litoral para o planalto curitibano, bem como de outros lugares, uma melhor comunicação entre a região portuária e demais regiões do primeiro planalto etc. Essa estrada de ferro também causou espanto em Mariana Coelho por conta da sua localização e da dificuldade que se teve para construção num local geográfico bastante dificultoso. Ela diz:

Parece incrível que o homem levasse à conclusão uma estrada cercada de tantos e tão medonhos precipícios, costeando e atravessando uma cordilheira de soberbas e escarpadas montanhas, belas no seu grandioso aspecto atraente e terrífico, aliando todas as belezas imagináveis do abismo, que se impõem ao viajante como um dos mais majestosos atrativos do Belo! À medida que a locomotiva avança, aparece e desaparece por entre os quinze túneis que perfuram com extrema graça estes assombrosos morros e rochedos, desenrola-se sucessivamente, à vista do espectador deslumbrado, o quadro mais variado e surpreendente que se pode imaginar – embelezado ainda pela vista deliciosa de estrepitosas e lindas catadupas despenhando-se em cachões alvíssimos e ruidosos, e dos rios que serpeiam cristalinos ao fundo dessas colossais montanhas (Coelho, M. 2002a, p. 20).

Quando Mariana Coelho chegou ao Paraná, em 1892, também vieram com ela sua irmã Maria Natividade Teixeira Coelho e sua mãe Maria do Carmo Meireles Coelho. A motivação para tal mudança seriam as dificuldades financeiras que a família vivia após a morte de seu pai, que em 1882 deixou a mãe com três filhas e um filho pequeno. Um irmão de Mariana, Thomaz Alberto Teixeira Coelho, já havia partido para o Brasil em 1871 (Tomé, 2020). Carlos Alberto Teixeira Coelho, seu outro irmão, mudou-se para o Brasil em 1893, um ano depois do restante da família. De acordo com o registro de passaporte do Arquivo Distrital de Vila Real<sup>4</sup>, veio acompanhado da esposa, Júlia da Conceição Monteiro, e de sua filha de 8 meses, de nome Maria da Conceição. Além disso, ela tinha também uma irmã chamada Rita do Rosário Teixeira Coelho, que faleceu em Portugal, aos 22 anos, no ano de 1888. Com a chegada no Paraná, a família foi auxiliada financeiramente por José Natividade Teixeira de Meirelles, irmão da mãe de Mariana Coelho. Esse tio “era um próspero negociante em

---

<sup>4</sup> Arquivo Distrital de Vila Real. Disponível em: <https://digitarq.advrl.arquivos.pt/>. Acesso em: 07 ago. 2022.



Curitiba, no Paraná, sendo casado, mas sem prole” (Ribeiro, 2015, p. 154), e que anos depois auxiliou Mariana Coelho na instalação de seu Colégio Santos Dumont, o qual essa dirigiu por mais de quinze anos.

Da vida de Mariana Coelho em Portugal muito pouco se sabe. Das referências de trabalhos e das fontes consultadas, nada se sabe sobre sua formação escolar, se recebeu uma educação formal ou foi instruída em casa, pelo empenho familiar, se esses tinham essa condição. O fato é que ela fazia parte de um seleto grupo de pessoas que tiveram algum tipo de acesso à instrução em Portugal no período, pois ela sabia ler e escrever, e em seus escritos demonstrava ter domínio e acesso a variadas leituras, de assuntos filosóficos e políticos, principalmente, o que não era muito comum, ainda mais se tratando de uma mulher, considerando que a educação feminina nesse período não era uma prioridade. Segundo Bueno (2010), “alguns trabalhos apontam que já em Vila Real ela teria investido na escrita de artigos em periódicos” (p. 30). De acordo com Muzart (2003), ela teria contribuído nos jornais portugueses *O Commercio de Villa Real*, *Jornal da Manhã* e *A Voz Pública*.

O periódico *O Mundo Elegante*, da cidade do Porto, em Portugal,<sup>5</sup> em uma edição do ano de 1858, redigido por Camillo Castello Branco, trazia, em sua edição de número 3, do dia 11 de dezembro, um pequeno artigo sobre a visão da sociedade portuguesa da época sobre mulheres que possuíam acesso à leitura e principalmente a escrita, dizendo que:

Em Portugal olham-se de revéz as senhoras que escrevem. Cuida muita gente, aliás boa para amañhar a vida, que uma mulher instruida e escriptora é um aleijão moral. Outras pessoas, em tom de sizuda gravidade, dizem que a senhora letrada desluz o affectuoso mimo do sexo, a candida singeleza de maneiras, a adoravel ignorancia das coisas especulativas, e até uma certa timidez pudibunda que mais lhe realça os feitiços. Quer dizer que a mais amavel das senhoras será a mais nescia, e que a estupidez é um dom complementar a amabilidade do sexo formoso (*O Mundo Elegante*, 1858, n. 3, Anno 1, p. 21).

Procurando pelos vestígios de Mariana Coelho ainda em Portugal, encontramos, na Hemeroteca Digital Brasileira, a *Revista Nova Alvorada*, intitulada uma revista mensal, “*litteraria e scientifica*”, sob direção de Souza Fernandes. Nela, em meio a uma minoria escrita feminina, encontram-se publicações de Mariana

---

<sup>5</sup> Site do Real Gabinete Português de Leitura. Disponível em: <https://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReaderMobile.aspx?bib=realgabobrasraras&pagfis=38844&s=08>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Coelho, entre os anos 1891 e 1893. Na página 96 da Revista, de edição 00009, do ano 1892, lê-se no item “Collaboração”:

Honram pela primeira vez as páginas da nossa revista os nomes do distinto archeologo Martins Sarmiento e da ex.ma snr<sup>a</sup>. D. Marianna Coelho, uma poetisa que com brilhantismo se vae assignalando no mundo das nossas letras. A um e a outro agradecemos reconhecidos a amabilidade com que nos dispensaram o subsídio da sua valiosa collaboração (*Revista Nova Alvorada*. Colaboração, 1892, p. 96).

O que encontramos nesse jornal, de colaborações feitas por ela, foram as traduções de textos do francês Joseph Méry<sup>6</sup>, “Os peripatheticos” (Coelho, 1892, p. 143) e “Cutello de Debora” (Coelho, 1982, p. 115-116), bem como a tradução feita por ela da poesia “Raios e sombras”, do também francês Victor Hugo, e duas poesias de sua própria autoria, intituladas “Pela patria!” (Coelho, 1893, p. 8 – Anexo B) e “Na Orla do abysmo” (Coelho, 1893, p. 24 – Anexo C), essa última escrita após sua mudança para o Brasil, já em território paranaense, pois conta como correspondência de Curitiba, de 26 de abril de 1893.

Na poesia “Pela patria!”, Mariana Coelho a escreve destinada “à arrojada classe academica portugueza”, seus versos falam sobre o patriotismo como forma de se acabar com a tirania e com o despotismo, que, segundo ela “com que essa traiçoeira Albion lesar-nos vem!”, fazendo referência ao sentimento anti-britânico que pairava sobre Portugal nesse período. De acordo com Luiz Eduardo Oliveira (2011), esse sentimento de anglofobia foi gerado por conta do ofício redigido por Lord Salisbury (1830-1903), ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, e datado de 10 de janeiro de 1890, pelo qual a Inglaterra exigia que o governo português retirasse as forças militares chefiadas pelo Major Serpa Pinto (1846-1900) do território compreendido entre as colônias de Moçambique e Angola – atualmente Zimbábue e Zâmbia. A concessão de Portugal às exigências britânicas foi vista como humilhação nacional (Oliveira, 2011).

---

<sup>6</sup> “Joseph Méry. Nascido em 1797, em Kes Ayygalades, em Marselha, foi poeta, compositor de ópera, cronista e um dos autores de ficção mais presentes nos periódicos franceses [...] Frequentou o círculo das principais personalidades da imprensa periódica da época como Émile de Girardin (1802-1881) e foi elogiado por autores românticos como Honoré Balzac (1799-1850), Alexandre Dumas (1802-1870), Théophile Gautier (1811-1872), Alfred de Musset (1810-1857), Gérard de Nerval (1808-1855), Victor Hugo (1802-1855), etc. Depois de uma carreira profícua e prodigiosa como homem de letras, depois de ser elevado ao panteão dos grandes romancistas e de ser objeto de alguns biógrafos ainda no século XIX, Joseph Méry parece ter sido condenado ao esquecimento e, tal qual tantos outros autores folhetinescos, é totalmente ignorado nos dias atuais” (Santos, 2021, p. 15).

Desse modo, bradava-se nas ruas, na tribuna e na imprensa contra o governo e a monarquia, reclamando vingança contra a Grã-Bretanha. Manifestações e comícios foram organizados, lançou-se um projeto de uma Grande Subscrição Nacional para comprar um couraçado que defendesse Portugal da Inglaterra. O Ultimato [como ficou conhecido- grifo nosso] foi visto por Eça [de Queiróz- grifo nosso] como a maior crise enfrentada por sua geração, sendo encarado como um ato de violação dos direitos portugueses na África. Além da repercussão do episódio nos meios políticos e jornalísticos, houve uma significativa produção literária motivada pelo Ultimato, incluindo-se peças teatrais, alguns romances e muitos poemas. Nessa produção, destaca-se o objetivo fundamentalmente político de explorar a imagem de decadência do país para uma mudança de regime, coincidindo assim com as aspirações republicanas da nova geração de homens de letras (Oliveira, 2011, p. 9)

Percebe-se que, apesar da escrita feminina não ser bem vista como comportamento adequado aos modos e costumes esperados ao público feminino, Mariana Coelho, já em Portugal, possui certo reconhecimento e espaço no mundo das letras, considerada como “poetisa que com brilhantismo se vae assignalando no mundo das nossas letras” (Coelho, 1892, p. 96), e seus poemas e poesias mostram o quanto ela está atenta as questões políticas do seu período, escrevendo sobre seu contexto sócio histórico, um comportamento bastante incomum, já que esses assuntos eram bastante restritos ao público masculino, fugindo do modelo tradicionalmente estabelecido de escrita feminina, voltadas ao romance e a poesia sentimental. De acordo com Lilian de Lacerda (2003, p. 285) “tentava-se impedir o acesso das mulheres à literatura científica, aos temas políticos e a outros assuntos ditos graves e que não eram considerados de competência das mulheres”. E mais, que “essas interdições à leitura [e a escrita] evidenciam o papel preestabelecido para a mulher na sociedade daquele tempo”. Para Nelly Novaes Coelho (2000):

É, pois, nesse campo de publicações pela imprensa que a voz da mulher começa a se fazer ouvir com frequência, seja na poesia, na crônica, em romances-folhetins ou em textos polêmicos, na defesa dos direitos da mulher à educação, ao trabalho remunerado, ao exercício da cidadania pelo voto, etc., sempre sob a censura explícita ou sob o olhar complacente do mundo masculino, que via nessas extravagâncias – o escrever – apenas mais um capricho feminino ou uma ameaça aos bons costumes (Coelho, N., 2000, p. 104-105).

O fato de Mariana Coelho escrever um poema com conotações políticas surpreende, pois, naquele período, a escrita feminina somente era bem vista se transmitisse o que era considerado como ideal àquele público. Assim, era mais comum, às mulheres que seguiam o ofício das letras, escreverem poemas e romances com conotações sentimentais ou tratados pedagógicos, já que eram consideradas

como sexo sensível e delicado. Dos homens, que eram considerados como sendo mais racionais, era esperado que escrevessem sobre tratados filosóficos e assuntos políticos. Havia uma ambivalência entre o que era feminino e masculino, até mesmo nas formas de escrita.

Segundo Bourdieu, as divisões sociais, principalmente dentro das relações sociais, separam entre dominantes e dominados, o que para ele constitui *habitus* diferentes para cada, como opostos e complementares, nesse caso em práticas de oposição entre masculino e feminino. Essas divisões sociais acabavam por se naturalizar, visto que os espaços que cabem aos homens é o lado exterior, do oficial, do público, enquanto para as mulheres, pelo contrário, são atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, do ambiente privado, do cuidado (Bourdieu, 2014, p.41).

Em seu trabalho sobre a participação de Mariana Coelho no campo da educação paranaense e sobre seus ideais feministas, a pesquisadora Dyeinne Tomé (2020) analisa o processo de formação da intelectual enquanto leitora e escritora, fazendo uma discussão sobre a diferença da educação proposta entre o público feminino e masculino. Levando em conta o cenário nacional onde Mariana Coelho nasceu, a pesquisadora ressalta que devemos levar em conta as práticas de leitura de Mariana Coelho, como base para sua formação e como parte integrante e essencial de sua trajetória, os quais corroboramos com a pesquisadora.

Para entender o contexto vivido por Mariana Coelho, Tomé (2020) se sustenta nos estudos de Silva (1992), em que, de acordo com ele, no início do século XIX, a maioria da população portuguesa era analfabeta, trazendo os dados de que, em 1890, cerca de 76% das pessoas maiores de 7 anos nesse país não sabiam nem ler e nem escrever. Tomé se apoia também nas pesquisas de Ribeiro (1999), que, em estudo sobre a história da alfabetização em Portugal, indica que quase nove em cada dez mulheres em Portugal não sabiam as primeiras letras.

Apenas com os ideais de modernização é que as reivindicações em prol da instrução feminina passaram a ser levadas em consideração como projeto social, e que se fizeram sentir em lentas mudanças estruturais, como, por exemplo, através da abertura de escolas e instituições com intuito de instruir o público feminino. Mesmo assim, a partir dos indícios e pistas deixados por Mariana Coelho, Tomé (2020) afirma que, apesar de não se ter informações sobre a escolaridade de Mariana Coelho, ela era, nas palavras da pesquisadora, “uma ávida leitora”, que tinha acesso a diferentes

tipos de leitura, para além do gênero romance, lendo também crônicas, folhetins, periódicos, revistas etc., podendo eles serem feitos por influência familiar e até mesmo através do acesso à biblioteca locais. Percebe-se, assim, que Mariana Coelho fazia parte de uma pequena parcela de mulheres instruídas.

Apesar de não encontrarmos muitas publicações de Mariana Coelho no período em que morava em Portugal, por conta das dificuldades de acesso a esse tipo de pesquisa, mesmo assim, dá para se ter uma noção de como era sua bagagem de conhecimentos literários, quais eram os seus hábitos de leitura. Por conta das traduções feitas por ela, de obras de Joseph Méry e Victor Hugo, sabemos que Mariana Coelho sabia o idioma francês, e tinha acesso e fazia a leitura da literatura francesa, para além dos romances, por exemplo.

Era comum entre as mulheres de elite da época saber falar um segundo idioma, principalmente o francês, pois representavam um sinal de status, visto que “era ideia corrente que tais saberes e habilidades proporcionariam à moça um ‘casamento melhor’, ou seja, com um partido de mais posses” (Arend, 2018, p. 67). Segundo Norbert Elias (1994, p. 30), “o francês espalha-se das cortês para a camada superior da burguesia. Todas as *honnêtes gens* (gente de bem), todas as pessoas de “consequência” o falam. Falar francês é o símbolo de status de toda a classe superior”.

Uma prática bastante recorrente no mundo literário e da imprensa, e que tinha como intuito divulgar novas correntes literárias e novidades do campo estético, eram as traduções das obras. Isso era bastante comum em Portugal, em outros países da Europa e também no Brasil, de encontrarmos traduções na imprensa nacional, como a tradução de romances, poesias e folhetins. Esse intercâmbio literário tinha a intenção de apresentar ao público de leitores brasileiros o que estava em voga na Europa, principalmente os escritos clássicos franceses. De acordo com Bello (1952):

O francês, muito mais do que hoje, era uma espécie de segunda língua nacional para as pequenas elites das cidades brasileiras, ainda que de medíocre nível de cultura. Franceses eram os romances mais lidos [...] Assim, de peças francesas e de traduções de peças [romances e poemas] francesas se alimentavam principalmente o nosso teatro (Bello, 1952, p. 125)

Sobre a prática da tradução e recepção dessas obras, principalmente dos romances, no século XIX e XX, o público leitor desse tipo de literatura era, em grande maioria, formado por mulheres da elite, responsáveis também por mediar várias traduções. Alencar e Blume (2015) nos dizem:

A tradução [desempenhou e] tem desempenhado um importante papel social, cultural e político especialmente para as mulheres, uma vez que sua significativa participação na área deve-se ao fato de lhe ter sido negada a autonomia, fator necessário à criação. As mulheres, em consequência, acabaram por encontrar, na atividade da tradução que, assim como elas, era considerada secundária, uma maneira de expor seus pensamentos e de lutar pelos seus ideais (Alencar; Blume, 2015, p. 112).

Da mesma forma que colaborou em jornais portugueses com traduções, Mariana Coelho, já aqui no Brasil, utilizou-se dessa estratégia para conseguir espaço na imprensa paranaense. Exemplo disso é a tradução das poesias *A minha flor*, de De Duflot, enviado a *Revista A Arte*, órgão da Escola de Desenho e Pintura do Paraná, em 1895, e *Reflexos e Sombras*, de Victor Hugo, para o *Almanach do Paraná*, em 1905. Essa poesia é a mesma tradução em que ela colaborou para o *Nova Alvorada* de Portugal, porém, dessa vez ela trocou a palavra “raios”, por “reflexos” na nova tradução para o título. No Paraná, ela também envia para a *Revista Azul*, sua poesia *Na Orla do Abysmo*, em 1893 e a tradução de *Os Peripatheticos*, de J. Méry, no mesmo ano. De acordo com Duarte (2017, p. 21), naquela época, jornal e revista tinham a mesma aparência, distinguindo-se apenas nos seus conteúdos, na diversidade de gêneros literários e nas matérias de entretenimento.

Apesar de nascida em Portugal, foi no Paraná que Mariana Coelho passou a maior parte de sua vida, atuando como professora por muitos anos, bem como foi onde se consolidou como escritora e construiu suas relações sociais e sua trajetória intelectual. Iniciou-se no mundo das letras com as traduções de obras francesas, passou a publicar também poesias de sua própria autoria, e logo também passou a escrever colunas de artigos com assuntos bastante polêmicos para o período, assim como também se arriscou escrevendo ensaios. Ao longo de sua vida, escreveu cinco livros, sendo eles: *O Paraná Mental* (1908); *A Evolução do Feminismo: subsídios para a sua história* (1933); *Um brado de revolta contra a morte violenta* (1935); *Linguagem* (1937); e *Cambiantes – contos e fantasias* (1940), que foi uma coletânea na qual reuniu-se diversos contos escritos pela autora durante sua vida. Há também uma obra póstuma, organizada por Leonor Castellano<sup>7</sup>, através do Centro de Letras do Paraná, intitulada *Palestras Educativas* (1956).

Seu livro *Linguagem*, de 1937, foi apresentado ao Congresso das Academias

---

<sup>7</sup> Leonor Castellano atuou em vários espaços em comum com Mariana Coelho, como o Centro Paranaense Feminino de Cultura e o Centro de Letras (Zomer, 2011).

de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, realizada no Rio de Janeiro. Nesse livro, Mariana Coelho defende uma tese sobre a ortografia simplificada, baseada nas ideias de Gonçalves Vianna. Sobre esse livro, fala Francisco Stobbia, no jornal *Diário da Tarde* de 1937.<sup>8</sup>

Mariana Coelho estabeleceu uma participação forte na vida pública na sociedade curitibana, e da mesma forma se utilizou de seus escritos e do seu privilégio de atuação em várias instâncias dessa sociedade para engajar e defender a participação de mais mulheres nesses espaços públicos. Perante tantos cânones predominantemente masculinos, entendemos Mariana Coelho como uma intelectual, e para isso utilizaremos os pressupostos teóricos de Jean-François Sirinelli para conceituarmos essa ideia.

De acordo com Sirinelli (2003), há dois tipos de entendimento sobre o termo intelectual, sendo uma “ampla e sociocultural”, de criadores e mediadores culturais e outra entendida como “estreita”, pensando no engajamento. O entendimento de intelectual visto de forma ampla e sociocultural abrange pensarmos jornalistas, escritores, professores, letrados, personalidades consideradas eruditas etc. Já pensando na ideia de engajamento, podemos pensar no reconhecimento de determinado intelectual perante a sociedade em que está inserido.

Sirinelli (2003) diz:

Sob a condição, é claro, de não nos limitarmos às trajetórias apenas dos “grandes” intelectuais e de descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política (Sirinelli, 2003, p. 246).

Para ele, as trajetórias pedem esclarecimento e balizamento, mas também, além disso, pedem interpretação. Ainda de acordo com Sirinelli, “todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (p. 248). Essas características dos grupos de intelectuais são chamadas por ele de “estruturas de sociabilidade”, um “pequeno mundo estreito” que o historiador deve levar em conta ao refletir sobre a trajetória, sobre o engajamento e

---

<sup>8</sup> Edição 12728.

as redes, amizades, posicionamentos e o movimento de ideias de determinado intelectual, ou de determinados intelectuais (Sirinelli, 2003).

Portanto, buscaremos compreender Mariana Coelho como intelectual mediadora e a sua vinculação no cenário letrado paranaense, assim como as influências sobre ela e por ela, analisando o “pequeno mundo estreito” estabelecido por Mariana Coelho e as suas estratégias para adentrar determinados espaços, bem como as características culturais, sociais e políticas de sua época.

### 1.1 CONTEXTO: CURITIBA NA VIRADA DO SÉCULO

É essencial entendermos o contexto em que Mariana Coelho estava inserida, no recorte temporal e espacial dessa pesquisa. Para isso, procuraremos incluir esse espaço como um elemento da análise histórica. Assim, poderemos compreender melhor as relações sociais daquele período, e o lugar social em que ela se encontrava. Como dito por Michel de Certeau: “antes de saber o que a história *diz* de uma sociedade, é necessário saber como *funciona* dentro dela” (Certeau, 2020, p. 63).

Em nível nacional, o final do século XIX e início do XX foram marcados por anos de intensas mudanças, principalmente políticas e sociais no contexto brasileiro. Mudanças essas que, segundo Sevcenko (1998), atingiram todos os níveis da experiência social. Após desestabilizações do Império Brasileiro, principalmente por conta do endividamento causado pela Guerra do Paraguai, funda-se o Partido Republicano (1870). Esse partido tinha como propósito o fim da monarquia e era incentivado por uma nova elite<sup>9</sup> de jovens, intelectuais, artistas, políticos e militares, baseados em ideais de correntes científicas, de modernização, influenciados principalmente pelo darwinismo social, pelo monismo alemão e pelo positivismo francês (Sevcenko, 1998).

Segundo Alonso (2000), o Brasil, nas últimas décadas do Império, enfrentava

---

<sup>9</sup> “Para alguns autores, o conceito de elite é altamente restritivo, identificando uma camada mínima da sociedade. Ou seja, uma elite é aquela minoria que, em virtude de razões de ordem variada (história, status social, posição econômica, ocupação, redes familiares ou outras), detém de fato o poder; são aqueles sujeitos cujos interesses e valores normativos estabelecem uma agenda, definem a “ordem natural das coisas”, determinam a posição e o futuro dos outros. Uma outra leitura é daqueles que consideram que numa determinada sociedade podem coexistir várias elites. Um grupo social pode tornar-se elite quando detém poder ocupacional, poder econômico, poder social (em parte resultante da inserção, quer em redes familiares, quer em redes de amizades, clientelares ou entre iguais) e/ou poder cultural e/ou simbólico (capacidade de influenciar os demais) associado a um tipo de conhecimento especializado ou sagrado. A combinação destes poderes pode diferenciar entre si essas variedades de elites, e, até, hierarquizá-las” (Xavier; Santos, 2007).



uma crise estrutural, que atingia todos os grupos sociais, causando a reestruturação de grupos antigos e surgimento de novos que protestavam contra o *status quo* imperial e a elite saquarema, gerando um sentimento reformista, que ia muito além apenas do embate entre liberais e conservadores:

Abriu-se uma crise política que desestabilizou o precário equilíbrio entre as facções da elite imperial e enfraqueceu o regime monárquico. [...] os recursos materiais, políticos e simbólicos de todos os grupos sociais foram afetados, tanto pela mudança social quanto pela crise política. Diante da crise do regime, vários grupos sociais aliados pela política imperial adquiriram condições para expressar publicamente seus dissensos e projetos (Alonso, 2000, p. 17).

A partir do descontentamento sentido por grande parte da sociedade, por conta da marginalização estamental do império, esses grupos que “partilham uma situação de exclusão política, uma falta de perspectiva de carreira e de espaço para empreender projetos próprios” (Alonso, 2000, p. 115) se unem, com o apoio de militares radicais, e dos cafeicultores do sudeste, que no período eram a base principal da economia e política brasileira, e acabam por implementar, em 1889, a Primeira República. Sevcenko (1998, p. 15) diz que “a ideia das novas elites era promover uma industrialização imediata e a modernização do país à todo custo”.

Com a consolidação desse novo regime, mudou-se várias esferas da organização nacional, como a do ensino público, declarado leigo e independente de qualquer ensino religioso, autorizando-se o casamento civil e o divórcio, e secularizando os cemitérios. Houve então a separação entre Estado e religião, que pela Igreja eram atitudes condenáveis. Os grupos republicanos buscavam o “novo”, o “moderno”, e acreditavam que tudo o que era associado à Igreja e à Monarquia dizia respeito ao atraso social. Houve a promulgação da Constituição de 1891. De acordo com Sueann Caufield:

A Constituição de 1891 proclamou a república de cidadãos livres e iguais perante a lei. Como foi o caso na legislação do século XIX, no entanto, a Constituição não definiu claramente “igualdade” e “cidadania”. Ela não mencionava o gênero, mas referia-se ao povo brasileiro com pronomes coletivos masculinos (“todos” são iguais perante a lei; “os cidadãos” podem votar). Mas que simplesmente seguir as regras formais da língua, os governos republicanos interpretavam essa redação de modo que excluísse as mulheres. Ao restringir a cidadania “ativa”, que compreendia o direito de votar e de ocupar cargos públicos, somente aos homens alfabetizados maiores de 21 anos, os legisladores garantiram a plena cidadania para uma minoria privilegiada. Em companhia de crianças, loucos, mendigos, analfabetos e índios protegidos pelo Estado, as mulheres permaneceram cidadãs “inativas”, sujeitas às leis republicanas mas sem direito de participação cívica (Caufield,

2000, p. 63).

Sobre a contrariedade do ensino religioso nas escolas, diz o periódico curitibano *A Estrella*:

Não é uma traição que se comete contra a família, em nome da civilização e do progresso, esta falta de religião em nossas escolas? Não devemos nós cuidar antes de tudo de educar uma geração honesta e virtuosa? E por qual catequismo, se não for o divino, ensinaremos o dever que é o sacrifício, o amor fraternal, a resignação? O que serve o terem nos dado uma pátria se nos tiraram Deus, esta nume tutelar (Correspondência, *A Estrella*, 20 de outubro de 1901).

Percebemos que a implementação da Primeira República brasileira foi um processo longo e conflituoso. A Monarquia, havia tempo estava passando por dificuldades econômicas e políticas, não sendo mais vista como a representante da grande parte da elite social e dos militares, que viam que somente com a substituição pela República é que haveria a solução para os problemas políticos existentes, e seria o que para eles impulsionaria aquela sociedade à modernidade e ao progresso. As novas elites, num esforço de modernizar o Brasil a todo custo, reduziam a realidade social brasileira, bastante singularizada por conta das mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, e tentavam de toda maneira encaixar nessa realidade os padrões europeus e norte-americanos de bandeiras da civilização e do progresso (Sevcenko, 1998). Acreditavam que conseguiriam, com o regime republicano, colocar em prática de forma mais facilitada os seus ideais. Carlos Alberto de Freitas Balhana diz:

Nessa mudança dos valores tradicionais para o esclarecimento francês-republicano, a reorientação dos vetores político, econômico, educacional, familiar, religioso, se faz com vistas à liberdade, igualdade e fraternidade, porém direcionadas no sentido da ordem e do progresso (Balhana, 1981, p. 85).

Para isso, a revolta político-intelectual foi imprescindível, como por exemplo a que houve através do movimento intelectual de 1870, analisada por Angela Alonso (2000) e por ela chamada de “geração 70”. Essa autora faz uma análise do pensamento dos intelectuais atuantes nesse período, na confrontação ao regime imperial, e suas ações políticas em prol de mudanças. Para ela, “o movimento intelectual é uma reação coletiva de grupos divergentes em posição social e origem regional, mas igualmente insatisfeitos e marginalizados” (Alonso, 2000, p. 18), que os impedia de acessar posições mais proeminentes, assim como prejudicavam seus

interesses.

Esse sentimento reformista por parte dos grupos intelectuais e de suas produções que expressavam suas críticas não acabou a partir do momento em que se mudou o regime político brasileiro, mas sim, cresceu ainda mais o desejo por parte da elite intelectual de diferentes províncias em fazer uma mudança estrutural em nível nacional, alguns mais brandos, outros mais radicais. Apoiados em teses de perspectiva científica e materialista, principalmente, com referenciais em diferentes doutrinas de pensamento, que serviriam ao repertório argumentativo desses agentes. Para Alonso (2000, p. 247) “não são as doutrinas que explicam as posições políticas dos agentes, são antes as posições dos agentes que dão sentido ao recurso a certos argumentos do repertório disponível. O critério é político e pragmático ao invés de teórico”. De acordo com ela, o reformismo entraria nesse sentido como sendo algo que:

Constitui um sistema de relações e, portanto, as obras, as ações e os valores dos agentes só podem encontrar seu significado quando analisados conjugadamente, como uma figuração, uma teia complexa de oposições e alinhamentos que ganha autonomia e se impõe aos próprios agentes. Isto significa tomar o universo político-intelectual como um sistema de confrontos políticos, a arena onde desenrolam a disputa de interesses e o debate de princípios em torno dos diferentes modos de transitar de uma sociedade tradicional para outra moderna (Alonso, 2000, p. 249).

A República é representada, no Brasil e em vários países, como uma figura feminina, simbolizando a mulher como uma figura ativa, de comando e de poder. Ana Luiza Martins, diz que:

Neste estático imaginário da “Proclamação”, repleto de estátuas, telas e gravuras de militares a cavalo, uma outra imagem se interpõe com muita frequência, pedindo um desvendamento: é a imagem da República. Associada a uma figura feminina, foi objeto de inúmeras ilustrações da época. Pelos republicanos, era apresentada como deusa e mulher ideal, condutora do povo, figura maternal; pelos monarquistas transformava-se em imagem ameaçadora, associada à desordem, pouco respeitável, frívola [...] Infere-se, pois, que de várias formas, a “imagem da República” esteve presente no cotidiano do fim do Império, presença instigante nas principais publicações do período, sempre numa postura solene, enigmática e provocativa (Martins, 2001, p. 13).

Carvalho, sobre os republicanos positivistas que se inspiravam em ideias de Augusto Comte, diz que:

[...] Apesar da grande ênfase no papel feminino, apesar da declaração da superioridade da mulher sobre o homem, Comte acabava por lhe atribuir o

papel tradicional de mãe e esposa, de guardiã do lar, pois era assim que a mulher garantia a reprodução da espécie e a saúde moral da humanidade” (Carvalho, 1990, p. 93)

Ainda de acordo com o pensamento positivista, nos diz Margareth Rago:

Seguindo os ensinamentos de Augusto Comte, os membros do Apostolado Positivista do Brasil entendiam que a mulher não deveria possuir dinheiro- um objeto sujo, degradante e essencialmente masculino, portanto, contrário à sua natureza. A mulher deveria se restringir ao seu “espaço natural”, o lar, evitando toda sorte de contato e atividade que pudesse atrai-la para o mundo público. A medicina fundamentava essas concepções em bases científicas, mostrando que o crânio feminino, assim como toda a sua constituição biológica, fixava o destino da mulher: ser mãe e viver no lar, abnegadamente cuidando da família (Rago, 2018, p. 592)

Sabe-se que o papel da mulher naquela sociedade era muito restrito. Diferentemente da figura simbólica feminina da República demonstrada com poder e força, a sociedade tinha uma grande exaltação do papel da mulher, papel esse que deveria estar somente submetido ao seu desempenho familiar, ao lar, aos seus cuidados com a casa, marido e filhos, o que mostra sua real exclusão, principalmente no âmbito político e público, no qual “[...] havia uma elite política de homens, que eram chamados públicos. A mulher, se pública, era prostituta” (Carvalho, 1990, p. 92).

Algo que influenciou bastante na caracterização da Primeira República, principalmente o pensamento dos intelectuais do período, foi o ideário positivista formulado pelo filósofo francês Augusto Comte (1798-1857). Falava-se que o cientificismo e a razão seria o que alavancaria o progresso e evolução da humanidade. Segundo Alonso, “mesmo os pensadores sociais mais recorrentes, como Comte, Spencer, Stuart Mill, não são referidos enquanto filósofos, mas como teóricos da reforma da sociedade” (Alonso, 2000, p. 125). Além do positivismo, encontramos também elementos de defesa ao liberalismo, democratismo, evolucionismo, determinismo etc. Vemos que esses intelectuais buscavam conectar “doutrinas europeias” às condições brasileiras.

De acordo com Myskiw (2008), o pensamento positivista, em Curitiba, foi propagado com grande impulso pela imprensa. Segundo ele, a imprensa teve função relevante na difusão de tal conjunto de ideias, seja na forma de jornal, revista, ou livro, em prosa, verso ou imagem, cujos conteúdos manifestavam impressões, choques, aspirações e anseios por mudanças ou permanências na vida cotidiana da sociedade brasileira e paranaense, retratadas sob o olhar e a pena de poetas, romancistas, literatos e jornalistas (Myskiw, 2008, p. 1-2).

Um movimento que ganha destaque no Brasil nesse período é o anticlerical. Os integrantes desse movimento tinham como base e influência o pensamento dito racional, e pode-se dizer que eles não eram inimigos da fé, da religião, mas que tinham antipatia aos dogmas religiosos, os quais, segundo eles, estariam se distanciando dos valores de Jesus Cristo. Assim, lutavam contra o poder da Igreja sobre o Estado e contra a emancipação do poder papal, na chamada Igreja romanizada, ou seja, eram contra o clero nos ambientes públicos. Para eles, deveria haver uma diferença entre assuntos religiosos e assuntos político-civis.

Diz Barata (1999, p.70) que “a partir da segunda metade do século XIX, a Igreja Católica no Brasil, seguindo uma tendência internacional, iniciou um processo de reorganização interna conhecido como romanização do clero católico.” Completa ainda que essa romanização seria, então, um fortalecimento da Igreja Católica como uma instituição, e que teria como objetivo acabar com os “erros modernos”, sendo eles, o progresso, o racionalismo, o liberalismo e a liberdade religiosa (Barata, 1999, p. 70).

Esses intelectuais anticlericais almejavam a construção de uma nova identidade nacional, livre da pressão dessa Igreja Católica brasileira romanizada sobre o Estado. A igreja então seria a principal opositora aos valores científicos. Para eles, apenas o uso da razão e da ciência traria o desenvolvimento daquela sociedade, e, sendo assim, deveriam deixar os dogmas e influências da Igreja de lado, ela era vista por eles como sendo arcaica e ultrapassada. Esses intelectuais, então, estavam em busca de progresso, luz e liberdade, sendo inimigos em potencial desse novo discurso papal da Igreja, que buscava manter-se conservadora.

Segundo Bona Júnior e Vieira (2007), o uso do contraste de sentidos é percebido a partir da combinação de termos antinômicos na estruturação do discurso da modernidade, tais como vida e morte, saúde e doença, civilização e barbárie, saber e ignorância, patriotismo e indiferença cívica. Os primeiros representariam as possibilidades da modernidade, enquanto o oposto significaria a realidade brasileira. (Bona Júnior; Vieira, 2007, p. 23). Alonso também trata sobre isso, pois, segundo a autora, a segunda metade do século XIX criou e alterou o sentido de algumas palavras para nomear os processos que ocorriam socialmente, como é o caso dos termos “civilização”; “crise”; “liberalismo”; “evolução”; “radical”; “revolução”; “modernização”; “progresso”; “cidadão”; “indústria”; “ordem”; “ciência”; “capitalismo” (Alonso, 2000, p. 123).

O anticlericalismo foi bastante presente na imprensa curitibana, e para Balhana (1981), nessa capital há um “sincretismo de ideias”, no qual se percebe uma estreita afinidade entre o pensamento anticlerical, livre-pensador e o positivista, com a valorização da razão, da modernidade e da ciência, refletidos no posicionamento social dos grupos que fazem uso dessas ideias e de seus discursos na imprensa, que, além disso, devem ser entendidos como aqueles que “não servem para corroborar análises abstratas, mas para construir argumentos e “estratégias de ação” (Alonso, 2000, p. 15).

Assim como o Brasil do início do século XX está passando por uma grande mudança em sua estrutura política e econômica, o Paraná também está sendo afetado por essas mudanças, em uma constante busca por autonomia e transformação, principalmente a cidade de Curitiba. A capital paranaense, impulsionada pelos novos ideais republicanos de mudança e pelo recente processo de industrialização e urbanização iniciado, muda drasticamente, buscando, também, uma reestruturação estética, a partir da qual a elite letrada almeja colocar em prática seus ideais de modernização.

Entre um dos feitos desse processo, traz-se novas ideias arquitetônicas adquiridas pelas elites com base na arquitetura de influência europeia, dita como a mais “moderna” da belle époque. Havia muita vontade de “europeizar” Curitiba. Uma das mudanças feitas foi a de fazer o calçamento das ruas que até então eram de chão batido, instalar e expandir novas fábricas, novas formas de lazer, novos espaços de sociabilidade, novos serviços públicos etc. Mas, apesar dessas ditas “melhorias”, a capital curitibana passa também pelos mesmos problemas que o restante do país.

Entre estes problemas estão os embates entre uma elite liberal, formada na região, principalmente por grandes fazendeiros de gado, e uma elite conservadora que era composta pelo grupo de proprietários dos engenhos de erva mate, e que estavam a cada dia crescendo mais economicamente. O primeiro grupo era bem representado politicamente, porém as condições econômicas só decaíam, enquanto o segundo grupo possuía uma economia forte, porém não conseguiam obter uma representatividade política forte perante a sociedade.

A população pobre, sem grandes recursos econômicos e políticos, não tinha muito espaço e voz naquele espaço, e ficavam excluídos de muitas dessas novidades e ideias trazidas para cá para modernizar e “civilizar”, sofrendo também as consequências de uma política higienista que retirava dos centros urbanos as

populações que viviam em situação de pobreza, marginalizando-as. Percebe-se, de um lado, então, uma maioria da população desatendida e excluída e, de outro, uma pequena elite que sonhava em transformar o centro urbano de Curitiba em uma “pequena Europa”.

De acordo com Bega (2013), sendo o mate o motor que impulsionava o surgimento de novas atividades econômicas, principalmente em Curitiba, a partir de uma industrialização crescente nesse seguimento, acrescido das atividades industriais madeireiras, da metalurgia e da litografia, isso tudo vai impulsionar as atividades do campo cultural, pois “para atender à produção de etiquetas para as embalagens que acondicionam o mate para a exportação, desenvolvem-se técnicas de pintura e impressão” (Bega, 2013, p. 55), além de que “gráficas são fundadas e, entre uma e outra encomenda da indústria do mate, jornais, revistas são concebidos e executados” (Bega, 2013, p. 55).

A elite de Curitiba, então, em busca de modernidade, principalmente pelo ideário da República recém instalada, cujo lema era Ordem e Progresso, buscava isso de diversas maneiras, e a ação dos intelectuais da época foi influenciada grandemente pelo positivismo, pelas ideias deterministas e evolucionistas, tendo sido estas alguns dos principais fatores que movimentaram essas mudanças. Pois, para eles, tudo o que representava os tempos coloniais e imperiais era considerado algo atrasado. Para Alonso (2000), categorias como darwinismo, positivismo, spencerianismo, e liberalismo foram reapropriados e redefinidos para usos políticos. Para a autora, “termos como ‘positivistas laffittistas’ e ‘littreistas’, ‘darwinistas’ e ‘spencerianos’, ‘liberais e conservadores’ são criados nas controvérsias. As categorias são contrastivas, exprimem relações entre grupos” (Alonso, 2000, p. 13).

Substituir os costumes e atitudes de tempos coloniais seria o que traria a modernidade e o progresso do país e de toda sociedade, assim, os intelectuais eram a ferramenta chave para mudar, e se viam dessa maneira, pois eram eles a elite que mais possuía conhecimento e leitura do que vinha do exterior, principalmente da Europa. A mudança social é vista por eles como uma necessidade para aqueles tempos, bem como “civilização” é entendida por eles como sinônimo de “modernização”. Em Curitiba, o Ginásio Paranaense foi um grande porta-voz de ideais vindos do exterior. Para estes, a Europa era o modelo ideal a ser seguido, excepcionalmente a França. De acordo com Elizabete Berberi, sobre o início do século XX:

[...] é um momento em que a intelectualidade se vê como portadora de novos caminhos, como elemento que irá ajudar no desenvolvimento da cidade [...] ele (o intelectual) fará sua seleção: o que registrar, por que registrar. De preferência, tudo aquilo que indique, de certa forma, a alteração do movimento vivido, mostrando que se está numa transformação, moderno, numa sociedade que caminha de encontro ao futuro, ao progresso. Ainda no caso de Curitiba, mostrando o quanto ela está perto de se equiparar às cidades modernas (Berberi, 1998, p. 63-64).

Esses intelectuais curitibanos buscavam espaço no meio literário para espalhar suas ideias e convicções baseadas no que viam acontecer no exterior, e conseguiram uma grande importância e destaque em jornais, revistas, periódicos, folhetins e livros. Tais meios, que eram uma novidade para a época, circulavam constantemente, com anseios de trazer para o cotidiano da seleta população novidade nos quesitos de modernidade, desde máquinas de diferentes tecnologias até a novos modos de agir e de pensar. Porém, deve-se pensar e lembrar que apenas pessoas que possuíam razoáveis bens econômicos possuíam acesso a essas novidades e tinham acesso a essas leituras.

Para Fernando Bagiotto Botton (2010, p. 43), a cidade seria a imagem do homem da época, e é isso que está bem representado nos periódicos do início do século XX. Segundo o autor, “Caso se queira uma cidade forte, o homem que a habita deve ser viril, caso se queira uma cidade culta, o homem haverá de ser intelectualizado”. Então, para uma sociedade que via os intelectuais como a luz do progresso, o homem viril seria a imagem do atraso, de passado, e só construindo esse “homem novo, intelectual, moderno, inovador” estar-se-ia alcançando o futuro almejado.

Como foi percebido, uma das formas de maior repercussão que foi adotada por esses sujeitos em busca de disseminar e levar esses novos discursos e ideias de modernidade e progresso, bem como um meio que servia de espaço para discussão sobre assuntos do presente daquele tempo, para as pessoas daquela sociedade e no mundo inteiro, era através da imprensa, criando espaços de sociabilidades, que a cada dia crescia mais. Ainda segundo Berberi:

O número de periódicos que circularam durante a virada do século, no Brasil, é muito grande, e aos poucos as matérias vão se definindo, contornos mais nítidos quanto ao estilo. A propaganda entra também como agente que irá impulsionar significativamente a circulação dos periódicos (Berberi, 1996, p. 67).



No Brasil, principalmente em Curitiba, essa movimentação na imprensa foi grande, pois muitos intelectuais se reuniam para discutir sobre a situação curitibana e a busca pelo seu desenvolvimento, bem como para divulgar a literatura local. Dessa forma, lutavam da maneira que podiam, criando clubes para discutir medidas e publicando suas opiniões, ideias e descontentamentos em jornais e revistas, o que possibilitava também que fizessem publicações em anonimato ou utilizando pseudônimos, possibilitando-os também a atuarem no campo do ensino, no jornalismo e na política local.

As atividades intelectuais e política eram quase que indissociáveis. Segundo Alonso, “eram os mesmos grupos que davam a espinha dorsal da movimentação política e da agitação intelectual” (Alonso, 2000, p. 209), através de comícios, concursos, grupos de estudos, criação de clubes, saraus, conferências, passeatas etc.

De acordo com Napolitano (2016, p. 55-56),

As classes populares no Brasil eram vistas como ignorantes pelas elites políticas e intelectuais da Primeira República [...] havia uma utopia educacional que ligava a ideia de República às “luzes” que iriam iluminar as “trevas intelectuais” onde viviam os brasileiros, secularmente dominados pelo colonialismo, pelo servilismo, pelo analfabetismo e pela religiosidade vista como “rústica”.

Ainda segundo o autor:

Muitos republicanos, sobretudo os positivistas, sonhavam com uma escola pública laica, ancorada em conteúdo científico, que disseminasse valores cívicos e patrióticos. Mas a Igreja Católica ainda tinha muita força na educação, formal e informal, da população brasileira, e não tinha muita simpatia pela educação pública e laica, receando perder sua ascendência sobre as classes populares e também sobre as camadas médias da população (Napolitano, 2016, p.56)

Pensando na situação nacional da virada do século XIX para o XX e na estrutura social do Brasil do período, Sevckenko (1983) traz os dados que, de acordo com a estatística oficial, em uma população de 14.333.915 habitantes, 12.213.356 eram analfabetos. Ou seja, o meio literário da escrita era produzido por poucos e acessado por poucos.

Sobre as características do contexto da capital paranaense no período, Etelvina Trindade (1996) afirma:

Curitiba da Primeira República – uma cidade polêmica, cadinho de nacionalidades, crenças e opiniões. Republicanos idealistas, católicos conservadores, maçons e espíritas, feministas e antifeministas, todos

disputavam o predomínio do pensamento da urbe, envolvendo-a em um pródigo confronto de ideias. Nela a maçonaria e o neopitagorismo desenvolvem princípios éticos e morais que se irmanam ao livre-pensamento, ao ocultismo e ao simbolismo; entrecruzam-se o anticlericalismo e a reação católica (Trindade, 1996, p. 105)

Etelvina Trindade (1996) argumenta que a mulher curitibana aproveita os espaços que a República positivista e o livre-pensamento lhe oferecem, recebendo muitas vezes, nas escolas, educação de cunho científico e liberal, e participando ativamente dos momentos cívicos e sociais da cidade; no positivismo, arcabouço básico das primeiras décadas republicanas, ela encontra sua versão utópica e idealizada, com base em um substrato ético e moral (Trindade, 1996, p. 16).

O processo de modernização, a presença de um ideário liberal europeu, a influência da Belle Époque, a instauração da Primeira República, o crescimento e fortalecimento de uma elite letrada, tudo isso culminou no surgimento de uma imprensa com ideologias bastante diversificadas e acirradas, formando rivalidades e alianças, assim como possibilitou uma efervescência cultural. As mulheres da burguesia passaram a sair dos espaços domésticos e a frequentar saraus, teatros, clubes, apreciar literatura, e algumas poucas passaram a colaborar em jornais.

Nas palavras de Trindade, há uma Curitiba nova sendo idealizada por poetas, jornalistas, escritores, por um grupo letrado que circula por salões, clubes, grêmios, associações, congregações, frequentadas pela elite curitibana. “São eles que dão ao universo pensante da cidade um toque de paixão, ação, sonhos, medos e esperanças, ideias e práticas”. Com uma grande produção literária, de livros, revistas e jornais, há uma intelectualidade em ebulição, amparados pela ideia da formação de uma sociedade “progressista” (Trindade, 1996, p. 20). É esse o círculo ao qual Mariana Coelho passará a conhecer e adentrar.

Porém, não podemos nos esquecer que nem tudo o que era escrito condizia em totalidade com a realidade. Os jornais e os círculos intelectuais almejavam atingir uma atmosfera de progresso e modernidade, mas nem sempre isso era possível para uma província periférica. Tinha-se, então, de um lado um discurso idealista sobre civilidade, e, de outro, os problemas enfrentados por uma província recém-emancipada. Muitas vezes os discursos jornalísticos do período passam a impressão (e era isso que os intelectuais do período buscavam apresentar para fora) de que Curitiba era uma cidade bastante moderna, posto que os discursos eram construídos com essa finalidade, mas ao mesmo tempo sabemos de todas as dificuldades que

passavam os moradores dessa região que ainda era bastante interiorana no período.

Capelato (1988, p. 24) trata sobre esses discursos escritos, ao dizer que o documento é resultado de uma montagem “consciente ou inconsciente, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver esquecido ou manipulado”. Para essa pesquisadora, o produto resultante da imprensa resulta de relações de forças conflitantes e “do empenho de seus produtores para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem da sociedade” (Capelato, 1988, p. 24)

A própria estética das revistas mostra essa busca por modernidade. Kaminski (2012) diz que as revistas ilustradas ajudaram a construir e a reproduzir as próprias imagens do que seria a tão almejada “modernidade” em tempos de *Belle Époque* curitibana, tanto por meio de seus padrões gráficos, quanto pela difusão de novos padrões de comportamento urbano e lazer cultural (Kaminski, 2012, p. 31). As revistas traziam influências da *art nouveau*, margens decoradas, referências à cultura grega, vistos também na simpatia dos intelectuais do período pelo esotérico e pela cultura grega.<sup>10</sup>

Sobre a mobilização desse grupo da elite para, através dos jornais e revistas trazer uma visão em prol de um discurso modernizante, Cruz e Peixoto (2007) dizem que:

Os jornais e revistas atuam no fomento a adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos, etc.; na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento; no alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade; na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo; na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas (Cruz; Peixoto, 2007, p. 259).

---

<sup>10</sup> Rosane Kaminski é responsável pela coordenação e organização do projeto *Revistas Curitibanas: 1900-1920*. Projeto esse que apresenta um banco de dados de catalogação de revistas ilustradas entre os anos 1900 e 1920, quando foi feito o levantamento de cerca de 60 títulos de revistas editadas em Curitiba, além de outras de diversas partes do Paraná. Essas revistas podem ser encontradas em ordem alfabética e por linha do tempo no site: <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/index.php>, com acesso em 27 de janeiro de 2023. O site disponibiliza também artigos de análises dessas fontes feitas por diversos pesquisadores.

## 1.2 MARIANA COELHO OUTSIDER: UMA MULHER ADENTRANDO O MUNDO DAS LETRAS

Figura 1 – Fotografia de Mariana Coelho



Fonte: Revista *A Bomba*, ano 1913, Edição 00012 (2). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pagfis=464>. Acesso em: 27 jan. 2023.

Os estudos de Karina Janz Woitowicz (2015) nos apontam que o Paraná foi o último estado brasileiro a contar com o surgimento da imprensa, os registros históricos mostram que somente após a criação da Província houve a instalação da tipografia na região, onde “tendo como registro deste marco a implantação da “Typographia Paranaense” em Curitiba, de onde saía, em 1º de abril de 1854, o primeiro número do jornal *O Dezenove de Dezembro*” (Woitowicz, 2015, p. 58). Surgiram a partir de então um significativo número de jornais, revistas e almanaques literários veiculados no Paraná no início do século XX, um número bastante impressionante apesar de ser bastante pequeno o público a quem esses jornais e revistas se destinavam. A imprensa servia como importante ferramenta de influência na divulgação de novas formas de cultura, de crítica, de resistência, expondo novas ideologias, novos comportamentos, bem como um forte discurso moral.

Elizabete Berberi (1998), ao avaliar a quantidade de jornais existentes no

período, encontra 281 jornais listados como pertencentes a cidade de Curitiba. Ela encontra essa informação no *Catálogo dos Jornais Publicados no Paraná – 1854-1907*, fazendo parte dessa lista jornais, revistas literárias e humorísticas e periódicos, assim como periódicos pertencentes aos imigrantes das colônias, como periódicos em alemão, italiano e polonês.

As dificuldades das mulheres no “mundo das letras” eram variadas, e para isso, uma das estratégias femininas para conseguir credibilidade nesse meio era buscando a chancela de intelectuais homens que as apoiassem, e foi isso que Mariana Coelho buscou fazer para se fazer ouvida pela sociedade letrada e publicar seus escritos. De acordo com Beatriz Polidori Zechlinski (2020) “um dos fatores que serviram como alicerces para as mulheres se tornarem escritoras naquela época: era a amizade. Através das amigas, elas teriam articulado redes de relações que lhes davam suporte para confrontar a comum hostilidade à intelectualidade feminina” (p.19). Seu próprio irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho, foi um de seus “mentores” intelectuais que lhe propiciaram espaço no ambiente letrado do qual fazia parte.

As mulheres que buscavam participar desse espaço dos literatos tinham sua capacidade literária questionada, pois havia no senso comum da maioria das pessoas a ideia de que isso era considerado um desvio da sua verdadeira função social, da maternidade e dos cuidados com o lar e com a criação dos filhos, pois, para muitos o espaço intelectual não era um espaço para o público feminino, consideradas como racionalmente inferiores. A busca por reconhecimento se dava também como forma de afirmarem suas existências, visto que eram invisibilizadas em diversos espaços, ainda mais no meio literário, bem como eram pouquíssimas as que conseguiam ter acesso à educação formal. Como dito por Sevcenko “quem não aparece no jornal não aparecerá nem no livro, nem no palco, nem em parte alguma – morrerá. É uma ditadura” (Sevcenko, 1983, p. 244).

Sobre o acesso a instrução, Duarte (2017) diz:

Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. E independentemente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contém (Duarte, 2017, p. 14).

Ainda de acordo com Duarte (2017), mais do que os livros, foram os jornais e

as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência (p.14). Para Eleutério (2005 p. 19), escrever significava constituir identidade e autonomia, pois, ao produzir um texto, a mulher não estaria apenas se expressando, expressando seus anseios, mas também refletindo e propondo uma reflexão de si mesma e da sociedade na qual vive, que até então só era pensada através da interpretação masculina, buscando repensar o lugar social das mulheres.

Para Bourdieu (2014 p. 45) a dominação masculina é resultado de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas que dão primazia aos homens, baseadas em uma divisão sexual do trabalho, de produção e de reprodução biológica e social, que os colocam no topo das relações de poder, onde, as mulheres encontram-se em um lugar de oposição da ordem simbólica, que as sujeita a violências simbólicas de naturalização do “sexo frágil”.

Lacerda (2003 p. 57) apresenta uma reflexão em torno dos estudos sobre a história literária no Brasil e a produção de autoria feminina. Segundo ela, os estudos que reconstituem o quadro social da história literária no Brasil problematizam o excesso de rigor das análises tradicionais acerca da condição feminina no passado, no qual a mulher sempre foi relegada a papéis restritos ao espaço doméstico. Para a autora, a mulher aparece de forma frágil, enfocada em condições de submissão e subserviência aos maridos, quando, na realidade, também temos exemplos de resistência a esse tipo de papel imposto. De acordo com ela, a historiografia atual vem demonstrando a liderança de muitas mulheres, na administração da vida doméstica, com ou sem a presença dos maridos, no enfrentamento das barreiras sociais e culturais, que lhe permitiram a fundação, edição, coedição e colaboração em jornais e periódicos diversos, além da publicação de livros de romances, contos, crônicas, poemas e poesias (Lacerda, 2003).

Durante muito tempo a mulher esteve ausente do mundo letrado, do campo intelectual, o que se dava por conta do preconceito, da censura, e das normas sociais que estabeleciam determinados papéis que afastavam as mulheres da instrução formal. São do século XIX os primeiros textos escritos por mulheres brasileiras que têm alguma divulgação entre o público letrado. Até lá, nos tempos coloniais, a mulher nada escreve, ou escreve mas os textos não aparecem, ou aparecem como exceção, entre maioria quase absoluta de textos escritos por homens (Gotlib, 2003, p. 27). Um dos veículos que possibilitou a divulgação dos textos de mulheres, tanto literários

quanto políticos, foi a imprensa (Gotlib, 2003, p. 32).

Sobre a imprensa no Brasil, sabe-se que em relação à Europa ou mesmo às outras partes das Américas, os papéis impressos feitos aqui surgiram bastante tardiamente. Na Europa, já no século XV existiam tipografias, e no século XVII surge com maior força a imprensa periódica. Já no Brasil, isso só vai se estabelecer de fato com o incentivo e sem censura, a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia (Morel, 2012, p. 17).

Para Morel (2012, p. 25), a característica dos periódicos que passaram a surgir era a da imprensa de opinião, que, através da figura do homem público, intitulado redator panfletário, passa a utilizar da imprensa como ferramenta para propagar suas opiniões políticas, de forma bastante pedagógica. Segundo ele, é o tipo do escritor patriota, difusor de ideias e pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações. O estilo panfletário tinha as seguintes características:

Capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida (Morel, 2012, p. 25).

Durante o Império e a primeira república, o periodismo de caráter político foi o que mais se destacou. Ampliava-se também a sua função de mediação para a prestação de serviços. Aparecem, também, folhas de circulação diária, semanal, almanaques, jornais de recreação, revistas literárias e científicas etc. De acordo com Martins (2012, p. 35), havia uma divisão de interesses nesses instrumentos da imprensa, ficando a cargo dos jornais o debate político, e das revistas a função da reflexão cultural, servindo ambos como “recursos intelectuais” mobilizados conforme as necessidades dos agentes na luta política (Alonso, 2000).

Conforme Martins (2012, p.46), “data da primeira metade do século XIX, ainda de forma tímida, a participação da mulher na produção de impressos no Brasil, fosse como consumidora ou produtora, em geral às voltas com a moda e ensaios de literatura”. A partir desse público, passou-se a se trazer para dentro da imprensa também o folhetim, a crônica e o conto.

Na Primeira República aconteceram diversas transformações, principalmente no quesito de inovações tecnológicas, que permitiram o uso de ilustração diversificada, como a charge, a caricatura e a fotografia, havendo também um

aumento de publicações de cunho partidário e ideológico. Houve uma grande expansão da imprensa, o que ocasionou também grande censura a jornalistas. Escrever na imprensa passou a ter uma caracterização de poder político, de distinção, sendo a escrita vista como instrumento de legitimação (Eleutério, 2012). A autora diz ainda que:

Naqueles novos tempos de reprodutibilidade técnica, indagava-se qual seria o papel e a função do intelectual. Tratava-se de discutir as qualificações exigidas e as habilidades necessárias no quadro de transformações que tanto afetavam a prática da escrita. Em razão das novas tecnologias da reprodução da imagem e do som, o próprio fazer literário se alterou com rebatimentos no periodismo (Eleutério, 2012, p. 63)

Utilizavam da imprensa para divulgar interesses, ideias e valores específicos, pois, “como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública, a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 267), como foi o caso dos exemplos existentes na imprensa paranaense, com o periodismo anticlerical e livre-pensador, o republicano, bem como os de identidade religiosa e conservadora. Como a cada dia aumentava o número de jornais paranaenses de cunho anticlerical, a Igreja Católica preocupada avisa os fiéis paranaenses proibindo-os de que:

Todos os fiéis estão obrigados, sob pena de peccado mortal, não comprar, ler, ou ter consigo livros ou periódicos prohibidos pela auctoridade ecclesiastica. Supponhamos, pois, que se publica um periódico que propositalmente diffama ou calumnia a Religião ou os bons costumes atacando, por exemplo, systematicamente as Ordens Religiosas, defendendo erros condemnados pela Egreja, etc.; supponhamos mais que o Prelado não tenha condemnado formalmente a mencionada publicação, que havemos de julgar de tal periódico? A resposta é muito simples: tal periódico deve ser tido como gravemente prohibido, - por direito divino e ecclesiastico, - de accordo com o art. 21 da Constituição Officiorum, o qual diz: “Os diarios, folhas e folhetos periódicos, que propositalmente combatem a Religião ou os bons costumes devem ser tidos como prohibidos, não só por direito natural, como também por direito ecclesiastico”. Assim, pois, a mencionada constituição condemna e proscreeve também, por lei ecclesiastica, a leitura de taes diarios, sem necessidade de condemnação especial. Por isso os fiéis devem abster-se de comprar-os, ler-os e conservar-os consigo debaixo da culpa grave. (Aviso oportuno sobre livros e periódicos prohibidos, *A Estrella*, 12 de maio de 1901).

É esse o cenário encontrado por Mariana Coelho, que, ao chegar na capital curitibana, em 1892, presenciou esses embates, que traziam propostas antagônicas sobre o papel social da mulher. Mesmo assim, ela, inserindo-se num contexto de muitos conflitos, desafiando as convenções, e enfrentando muitas restrições sociais,



soube aproveitar as brechas que lhe surgiram e foram abertas, para adentrar espaços até então pouco ocupados por mulheres.

### 1.3 NA IMPRENSA PARANAENSE

Sabe-se que o jornal, como produto, pode ter vida efêmera. Já como fonte, analisado pelo(a) historiador(a), ele ultrapassa essa condição de simples papel a ser lido, ganha outras dimensões, apresenta práticas sociais, produz e reproduz discursos, modos de viver e de pensar, redes de sociabilidades, uma pluralidade de ideias e posicionamentos sobre os mais diversos assuntos e nos aproxima do cotidiano e da organização cultural, política e social de um período a ser analisado através desse objeto.

De acordo com Woitowicz, “pode-se dizer que o jornal apresenta uma maneira particular de veicular um “testemunho” dos acontecimentos, participando assim do processo de construção da história” (2015, p, 23). O jornal, enquanto fonte, é testemunho e registro, mas também produto social, pois representa poder e nos apresenta diferentes discursos, que influenciam diretamente nas construções sociais e históricas de determinadas realidades, muitas vezes não implícitos diretamente no escrito. Nessa pesquisa, o entenderemos dessa maneira.

Pensando assim, é sabido que o jornal pode tanto inserir sujeitos e instituições nos espaços do mundo da escrita e da imprensa, como também pode silenciá-los, apagá-los. Woitowicz (2015) diz que “ao atentar para o ‘poder das palavras’ na produção do real, pode-se perceber os variados e diferentes significados que um discurso é capaz de adquirir, em relação à situação específica em que atua e também em relação aos outros discursos” (WOITOWICZ, 2015, p. 31). Sobre o jornal, diz Lacerda (2003):

O jornal faz e traz história de vida de leitoras e leitores das pequenas vilas e das províncias maiores, entre os séculos XIX e XX. Em torno dele, reúnem-se homens e mulheres para as leituras literárias realizadas nos serões domésticos até altas horas da noite ou, ao contrário, em torno dele há censuras a certas leituras. Por causa dele, as subscrições e assinaturas de outros impressos podem ser veiculadas e/ou adquiridas, e também os negócios são estimados, anunciados, realizados. A contratação de professores, o comércio de livros, a assinatura de revistas ou do próprio jornal, a compra de equipamentos, o controle dos preços do café e do açúcar é possibilitado aos pais por via dos jornais (Lacerda, 2003, p. 202).

A chegada de Mariana Coelho ao Paraná marca também a sua tentativa de estabelecer contato com a imprensa desse Estado e com o “mundo estreito” do meio

jornalístico. Um ano após a mudança de continente já encontramos colaborações de sua autoria em periódicos de Curitiba. No *Diario do Commercio*, de novembro de 1893, encontra-se a transcrição, feita por esse jornal, da correspondência feita por Mariana Coelho ao jornal *Voz Publica*, da cidade de Porto, em Portugal, “uma bellissima correspondencia sobre o Paraná, devida à penna da destincta escriptora cujo nome encima estas linhas” (*Diario do Commercio*, 1893).

Na correspondência, Mariana Coelho escreve suas impressões sobre o Estado em que agora vive, dando informações geográficas e características da flora e fauna da região, seus espantos com a serra do Mar, a estrada de ferro, a colonização, o comércio e a indústria que surgem, citando, como exemplo, a indústria de erva-mate. Sobre a população que se encontra no Estado ela escreve, principalmente, fazendo uma caracterização do público feminino das terras paranaenses, dizendo:

A colonia mais numerosa é a polaca; segue-se lhe a italiana e depois a allemã. A das outras nacionalidades são relativamente pequenas. A polaca é sem dúvida a mais infeliz pela sua ignorancia, salvo rarissimas excepções. Referindo-me ainda aos europeus, tenho notado que as mulheres de formosura mais attrahente são, em geral, as italianas. As allemãs destacam-se principalmente pelo seu desenvolvimento phisico; são corpulentos e d’uma estructura mais varonil que femenina. Muito brancas, de olhos azues e cabellos loiros, envolvem-se n’uma serenidade apparente ineimitavel. Quanto ás damas curitybanas, são geralmente bonitas e apresentam-se com toilettes irreprehensiveis (Coelho, M., 1893).

Segundo Pedro (2018), em vista do crescimento das áreas coloniais, novos personagens de diferentes origens étnicas passaram a circular nas capitais do Sul, (como, por exemplo, Curitiba), e a disputar espaços políticos, sendo contestados e desprezados por uma elite urbana de origem portuguesa que buscava prestígio econômico e social, entre outras coisas, pela diferenciação de suas mulheres (Pedro, 2018, p. 292). Vê-se que a escrita de Mariana Coelho sobre a Província do Paraná tem um caráter pedagógico, de incentivo à imigração, pois o discurso de publicidade que ela faz passa a impressão de informações vantajosas sobre a região, mostrando que é um local de “civilidade”. Segundo Santos (2016):

Para que os imigrantes escolhessem vir para o Brasil deveria ser dado a eles não apenas informações sobre o país, mais informações vantajosas para eles e suas famílias. Além de condições de trabalho e acesso à terra, o país deveria dispor de um mínimo de “civilidade”, pois a migração não acontece em função exclusiva da necessidade ou da oportunidade, mas da conjunção de situações concretas e anseios com as oportunidades (SANTOS, 2016, p. 187)

Ela caracteriza o Paraná como “superior a maior parte dos outros Estados do Brazil”. Sobre Curitiba, diz: “esta capital é illuminada a luz electrica, que tem tres theatros, linhas de bonds (americanos) que circulam d’um ao outro extremo da cidade, clubs, um bellissimo jardim público todo serpeado de lagos”, que, segundo ela, “se presta a muitos outros melhoramentos que successivamente se vão pondo em pratica- o que faz confiar n’um prospero e ridente futuro” (*Diario do Commercio*, 1893). Sobre esse tipo de escrita, Berberi (1998), que faz uma análise das crônicas publicadas em periódicos daquele período, nos aponta o quanto era comum essa demonstração de expectativas perante as mudanças almejadas. Apesar do choque entre o tradicional e o moderno vivenciado, os intelectuais do período buscavam, através dos jornais, reafirmar e engrandecer os acontecimentos relacionados ao ideal de progresso em seus espaços.

Segundo Berberi (1998), o cronista está entre o contista e o repórter, uma vez que sua intenção não é apenas dar uma notícia, e nem construir uma história, e por ser exatamente uma fronteira entre a pura imaginação e a notícia, percebe-se uma certa liberdade do cronista para construir o seu texto e povoá-lo com dados reais e ao mesmo tempo projeções e depoimentos próprios (Berberi, 1998, p. 03).

Percebemos isso na escrita de Mariana Coelho, pois, ao ler sua descrição sobre o Paraná e sobre a capital curitibana, fica-se com a impressão de uma cidade já bastante moderna, porém, sabe-se que a realidade era outra, era uma capital que crescia lentamente, ainda pouco povoada, bastante interiorana e baseada numa economia latifundiária, bem longe dos padrões europeus. Ou seja, a “urbanização” de Curitiba era bastante limitada, a maioria da população, tanto de Curitiba como também do Brasil todo, ainda vivia em áreas rurais e tinha pouco acesso e contato com as novidades apresentadas pelos meios de comunicação do período.

Sobre os aspectos demográficos da cidade de Curitiba, Beatriz Miranda (1978) faz uma análise dos censos demográficos do Paraná, afirmando que, no Censo demográfico de 1872, o último realizado pela Província do Paraná, em Curitiba se “registra uma população de 11.730 habitantes, dos quais 6.011 pertencem ao sexo masculino, isto é, 51,25% e 5.719 ao feminino, perfazendo 48,75% (Miranda, 1978, p. 53), ou seja, há ainda um pequeno contingente de habitantes, que vai se alargando a partir das políticas imigratórias pós emancipação política, quando o imigrante, principalmente europeu, é visto como instrumento de trabalho e impulsionador do desenvolvimento. Após o início do processo imigratório, o número de habitantes quase

dobrou, sendo contabilizados 24.453 em 1890, e 60.800 em 1910 (Pereira, 2002, p. 59). Ainda em relação à capital do Estado, Mariana Coelho escreve sobre a construção da Universidade:

No dia 23 de abril foi lançada a primeira pedra para a construção d'uma Universidade – que é realmente um consideravel melhoramento para esta terra, emprehendido e conseguido principalmente pelo distincto jornalista paranaense, Rocha Pombo, redactor principal do Diario do Commercio – jornal sensato e neutral que se publica n'esta cidade (Coelho, M., 1893).

Mariana Coelho tinha consciência dos jogos de poderes que existiam na imprensa, e ao escrever sobre o Estado ao qual se mudou, ao falar suas impressões positivas sobre este, e citar de forma elogiosa o redator-chefe do jornal, Rocha Pombo, estava utilizando de uma estratégia para conseguir chamar a atenção desses homens de letras que já possuíam algum tipo de destaque no meio. Porém, ela sabia como era vista sua condição enquanto mulher, e sobre isso escreve se desculpando:

Não posso eximir-me a tentação de descrevel-a conforme as minhas debeis forças intellectuaes o permitirem [...] Desculpem os meus leitores se, na exaltação, a que me leva tão grata recordação, eu me torno importuna; creiam, porém, que no meu logar cederiam como eu a impressões d'esta natureza, que ficam gravadas eternamente na alma porque ella as recebe do que é grande e sublime! (Coelho, M., 1893).

Naquele período, era muito comum os elogios trocados no âmbito jornalístico e a busca de filiar-se e aproximar-se de figuras e espaços de poder. Rocha Pombo não passou imune a esse tipo de estratégia. Vindo de uma família de professores do litoral paranaense, não possuindo capital econômico e nem simbólico, não pertencia a nenhuma família de renome da região, buscou anos antes, da mesma forma que Mariana Coelho, esses subterfúgios, estreitando amizades com as famílias Pereira Correia, e, de acordo com Bega (2013), tornou-se amigo pessoal do Barão do Serro Azul, a partir do que, bastante jovem, com apenas 22 anos, conseguiu fundar seu primeiro jornal, adentrando espaços frequentados pela elite, e se tornando um jornalista bastante influente, indo até mesmo além do círculo jornalístico paranaense, atuando na esfera política e de ensino, dando suporte e apoio para outros escritores, sendo Mariana Coelho uma dessas<sup>11</sup>. Essa proximidade com pessoas de poder e

---

<sup>11</sup> Por conta da Revolução Federalista, de acordo com Bega (2013, p. 85), Rocha Pombo “sofre na pele os efeitos de um exílio político” entre 1894 e 1897, sendo mantido afastado da política até mudar-se definitivamente, para o Rio de Janeiro em 1897. Só retornará à carreira política, mais em caráter honorífico, entre 1916 e 1918, como deputado federal, pelo seu papel de destaque no cenário nacional como historiador oficial da Primeira República.”.

destaque nos lembra muito a atitude de mecenato, que, segundo Chartier (2003):

Ilustra bem a ligação paradoxal que associa, no século XVII, a nova definição do homem das letras, prático audacioso do espírito filosófico, e o respeito necessário das formas mais clássicas do mecenato para quem quer obter o apadrinhamento do príncipe, distribuidor supremo de graças e de proteção. (Chartier, 2003 p. 64)

Mariana Coelho, no seu texto escrito para o *Diario do Commercio*, comenta sobre essa influência de Rocha Pombo e seus esforços para alavancar a educação do Paraná, como, por exemplo, sua tentativa para a construção da Universidade, porém, fontes do período apontam que, apesar de conseguir concessão do poder público estadual, Rocha Pombo encontra problemas com a oposição na Câmara Legislativa Estadual, a qual não aprova a verba para a construção do prédio. Segundo Bega (2013), a temática da universidade estava bastante presente nos discursos dos intelectuais e da elite ligada à erva-mate, que tinha Rocha Pombo como um dos seus principais porta-vozes, nos quais:

Em verdade, havia uma clara negociação entre Rocha Pombo e a burguesia do mate: ele fazia o papel de porta-voz intelectualizado, colocando o seu saber e sua capacidade de luta a serviço das causas ervateiras; ela fornecia-lhe os capitais simbólicos e econômicos, necessários para a materialização dos projetos do jornalista (Bega, 2013, p.91).

No mesmo jornal, *Diario do Commercio*, em 1894, há novamente uma contribuição de Mariana Coelho, que mais uma vez escreve sobre o Paraná, e os melhoramentos percebidos por ela. Fala sobre a busca pelo almejado progresso, ideal da elite curitibana. Coloca-se como uma escritora de escrita modesta, e fala sobre seu anseio em escrever sobre o espiritismo e a presença crescente dessa nova doutrina no Estado, da qual, de acordo com ela, fazem parte, “homens verdadeiramente ilustrados”. Sobre o espiritismo, diz Mariana Coelho ser “completamente leiga, porém, n’um assumpto tão estranho e delicado para mim, era do meu dever elucidar-me um pouco a tal respeito para desenvolver, modesta mas conscienciosamente” (Coelho, 1893). Citando vários livros do escritor francês de pseudônimo Allan Kardec, diz que essa doutrina está em conformidade com a ciência e a razão, bases do progresso, ao qual ela, e muitos intelectuais curitibanos da época acreditavam, sob, principalmente, a influência do positivismo.

Sobre a criação de um centro espírita em Curitiba e seu líder, não poupa elogios e fala:

Pertence a elite da distincta e activa colonia portugueza residente no Paraná, e é natural do Minho, o digno e intelligente chefe do centro espirita d'esta cidade, Manoel da Costa e Cunha! – cujos dotes de coração se harmonizam perfeitamente com os moralissimos preceitos do espiritismo. Sempre ao lado dos que soffrem, o seu character firme e integro não deixa nunca no abandono aquelles que appellam para a superioridade pouco vulgar da sua alma nobilissima que sabe comprehender as grandes dores, por mais subtis que se manifestem, dos oprimidos da sorte. Este centro espirita publica uma revista quinzenal intitulada – “A Luz”, redigida proficientemente pelo abalisado jornalista paranaense, Alfredo Munhoz, e observa escrupulosamente, e com o mais humanitario amor, todos os preceitos de illimitada caridade que a sublime moral da sua religião suavemente lhe impõe (Coelho, M. 1894).

Apesar de todos os tons elogiosos de Mariana Coelho sobre o Paraná, sobre Curitiba, a imigração e a modernização, sabe-se que a vida para muitos desses era bastante precária, bem como foi significativo o choque cultural, gerando não raras vezes momentos de tensão entre imigrantes e “naturais”. Para Bega (2013), novas formas de sociabilidade emergem da convivência permeada por conflitos entre a primeira geração de imigrantes em fase de integração e os nacionais. Segundo ela, os luso-brasileiros, detentores dos espaços econômicos, políticos e culturais, resistem às investidas dos “emergentes”, reafirmando seu domínio. Os imigrantes, por seu turno, ocupam cada vez mais espaços próximos (algumas vezes ao lado) da elite tradicional. Firmam-se como industriais em atividades de apoio à erva-mate; formam também um conjunto heterogêneo de artesãos, de pequenos comerciantes, de profissionais liberais e de operários, com divergências políticas e culturais entre si. (Bega, 2013, p. 62-63).

Nos próximos anos, Mariana Coelho contribui com poesias para jornais noticiosos e revistas literárias, como, por exemplo, para a revista *Club Coritibano*, que pertencia ao clube de mesmo nome, em que se encontra o poema *Vacillante!* de sua autoria, no qual Mariana Coelho fala sobre a desesperança e sofrimento da pessoa cética.

VACILLANTE!

Fugio-me a Esperança! Em seguida  
prosternou-me o Desalento!  
E eu, semi morta, oprimida  
nos braços do Soffrimento,

luctei por voltar à vida,  
sob este presentimento:  
- chora-me ess' alma querida  
que partilha o meo tormento!

Hoje, se tomba o esteio  
d'esse amor, - o que eu receio...  
irei semi louca, errante,

no turbilhão do abysmo  
que se chama Scepticismo  
soffrer o inferno de Dante!

(Coritiba – 25 – 10 – 94)  
Marianna Coelho

Uma das interpretações que podemos fazer desse poema de Mariana Coelho é sobre a ideia da existência do inferno, propagada pela Igreja Católica, a crítica feita a essa crença, a opinião propagada pelo espiritismo sobre a questão, e o interesse de Mariana Coelho para com o espiritismo. Outra questão observada é a presença de características da tendência literária parnasiana, como, por exemplo, o uso das referências ao “inferno de Dante”, condizendo com os aspectos desse tipo no movimento bastante em voga no final do século XIX na Europa, que trazia elementos da cultura greco-latina. Percebe-se, então, a preferência da escritora por poemas com essas características.

Sobre os jornais e revistas literárias, Costa (2020 p. 14) afirma que “[...] no Paraná, a imprensa literária teve muitos títulos; todavia, representativa apenas de 4,6% do total nacional. Boa parte dos jornais literários no estado ficou circunscrita a Curitiba, o que indica que a rede literária ficou mais restrita à capital do estado”, o que, para Mariana Coelho, foi um facilitador para que ela conseguisse publicar, por morar justamente nesse meio de efusão dos jornais e revistas de cunho literário. Proprietários, diretores, redatores e colaboradores indicam a constituição dos grupos produtores, formando um grupo de grande força social, que constituem agentes ativos de aliados e adversários (Cruz; Peixoto, 2007).

Ainda sobre a sua produção literária, encontra-se, na *Revista Azul*, várias outros poemas de autoria dessa escritora, como os poemas Madrigal (1893), Na Orla do Abysmo (1893) e Miragem (1893). Na *Revista A Arte*, está seu poema Amor e sombra (1895) e a tradução de A minha flor, de Dufлот (1895); no jornal *A República*, seu poema O teu sorriso (1895); na *Revista O Cenáculo*, o poema Inspiração (1897); e no *Almanach do Paraná*, os poemas Sonhando (1899) e Íntimo Rebate (1901). Esses foram alguns dos localizados nessa pesquisa.

Os poemas de Mariana Coelho nos mostram uma miscelânea de tendências literárias, apesar de também mostrar as suas afinidades para com a poesia

parnasiana, ao contrário de grande parte dos intelectuais curitibanos, que tinham grande apreço pela escrita simbolista. Entende-se o Simbolismo como um momento subsequente do Parnasianismo, e não uma tendência literária oposta, aparecendo ambas como opostas ao Romantismo (Bega, 2013, p. 132), ou seja, pode-se identificar uma relação intrínseca entre uma tendência literária e outra, sem uma separação. Há escritores que pendem para várias vertentes, com escrita decadentista-simbolista, assim como simbolistas-parnasianos e naturalistas.

Enquanto o restante do Brasil apresentava como tendência literária dominante o Romantismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, o Paraná, pelo contrário, apresentava uma grande produção Simbolista. De acordo com Bega (2013 p.118), a influência do movimento simbolista em terras paranaenses começou através do contato e leitura de poetas como Baudelaire, sendo seu poema *As flores do mal* (1857) considerado por muitos teóricos da literatura como o marco zero do Simbolismo. Para Bega (2013):

A partir da leitura dos teóricos e das obras poéticas simbolistas, os especialistas afirmam que sua característica fundamental é a combinação de fluidez de ritmo + aliterações + sinestesia. Nelas sobrevivem, como etapas de um movimento que se inicia decadentista e se torna simbolista, expressões de vício, crueldade, sadismo e revolta, além de um sentido satanizador e mesmo profanatório dos símbolos religiosos (Bega, 2013 p. 122)

Abaixo, nas Figuras 2 a 6, vemos algumas das revistas e jornais nos quais Mariana Coelho publicou, e nos quais, através dos sumários, percebe-se como neles não havia muitas colaborações femininas, bem como a diferenciação estética entre uma revista e um jornal. A Revista *O Cenáculo* e a Revista *Azul*, eram por exemplo, revistas consideradas como uma das principais difusoras da estética simbolista, que aglutinava os escritores simbolistas paranaenses, mas que não restringia suas publicações à apenas esse tipo de escrita, ou seja, aceitava também escritos parnasianos, apesar desses serem minoria nesse Estado:

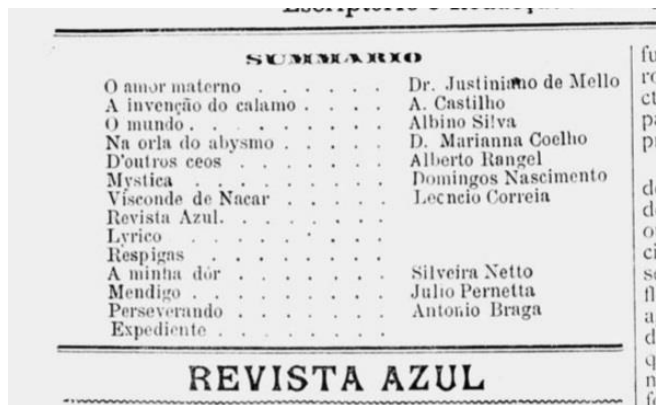


Figura 2 – Revista Azul



Fonte: Revista Azul, Ano 1893, Edição 00003 (Hemeroteca Digital Brasileira).

Figura 3 – Sumário



Fonte: Revista Azul, Ano 1893, Edição 00003 (Hemeroteca Digital Brasileira).

Figura 4 – Sumário 2

SUMMARIO	
Heroismo. . . . .	Dario Vellozo
Revelação. . . . .	Lycio de Carvalho
De outros ceos. . . . .	Alberto Rangel
Sob as ondas . . . . .	Edmundo de Barros
Ao piano . . . . .	Leoncio Correia
Entre cyrestes . . . . .	Julio Pernetta
Miragem . . . . .	D. Marianna Coelho
A estatua. . . . .	Victorien Sardou
Doute et désespoir . . . . .	João Itiberê
Respigas . . . . .	
No mar . . . . .	Antonio Braga
A viagem. . . . .	Silveira Néto
O leito nupcial . . . . .	Victor Hugo
Expediente . . . . .	

**REVISTA AZUL**

Fonte: *Revista Azul*, ano 1893, Edição 00006 (Hemeroteca Digital Brasileira).

Figura 5 – Lista de colaboradores – Collaboração

Collaboração	
Dr. Sebastião Paraná—	<i>Paraná Histórico.</i>
Dr. Emílio Pernetta—	<i>Estatua.</i>
Domingos Nascimento—	<i>Nin-guem.</i>
Dario Vellozo—	<i>Trophico Selvagem.</i>
Nestor de Castro—	<i>Vogando.</i>
J. Moraes—	<i>Alma sofredora.</i>
Ricardo de Lemos—	<i>Exclusivismo.</i>
Silveira Netto—	<i>Do « Luar de Hiverno ».</i>
Nestor Victor—	<i>Dolencia.</i>
Rocha Pombo—	<i>A alma do Principe.</i>
Escilides Bandeira—	<i>Vingança.</i>
Theodoro Rodrigues—	<i>Colloquio.</i>
Abel de Hamvultando—	<i>De volta.</i>
Carvalho Aranha—	<i>Monologo do verme.</i>
Leoncio Correia—	<i>Alma de artista.</i>
Julio Pernetta—	<i>Collina das lagrimas.</i>
D. Marianna Coelho—	<i>Sonhando...</i>
D. Julieta M. Monteiro—	<i>Sô.</i>
D. Revoata de Mello—	<i>A volta da Primavera.</i>
Romario Martins—	<i>Superstição.</i>

Fonte: *Almanach do Paraná*, Ano 1899, Edição II (Hemeroteca Digital Brasileira)

Figura 6 – Lista de colaboradores 2 – Colaboração



Fonte: *Almanach do Paraná*, Ano 1905, Edição 00008 (Hemeroteca Digital Brasileira).

A partir de 1900, as colaborações poéticas de Mariana Coelho diminuem, e ela passa a escrever artigos, em prosa, e ensaios de cunho mais político. Na revista *Breviário*, no ano de 1900, ela publica um excerto, intitulado “Emancipação da mulher”, em que defende que, para se obter o equilíbrio social, precisa que as mulheres estejam instruídas no mesmo nível dos homens, defende que as mulheres devem ser desamarradas do “poste da ignorância”, e coloca como responsabilidade dos “chefes de família e dirigentes da instrução” preparar as mulheres para colocá-las à altura dos homens. Apesar de ser um trecho longo, acredito ser de suma importância sua cópia integral para essa pesquisa, pois apresenta vestígios sobre o pensamento da autora:

A chamma resplandecente e impulsora do romantismo transcendental que caracterisava as epochas já envoltas nas brumas de um passado distante, extinguiu-se, como era natural. A essa especie de cegueira estonteante que lisongeava o exigente coração dos ultra-idealistas, veio de encontra a luz clara e decisiva do *real*, - cujo ponto culminante de perfectibilidade nós tentamos attingir, impulsionados por uma razão renovada e esclarecida. Se, pois, tão monumental transição se operasse exclusivamente no sexo masculino attendendo a uma absoluta superioridade instructiva sobre o sexo feminino, qual seria a situação da mulher, mergulhada na tradicional treva da sua ignorancia, tendo, apenas, por amparo e guia o fragil esteio do seu ideal? Incontestavelmente, bem digna de lastima! Concordemos; para estabelecer o verdadeiro e indispensavel equilibrio social, necessario se torna impellil-a a comprehender que a situação que lhe compete é a que deve estar sempre em relação a transição social operada, e que, para poder acompanhar o infallivel movimento evolutivo, precisa cultuvar e esclarecer o espirito – que deve, consequentemente, attingir mais ou menos, a tal respeito, um certo e justo parallelo com o espirito masculino. Ao contrário desta reforma imposta

pela necessidade da epocha actual, a mulher continuará a ser sempre mais ou menos victima, sacrificada por um estulto egoismo que não tem mais razão de ser. A nossa epocha, desenganemo-nos, já não é, como outrora, dominada pelo sublime influxo moral da sympathia. Hoje predomina em primeiro lugar *um modo de ver* mais pratico e positivo... Um jornal hespanhol, *El Noticiero Sevillano*, exasperado pelo desastre soffrido na última guerra hispano-americana, cuja responsabilidade elle attribue principalmente ao governo e imprensa do seu paiz, define irrefutavelmente a sympathia, com o seguinte logico pensamento – que me apraz aqui intercalar porque o acho adaptavel ao assumpto de que ora trato: “Contou-se com as sympathias da Europa, e não se advertiu que a sympathia é, na maior parte das vezes, fogo fatuo que não aquece nem conforta”. Perfeitamente. Em conclusão, permittir, hoje, que a mulher permaneça amarrada ao deploravel poste da ignorancia, equivale a arriscal-a criminosamente a probabilidade de receber em compensação do seu mais nobre e espontaneo affecto, o completo aniquillamento da alma, - o que quer dizer a sua principal ruína. Teem, pois, os chefes de familia e os dirigentes da instrucção, sobre quem pesa toda a responsabilidade, o dever imperioso e inadiavel de preparar sollicita e convenientemente o espírito feminino, de forma a collocal-o na altura de comprehender nitidamente, e conforme a epocha actual exige, a phase de adeantamento a que nos conduziu uma precisa e natural evolução (Coelho, M., 1900, p. 8).

No jornal *Electra – Órgão da Liga anticlerical paranaense*, em 1902, encontra-se um fragmento de um discurso de Mariana Coelho sobre a invasão jesuítica, no qual ela faz uma crítica contra a vinda de confrarias, ao fanatismo religioso e à influência do clero nessa sociedade, principalmente no que diz respeito à instrução feminina, visto que, segundo ela, tal fanatismo atrapalha o progresso da civilização. Diz:

[...] Eu tenho realmente pena, minhas Iir. E meus Iir.. de ver uma grande parte do meu sexo hypothecada à calculada tutela jesuítica, obcecada pelas suas gastas theorias, quando o seu auxilio podia contribuir tão efficaçmente para o engrandecimento da patria e da humanidade – engrandecimento que o seculo actual nos exige. – Como se não bastasse a falta de tantos braços inutilizados pela batina, de tantos cérebros inutilizados pela tonsura, para o concurso commum do trabalho na grande obra da felicidade e do progresso humano. Eu desejaria, portanto, poder levar à intelligencia de toda mulher fanatisada, o convencimento de que a pratica emanada das theorias fanatico-clericaes, quando não fosse retrogradar, era pelo menos estacionaria; e que temos o rigoroso dever de seguir a todo o custo a rota apontada pelo progresso, porque só essa nos saberá conduzir na nossa gloriosa ascenção ao ponto culminante de luz, para o qual todos os nossos esforços devem convergir (Coelho, M., 1902, p. 2).

Mariana Coelho, que aparece timidamente na imprensa com seus poemas, passa a escrever com um tom mais crítico. Mostra seu posicionamento, pelo movimento anticlerical e pelo feminismo e após 1900 passa também a fazer parte dos colonistas do *Diário da Tarde*, com uma coluna mensal intitulada “Chronica da Moda”, escrevendo não apenas sobre moda e etiqueta, mas, como diz Tomé (2020 p. 209), “De modo ardiloso, valeu-se de seu posto na coluna [...] para divulgar temas sobre o

direito da mulher. Dedicou-se, desse modo, a introduzir e debater com seus(suas) e leitores(as) assuntos sobre feminismo em espaços que deveriam ser destinados a outros temas”. Passou a escrever também em defesa do feminismo e do sufrágio feminino e temas de cunho político e ideológico. Sobre esse momento de passar a escrever uma coluna para o *Diário da Tarde*, Mariana Coelho comenta:

O facto de haver sido exclusivamente convidada pelo exm. Sr. Celestino Junior para me encarregar da secção de modas, convite que muito lisonjeou a minha limitada competência, irrepelia-me ao grato dever de acompanhar, na sua mudança para o “Diário”, este illustre cavalheiro e amigo, não sem protestar a minha gratidão à distinctíssima “Gazeta”, pela subida estima com que sempre me obrigou (Coelho, M., 1900).

Apesar de Mariana Coelho demonstrar gratidão pelo espaço que conquista e de estar lisonjeada pelo convite para fazer parte desse jornal, rebaixa a si mesma como sendo de “limitada competência”. Para Bueno (2010):

Em Curitiba, mulheres cronistas escreviam em periódicos locais, principalmente versando sobre assuntos considerados femininos, como moda, casamento e etiqueta. Cristalizando suas experiências e marcando o seu lugar social, essa foi uma das entradas possíveis para uma população que pertencia à elite letrada, mas que ainda estava à margem da produção intelectual (Bueno, 2010, p. 66).

Na *Chronica da Moda*, Mariana Coelho diz:

O sexo feminino, da mesma forma que o masculino pode, socialmente fallando, subir a escada do progresso até onde as próprias forças intellectuais lh'o o permittam, sem jamais abandonar o seu primordial e symphatico papel, que sempre representará, victorioso, no lar – convertido em verdadeiro paraíso quando a mulher allia a uma sólida educação a qualidade indispensável de boa filha, esposa e mãe, trindade admirável que a diviniza fazendo d'ella o eterno symbolo encantador da ternura e da paz. Sendo convenientemente preparada, poderá também exercer livremente qualquer profissão, furtando-se d'estarte ao soffrimento de um inevitável martyrio moral, a que os antigos preconceitos muitas vezes a obrigam (Coelho, M., 1901).

No mesmo artigo, para não perder o caráter de coluna sobre moda em meio às discussões sobre a emancipação feminina, diz:

Mudando de assumpto: tenho o prazer de inculcar hoje às minhas dignas leitoras um artigo de moda que tem toda a actualidade e que se pode apreciar em casa da conhecida Mme. Joly: as elegantes capinhas pretas (collets) tão próprias para as festas da semana santa, e a cuja belleza de tecidos e enfeites se reúne a da confecção – tornando-as simplesmente bonitas. Não exaggero garantindo a v. exas. que em assumptos de modas, ainda não vi um objecto mais artisticamente trabalhado (Coelho, M., 1901).

E foi na coluna Chronica da Moda que Georgina Mongruel e João Jaques (Nestor de Castro) contrapõem suas opiniões às de Mariana Coelho. Na imagem abaixo (Figura 7), fala-se sobre um concurso de sonetos, do qual Mariana Coelho foi uma das julgadoras.

Figura 7 - "O que se diz e o que se faz"

**— O que se diz e o que se faz —**

### REPAROS

Do Rio Negro

Os adversos e parte da nossa imprensa, que o reflexo d'aquelles, quando o concurso se lhes apresenta favoravel, aproveitam-no para atrair a conta e a responsabilidade do senador Alencar Guimarães, por falta de prestigio, e as vezes a toda a representação, os insucessos que na questão de limites vem pontando de doras e desesperança, o torturando coração paranaense.

Toda a gente que arvora competência, influencia, prestigio ou saídas amadas e conhecimentos com os dirigentes do governo da Republica, afirma que trabalha em prol da questão; todos a seu tempo e seu modo alegam serviços reaes ou imaginarios e ainda aquellos que podem e sabem manejar a penna enganiam-se na primeira fila dos defensores da Grande e Sagrada Causa; contractam-se advogados, tidos como aguias ou luminares; subvencionam-se jornacs, faz-se boycotage; — quando, porém, apesar de todo esse titanico esforço o insucesso repete-se de maneira acabruhal para a alma paranaense, toda a responsabilidade cabe sobre aquelle senador?

E o realço — falta de prestigio — repete a moeda para encanto dos bastaques. Diversamente noutros tempos... Veio a primeira sentença que estorou como uma bomba e a diafo algum lembrou accusar a curvatura de prestigio — quem chamou de Vicente Machado, o habil politico que n'aquella hora de fundos disabores soube aproximar o dr. Generoso Marques porque não queria só com o seu partido acarrar com a responsabilidade.

E a responsabilidade cabia e cabe a todos os paranaenses.

Mostrar ao leitor que nenhum homem politico — o mais puro ou bem intencionado pelas causas de sua terra escapa a accusações parciais, especialmente quando ha odios a desabalar. — é o rumo destas linhas — corrente calamo.

Descamos o voo que sobre a fronteira catharinense, oitamos no scenario, ou çamos o que se falla nas cidades de sera à cima: O fetiche — Laur Müller não é homem de prestigio!

Aparatados burgueses e mandarinis coronelizados accusam-n'o de escassez de prestigio e pouco caso pelo progresso da terra, porque s. exa. não pode conseguir que a companhia S. Paulo-Rio Grande modificasse o tracado S. Francisco-Rio Negro a fim de passar por São Bento, que ficou distanciado alguns kilometros da margem da via-terra, assim como Lençol e Oxford.

Accusam-n'os os patriotas de vistas largas, por não ter conseguido, quando ministro, que aquelle tracado apanhasse tambem Lucena e Papandavas e viesse surgir em Canoinhas; ideal bellissimo, não ha duvida!

Accusam-n'o de ... de não ser ministro, como evangelizaram os seus satellites contando com o businado prestigio!

Accusam-n'o de não ter dado mão forte ao Sr. Richard, que por abuso de poder achegou-se ás portas da cadeia, por não ter prestigio ante autoridades da Justiça Federal!

Accusam-n'os os gerministas das continuas nomeações de brasileiros (que desaloro!) para os principaes cargos, nestes ultimos tempos!

Accusam-n'o de escacear-lhe prestigio para solucionar de vez a questão de limites!

Accusam-n'o — Chega; porque a mór parte desses libellos que temos ouvido aqui e ali, peccam por falta de solida base.

Nestes diffieis tempos, um politico para ter prestigio (e por acaso a Biblia não mente) precisa ter o discrecionario podet de Deus — tudo prever e executar em seis dias, — ou seis épocas como quem os que anhelam sanar o cochilo do autor do santo livro.

### O Congresso

No dia 1 e com as solemnidades regimentaes, foi instalado o Congresso Legislativo do Estado.

Por essa occasião foi lida a Mensagem Presidencial ondo o sr. dr. Xavier da Silva resume as occurrencias administrativas referentes ao anno anterior, e alvira diversas providencias de modo a satisfazer outras tantas necessidades do serviço publico.

A Mensagem é meticolosa no detalhar os negocios officiaes tratados pelo governo no anno findo, muito especialmente os que se referem á arrecadação das rendas e á sua applicação.

Finda a leitura da Mensagem, o representante do governo que a leu, sr. major João Ferreira Leite, retirou-se com as formalidades da pragmatica.

Proseguindo o Congresso nos seus trabalhos, elegeu em seguida os membros componentes da Mesa, que ficou assim constituída:

Presidente — Alencar Guimarães  
1º Vice-Presidente — José Pedro de Carvalho  
2º — ...  
1º Secretario — Jayme Reis  
2º — Raul Julião.  
Supplentes — Martins Camargo e J. dos Santos Ribas.

Reassumindo a cadeira de presidente do Congresso, o dr. Alencar Guimarães pronunciou o seguinte discurso, que somos os unicos a publicar na integra:

Assumindo pela quarta vez, devido a vossa extrema generosidade, o alto posto de director desta assembleia, não posso dirigir a quem tanto tem me distinguido, outros agradecimentos senão os que em identicas circumstancias tenho manifestado no mais de uma vez, accusando-lhe apenas que cada dia mais se apertam os laços de gratidão que me unem a todos os meus amigos e illustrados companheiros nesta casa.

Procurarei corresponder a mais essa alla prova da confiança, sendo n'esta cadeira, imparcial e sereno, na execução das disposições regimentaes.

Quer interprete do regimento, quer executor calmo das vossas determinações, me esforçarei por cumprir os meus deveres, supprindo as muitas deficiencias com as lições da experiencia e as luzes dos meus estimados collegas, a fim de que honrando o posto que me foi designado, em face digno de tão generosa e captivante distincção.

### Os nossos concursos

**O Soneto, 2.º**

É-nos grato poder registrar o movimento despertado entre os cultores do verso em nosso meio, pelo concurso poetico que estabelecemos.

Uma forte e numerosa legião de metriculadores inspirados se apressou com galhardia, de pluma ao vento e lira em punho, fazendo rutilar o oiro da modelagem nas linhas cultuæ da Forma reguligone.

E um chuveiro de versos resou no thema, lamborinantes e claros, imaginativos na concepção, fulgurantes na Forma, severos no Culto da Arte triumphal que não morre, antes em cada geração reffloresce, na vitalidade de novos rebentos com que esurge animada e inquieta a Alma do Paraná.

Até mesmo no meio buscado para entre tantas pedrarias escolher-se a mais perfeita gemma rutilante, interveio com calor o orgulho do talento insurgente, uns espianando a joalheria sobre o velludo disperso da opinião — outros ciosamente elegendo um sacratio que as guardas e um Zeus capitulo que as consagre.

\*\*

Medeiando essas opiniões, estabelecemos o julgamento feito em ampla, mas escolhida zona da intelligencia.

E assim a opinião julgadora fica composta dos seguintes homens de letras, antigos e modernos cultores do verso:

Emiliano Permetta.  
Diario Veloso.  
Euclides Bandeira.  
Silveira Netto.  
Antonio Braga.  
Alves de Faria.  
Julio Permetta.  
Claudio dos Santos.  
Barros Junior.  
Georgina Mongruel.  
Mariana Coelho.  
João Jaques.  
Chichorro Junior.  
Luiz Franca.  
Conceição E. Braga.  
Jayme Bailão.  
Nilo Val.  
Carlos Alberto Coelho.  
Schaffenberg Quadros.  
Generoso Borges.

### QUAL É A MENINA MAIS BONITA?

1 — Leonor Beltrão . . . . .	590
2 — Edme Folch . . . . .	590
3 — Walkiria Chaves . . . . .	321
4 — Dinorah Macedo . . . . .	282
5 — Amalia Correia . . . . .	164
6 — Emilia Ferreira dos Santos . . . . .	150
7 — Lastenia Pereira . . . . .	82
8 — Lolita Veiga . . . . .	70
9 — Carolina Silva . . . . .	31
10 — Leomenia Silva . . . . .	53
11 — Dinorah Rego Barros . . . . .	26
12 — Francisca de Carvalho . . . . .	23
13 — Maria Clara Abreu Leão . . . . .	23
14 — Theresinha Gonçalves de Meneses . . . . .	19
15 — Margarida Abreu . . . . .	17
16 — Heloisa Barros Guimarães . . . . .	17
17 — Hermínia Faro . . . . .	14
18 — Maria Olympia Azambuja . . . . .	9
19 — Hilda Faro . . . . .	9
20 — Maria da Luz Guimarães . . . . .	9
21 — Eddy Gonçalves . . . . .	8
22 — Edme Pereira . . . . .	6
23 — Lourça W. Suplicy . . . . .	3
24 — Maria de Lourdes Lazaro . . . . .	3
25 — Rosinha Carvalho . . . . .	3
26 — Dinorah Andrade . . . . .	2
27 — Eleonora Puglieli . . . . .	2
28 — Zeny Macedo . . . . .	1
29 — Maria da Conceição Barbosa . . . . .	1
30 — Lucidia Borges de Macedo . . . . .	1
31 — Alzira Moura . . . . .	1
32 — Theresinha Fonseca da Silva . . . . .	1
33 — Odete Fonseca Macedo . . . . .	1
34 — Claudemira de Carvalho . . . . .	1
35 — Elvira Puglieli . . . . .	1
36 — Yaya Juqueira . . . . .	1
37 — Zeny Macedo . . . . .	1
38 — Yaya Espindola . . . . .	1
39 — Leany Moura . . . . .	1
40 — Genra Fouseca da Silva . . . . .	1

### QUAL É A SENHORITA MAIS BELLA?

Os coupons se acham no corpo da nossa revista e sómente elles serão recebidos e apurados desde que preencham os requisitos indispensaveis.

Só serão votadas as senhoritas de 15 annos em diante.

Os coupons constituirão uma lista triplice, podendo cada eleitor votar em 3 nomes diferentes que serão apurados na ordem de sua collocação em 1, 2 e 3 lugares, ou dar os 3 votos cumulativamente para a mesma candidata.

Os coupons serão distribuidos com os ns. 12, 13 e 14 a sabrem, respectivamente nos dias 12, 19 e 26 de Fvveriro, sendo os ultimos coupons recebidos até sabbado, 4 de Março, as 10 horas da manhã, quando será feita a apuração, cujo resultado será publicado no numero de 5 de Março.

A senhorita mais votada terá seu retrato publicado nesta revista em formato de meia pagina; e as que obtiverem o 2 e 3 lugares tambem terão publicadas suas photographias.

### ASSOCIAÇÕES

S. P. DOS OPERARIOS.

Tomou posse a seguinte directoria:

Presidente — Jacintho José Ribeiro; Vice-Presidente — Victor Hugo Peixoto; 1º Secretario — Belmiro Dias de Almeida; 2º Secretario — José Peixoto de Mattos; 1º Thezourero — Leão C. de Miranda; 2º Thezourero — Vicente Moreira de Freitas; Orador — Orestes Munhoz; Bibliothecario — Ricardo Baggio.

CLUB LITERARIO RECREATIVO.

Será empossada amanhã a nova directoria deste club pontagrossense, que completa o seu 13º anno de brillante existencia.

Após a posse e antecedente ao baile, Leocadio Correia, esse bello espirito de arte ha tanto retrahido, resurgirá dissertando sobre as Flores.

A nova directoria é a seguinte: Presidente — Capitão Amantino Antunes de Almeida reeleito; Vice-presidente — Major Antonio Manoel da Silva — reeleito; 1º Secretario — João Hoffman Junior; 2º Secretario — Capitão Manoel Corrêa Baptista; 1º Thezourero — Capitão Arthur Guimarães Villela; 2º Thezourero — Joaquin Sabatella; 1º Orador — Dr. Oscar de Oliveira Ramos; 2º Orador — Argemiro Berthier.

### CONCURSO DE SONETOS.

Escaparam á revisão alguns erros, nas diversas produções poeticas que hoje estampamos.

Entre elles exigim correcção os seguintes:

— No primeiro soneto, ultimo verso, em vez de «seria a um palmeira» leia-se «seria uma palmeira».

— No quinto soneto, primeiro verso do primeiro terceto, em vez de «Mais o turno é o pavor e maior sombra» leia-se «Mais o turno é o pavor e mais sombra».

Fonte: Jornal Paraná Moderno, Ano 1911, Edição 00011 (Hemeroteca Digital Brasileira).

No recorte abaixo, um detalhe da edição do jornal Paraná Moderno (Figura 8) vemos a seguinte notícia: "Medeiando essas opiniões, estabelecemos o julgamento feito em ampla mas escolhida zona da intelligencia. E assim a opinião julgadora fica

composta dos seguintes homens de letras, antigos e modernos cultores do verso”. Em meio à lista dos “homens de letras” encontramos o nome de Mariana Coelho.

Figura 8 – Notícia

	* * *	
	Medeando essas opiniões, estabelecemos o julgamento feito em ampla mas escolhida zona da intelligencia.	
	E assim a opinião julgadora fica composta dos seguintes homens de letras, antigos e modernos cultores do verso:	
	Emiliano Pernetta.	
	Diario Velloso.	
	Euclides Bandeira.	
	Silveira Netto.	
	Antonio Braga.	
	Alves de Faria.	
	Julio Pernetta.	
	Claudino dos Santos.	
	Barros Junior.	
	Mariana Coelho	
	Georgina Mongruel.	
	Raul Faria.	
	Chichorro Junior.	
	Luiz Franca.	
	Conego J. E. Braga.	
	Jayme Ballão.	
	Nilo Val.	
	Carlos Alberto Coelho.	
	Schaffenberg Quadros.	
	Generoso Borges.	
	<b>QUAL É A MENINA MAIS BONITA ?</b>	
	1 — Leonor Beltrão . . . . .	590
	2 — Edmee Folch . . . . .	590
	3 — Walkiria Chaves . . . . .	321
	4 — Dinorah Macedo . . . . .	282
	5 — Amalia Correia . . . . .	164
	6 — Emilia Ferreira dos Santos . . . . .	150
	7 — Lastenia Pereira . . . . .	82
	8 — Lolita Veiga . . . . .	70
	9 — Carolina Silva . . . . .	31
	10 — Leomenia Silva . . . . .	53
	11 — Dinorah Rego Barros . . . . .	26
	12 — Francisca de Carvalho . . . . .	23
	13 — Maria Clara Abreu Leão . . . . .	23
	14 — Pequinita Gonçalves de Menezes . . . . .	19
	15 — Margarida Abreu . . . . .	17
	16 — Heloisa Barros Guimarães . . . . .	17
	17 — Herminia Faro . . . . .	14
	18 — Maria Olympia Azambuja . . . . .	9
	19 — Hilda Faro . . . . .	9
	20 — Maria da Luz Guimarães . . . . .	9
	21 — Eddy Gonçalves . . . . .	7
	22 — Edmee Pereira . . . . .	6
	23 — Lourença W. Suplicy . . . . .	3
	24 — Maria de Lourdes Lazaro . . . . .	3
	25 — Rosinha Carvalho . . . . .	3
	26 — Dinorah Andrade . . . . .	2
	27 — Eleonora Puglieli . . . . .	2
	28 — Zeny Macedo . . . . .	1
	29 — Maria da Conceição Barbosa . . . . .	1
	30 — Lucidia Borges de Macedo . . . . .	1
	31 — Alzira Moura . . . . .	1
	32 — Theresinha Fonseca da Silva . . . . .	1
	33 — Odette Fonseca Macedo . . . . .	1
	34 — Claudemira de Carvalho . . . . .	1
	35 — Elvira Puglieli . . . . .	1
	36 — Yayá Junqueira . . . . .	1
	37 — Zeny Macedo . . . . .	1
	38 — Yayá Espindola . . . . .	6
	39 — Leony Moura . . . . .	6
	40 — Cenira Fonseca da Silva . . . . .	6

Fonte: *Jornal Paraná Moderno*, Ano 1911, Edição 00011 (Hemeroteca Digital Brasileira).

Num espaço predominantemente masculino, no qual mulheres não eram bem aceitas, e as poucas que conseguiam adentrar no mundo da imprensa e da escrita não tinham, muitas vezes, ao menos seu gênero reconhecido dentro dessa categoria, acabavam entre a identificação de “homens de letras”. É muito perceptível como

existia uma hierarquia de gênero nesses espaços, assim como demonstra que havia uma separação de funções sociais e papéis para homens e mulheres. Isso é significativo pela notícia que vem logo abaixo da lista dos “homens de letras”, no qual consta uma lista de “qual a menina mais bonita”. Ou seja, enquanto para os homens era autorizado sua participação no mundo intelectual e letrado e eram reconhecidos como tais, para as mulheres o que as destacava era sua aparência, a beleza, seu físico e não seu intelecto.

De acordo com Bourdieu (2014), a dominação masculina é algo que muitas vezes se “naturaliza” nos discursos dos processos históricos, o que, conseqüentemente, dificulta os processos para mudanças e transformações. Essa dominação naturalizada é algo reproduzido tanto por homens como também por instituições ao longo dos anos, como, por exemplo, através de discursos reproduzidos pela família, escola, igreja, pela imprensa e até mesmo pelo poder simbólico do Estado.

Essas instituições, ao longo da história, contribuíram para justificar as tentativas de eternizar a subordinação das mulheres aos poderes masculinos, e que passam muitas vezes a ser vistos como relações de poder aceitáveis e até mesmo como algo natural do homem. Esses espaços e instituições acabam por reforçar ainda mais os discursos das “violências simbólicas”, dessa construção social de dominação. Para Bourdieu (2014), esse processo pode ser visto como uma “submissão paradoxal” resultante da “violência simbólica, suave, insensível e invisível de suas próprias vítimas, que acabam por culminar numa divisão socialmente construída entre os sexos, como algo natural e legítimo, que tem como conseqüências a marginalização”, exclusão das mulheres, como também a divisão dos trabalhos, entre “lugares femininos” e “lugares masculinos” (Bourdieu, 2014).

Mariana Coelho, apesar dos entraves, conseguiu assegurar sua inserção no mundo intelectual curitibano, estabeleceu vínculos em sua trajetória, confrontou e questionou sobre os papéis e limites impostos às mulheres. Recebeu apoio de alguns e duras críticas de outros, o que é perceptível pelos nomes que prefaciam seus livros, e até mesmo pelas cartas trocadas com algumas pessoas de destaque naquele período, como Bertha Lutz. Vemos isso, por exemplo, no prólogo do livro *O Paraná Mental* (1908), em que Rocha Pombo a elogia, e diz ser o responsável por auxiliar a entrada de Mariana Coelho na imprensa paranaense:



A honra de escrever as presentes linhas para este livro explica-se por uma circunstância de que ainda hoje me desvaneço: fui eu, se não dos primeiros, ao menos dos mais solícitos em aplaudir a inteligência e o coração de D. Mariana Coelho, no momento em que, com sua aparição, ela surpreendeu os intelectuais do Paraná (Pombo, 1908, p. 11).

Pombo elogia a família de Mariana Coelho, principalmente seus irmãos, Carlos Alberto Teixeira Coelho e Thomaz Coelho, dizendo que do primeiro já publicou várias produções em prosa e verso, considerado um “homem de letras, poeta e prosador, que não é um desconhecido lá no velho reino”. Escreve também sobre como foi o contato de Mariana Coelho com ele, dizendo: “quando D. Mariana Coelho chegou ao Paraná redigia eu em Curitiba um diário, e tive a ocasião de publicar alguns contos e poesias com que ela, de um momento, se insinuou na estima da sociedade paranaense” (Pombo, 1908, p. 12). Segundo Machado Neto (1973 p. 184), “ser considerado um literato, um homem das letras, ou mesmo um jovem poeta promissor era condição invejável, que rendia oportunidades de boas colocações”. Rocha Pombo também comenta sobre a inserção das mulheres no mundo das letras, dizendo:

Bem sabemos todos como são raras, principalmente fora do Rio, as senhoras que ampliam a religião de que vivem até o desprendimento, a coragem magnífica de pontificar perante o grande público. Ao ler artigos de crítica ou de crônica, ou versos, subscritos por um nome de mulher, pode imaginar-se de que curiosidade se incendiou o espírito de quantos liam. É um fenômeno esse curioso, que parece acusar, mesmo nos mais livres, uma certa idiossincrasia que nos iguala a todos – esse fenômeno de sentir, até o menos acessível a emoções de tal ordem, uma imensa simpatia comovida ao apreciar o que vem do espírito de uma senhora. Dir-se-ia que as almas transfiguram as próprias palavras; e que, através do que ouvimos ou vemos expandido ou escrito por uma senhora, a nossa veneração desvenda nitidamente a suprema beleza que vive no fundo dos corações mesmo quando essa beleza, como nos mistérios de um símbolo, venha velada por um verbo esmorecido ou sem os fulgores do gênio (Pombo, 1908, p. 13)

Escrevendo em 1893 no jornal *Diário do Commercio* sobre suas impressões do Paraná, lugar para onde recentemente havia se mudado, e nesse espaço também tecendo comentários elogiosos sobre o redator-chefe do jornal no período (Rocha Pombo), esperava Mariana Coelho que anos mais tarde ele faria um próêmio a uma obra sua, elogiando-a? Assim, podemos ter uma ideia de como eram algumas das estratégias dela para se aproximar dos intelectuais daquele tempo, bem como sabe-se que essa aproximação foi ainda mais facilitada, de certa forma, por conta da vinculação e reconhecimento de seu próprio irmão nesse meio.

Havia um interesse por parte dos paranaenses de destacar o campo literário local, as suas produções intelectuais, bem como apresentar esses escritores para

além do cenário regional e periférico, buscando redes de apoio que dessem um impulso também à nível nacional, através de um intercâmbio de ideias com outras cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, essa última considerada no período como uma das mais efervescentes para o cenário cultural. Para isso, se apoiavam em figuras de maior prestígio, exemplo disso é a figura de Rocha Pombo, conterrâneo, que se destacou no Rio de Janeiro, mas manteve suas redes com seus companheiros das letras de sua terra natal, incentivando a produção intelectual paranaense. Não à toa, ele foi o escolhido para fazer o próêmio da obra *O Paraná Mental*, de Mariana Coelho.

Nesse período, início do século XX, como o Paraná era uma Província recém-emancipada, tinha-se esse cuidado de mostrar e divulgar o que era produzido, como modo de se fazer conhecido fora de seus limites territoriais. Para além do intuito de se fazer conhecido fora do espaço em que moravam, os escritores buscavam estabelecer redes de apoio também em nível local, criando parcerias, fundando jornais, buscando alimentar discussões e ideias com grupos que pensavam de maneira semelhante, e muitas das vezes esses círculos intelectuais extrapolavam ao nível literário, fazendo-se ser sentido também nas relações com a política local, na influência dentro dos espaços educacionais, no jornalismo etc. Sobre isso, diz Bega (2013):

Ser a primeira geração de escritores do Paraná, ocupar o terreno literário quase intocado, dominar os espaços de divulgação de ideias da época – a imprensa e a escola – [...] são elas, a nosso ver, que permitirão a tal grupo, embora pertença em termos nacionais a um dos polos dominados do campo literário, desempenhar o papel de fundadores da literatura no Paraná, de uma geração. Constituíram-se, dentro do espaço literário regional, como grupo hegemônico ao dominarem não só as atividades inerentes à literatura, como o jornalismo e o magistério, mas também outras formas de expressão do campo cultural (Bega, 2013, p. 24).

Para Alonso (2000), no Brasil da segunda metade do século XIX não havia um grupo social que trabalhasse exclusivamente com a produção intelectual. Esses sujeitos alternavam suas atividades entre carreiras públicas, empregos no ensino, candidaturas ao parlamento etc., utilizando, assim, do meio intelectual e de seus escritos como formas de intervenção política a favor de reformas às quais eram favoráveis.

Estudos apontam que havia um grande impulso em buscar mostrar o clima intelectual do Brasil território nacional afora, e que isso era bastante nítido na virada

do século XIX para o XX, quando se tem mais registro desse tipo de obra de cunho sociológico. Maria Tarcisa Silva Bega apresenta alguns exemplos, como: o inquérito de João do Rio intitulado *Momento Literário*, de 1910; as memórias de Leôncio Correia, de nome *A boêmia do meu tempo*; e a obra *O Rio de Janeiro do meu tempo*, de Luis Edmundo. Essas três obras buscam apresentar uma estrutura social da república das letras e apresentar características do período e sujeitos que dela faziam parte. Sendo assim, é dessa forma que entenderemos a obra *O Paraná Mental*, de Mariana Coelho, também como uma forma de apresentar essa estrutura social paranaense pelo ponto de vista dessa autora e as formas que ela encontrou de se afirmar dentro do meio literário, pois através dessa obra e da repercussão desse livro na imprensa é possível entender o clima intelectual do período, as afiliações literárias e as desavenças entre estas, assim como uma busca por apresentar uma “identidade paranaense” intelectualizada, moderna, progressista e produtora.

Para Bueno (2010) temas como feminismo, profissionalização da mulher, laicização do ensino, anticlericalismo, cientificismo, eugenia, entre outros, foram abordados por Mariana Coelho em suas produções. Embora essa pluralidade de temas possa dar a impressão de uma miscelânea de ideias, na verdade, foram resultantes de sua ação pedagógica e de sua identidade com os intelectuais de seu tempo (Bueno, 2014, p. 19). Ou seja, Mariana Coelho fazia parte desse grupo de intelectuais com desejos de alteração da ordem simbólica e que “através da política científica [...] inseriram o Brasil num movimento mundial e numa escala evolutiva, comparando o desempenho do país com outras nações”, comparando o desempenho das províncias brasileiras, “com um movimento universal de diversificação econômica, abertura do sufrágio, alargamento da educação, valorização da ciência” (Alonso, 2000).

Apesar de Mariana Coelho ter sido uma colaboradora dos jornais curitibanos, não havia imprensa especificamente feminina, dirigida por mulheres na capital paranaense. As mulheres que se dedicavam a tratar de temas femininos faziam de modo isolado ou solitário, para jornais e revistas fundados e dirigidos por homens (Tomé, 2020, p. 126). Dos jornais e revistas identificados que mais deram espaço para as mulheres, um deles foi a revista *A Bomba*, que, além de Mariana Coelho, tinha também como colaboradoras Annita Philipowsky, Myriam Cattapreta, Zaida Zardo, Aurea Pessoa e Anete Macedo.

Sobre a produção feminina, Belmar de Oliveira, para o jornal *O Commercio*,

de 1909, edição 75, diz que “no nosso ciclo literário temos apenas três escritoras, o que é o mesmo que não termos nenhuma, porque destas só uma é paranaense, e esta desapareceu na voragem da demência”. Essas três escritoras seriam Mariana Coelho, Georgina Mongruel e Julia da Costa. “Marianna Coelho, poetiza e prosadora, filha da ocidental praia luzitana, porém já quase paranaense, tem uma regular bagagem literária que sobejamente a recomenda”. “Georgina Mongruel, natural da França é uma graciosa poetiza e vibrante prosadora, que tem trabalhos esparsos em revistas e jornaes, burilados no seu idioma pátrio, não tendo os reunidos ainda em volume.” E “Julia da Costa, é a única paranaense que trabalhou em prol das letras. Antes de cair na noite tenebrosa da loucura compôs inúmeras poesias, que estão reunidas em dous volumes.” Segundo Oliveira, “são estas as três únicas escritoras que figuram entre os intelectuais do Paraná. É, pois, um número muito diminuto, quazi nada, que desaparece ante o avultado número dos nossos homens de letras” (Oliveira, 1909).

#### 1.4 INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS

Havia uma nova moral social e cívica sendo instaurada pelo republicanismo, influenciado pelo discurso positivista e pelo cientificismo, impulsionados pelo livre pensamento, pela maçonaria e pelo anticlericalismo (Santos, 2014, p. 77). Razão e Progresso eram as palavras do momento, que faz com que cresça também o pensamento materialista e o embate entre burguesia e proletariado, pois os progressos técnicos escancararam também graves problemas sociais.

O discurso anticlerical, positivista, e livre-pensador, aproxima sujeitos com interesses em comum, como a defesa da educação laica, a repulsa às instituições religiosas etc. Essa proximidade se dará também dentro do ambiente literário, como as vivenciadas por Mariana Coelho. Esses discursos representavam estratégias de produção de conhecimento e comunicação de ideias, em que

Tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (Gomes; Hansen, 2016, p. 10)

Em um momento em que se busca firmar uma identidade nacional através da literatura, o Simbolismo era visto com receio e criticado por grande parte dos escritores

de renome nacional que buscavam uma escrita original, pois para eles o Simbolismo era entendido como tendência literária importada, “de fora”, de moldes francês e português, não condizente com a realidade brasileira, de ex-colônia escravocrata, que ainda não havia tido muito contato com progressos técnicos e não possuía uma industrialização e burguesia bem caracterizada. Segundo Alonso, “tratava-se de dotar o Brasil de uma identidade nacional, uma língua, uma história, um povo. Para que a nação fosse brasileira era preciso gerar uma diferenciação com a antiga metrópole” (Alonso, 2000, p. 30).

Dessas mudanças na sociedade, pelo crescimento do capitalismo e de crítica ao Romantismo, por vezes as tendências literárias posteriores, como Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo se mesclam, pois, na essência, tais movimentos têm, em comum, a ideia de abordar em suas especificidades as transformações do século no pensamento social da virada do XIX para o XX, seja na crítica à sociedade burguesa, no discurso cientificista, na valorização do Belo e na escrita de teor místico. A escrita de Mariana Coelho é permeada por essas características, sendo difícil identificar apenas uma tendência literária em particular, porém percebe-se sua contrariedade ao Simbolismo.

A escrita dessa autora apresenta conotações Naturalistas e Parnasianas ao defender a ideia de “evolução social”. Dentro do contexto nacional, identificamos, com bastante clareza, nas obras naturalistas, a relação simbiótica entre literatura e ciência, com ideais de evolução e progresso, bem como aos estudos de natureza sociológica e biológica, desenvolvidos por Comte, Darwin e Spencer (Santos, 2014, p. 105). Em seu livro *A evolução do feminismo* isso fica bastante claro.

O sentimento anticlerical é algo que também é bastante significativo para mostrar as tendências literárias presentes na escrita de Mariana Coelho e de seus colegas paranaenses. Segundo Bueno (2009), na coletânea de contos intitulado *Cambiantes*, Mariana Coelho publica quatro contos “destinados a debater os dogmas da Igreja Católica e sua relação com a sociedade da época” (p. 06). As disputas por influência entre clero e intelectuais defensores da laicização e modernização geram grande embate que repercutirá na esfera literária. O discurso anticlerical está presente tanto na tendência literária Naturalista quanto Simbolista, influenciados também pelo discurso positivista e pelos ideais republicanos. Para Santos (2014):

Dentro de uma perspectiva literária, a abordagem do fenômeno anticlerical presente no naturalismo brasileiro nos ajuda, sobremaneira, a reconhecer

que, por trás de enredos patológicos, comprometidos com teorias deterministas, e de uma escrita laboratorial importada, deparamos com questões tipicamente nacionais. Nesse sentido, o anticlericalismo revela-se como uma espécie de portal, que nos permite vislumbrar o texto naturalista como discurso estético que soube contemplar, adequadamente, problemas locais (Santos, 2014, p. 382).

Em um momento em que o discurso positivista e cientificista buscava explicar a realidade, em Curitiba, ao contrário de outros centros culturais, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Paulo, onde o Romantismo e o Parnasianismo eram dominantes, a receptividade à nova tendência literária [Simbolista] é imediata entre os letrados paranaenses, como dito por Bega (2013, p. 22), consolidando-se, em termos proporcionais, ao mais duradouro e um dos maiores grupos de autores simbolistas brasileiros. Segundo Bega (2013):

Nascidos entre os anos 60 e 80 do século XIX, predominantemente paranaenses das cidades de Curitiba, Paranaguá, Antonina e Morretes, eram todos poetas, jornalistas e cronistas. Vincularam-se à maioria dos jornais e revistas da época, sendo os seus principais editores e redatores; criaram 14 revistas ao longo de mais de 20 anos, escreveram regularmente em revistas de perfis não literários, ocuparam cadeiras como professores do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, principais locais de formação dos jovens da época, e fundaram as instituições necessárias ao reconhecimento do campo literário (Centro de Letras do Paraná, Academia Paranaense de Letras e Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná (Bega, 2013, p. 22).

Esses sujeitos das letras formaram um grupo para além dos vínculos literários, atuando em conjunto também no campo cultural, social e político local, dominando as esferas do jornalismo, do magistério e da política. Segundo Trindade (1996):

Versando sobre uma variedade infinita de assuntos, os periódicos curitibanos do início do século discutem a República, repudiam os forasteiros e exaltam a Pátria; combatem ou defendem a religião; restringem ou exacerbam os preconceitos e a igualdade dos sexos; apregoam liberdades. Eles representam, em sua maioria, agremiações, sociedades, ligas, agências e outras formas de agrupamento, que se disseminam pela cidade. Intelectuais das mais variadas origens compõem esses grupos, utilizando seus canais de divulgação (Trindade, 1996, p. 105).

Em seu trabalho, *Letras e política no Paraná – simbolistas e anticlericais na República Velha*, Maria Tarcisa Silva Bega faz um panorama do cenário letrado paranaense, apresentando a tendência estética literária Simbolista como dominante na região e os motivos que levaram à criação de uma “panelinha literária” com peculiaridades em comum. Bega (2013) apresenta o cotidiano dos literatos no fim do século, mostrando a existência de afiliações estéticas que os uniram em grupos, as

simpatias e antipatias pessoais resultantes dessas uniões, as estratégias de visibilidade, os elogios mútuos e as consequentes polêmicas desse ambiente literário.

Se nesse período a vida literária se sobrepõe à própria literatura, as alianças serão estratégicas para sobrevivência das “panelinhas” e “capelas” literárias. Somente dessa forma é possível entender desde os elogios mútuos que grassaram no interior, principalmente dos grupos parnasianos e em menor escala dos simbolistas, até as grandes disputas, permeadas pelas pequenas maldades, pelo veneno destilado contra inimigos e desafetos, que aparecem em meio aos comentários publicados em jornais e revistas (Bega, 2013, p. 143).

Dentre os nomes de escritores simbolistas que se destacam, estão Dario Vellozo, João Itiberê da Cunha, Nestor Victor, Silveira Netto, Júlio Pernetta, seu irmão Emiliano Pernetta, José Gelbecke, Santa Ritta, Nestor de Castro, Leite Júnior, Tiago Peixoto, Adolfo Werneck, Rocha Pombo, Domingos do Nascimento e Euclides Bandeira. De acordo com Bega (2013), muitos desses nomes se aliavam dentro de revistas literárias, como por exemplo, nas revistas *Azul* (1893), *O Cenáculo* (1895), *Pallium* (1898), *Victrix* (1902). Bega os divide em gerações:

Agrupamos, como uma unidade de geração, partícipes de posições relativamente próximas e idênticas no campo literário brasileiro, pertencentes ao polo dominado do campo literário, localizados geográfica e identitariamente no Paraná, desde Rocha Pombo, nascido em 1857, o grande grupo de escritores nascidos entre 1865 e 1872 (Domingos do Nascimento, Emiliano Pernetta, Nestor de Castro, Nestor Victor, Dario Vellozo, Júlio Pernetta, João Itiberê da Cunha, Ricardo Lemos, Silveira Netto, José Henrique Santa Ritta) e os mais jovens nascidos entre 1874 e 1879 (Romário Martins, Leite Júnior, Tiago Peixoto, Ismael Martins, Euclides Bandeira, José Gelbecke, Aristides França e Adolfo Werneck). Outra situação é a dos divulgadores de suas obras, considerados neossimbolistas como Tasso da Silveira e Andrade Muricy, nascidos na última década do século. [...] incluiremos nesse rol do grupo simbolista do Paraná duas outras personalidades, Leôncio Correia e Leocádio Cysneiros Correia. Funcionaram para o grupo de poetas como divulgadores de suas obras e como personagens que garantiram as condições materiais e políticas para que tal grupo adquirisse visibilidade e legitimidade local, uma vez que pertenciam às maiores fortunas locais e colocaram seus jornais e as revistas de que foram proprietários ou editores (em geral as simbolistas e as maçônicas), bem como a rede de relações e influências familiares a serviço do grupo simbolista. (Bega, 2013, p. 164-165).

Para Bega (2013), os poetas que vão dar as características do Simbolismo no Paraná e influenciar as gerações mais novas e articular o movimento literário são Emiliano Pernetta, Dario Vellozo e Silveira Netto. Ela acredita como sendo muito importante a curta passagem de João Itiberê da Cunha, nascido no Paraná, mas de vivência em terras belgas, no seu retorno ao local de origem, pois em seus dois anos

de permanência em Curitiba ele trará uma bagagem anticlerical, ocultista, teosófica e de leitura de expoentes da literatura internacional que influenciará muito as novas gerações, anticlericalismo esse que será visualizado bem fortemente nas produções de Júlio Pernetta e Euclides Bandeira e o ocultismo em Dario Vellozo. Ainda para a autora, isso não seria possível sem o auxílio e capital econômico e simbólico de figuras de poder, como Leôncio e Leocádio Correia. Na posição de crítica de sustentação, temos Santa Ritta e Nestor Victor, esse último levando nomes de simbolistas paranaenses para o cenário nacional, divulgando o cenário paranaense e essa produção local no Rio de Janeiro, para onde mudou-se e estabeleceu-se.

Este trabalho não tem como objetivo apresentar a trajetória individual de cada um desses sujeitos, mas sim, perceber as proximidades que levaram com que esses se afirmassem como grupo, assim como as redes de sociabilidade e espaços que compartilharam e as divergências quanto às preferências de tendências literárias.

A *Revista Azul*, criada em 1893, reuniu o início da produção e divulgação literária simbolista do Paraná, recebia intelectuais ligados ao *Grupo Cenáculo* e ao *Clube Curitibano* e é compreendida como a primeira organização literária de Curitiba, embora sua vida tenha sido curta, pois sua produção foi interrompida por conta dos acontecimentos da Revolução Federalista.

Para Bega (2013, p. 230) o ano de 1895 marca a inauguração da tendência simbolista no Paraná, quando a revista ligada ao Grupo Cenáculo, de mesmo nome, é lançada, trazendo nomes como Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Netto, como simbolistas, mas também trazia nomes que se identificavam como parnasianos, como no caso de Antonio Braga e Mariana Coelho. De acordo com Bega, a revista *O Cenáculo* é:

Conhecida e reconhecida como um dos principais veículos de difusão da estética simbolista em nível nacional, mais que o lócus de aglutinação dos simbolistas locais, representa o espaço de sociabilidade dos livres-pensadores. Apesar de nunca terem se livrado do rótulo pejorativo de nefelibatas (Bega, 2013, p. 231)

A revista, apesar de sua importância posterior, acaba tendo vida efêmera, por conta da mudança de cidade de alguns de seus editores, como Silveira Netto, que se muda para o Rio de Janeiro e Antonio Braga para São Paulo. Além de servir como veículo literário do simbolismo, a revista trazia fortes propagandas de um discurso anticlerical e positivista.



Para além das revistas e jornais paranaenses<sup>12</sup>, Duarte (2017) afirma que Mariana Coelho foi colaboradora também no jornal *O Corymbo*<sup>13</sup>, do Rio Grande do Sul, que é considerado um dos jornais mais importantes e talvez o que teve vida mais longa editado por mulher em nosso país<sup>14</sup>.

Uma das revistas que deu visibilidade não apenas para Mariana Coelho, mas também para outras mulheres, foi a revista *A Bomba*, como é possível perceber na edição 00016, de 1913, na qual figuram alguns nomes femininos:

No presente número d' *A Bomba* inicia a sua collaboração com o conto *O Leproso*, a talentosa senhorita Annita Philipowski, da geração novíssima de escriptoras paranaenses. À inteligente jovem patricia, abrimos de par em par as portas da nossa tenda, onde a acolhemos com carinho para formar ao lado das nossas festejadas collaboradoras Mariana Coelho, Myriam Cattapreta, Zaida Zardo, Aurea Pessoa e Annette Macedo, que têm dado a esta revista o fulgor dos seus talentos (*A Bomba*, Anno 1913, Ed. 00016).

Sobre as estratégias de inserção de Mariana Coelho no meio literário paranaense, bem como no campo intelectual feminista do período, Névio de Campos e Dyeinne Tomé analisam os prefácios de duas obras da referida escritora, em que esse elemento textual é pensado por eles como uma estratégia de reconhecimento da escritora Mariana Coelho e como modos de ela conseguir estabelecer laços com outros intelectuais locais. De acordo com esses pesquisadores, a adesão de Mariana Coelho aos espaços de sociabilidade da capital paranaense se deu a partir de diversas frentes, consubstanciadas nas heranças sociais (papel do seu tio) [acrescento aqui também o papel de seus irmãos] e heranças culturais (domínio da leitura e da escrita (Tomé; Campos, 2023, p.13). Além de que, segundo eles, essas heranças foram acrescidas, resultando em diferentes estratégias no decorrer de sua trajetória.

Tomé e Campos (2023) entendem o prefácio como um espaço privilegiado

---

<sup>12</sup> De acordo com Bueno (2010) Mariana Coelho colaborou com poesias, contos e crônicas também em: *O Cenáculo*, *Almanaque Paranaense*, *Almanaque do Paraná*, *A Penna*, *O Sapo*, *O Beijo*, *Breviário*, *Folha Rósea*, *Olho da Rua*, *Fanal*, *A Bomba*, *Comércio do Paraná*, *Senhorita*, *Prata da Casa* e *A Sempre-Viva*.

<sup>13</sup> Não foi possível encontrar nenhuma edição do jornal em formato digital. Sabe-se que há uma coleção do jornal *O Corymbo*, com 121 edições em formato impresso, na Biblioteca Rio-grandense.

<sup>14</sup> Esse jornal tinha como responsáveis as irmãs Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. “Apesar da longevidade, as principais propostas do jornal foram mantidas, como o empenho em divulgar a produção literária feminina e assuntos de interesse da mulher e publicar artigos variados, poemas, contos e romances em folhetim, visando oferecer uma boa leitura. Manteve também seções que divulgavam acontecimentos sociais, novos livros, obituários, nascimentos e casamentos. A ‘Coluna Maçônica’, presente durante vários anos, publicava artigos sobre a maçonaria, seus membros, as cerimônias promovidas por lojas maçônicas e textos defendendo a participação ativa da mulher” (Duarte, 2017, p. 278).

para exaltação de um autor e sua obra, servindo como forma de se dar reconhecimento a ambos perante os olhos dos leitores, tendo uma característica bastante performística. A escolha dos prefaciadores aponta essa característica, como, por exemplo, a escolha de Mariana Coelho pelos nomes de Dario Vellozo e Rocha Pombo, ambos nomes de grande destaque dentro do meio literário paranaense, sendo figuras de bastante reconhecimento, que poderiam passar a impressão de grande credibilidade sobre as suas obras e sobre a sua função enquanto escritora, sendo dessa forma reconhecida no mundo das letras, podendo ter suas redes de sociabilidade aumentadas.

O jornal *A República*, de 1895, fala sobre a participação de Mariana Coelho como oradora do *Grêmio das Violetas*, sendo-nos possível também ter uma ideia de quais são os espaços sociais pelos quais Mariana Coelho circulou, e seu papel dentro desses, as relações estabelecidas por ela, a possível condição social dela e de seus familiares. O Grêmio era uma associação feminina, criado em 1894, ligada ao Clube Curitibano, onde se organizavam reuniões festivas, apresentações musicais, desfiles, chás e eventos filantrópicos, sendo frequentado por mulheres da elite curitibana. Trindade (1996) diz:

Na primeira década do século, a palavra grêmio definia tão-somente uma entidade promotora de uma série de atividades de lazer descompromissado: bailes, festas carnavalescas, chás, saraus, serões de arte, ou simples sessões de dança, praticadas no círculo do high society curitibano. O próprio nome de batismo, por assim dizer, desse tipo de associação, evocando flores – Violetas, Glicínias, Camélias, Bouquet – sugere o caráter efêmero de suas intenções (Trindade, 1996, p. 255)

Assim como no mesmo ano o jornal *A República* apresenta “d. Mariana Coelho” como parte de seus colaboradores literários e artísticos, juntamente com: “Joaquim Sarmanho (Sylvio Lénan); Leôncio Correia; João Itiberê; Francisco Guimarães (Mario Jember); Ricardo Costa Junior; Martins Junior; Luiz Hellenio; Gabriel Pereira; D. Maricota Rhosas; D. Joaquina Ferreira; D. Candida Fortes; Jorge Pinheiro (Garance); Moreira Brasiliano (Sertanejo)<sup>15</sup>; Paulo de Assumpção; Miguel Alamo e outros distintos moços da nossa vida litterária” (Nascimento, 1895).

O *Clube Curitibano* foi um espaço bastante emblemático na época, tanto social quanto culturalmente e sua revista é considerada, de acordo com Bega (2013) como sendo um dos principais veículos culturais da elite local, veiculando artigos e

---

<sup>15</sup> As palavras entre parênteses se referem aos pseudônimos utilizados por esses literatos.

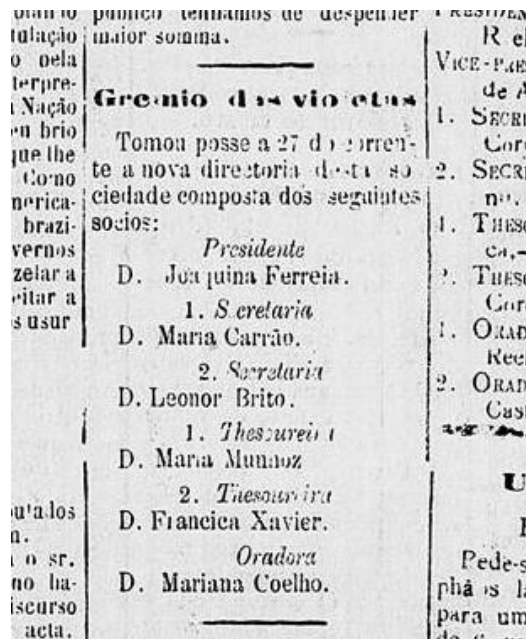
informações sobre “higienismo, civilização, dando conhecimento público aos escritos positivistas e filosóficos do século XIX. Ao lado das notas sociais, dos convites aos bailes e saraus<sup>16</sup>, reuniões abolicionistas e literárias” (Bega, 2013, p.98). Como Mariana Coelho frequentava o *Grêmio Violetas*, que era uma parte desse Clube, pode ter sido também através desse espaço de socialização que tenha conhecido alguns dos escritores expoentes do período, como Silveira Netto, Rocha Pombo, Dario Vellozo, Justiniano de Mello e Silva, que faziam parte do Clube. Até mesmo por que, como “dama da sociedade curitibana”, Mariana Coelho também oferecia eventos em sua residência, para fortalecer os vínculos com as suas amigas e relações interpessoais: “Ontem a sra. D. Marianna Coelho, distinta directora do conceituado Collegio Santos Dumont, offereceu em sua residência uma delicada serata, por motivo da passagem do seu aniversário natalício” (*Diario da Tarde*, Vida Social. 1913, p. 3).

Outro espaço cultural frequentado por ela e que demonstra como era sua inserção nesses meios é a participação dela no *Centro Miguel Bombarda*, juntamente com seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, que foi presidente desse centro durante a direção de 1913. A revista *A Bomba*, na edição 13 do ano de 1913, noticia sobre as comemorações desse Centro referente ao aniversário do estabelecimento do regime republicano em Portugal, evento para o qual Mariana Coelho levou um coral de suas alunas do Colégio Santos Dumont para se apresentar no local. Muitas dessas práticas sociais, dos clubes, centros culturais, dos encontros de saraus, serões, faziam parte da sociabilidade das elites, importados e influenciados pelos modelos aristocráticos franceses.

---

<sup>16</sup> “Exemplo típico do lazer doméstico nos séculos XIX e XX, o sarau constrói um clima que é ao mesmo tempo lúdico, estético e artístico; uma sessão vespertina ou noturna, em que se percorrem vários tipos de lazer. E assim como o baile, é muitas vezes, o complemento final de um concerto, recital ou reunião política, o sarau tem uma ambiência igualmente eclética. Nele faz-se um pouco de tudo: música, dança, teatro amador ou apresentações individuais. E, se em momentos mais solenes, o amadorismo cede lugar a músicos ou artistas profissionais, é usual que a dona da casa ou suas filhas entretenham os convidados com os seus dotes artísticos, mantendo o caráter restrito do sarau. Na diversidade dessas apresentações, a mulher curitibana encontra sua melhor garantia de espaço; realizadas no interior de sua casa, elas lhe possibilitam vir à cena, submissa, embora, às regras socialmente estabelecidas” (Trindade, 1996, p. 233).

Figura 9 – Notícia sobre o Grêmio das Violetas



Fonte: *Jornal A República*, Ano 1895, Edição 00301 (Hemeroteca Digital Brasileira).

Segundo Cleber Rudy (2020, p. 213), além do Centro Republicano Português Miguel Bombarda, havia também um periódico paranaense intitulado *Bombarda*, em uma referência e homenagem ao “médico, maçom e anticlerical português Miguel Bombarda, membro da Junta Liberal e autor da obra *A Ciência e o Jesuitismo* – que lhe rendeu notoriedade”, pois, conforme Rudy pontua, nessa obra Miguel Bombarda exigia a “deportação para uma ilha deserta, ou o internato em manicômios, de todos os jesuítas, que ele considerava uma raça degenerada” (Rudy, 2020, p. 213). Miguel Bombarda foi assassinado e se converteu em um símbolo republicano e anticlerical.

## CAPÍTULO 2 – UM PANORAMA DO MUNDO ARTÍSTICO E LETRADO PARANAENSE

*“Quem não aparece no jornal não aparecerá nem no livro, nem no palco, nem em parte alguma – morrerá. É uma ditadura”*

Sevcenko, 1983

*Impelida pelo veemente e justo desejo de provar a minha grande dedicação a este belo e hospitaleiro estado, resolvi dar a lume um livro em que salientasse o lisonjeiro e respectivo desenvolvimento da arte paranaense, e onde coligisse tudo que sobre a bela mentalidade de alguns de seus ilustres filhos tenho escrito.*

Coelho, M., 1908a

Partindo do pressuposto de que todo texto tem historicidade, buscaremos entender os traços de sociabilidade que ultrapassam os limites do papel, analisando dessa forma a obra *O Paraná Mental*, escrito por Mariana Coelho, em 1908. Através do livro e correlacionando com os escritos dos jornais do período, buscaremos entender o cenário no qual Mariana Coelho buscou inserir-se, quem eram os sujeitos pertencentes ao meio literário paranaense e as formas pelas quais Mariana Coelho estreitou laços com estes para conseguir visibilidade, as formas pelas quais ela atendeu aos interesses e buscou pertencimento em meio aos grupos intelectuais curitibanos.

Através dos estudos de Roger Chartier, entendemos que, para compreender as condições de produção e as formas de produção das obras escritas, devemos também levar em consideração não apenas o livro, o escrito, mas também todos os envolvidos nesse processo, como, por exemplo: os autores, editores, livreiros, impressores, críticos, leitores, espectadores. De acordo com Chartier (2003, p. 12), “todos tomam parte no processo de construção do sentido, entendido tanto numa perspectiva histórica quanto sociológica”. Percebemos que também as obras literárias influenciam grandemente o mundo social e são construídas através deste, além de que o discurso precisa de um “suporte”, que se dá nesse caso através da prática da escrita.

Considerando o mundo social, nesse caso, devemos compreender como se davam esses grupos intelectuais, quais eram as experiências e assuntos em comuns que os uniam. Um ponto de suma importância para entendermos essas redes são os espaços de socialização, levando-se em conta que, como naquele período o Paraná ainda possuía pequenos núcleos urbanos com extensos sertões, o que entendemos

como espaço de circulação de ideias é compreendido entre litoral (Antonina, Morretes, Paranaguá) e o primeiro planalto, nas proximidades de Curitiba e região, ou seja, uma pequena parcela entre todo o território paranaense.

Segundo Bega (2013), havia essa grande necessidade e busca de reafirmar a identidade literária nacional. A autora diz que as alianças eram estratégias para sobrevivência das “panelinhas”. De acordo com ela, somente dessa forma é possível entender desde os elogios mútuos que grassaram no interior “[...] até grandes disputas, permeadas pelas pequenas maldades, pelo veneno destilado contra inimigos e desafetos, que aparecem em meio aos comentários publicados em jornais e revistas” (Bega, 2013, p. 143).

Apesar de estar envolta do meio literário paranaense, não poucas vezes Mariana Coelho teve sua escrita questionada e desautorizada por não pertencer ao mesmo gênero dos demais escritores de renome. Um exemplo nítido disso é visto no artigo sobre o lançamento da obra *O Paraná Mental*, na *Revista Brazil Moderno*, do Rio de Janeiro, no qual falam que “convencido de que é pura lenda a inventada inferioridade intelectual da mulher, encaro a obra de D. Marianna Coelho como a obra de um escriptor”, dizendo ainda que “se a auctora tivesse usado de um pseudonymo masculino ninguém distinguiria na sua maneira nem no seu estylo outra característica feminina que não uma certa timidez em expender opiniões” (*Brazil Moderno*, ed. 0016, 1908).

O comentário feito na época demonstra a forma pela qual grande parte da sociedade enxergava a escrita feminina. Apesar de parecer que a estão elogiando por ser uma mulher escritora, e a surpresa perante sua excepcional intelectualidade, a comparam aos escritos masculinos, espantados com o lugar que Mariana Coelho estava tentando ocupar, haja visto que no espaço da escrita as mulheres não eram bem vindas e vistas. Comentários desse tipo parecem hesitar em aceitar os seus méritos, assim como parecem duvidar dos talentos femininos, comparando-os aos masculinos.

De acordo com Pierre Bourdieu (2014):

É, sem dúvida, no encontro com as “expectativas objetivas” que estão inscritas, sobretudo implicitamente, nas posições oferecidas às mulheres pela estrutura, ainda fortemente sexuada, da divisão de trabalho, que as disposições ditas “femininas”, inculcadas pela família e por toda a ordem social, podem se realizar, ou mesmo se expandir, e se ver, no mesmo ato, recompensadas, contribuindo assim para reforçar a dicotomia sexual fundamental, tanto nos cargos, que parecem exigir a submissão e a

necessidade de segurança quanto em seus ocupantes, identificados com posições nas quais encantados ou alienados, eles simultaneamente se encontram e se perdem. A lógica, essencialmente social, do que chamamos de “vocação”, tem por efeito produzir tais encontros harmoniosos entre as disposi es e as posi es, encontros que fazem com que as vítimas da domina o simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnega o (Bourdieu, 2014, p. 72-73).

Mariana Coelho estava em meio a um discurso dicot mico, pois enquanto alguns discursavam em defesa da emancipa o intelectual, política e social feminina, defendendo que mulheres deveriam ser instruídas, por um tom bastante progressista, de outro lado, alguns defendiam sua ignorância e dependência da tutela masculina, assim como defendiam teses de inferioridade biológica e física das mulheres, além de atribuírem   escrita feminina características simplistas, apresentado de forma depreciativa e sentimental, de menosprezo a textos de opinião, críticos, de cunho político e filosófico, pois havia uma ideia de que a literatura feminina deveria transmitir delicadeza e mansidão.

Duarte (2003), ao escrever sobre a forma como o público masculino respondia aos textos femininos na imprensa e no meio literário, diz que:

Apesar de a maioria dos críticos afirmar reconhecer nas mulheres capacidades intelectuais semelhantes aos seus pares, pode-se perceber entre eles uma certa relutância em admitir que determinado livro de uma poetisa tinha realmente um valor est tico, bem como a confusão em seus textos, entre a obra e a pessoa da escritora. A identifica o da obra   figura da autora e ao seu corpo   facilmente verificada na presença exagerada de adjetivos relacionados   gesta o e ao nascimento, ou no destaque de qualidades que seriam o apanágio das mulheres, numa perpetua o da velha oposi o entre valores masculinos e femininos. Assim, expressões como “poemas delicados”, “ligeiros”, “misteriosos” e “feminis” são frequentes, da mesma forma que “poema viril”, “forte” e “duro”, quando a inten o era aplaudir (Duarte, 2003, p. 244).

Os preconceitos da crítica ressoavam na maneira como esses homens das letras se referiam a esses textos de mulheres. Vemos bastante disso nos comentários que a obra *O Paraná Mental* recebeu. Num artigo de Dulcindo Lemos para o jornal *A Imprensa*, de 1909, entre os comentários que tece sobre o livro de Mariana Coelho, ele diz que “a inteligente senhora revela certas faculdades de observa o e de crítica, boas qualidades de estylo, como sejam a elegância, a correc o e a simplicidade, mas não deixa de ter uma certa simplicidade nos modos de ver e julgar”. Segundo ele, isso se deve ao fato de que “aliás,   tal factu explicável, attendendo-se ao fundo de

bondade de todo o caracter feminil, a predominância do coração sobre o cérebro, que faz da mulher um cute encantador e perfeito”. O crítico diz ainda que “o principal ingrediente dessas notinhas de crítica e do estylo em que são feitas é a delicadeza”. Lemos, 1909, p. 3). Para Bourdieu (2014), a dominação masculina constitui as mulheres como objetos simbólicos, que as coloca em permanente estado de insegurança e até mesmo de dependência simbólica ao olhar do outro, pois sua “feminilidade” está muito à prova das expectativas masculinas. Segundo ele, “delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (Bourdieu, 2014, p. 82).

Sobre o contexto dessa obra, a revista fala que foi feita por conta da Exposição comemorativa da abertura dos portos do Brasil ao comércio estrangeiro, a partir da qual apareceram diversos trabalhos de informações sobre os estados, sobre as paisagens brasileiras, os governadores, políticos, sobre Arte, mas também sobre os trabalhos intelectuais, artísticos e literários. A revista diz que “infelizmente esses trabalhos forma feitos à última hora e de afogadilho, como os pavilhões que se inauguraram quasi na época do fechamento da Exposição” (*Brazil Moderno*, ed. 0016, 1908). A própria autora fala sobre isso na introdução do livro, justificando as possíveis falhas e esquecimentos:

A precipitação com que este livro foi coordenado não me deu margem para desenvolver detida e devidamente, como tanto desejava, a apreciação, a que todos têm direito, do seu merecimento na literatura e nas artes. Oportunamente, porém, numa outra edição, farei as diligências possíveis por apresentar uma obra mais completa (Coelho, M., 2002a, p.23).

Rocha Pombo, responsável pelo proêmio, também levanta essa questão do pouco tempo de preparo da obra, dizendo que esse foi “preparado rapidamente e quasi sem plano” (Pombo, 1908, p. 13). Apesar da promessa de uma segunda edição mais bem elaborada e completa, essa nunca veio a ser feita. Segundo Woellner (2007), o livro *O Paraná Mental* foi o primeiro livro a elaborar uma reflexão sobre a literatura no Paraná, além de representar o primeiro trabalho de catalogação crítica feita por uma mulher.

De acordo com Sevcenko (1983), o trabalho dos intelectuais pode ser visto como uma “verdadeira missão”, que, nesse caso, seria o de apresentar a um público um Paraná desejado, através de um panorama da produção literária e artística. Nesse período, os Estados querem se inserir no quadro nacional, se apresentar como



desenvolvidos e modernos. A própria obra *O Paraná Mental* possui um discurso de caráter bastante ufanista, no qual Mariana Coelho (1908a, p. 31) argumenta que “sendo verdade indiscutível que o desenvolvimento crescente das belas artes marca o grau de progresso na civilização de um povo, este belo Paraná é já mais que suficientemente distinto para merecer uma carinhosa apreciação analítica dos povos mais adiantados”.

O seu discurso sobre o progresso do Estado parece bastante utópico, sendo mais o que eles almejavam ser e queriam parecer ser do que como era na realidade. Segundo DeNipoti (2004 p. 146), os intelectuais do período acreditavam que “o progresso técnico, acompanhado do progresso econômico, traria, finalmente o progresso social”. Sendo assim, esforçavam-se para transmitir uma ideia de nação civilizada e também incentivar o acesso ao progresso através da aquisição de conhecimentos civilizatórios pelo instrumento da leitura e da instrução. Percebe-se isso no dizer de Mariana Coelho:

O Paraná, um dos estados de mais grandioso futuro da próspera e jovem república brasileira, concorre à grande Exposição Nacional com a mais justificada altivez. Como se vê, todos os ramos da atividade humana aqui se desenvolvem dum modo animador: instrução, letras, artes e indústrias se acham, relativamente, num lisonjeiro grau de progresso, atendendo a que é um povo que conta apenas meio século de existência (Coelho, M., 1908a, p. 109).

O livro *O Paraná Mental* foi impresso pela tipografia da livraria Econômica, de Annibal Rocha e C, escrito para fazer parte da Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Berberi (1998, p. 40) diz que essa exposição tinha como intuito consagrar os novos ideais da indústria, do progresso e da riqueza. De acordo com ela, “esse evento vem na esteira das exposições universais que tiveram início no século XIX, e que se tornaram o evento-espço onde os avanços técnicos seriam apresentados ao público” (Berberi, 1998, p. 40). Segundo a pesquisadora, a primeira delas foi em Londres, inaugurada em 1º de maio de 1852, e causou grande impacto, solidificando as bases de um novo tipo de edificação que traduzia o ideal da moderna construção (Berberi, 1998, p. 41). O Paraná participou desses eventos em nível nacional e internacional, expondo principalmente a erva-mate, disseminando os seus produtos e buscando novos mercados. Segundo Ferreira (2011):

Capazes de dinamizar o processo de difusão da ciência moderna, os catálogos, as revistas, os livros, os opúsculos, os congressos, as máquinas,

os instrumentos científicos, os monumentos, os bens de consumo, as transações comerciais, todos esses artefatos foram decisivos para que assistíssemos a um movimento de novas delimitações institucionais e incursões culturais no terreno da economia, da política e da vida social que estava naquele momento se estruturando em torno de valores universais ou civilizacionais (Ferreira, 2011, p. 83-84).

De acordo com Zahidé Lupinacci Muzart (2003, p. 142), o livro *O Paraná Mental*, “que traz a história literária de seu estado de adoção, mereceu medalha de prata concedida pelo júri (masculino) do Distrito Federal (Rio de Janeiro) na Exposição Nacional realizada em 1908”. Sobre ele ter sido feito por encomenda do Governo do Estado, percebe-se que a organização de um livro com essa intencionalidade está imbuída de interesses específicos, não tão implícitos, mas que se assentam em um discurso autorizado pelo campo político. Apesar de trazer uma interpretação da própria autora sobre a situação do Paraná, tem uma motivação política de um seletivo grupo por trás que buscaria passar a ideia de um Paraná ideal e intelectual. Para Chartier (2003, p. 159), é “necessário, então, reconhecer uma tensão maior entre as intenções, explícitas ou implícitas, que fazem com que se proponha um texto a um maior número de leitores, e suas recepções, que se desdobram frequentemente em outros registros”.

Kátia da Costa Bezerra (2003), ao analisar o meio literário mineiro, percebe uma espécie de “coronelismo literário ou editorial”. Para a autora, há uma reserva dos espaços dedicados à publicação literária para a produção de certos escritores, em que se percebe a frequência de alguns nomes que aparecem nesses meios. No Paraná não é diferente, espaços como o da imprensa são reservados para uma produção masculina de homens que possuíam notoriedade, o meio literário e até mesmo os nomes que são influentes no cenário cultural e político, e é com esses que Mariana Coelho busca “aliar-se”.

A escrita, nesse caso, cumpre o papel estratégico de existir socialmente, “é ocupar uma posição determinada na estrutura social [...] pertencer a grupos e estar encerrado em relações que têm a objetividade, a opacidade e a permanência da coisa” (Bourdieu, 1996a, p.42-43).

## 2.1 A OBRA “O PARANÁ MENTAL”:

Mariana Coelho divide o livro *O Paraná Mental* (1908) em três partes, além da introdução, sendo a primeira parte destinada à descrição de nomes envolvidos na

literatura paranaense, fazendo uma apreciação artística, nomeando e descrevendo poetas, prosadores e jornalistas, divididos entre nomes da nova e velha geração. A segunda parte do livro trata sobre as figuras que se destacam no teatro, em que a autora lista nomes de comediógrafos e dramaturgos. Por último, apresenta os proeminentes das Belas Artes, destacando nomes de musicistas e pintores paranaenses. A nomeação e a classificação, segundo Bourdieu, representam e introduzem divisões claras e absolutas, que podem ser indiferentes às particularidades do momento e dos sujeitos classificados “nas turvas e fluídas realidades biológicas e sociais” (Bourdieu, 1986). Ela dedica seu livro à memória de seu pai, falecido antes mesmo dela se mudar para o Brasil, e aos literatos paranaenses, citando *Os Lusíadas*, de Camões “Cantando, espalharei por toda a parte, se a tanto me ajudar o engenho e arte”. Ao finalizar a introdução, novamente o cita:

Quisera, neste grande momento, que o meu livro pudesse rivalizar em méritos com o do meu imortal patrício ascendente – o príncipe dos poetas do seu tempo: Camões! – para, ao arriscar este passo temerário, levantar bem alto o meu livro de estreia, com o fim de salvá-lo.... do naufrágio da crítica severa e erudita (Coelho, M., 1908a, p. 24).

De acordo com Alonso (2000, p. 212) “com Camões, os contestadores recuperaram a herança cultural ibérica, a saga portuguesa de construção de uma civilização, e o vínculo cultural” com Portugal, que assim como Mariana Coelho, buscavam apresentar a “valorização do português castiço no lugar da nomenclatura tupi do indianismo”.

Partindo do princípio de que todo contexto forma paratexto, e de que para entendermos uma obra precisamos levar em consideração todos os aspectos que lhe dão forma, Gérard Genette (2009 p. 15) diz que o “estatuto” *pragmático* de um elemento de paratexto pode ser definido pelas características de sua instância ou situação de comunicação, sendo essas à “natureza do destinador e do destinatário”, o “grau de autoridade e de responsabilidade do destinador (escritor)” e a “força ilocutória de sua mensagem, entre outros”. Utilizando do que esse autor entende como elementos de paratexto, por meio do qual um texto se torna livro, há alguns elementos que precisam ser colocados em destaque quando analisamos a obra *O Paraná Mental*.

Uma das primeiras coisas que precisamos destacar é sobre a importância de Mariana Coelho ao se identificar enquanto autora. De acordo com Genette (2009, p.

39) a inscrição, do nome autêntico ou fictício do(a) autor(a), que nos parece hoje tão necessário e tão “natural”, não foi sempre assim. Como dito por ele, antes havia muito a prática do anonimato e de pseudônimos. Segundo Genette, a intenção do(a) autor(a) em identificar-se com seu próprio nome é bastante significativo, pois o nome do autor cumpre uma função contratual, e varia muito conforme os gêneros. Para ele, o nome do autor é fraco ou nulo na ficção, porém, muito mais forte em todas as espécies de escritos referenciais, nas quais “a credibilidade do testemunho, ou de sua transmissão, se apoia amplamente na identidade da testemunha ou do relator (p. 42)”. Para Genette (2009, p. 42), é por isso que se veem pouquíssimos pseudônimos ou anônimos em obras de tipo histórico ou documental.

Sobre o uso de pseudônimo ou do anonimato na escrita, percebemos que Mariana Coelho em toda a sua trajetória no mundo das letras sempre assinou seus escritos. Desde os seus artigos para a imprensa, durante essa pesquisa, até agora não foi identificado o uso de nome fictício ou pseudônimo por ela, todos os artigos identificados como sendo dela, aparecem com seu nome (Marianna Coelho e posteriormente Mariana Coelho, quando essa passa a se utilizar da grafia simplificada, a qual era defensora). Percebemos que Mariana Coelho queria ser identificada.

Outro item importante de ser analisado é a escolha do título definitivo da obra. Em meio aos tantos esboços, rascunhos e notas feitas pelos escritores durante a criação da obra, o título da versão final é bastante representativo. De acordo com Genette (2009, p. 72-73) “se o destinatário do texto é realmente o leitor, o destinatário do título é o público [...]. O título é dirigido para muito mais gente que, por um meio ou por outro, o recebe e transmite e, desse modo, participa de sua circulação.” Para ele ainda, é porque, “se o texto é um objeto de leitura, o título, como aliás o nome do autor, é um objeto de circulação – ou, se preferir, um tema de conversação” (Genette, 2009).

Sabe-se que uma das funções do título é identificar a obra e seu conteúdo, pois serve como ferramenta que possibilita atrair um determinado público, é o “nome” do livro. O livro *O Paraná Mental* foi reeditado pela Imprensa Oficial do Estado, em janeiro de 2002, e nessa edição temos a apresentação da obra, feita na orelha do livro, por Wilson Hideki Sagae, e essa reedição nos possibilita ter uma ideia do motivo da escolha do título *O Paraná Mental*.

Sagae afirma que a obra *O Brasil Mental* (1898), de Sampaio Bruno (pseudônimo do português José Pereira Sampaio), foi pensada “com fins a provar que

a antiga colônia não tinha sinais de vida intelectual apreciável”, o que causou certo alvoroço nos meios intelectuais em terras brasileiras. Segundo Sagae, nessa apresentação de 2002, da obra *O Paraná Mental*, por conta da obra de Sampaio Bruno, “tal mostra de animosidade teve repercussão também no Paraná, onde intelectuais trataram de aprumar suas penas em nome da pujança de nossas letras e artes”. Cita que várias personalidades, como Romário Martins, Rocha Pombo, Nestor Victor, assim como os simbolistas da revista *O Cenáculo*, não deixaram de se manifestar, mas, de acordo com ele, foi a uma portuguesa (Mariana Coelho) que coube a tarefa de produzir a melhor obra do gênero, ou seja, uma resposta às críticas de Sampaio Bruno sobre a produção intelectual do Brasil, tratando-se, nessa obra em específico, do Paraná. Sobre isso, Sagae (2002, Orelha do Livro) diz:

Neste caso, ao invés de uma depreciação da inteligência brasileira, trata-se de um trabalho de catalogação crítica do que foi e estava sendo feito em matéria de literatura, teatro e artes plásticas no Paraná. Pelas condições em que foi escrito, quando envolviam-se em debates brasileiros e portugueses quanto ao valor e capacidade de cada cultura, Mariana Coelho bem poderia ter escrito páginas de puro lastro, em que trataria condescendentemente os trabalhos por aqui realizados a fim de abrandar as relações entre seus patrícios e aqueles moradores de sua nova pátria, porém, diferente do esperado, realizou uma verdadeira obra crítica, segundo o intelectual Wilson Martins, a primeira com verdadeiro valor.

Mariana Coelho (1908a, p. 23) se justifica dizendo que foi “impelida pelo veemente e justo desejo de provar a minha grande dedicação a este belo e hospitaleiro estado” e que por isso resolveu “dar a lume um livro em que se salientasse o lisonjeiro e respectivo desenvolvimento da arte paranaense, e onde coligisse tudo que sobre a bela mentalidade de alguns de seus ilustres filhos tenho escrito”. Segundo Miceli (2001), as fontes são produto de uma atividade simbólica, na qual os grupos manifestam sua existência material, política e intelectual. Nesse caso, esse livro de Mariana Coelho pode ser entendido como “parte do repertório de imagens com que o grupo veicula e gere sua identidade” (Miceli, 2001, p. 349), podendo nos mostrar as perspectivas desses intelectuais, suas alianças, seus interesses individuais e também os interesses do grupo maior, do qual faz parte, seja as instituições a que pertença, ou até mesmo as classes dirigentes do estado em que vive, como o Paraná.

Ao fazer a sua dedicatória destinada à memória de seu pai e aos literatos paranaenses, Mariana Coelho entende a função social da epístola elogiosa, principalmente a esse último grupo. Sobre a quem se dedica, Genette (2009 p. 121) aponta como sendo dois tipos distintos de dedicatória, as privadas e as públicas,

entendendo a dedicatória privada quando esta é feita para uma pessoa conhecida, de relação pessoal, como no caso de Mariana Coelho, ao seu falecido pai, enquanto a dedicatória pública, de uma relação de ordem pública, intelectual, política etc., como nesse caso, ao grupo de literatos paranaenses.

Percebemos que a dedicatória pode ser bastante performativa, como forma de chamar a atenção do público leitor e mostrar determinado capital social do escritor. Para Genette (2009, p. 124), a “dedicatória de obra vincula-se sempre à demonstração, à ostentação, à exibição: mostra uma relação intelectual ou privada, real ou simbólica, e essa mostra está sempre a serviço da obra, como argumento de valorização ou tema de comentário.

Além da dedicatória de obra, temos também a dedicatória de exemplar, quando o escritor, por exemplo, presenteia figuras ilustres da sociedade, com exemplares de sua obra escrita. Mariana Coelho fez uso dessa tática, pois se encontram, na Biblioteca Pública do Paraná, alguns exemplares da primeira edição do livro *O Paraná Mental*, alguns deles com dedicatórias da autora para alguns sujeitos de renome na cidade naquele período. Encontramos livros com dedicatórias para Ermelino de Leão, Faria Bittencourt e Sebastião Paraná, todos acompanhados de grandes elogios de gratidão e respeito da autora para com eles. Apesar da aparente modéstia, apresentada na escrita e na atitude, o escritor sempre espera algo em troca com esse tipo de feitio. Diz-nos Genette que “a modéstia é certamente, uma das atitudes requeridas e, por consequência, a desculpa é um dos topóis constantes da dedicatória de exemplar” (Genette, 2009, p. 129), além de que, para esse autor, a dedicatória de exemplar é sempre para um leitor potencial, na qual “seria aliás, inconveniente, mesmo por modéstia, dar a entender em uma dedicatória que nada se espera dele: seria tratá-lo como um beócio, ou como um vulgar caçador de autógrafos”.

Percebe-se que Mariana Coelho, então, busca ser lida por aqueles por qual ela escreve e dedica seus exemplares, ser comentada e prestigiada por essa intelectualidade, com o intuito também de receber críticas e “inspirar” resenhas nos jornais, de escritores já consagrados, assim como proteção em sua própria defesa do julgamento do público. Para Bourdieu (2022), escritores, gramáticos, pedagogos etc., possuem um importante poder simbólico, utilizando-se da escrita para exercer esse poder sobre a cultura, embora o peso desses agentes dependa de seu capital simbólico, ou seja, do seu reconhecimento por grupos ou instituições.

Percebe-se, sob o pretexto da escrita com tom de modéstia, Mariana Coelho, queixando-se por vezes de sua suposta incapacidade para tratar do assunto, apresentando um autocrítica preventiva, usa, nas dedicatórias, expressões como “humilde pena”, “minha acanhada compreensão”, “meu limitado alcance intelectual”, “apesar da minha incapacidade de analista em assuntos tão delicados”, “não disponho de suficiente cópia de conhecimentos para sustentar discussões substanciais”, “pela incompetência da minha pena”, “[...] é este o elogio mais convicto que a minha trêmula e humilde pena pode traçar-lhe”, conseqüentemente, protegendo-se das respostas que sua obra poderia ter após sua recepção e julgamentos feitos pelo público leitor.

Mariana Coelho (1908a, p. 32) diz que “parecerei, por consequência, a uns, por demais prolixa; a outros, por demais concisa, e a outros até, benevolente”. Para Bourdieu (2014), as vítimas da dominação simbólica levam o ponto de vista dos dominantes sobre os dominados, de forma consciente e inconsciente, como modelos a serem seguidos pela estrutura de dominação, no qual “uma relação de dominação que só funciona por meio dessa cumplicidade de tendências depende, profundamente, para a sua perpetuação ou para a sua transformação” (Bourdieu, 2014, p. 54-55).

Apresentando, segundo ela, os artistas do Paraná, e enumerando as suas obras, ela diz:

O exprimir-me sobre alguns literatos com mais prolixidade que sobre outros não significa a mínima inferioridade artística nestes, nem falta de vontade de minha parte: tanto neste como em outros assuntos, intercalei neste livro referências que, respectivamente, a oportunidade me havia impellido a fazer. (Coelho, M., 1908a, p, 32).

Mariana Coelho inicia a introdução do livro lembrando de suas recordações e impressões da sua chegada ao Rio de Janeiro há quinze anos. Falando sobre seu passeio ao Corcovado, o panorama do caminho de ferro e a baía de Guanabara, fala que “em presença de uma natureza tão pródiga em riqueza de vegetalidade, sente-se a alma extasiada e arrebatada ao país dos sonhos” (Coelho, M., 1908a, p. 19).

A autora se diz espantada com a quantidade de luzes na cidade à noite, “e à semelhança de uma cintilante chuva de estrelas cadentes, cruzavam-se no ar, na densa escuridão da noite, miríades de pirilampos brilhantes de fosforescência na sua aérea iluminação” (Coelho, M., 1908a, p. 20), apresentando a capital do Brasil como lugar de aparente “progresso”.

Telles (2018) fala que as modificações da cidade do Rio de Janeiro, a partir

de 1880, e mais tarde em São Paulo e em outras capitais, como Curitiba, têm características muito específicas. Ao mesmo tempo em que se pregavam valores burgueses, de progresso e modernidade, eram reforçados através de higienistas, positivistas e correntes ilustradas discursos de preconceitos de classe e gênero das reformas sanitárias (Telles, 2018, p. 429), os quais expulsavam dos centros urbanos as classes populares e pobres, dando espaço para um aburguesamento racista.

Em seguida, Mariana Coelho relata suas impressões ao chegar em terras paranaenses, sobre a estrada de ferro, “parece incrível que o homem levasse à conclusão uma estrada cercada de tantos e tão medonhos precipícios” (Coelho, M., 1908a, p. 20), falando sobre o desempenho da locomotiva, por entre túneis que cortam os morros e rochedos do litoral. Nesse período, era muito comum essa idealização de um projeto civilizador almejado pelas elites dominantes, que ditava não apenas mudanças estruturais dos espaços, como também mudanças de comportamento, tendo esse tipo de discurso também o intuito de chamar a atenção de imigrantes para essas terras.

Diz Pedro (2018) que esses grupos de intelectuais da elite iriam promover os jornais responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres. Os jornais (e livros do período) pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos, através de normas de conduta sobre o que se considerava “civilizado” (Pedro, 2018, p. 281).

Como a obra precisa ser entendida a partir do contexto pelo qual foi escrita, e sabendo que ela foi escrita para figurar na Exposição Nacional do Rio de Janeiro<sup>17</sup>, é oportuno que entendamos o objetivo de tais exposições. De acordo com Santos (2013, p. 3), as feiras e exposições de comércio já eram praticadas desde o século XVII, na França e, posteriormente, também na Inglaterra. Porém, eram eventos locais, de visitas e trocas regionais. A partir do século XIX, com influência da Inglaterra, passaram a ter caráter universal, em que se reuniam para mostrar os progressos de

---

<sup>17</sup> “A Exposição Nacional Comemorativa da Abertura dos Portos foi inaugurada em 11 de agosto e esteve aberta ao público até 15 de novembro de 1908, aniversário da república, recebendo um público superior a um milhão de pagantes. Reuniu 11.286 expositores brasileiros, organizados nas quatro seções que correspondiam aos grandes ramos da atividade produtiva – agricultura, indústria pastoril, várias indústrias e artes liberais -, e 671 portugueses. Enfileiravam-se, nos numerosos estandes e nas vitrines envidraçadas, artigos agrícolas e também produtos como doces, bebidas, artesanatos indígenas, roupas, joias e artigos farmacêuticos, ervas e plantas amazônicas, peles e penas de aves, livros didáticos e instrumentos musicais, entre muitos outros” (Corrêa; Martins, 2020, p. 340).



seus devidos países. Para Pesavento (1997):

Como missão manifesta, elas objetivavam informatizar, explicar, inventariar e sintetizar. Partilhando da preocupação enciclopédica vinda do século das luzes, de tudo catalogar, classificando segundo critérios científicos, as exposições receberiam ainda os influxos de uma proposta comtiana, nascida no século XIX e que identificava a difusão dos saberes, como um dever positivista. Catálogo do conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas, as exposições funcionavam para seus visitantes como uma “janela para o mundo”. Ela exibia o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico, o longínquo. Nelas se exibiam as mais complexas máquinas, os mais recentes inventos, classificados cuidadosamente e organizados segundo preocupação didática e enciclopédica (Pesavento, 1997, p. 45)

As exposições nacionais tinham o mesmo intuito das universais, ou seja, apresentar e divulgar as potencialidades, agora não dos países, mas sim das regiões, nesse caso, das províncias do Brasil. Buscavam mostrar os progressos industriais e intelectuais, assim como incentivar e promover avanços tecnológicos. Segundo Pesavento (1997, p. 105), as exposições nacionais apresentavam um intenso inventário das riquezas do Brasil, com artigos variados, desde artigos industriais, máquinas, sementes, até couros, peles e produtos considerados exóticos, como objetos feitos com cabelo e penas. Mariana Coelho, ao citar a complexidade da construção da Estrada de Ferro da Serra do Mar, quer apresentar como a o Paraná, através de suas ferrovias, já possui acesso a essas novas tecnologias que simbolizam o progresso, o trem, bem como o controle do homem sobre a natureza. Buscava-se, perante os outros, criar-se uma memória social do lugar, querendo apresentá-lo como adiantado, pois muito do que era exposto era resultado de um projeto ideológico da elite local.

Ou seja, o que eles apresentariam na exposição representaria o discurso da situação na qual o Paraná se encontrava, as condições sociais e o discurso que eles privilegiavam era o de parecerem modernos. O livro *O Paraná Mental* deveria, então, apresentar o engajamento dos intelectuais, ao menos uma “construção simbólica” de uma província que possuía um cenário literário crescente. Pretendia-se criar um campo de visibilidade para o Paraná. Santos (2016 p. 145) diz que, “tanto a Exposição de 1908 como a de 1922 ressaltavam sua origem portuguesa do Brasil, não rompiam com o passado, e sim redimensionavam a trajetória da história nacional a partir de sua matriz europeia”. O que talvez explicaria a escolha de uma portuguesa, que imigrou para o Brasil, para escrever sobre o Paraná. Pois, para a intelectualidade do período, esse fato talvez tivesse peso maior perante os demais, que buscavam reconhecimento

público. Alguns intelectuais buscavam formas que “fortalecesse os vínculos históricos entre esses dois países [Brasil e Portugal] considerados ‘irmãos’ (Gomes, 2016, p. 101)

É possível notar que buscam apresentar uma visão otimista sobre o Paraná. As exposições tinham como intuito, além de apresentar produtos, também difundir crenças, valores e comportamentos, principalmente articulados ao mundo da política, das elites dominantes, das instituições, das academias, associações, da imprensa etc., apresentando interesses específicos (Ferreira, 2011, p. 236). O próprio Rocha Pombo, no prólogo do livro, diz:

[...] Mas assim mesmo como está, preparado rapidamente e quase sem plano, é uma lição que nos deixa, pelo menos, inteirados da tendência notável daquele povo para as coisas do espírito; é uma cópia exata da abundância e espontaneidade com que temos por ali a nossa visão dirigida para um vasto horizonte de larga vida moderna; e com segurança pode julgar-se, pelo que nos dá a autora, da originalidade, do que tem de incisivo, no seu modo de ser, na sua natureza moral, na sua índole e na sua capacidade de cultura, o povo paranaense (Pombo, 1908, p. 13).

Rocha Pombo apresenta uma visão do “povo paranaense” como sendo de um “democratismo cativante”, com um discurso que busca colocar o Paraná no rol das sociedades civilizadas. Para Mariana Coelho, os ensinamentos democráticos são os responsáveis pela mudança social, pelo progresso, em que a razão e a verdade proporcionaram liberdade e igualdade. Sabe-se que essa ampliação cultural e utópica de progresso, das inovações tecnológicas que os intelectuais almejavam apresentar, tinha um público bastante restrito, pois deixava grande parte da população de fora. Para ela, um “dos fenômenos, porém, mais dignos de se frisar neste simpático assunto, que é a nota democrática por excelência e a que, portanto, deve ser permitida a assimilação, um tanto graciosa, é aquele que um amor espontâneo produz” (Coelho, M., 1908a, p. 22).

Segundo Santos (2016), em nível nacional tinha-se muita dificuldade de se quantificar o social e a produção intelectual do Brasil. Por conta disso, para divulgação nas exposições nacionais era comum a elaboração de catálogos sobre as províncias. O que Santos (2016) diz sobre os catálogos em nível nacional serve também para entendermos o intuito desses em nível provincial:

Os dados coletados para as Exposições e sistematizados, do qual os catálogos são a expressão material, constituem um roteiro de leitura que portam concepções de história e elaboram políticas de memórias ao orientarem as formas de ler e entender o Brasil [e as províncias em

específico- grifo nosso] dando uma coerência visual ao todo e as partes. Podemos entender que tanto as exposições, quanto os catálogos, constituem o que chamaríamos de dispositivos: qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas e opiniões (Santos, 2016, p. 169-170)

O livro *O Paraná Mental* foi concretizado com esse objetivo, pretendendo servir como dispositivo, sendo entendido como um catálogo que buscava mapear e difundir a produção intelectual do Paraná para reconhecimento público ao restante do Brasil na Exposição Nacional do Rio de Janeiro. No entanto, a organização, tanto das exposições, quanto dos catálogos, buscava difundir valores, crenças e comportamentos articulados ao mundo da política, de instituições, associações, da imprensa, de pessoas e de seletos grupos instituídos em torno de interesses bastante específicos e com objetivos definidos (Ferreira, 2011, p. 236), que, como visto, apresentava um discurso um tanto quanto otimista sobre a visão de como o Paraná se encontrava em fins do século XIX.

A autora faz um longo discurso discorrendo sobre o amor, em que “esse fenômeno é, foi e será sempre a última palavra sobre o democratismo, como a transmissão do pensamento o é sobre eletricidade...” (Coelho, 1908a, p. 22). Segundo ela, o amor impulsiona a liberdade e igualdade e pode ser revolucionário, dando, sobre isso, o exemplo da princesa espanhola Elvira de Bourbon:

Impelida pela magnética mola do amor, ela não trepidou em colocar o povo e a arte acima da realeza, calcando todos os preconceitos e descendo todos os degraus da sua elevada hierarquia até se igualar a um pintor! Mas não é este ainda o principal atrativo democrático na história do seu amor. Pondo de parte a séria análise devida da gravidade e responsabilidade do passo a que se aventurou, o que é simplesmente admirável é vê-la, com a mais inimitável resignação, depois de roubada a sua fortuna, confeccionar chapéus para auxiliar o seu eleito na árdua luta pela vida; é, em suam, senti-la feliz ao lançar mão daquele gênero de trabalho, quando afirma sorridente que sempre para ele teve vocação! Pois um tipo de mulher assim não vale uma estátua sorrindo ao Socialismo? (Coelho, M., 1908a, p. 23).

Mariana Coelho se posiciona, diz que “apesar de ter provado suficientemente que sou democrata, seja-me permitido, entretanto, confessar que penso dever sê-lo somente em teoria”, pois, para ela, “quando a experiência me leva à conclusão amarga de que me é raro dar um passo no amplo caminho do democratismo, que não tenha de regressar acompanhada do arrependimento” (Coelho, M., 1908a, p. 23). Ela, como muitos intelectuais do período, adotava as ideias europeias liberais, influenciada por escritores como Victor Hugo, que acreditava nas ideias democráticas e progressistas

como maneira de modernizar as estruturas da sociedade, em busca de elevação cultural e material. Segundo Alonso (2000, p. 124), “a referência a autores estrangeiros pode ser vista como busca de legitimação para posições políticas, antes que teóricas”, apontando posicionamentos políticos e ideológicos com os quais esses intelectuais simpatizavam e viam como ideais.

Mariana Coelho divide seu livro em quatro partes, a primeira parte sendo dedicada à Literatura, a segunda parte ao Teatro, a terceira parte à Belas Artes, e por último traz uma breve descrição da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Por conta desse mapeamento da autora, separamos os nomes mencionados por Mariana Coelho em cada uma das partes do livro, acompanhados por breves descrições e da função apontada por ela para os nomes escolhidos para compor o livro.<sup>18</sup> A autora divide os nomes dos personagens que acredita fazerem parte da intelectualidade paranaense em primeira e segunda geração, ou velha e moderna geração.

Para Souza (2016), na apresentação de autores e obras, Mariana Coelho divide-os em dois “blocos”, os da “primeira ou velha geração”, e os da “segunda ou moderna geração”, não apresentando, para o autor, marcos temporais relacionados às biografias dos autores, o que “nos faz beirar a mera especulação quanto ao que define, para Mariana Coelho, as duas gerações diversas apresentadas pelo seu texto”, ficando em aberto a informação sobre os critérios dessa divisão. Souza questiona “se a velha geração nasceu, escreveu ou publicou antes da nova geração, e mais importante, quando a velha geração acaba ou dá lugar a nova geração”, assim como os motivos dessa mudança que caracterizam tais grupos geracionais (Souza, 2016, p. 330), bem como se o conceito de geração pode ser baseado no tempo cronológico vivenciado pelos grupos, no período de nascimento ou nas vivências e experiências em comum. Para Xavier (2016, p. 524), o

conceito de geração e a classificação de indivíduos e grupos em uma unidade geracional, resulta, muitas vezes, do engajamento intelectual e político nas questões candentes de seu tempo, levando à autoconstrução de representações sobre si e sobre suas redes de sociabilidade.

Nos Quadro 1 e 2 abaixo estão os autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho na parte referente à Literatura, primeira e segunda gerações.

---

<sup>18</sup> A descrição nos quadros é feita resumidamente com base no livro *O Paraná Mental*, porém não segue a descrição completa que a autora utiliza originalmente no livro. Utilizei as palavras “sem descrição” para aqueles nomes em que Mariana Coelho não coloca definição ou adjetivos.

Quadro 1 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Literatura – 1ª Geração

(Continua)

Literatura	
1ª Geração	
Nome	Função que exerce segundo a autora
Fernando Amaro	Poeta
Rocha Pombo	Historiador, jornalista e romancista
Nestor Victor	Crítico, romancista e poeta
Leôncio Corrêa	Poeta, jornalista e diretor da Instrução Pública do Rio;
Dr. Emiliano Pernetta	Conferencista e poeta
Silveira Netto	Conferencista, poeta, prosador e pintor
Emilio de Menezes	Poeta
Dario Vellozo	Conferencista, poeta e prosador
Domingos Nascimento	Poeta, jornalista, prosador e oficial do Exército
Julia da Costa	Literata, poetisa e prosadora
Julio Pernetta	Poeta e prosador
Antonio Braga	Poeta
Alfredo Coelho	Poeta
Dr. Dias da Rocha Filho	Poeta
Ricardo de Lemos	Poeta
Antonio Camargo	Poeta e prosador
José Moraes	Poeta
Gabriel Pereira	Poeta
Dr. Claudino dos Santos	Poeta, comediógrafo e jornalista
Dr. Bastos Junior	Ex-presidente do Supremo Tribunal, poeta e romancista
Paulo Assumpção	Prosador e crítico teatral
Gastão Busquet	Contista
Nestor de Castro	Jornalista e contista
Jayme Ballão	Poeta e prosador
Lúcio Pereira	Contista
Romário Martins	Contista, jornalista e historiador, foi também Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;
Dr. Sebastião Paraná	Prosador e geógrafo
Dr. João Evangelista Espindola	Médico, prosador cientista
Dr. João David Pernetta	Jornalista e prosador
Dr. João Itiberê	Poeta e jornalista
Dr. Saldanha Sobrinho	Médico e prosador
Chichorro Junior	Escritor e jornalista
Machado Lima	Poeta e jornalista político
Monsenhor Alberto Gonçalves	Orador e polemista
Monsenhor Manoel Vicente da Silva	Sem descrição
Cônego João Evangelista Braga	Orador e filólogo
Padre Antônio Joaquim Ribeiro	Orador
Padre Julio Ribeiro de Campos	Sem descrição
Theophilo Soares Gomes	Autor de dramas e comédias
Bento Cego	Poeta popular
Dr. Moyses Marcondes	Poeta
Clarimundo Rocha	Sem descrição
Therezio Porto	Sem descrição

Quadro 1 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Literatura – 1ª Geração

(conclusão)

Literatura	
1ª Geração	
Nome	Função que exerce segundo a autora
M. da Cunha Sobrinho	Sem descrição
Albino Silva	Jornalista
Alfredo Munhoz	Jornalista
Conselheiro Manoel Francisco Corrêa	Jornalista
Celestino Junior	Proprietário e diretor do popular Diário da Tarde
Dr. Ermelino de Leão	Jornalista e Historiador
Dr. Azevedo Macedo	Advogado, prosador e jornalista
Urbano Carrão	Jornalista
Dr. Leocádio Corrêa	Jornalista
Dr. Nilo Cairo	Médico homeopata, jornalista e cientista
Dr. Emilio Westphalen	Conferencista
Dr. Reinaldo Machado	Jornalista e médico
Dr. Manoel Francisco Corrêa	Sem descrição
Dr. José Henrique de Santa Ritta	Sem descrição
Domingos Duarte Velloso	Jornalista e tradutor
Teixeira Coelho	Crítico, jornalista e poeta

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Quadro 2 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Literatura – 2ª Geração

(Continua)

Literatura	
2ª Geração	
Nome	Função que exerce segundo a autora
Euclides Bandeira	Jornalista e poeta
Leite Junior	Poeta
Helvídio Silva	Poeta
Rodrigo Junior	Contista e poeta
Seraphim França	Romancista e poeta
Ildefonso Serro Azul	Contista e poeta
José Celbcke	Poeta
Alcidez Munhoz	Romancista e poeta
Adolpho Munhoz	Poeta
Generoso Borges	Poeta, prosador e jornalista
Ismael Martins	Poeta, prosador e jornalista
Aluizio França	Poeta
Hypólito Pereira	Poeta
Thiago Peixoto	Poeta
Cícero França	Poeta
Santa Rita Junior	Jornalista e prosador
Thales Saldanha	Crítico, prosador e caricaturista
Isidoro Costa Pinto	Jornalista e orador
Leocádio Corrêa	Prosador e proprietário d'O Sapo, revista literária e humorística

Quadro 2 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – 2ª Geração

(Conclusão)

Literatura	
2ª Geração	
Nome	Função que exerce segundo a autora
Alcibiades Plaisant	Historiador
C. Teixeira de Freitas	Poeta
Antonio de Paula	Poeta
Raul Gelbck	Poeta
Aguilar de Moraes	Poeta
Gilberto Beltrão	Poeta
Heitor Valente	Poeta
Romeu Balster	Poeta
Julio Cezar Hauer	Poeta
Arthur Gaissler	Poeta
Didio Augusto	Poeta
Aldo Silva	Jornalista, diretor e proprietário da revista O Olho da Rua
Zeno Silva	Jornalista e prosador
Florido Cordeiro	Proprietário do jornal A Notícia
Didio Costa	Jornalista
Miranda Rosa Junior	Jornalista
Roberto Faria	Jornalista
Augusto Rocha	Sem descrição
Raul Gomes	Sem descrição
Ricardo Costa Junior	Sem descrição
Alberico Figueira	Sem descrição
Antonio Gomes	Sem descrição
Daniel Cleve	Sem descrição
Telêmaco Borba	Sem descrição

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Percebe-se que dos 102 nomes citados por Mariana Coelho, 101 são masculinos e apenas uma mulher é citada, a poeta Julia da Costa<sup>19</sup>, a única a ser colocada no rol dos nomes da literatura paranaense, mostrando como as mulheres estavam à margem da produção intelectual, ou que Mariana Coelho, dessa maneira reproduzia uma ordem já estabelecida. Acreditava-se que

O “sexo gentil”, dotado de natural despotismo, não era talhado para embates

<sup>19</sup> “Julia Maria da Costa nasceu em Paranaguá, Paraná, a 1º de julho de 1844, filha de Alexandre José da Costa e Maria Machado da Costa. Em virtude da morte de seu pai, ainda jovem mudou-se com a mãe para São Francisco do Sul, em Santa Catarina, local onde se firmou enquanto escritora e ali faleceu a 2 de julho de 1911. Destacava-se entre as mulheres de seu tempo pela intelectualidade, pertenceu a uma família que lhe ofereceu condições de cultivar o espírito. Colaborou com periódicos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul [...] Além da poesia dedicou-se também à prosa, com a publicação de folhetins [...]. Cronologicamente é considerada a primeira poetisa paranaense e a par desse pioneirismo, destaca-se o valor de sua obra, com acentos melancólicos e versos bem moldados” (Kamita, 2005, p. 127-128).

da política ou das letras. Podia-se, magnanimamente, incrementar um pouco da sua educação para se tornar mais atraente na sociedade, mas isso bastava, de resto seria melhor ficar com o bastidor (Telles, 2018, p. 434).

Para Tomé (2020), a escrita feminina, além de estar envolta por tabus, assim como a leitura, era restritiva às mulheres. Foi com muita dificuldade que elas conseguiram romper as barreiras do universo da escrita que, durante muito tempo, se configurou como uma esfera predominantemente masculina. Ainda de acordo com a pesquisadora, apesar das mulheres conseguirem adentrar nesse campo, em princípio, o modo aceito como escrita tipicamente feminina era aquela que retratasse sentimentos ou emoções, como a poesia (Tomé, 2020, p. 15).

As dificuldades das mulheres nesse meio se davam também por conta da sua restrição do acesso à educação, pois, como afirma Telles (2018), a situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que esta encontra na vida, e cria um círculo vicioso: como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela (Telles, 2018, p. 406). Percebemos como a conquista do espaço da escrita e da carreira no mundo letrado foi muito difícil para as mulheres.

Outra questão que surge é sobre quem são esses intelectuais, esses sujeitos merecedores de apreciação artística que fazem parte do panorama literário do Paraná. De acordo com Mônia Silvestrin (2000):

Para Mariana Coelho, entretanto, os termos intelectual, literato, escritor, são tomados como sinônimos, em uma prática comum desse período, e designam de uma maneira ampla, aqueles que se dedicam às atividades do espírito, no sentido já clássico de oposição ao trabalho manual. São artistas, escritores, jornalistas, médicos, advogados... pessoas que fazem uso da palavra oral e escrita para expressar suas ideias, sentimentos e opiniões publicamente, tendo como principal meio de divulgá-los, a imprensa (Silvestrin, 2000, p. 15).

Os nomes dos literatos paranaenses eram também nomes que tinham relação estreita com as redações dos jornais da região. Segundo Pedro (2018), na redação destes jornais, destacavam-se os homens que compunham o judiciário, chefiavam a polícia, o exército, a administração, os que decidiam sobre a educação, faziam sermões religiosos, votavam e eram eleitos, enfim, aqueles que participavam dos órgãos político-administrativos. Eles eram, também, ao mesmo tempo, os redatores e os leitores dos principais jornais da cidade; prescreviam as formas de ser “distinto” e “civilizado”, que incluíam modelos segundo os quais as mulheres deveriam restringir-se aos seus papéis familiares (Pedro, 2018, p. 282), ou seja, nesse jogo de poder, as



mulheres não tinham muito espaço de atuação. Para o público masculino, aparecer nos jornais, ou em artigos e livros, era também uma forma de demonstrar prestígio.

Posteriormente à Proclamação da República, cresce a discussão sobre a idealização do papel das mulheres nessa “nova sociedade” almejada. Em Curitiba, travou-se uma intensa batalha entre jornais, na qual os positivistas – aliados aos maçons, disputavam com os católicos conservadores o predomínio do pensamento na cidade (Pedro, 2018, p. 293). Segundo essa pesquisadora:

Cada um deles tinha uma forma específica de idealizar as mulheres; no entanto, concordavam em que os papéis definidores da feminilidade eram os de esposa, mãe e dona de casa. A esse respeito, portanto, acompanhavam aquilo que os jornais das demais capitais dos estados do Sul estavam divulgando (Pedro, 2018, p. 283).

Muitos desses nomes são os mesmos que aparecem nos sumários e lista de colaboradores dos jornais com os quais Mariana Coelho também colaborava com artigos e poesias.

Outro fator relevante identificado é quanto aos papéis desempenhados por esses literatos. Mariana Coelho descreve a maioria como sendo poetas. Ela confirma que esses literatos ocupam ou ocuparam posições de destaque naquele período, como afirma no livro: “Cônego Braga, Chichorro Junior, Dr. Reinaldo Machado, Dr. Emiliano Pernetta e Dario Vellozo são digníssimos lentes do Ginásio e Escola Normal. Outros são médicos, advogados etc.” (Coelho, M., 1908b, p. 64).

Em regra, a grande maioria não tinha como ter a escrita como único meio de subsistência, muitos desses nomes acumulavam a função literária com algum outro emprego, seja no jornalismo, na docência, ou em funções públicas. De acordo com Machado Neto (1973, p. 80), “são inúmeros os depoimentos de escritores da época que falam da precariedade da profissão intelectual em nosso meio”. Além de que, por conta dessa dificuldade, os “empregos no magistério, na função pública ou profissões liberais constituíram o meio de vida principal da maioria dos intelectuais da época (se excluirmos o jornalismo)” (Machado Neto, 1973, p. 84).

Para além de suas funções, muitos dos que se entendiam como poetas ou eram denominados como tal, também faziam exposições de seus escritos nos jornais. Para Machado Neto (1973), o jornalismo era o “sustentáculo da vida intelectual”, bem como o jornal poderia ser o meio de comunicação que melhor facilitaria o contato com o público.

O livro *O Paraná Mental* nos permite uma observação sobre a constituição da cena literária da época, quem são os sujeitos listados, pois as escolhas desses nos possibilita compreender o ambiente intelectual, assim como apresenta os “grupos de mútuo apoio”, bem como as rivalidades, tensões e divergências dentro da cena literária. Segundo Machado Neto (1973 p. 126), isso é percebido através das igrejinhas ou *coterias* literárias e o constante “fogo cruzado dos elogios mútuos” dentro do “nosso grupo” e de ataques também dirigidos aos grupos rivais.

Mariana Coelho entrou no meio desse “fogo cruzado”, tanto de elogios mútuos, como também de duras críticas que repercutiram nos jornais. Depois que seu livro foi a público, em agosto de 1908, várias foram as respostas dos leitores quanto a obra *O Paraná Mental*. Em meio aos elogios velados, como “elegância na escrita”, “qualidades de estilo” e “simplicidade nos modos de ver e de julgar”, Dulcindo Lemos justifica sua opinião sobre a autora por conta de sua “bondade de todo caracter feminil, a predominância do coração sobre o cérebro” (Lemos, 1909, p. 3).

O jornal *A República* passou a publicar vários artigos intitulados *O Paraná Mental*, nos quais, no anonimato, uma pessoa que assina os artigos como “S” faz alguns comentários sobre o livro, criticando o fato de Mariana Coelho não listar alguns nomes que, segundo “S”, seriam importantes: “veja a illustre escriptora que peccado esquecer tão impiedosamente os versos do mavioso poeta da marinha”.

Além de ressaltar nomes possivelmente “esquecidos”, esse crítico também comenta sobre a forma como Mariana Coelho escreve, dizendo que ela “necessita de mais entusiasmo e força nos vocábulos”, fazendo observações quanto ao uso de alguns adjetivos que a autora utiliza para qualificar alguns literatos, dizendo discordar de muitos desses.

Por conta da agitação que o livro causou e da movimentação nos jornais, que extrapolaram a capital e chegaram até no Rio de Janeiro, seu irmão Teixeira Coelho saiu em sua defesa. O jornal *Brazil Moderno* (RJ) registra que:

O livro de D. Marianna Coelho – Paraná Mental – no Estado do Paraná, provocou acerbadadas críticas e algumas descortezes referências que obrigaram o irmão da autora, o distinto poeta e philologo Teixeira Coelho, a vir a campo em sua defesa, publicando um folheto intitulado A crítica Paranaense ao Paraná Mental. É a gentil remessa de um exemplar desse trabalho que agradecemos (*Brazil Moderno*, 1909).

O jornal *Diário da Tarde* também usa de seu espaço e de sua visibilidade para publicar críticas sobre o livro *O Paraná Mental*, nesse jornal, o anônimo “B” é o

responsável por tais artigos, além de que, depois que esses artigos chegaram ao público, os editores-chefes reclamaram sobre as numerosas cartas com informes sobre este ou aquele escritor que, segunda a opinião pública, deveria constar no livro, e até mesmo com poemas desses escritores que não foram citados por Mariana Coelho, para conhecimento geral.

O crítico “B”, do jornal *Diário da Tarde*, diz que “nada há mais difícil do que uma crítica sobre um trabalho feminino”. Reconhece os esforços da escritora, mas isso não o impede de fazer seus julgamentos e apontar os defeitos de tal trabalho. Diferentemente do crítico “S” do jornal *A República*, que buscou criticar sem querer ofender, se justificando que “nos perdoará alguma palavra impiedosa, que nos escape, não se furtando de aceitar nos verdadeiros elogios que lhe fizermos, com essa franqueza de moços que não sabem mentir”, e, “perdoe-nos a illustre escriptora si, áspera se torna essa franqueza, que lhe não dirigimos, bem comprehenderá, com o mais leve fito de melindral-a”, e mais “e si no decurso desta pallida apreciação escapou-nos alguma palavra áspera, perdoe-nos a illustre escriptora, foi involuntária pois que a si só devemos atenção e finezas”, já o crítico “B” foi bastante rígido em seus comentários, sem tanto cuidado e “finezas”.

Esses críticos interrogavam a inclusão de alguns e o esquecimento de outros, como a exclusão do pintor Alfredo Anderson, por exemplo. Questionavam o fato da autora ter incluído o próprio irmão, Teixeira Coelho, por esse não ter nascido no Brasil, considerado então português, e que, portanto, “nem tinha direito, pois que além de não possuir nada que o recomende, foi ocupar o lugar que pertencia a qualquer um dos paranaenses illustres e olvidados” (*A República*, 1908). Desclassificam seus comentários acerca do democraticismo e sua ideia sobre “Arte” e “Amor”, pois, para eles, não passa de opiniões pessoais, que nada acrescentam ao livro, que deveria focar no panorama intelectual do Paraná.

Para Mariana Coelho, a arte e o incentivo artístico representariam uma caminhada da sociedade rumo à uma sociedade mais culta e civilizada. Segundo Silvestrin (2003, p. 24), “a arte como expressão do estágio evolutivo de um povo ou nação subsidia a crença em um Paraná moderno e justifica de uma certa maneira, os arroubos de otimismo de nossa autora”.

Na opinião dos críticos, ela deveria ter organizado um pequeno dicionário biográfico, com mais dados, ou talvez classificar os escritores paranaenses por épocas ou por escolas literárias, apontando também haver falta de método expositivo,

que, para “B”:

Lastimável, pois, o processo chronologico ficar preterido; observado, Rocha Pombo não seria colocado logo após a Fernando Amaro, no lugar pertencente à Julia da Costa e José de Moraes, posto além, para deante, depois de Nestor Victor, Leôncio Correia, Emiliano Pernetta, Emilio de Menezes, Dario Vellozo, Julio Pernetta e Ricardo Lemos (*Diario Da Tarde*, 1908).

Quando a escritora cita algum nome que para eles é relevante, e que não deveria ser deixado de fora, a crítica é por ela ter esquecido de citar algum poema ou soneto de tal escritor, como aponta “B” sobre a falta de exposição de poesias de Dias da Rocha Filho no livro *O Paraná Mental*, “sequer um soneto, quando tantos e tantos por ahi andam na irradiação eterna das obras perfeitas! Tantos até nos almanachs.” Amenizam dizendo que tais comentários poderiam ajudar a escritora na nova edição do livro, que por isso “talvez uteis estes reparos, rabiscados com as melhores e puras intenções” (*Diário da Tarde*, 1908).

“B” afirma que um dos defeitos que mais lhe chama a atenção no livro é de que ele não dá um escopo visado do desenvolvimento da intelectualidade no Paraná, posto que, sendo destinado a uma Exposição Nacional “o simples catálogo de nomes não satisfaz”, ainda mais para um trabalho com cunho oficial. Além de que, diz de forma irônica que o proêmio é gracioso, “para atender às solicitações de amizade”, no qual Rocha Pombo quase nada fala sobre o progresso intelectual do Paraná, e sim usa páginas e páginas para discorrer sobre sua amizade com a autora. O que para “B” é justificado pelo fato de que “vae para mais de um decênio que o conceituado historiographo acha-se ausente da terra natal, não tem acompanhado de perto a maravilhosa evolução executada pela intellectuallidade paranaense: consequentemente, não pode se expressar com segurança.” Sobre a preocupação que a imagem da província passaria numa Exposição em nível nacional:

Seja a emancipação política ou o reconhecimento jurídico de uma colônia [nesse caso província], o que esses países [províncias] buscavam era entrar na “ordem do discurso” aberta pelas exposições. Enquanto os países [as províncias] mais “adiantados” [as] orgulhavam-se de seu grau de civilização, os “atrasados” buscavam simplesmente mostrar-se interessantes e que mesmo ainda não sendo uma nação [província] dita moderna (ou industrializada) não escondia o desejo de vir a ser (Santos, 2016, p.45).

A Exposição e os itens escolhidos para serem apresentados nesses eventos corresponderia a uma grande narrativa de uma construção simbólica sobre as

províncias participantes, representando como a província gostaria de ser vista e lembrada nacionalmente.

Outra reclamação dos críticos ao trabalho de Mariana Coelho é sobre o constante uso da afirmação “até em Portugal”, para falar sobre o alcance de intelectuais paranaenses fora do Brasil. Eles questionam a autora e supõem que ela quer dizer que “os escriptores brasileiros só o são e só tem merecimento depois da sanção de Portugal.” Esses dizem que são admiradores da literatura portuguesa, mas não aceitam que a considerem “julgadora, tutora ou o que quer que seja da literatura brasileira”, que o uso da expressão “até em Portugal” dá a impressão para eles de “ares de instancia superior, alta tribunal”. Sobre isso, dizem: “indubitavelmente a digna publicista, que tanto ama o Brasil, não quis ofender os intelectuais brasileiros: incluímos por isso a tal expressão entre os lapsos lamentáveis.” O crítico “S” no jornal *A República* reclama da quantidade de páginas que Mariana Coelho utiliza para elogiar sua pátria portuguesa:

8 páginas mais de fervorosa digressão, onde se accentúa o seu inveterado ardor pátrio, muito digno, repetimol-o, mas inteiramente descabido, sem a mínima conexidade com o Paraná Mental, onde destoante, parece intercalado à força (A REPÚBLICA. O Paraná mental IV. Edição 204, Ano 1908).

Segundo Santos (2016, p. 138) a Exposição Nacional de 1908 tinha como pretensão ressaltar o progresso do país a partir da sua desvinculação com Portugal. Para isso, entendendo-a como uma nação com forças produtivas capazes e não dependente de tutela. O uso da expressão “até em Portugal” desagrade aos paranaenses pois reforça essa ideia de que o Brasil ainda precisa da chancela de Portugal, passando a impressão de que não possui ainda uma intelectualidade nacional e regional capaz de ser formada. Para Santos:

Os dados coletados para as Exposições e sistematizados, do qual os catálogos são a expressão material, constituem um roteiro de leitura, que portam concepções de história e elaboram políticas de memórias ao orientarem as formas de ler e entender o Brasil, dando uma coerência visual ao todo e as partes. Podemos entender que tanto as exposições, quanto os catálogos, constituem o que chamaríamos de dispositivos: qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas e opiniões (Santos, 2016, p. 169-170).

Outro crítico que aparece é A. Julio dos Santos, também no jornal *Diário da*

*Tarde*. Entre as reclamações desse autor está a de que “realmente, d. Mariana Coelho, foi de uma pobreza de conhecimentos quando tratou, não direi da literatura, matéria estranha a minha competência, mas das artes, especialmente da música”. Esse crítico, que parece ser entendido dessa área, reclama:

Com effeito, entre os nossos musicistas da antiga geração, deviam ocupar lugar saliente: Joaquim de Paula, Ricardo Jacarandá e o dr. João Manoel da Cunha, já fallecidos, mas vantajosamente conhecidos e venerados por todos que, como nós não ignoram a história musical paranaense! Entre os professores de música, na recepção da palavra, figuram nomes absolutamente desconhecidos, não obstante ser eu paranaense e residir nesta capital há 38 anos! (Santos, 1908).

Do Rio de Janeiro, através do *Jornal Brazil Moderno*, vem a seguinte afirmação: “é que a crítica que se exerce sobre autores e livros da época em que vive o crítico será sempre e em todos os tempos eivada de parcialidade, influenciada pela amizade ou pela malquerença. Justiça crítica só se pode encontrar na apreciação das obras do passado”. Sobre a escolha dos musicistas elencados, o crítico “S” também reclama que “entre os musicistas não vimos o nome laureado do primeiro maestro paranaense João Manoel da Cunha, que merecia muitos adjectivos encomiásticos e não a injustiça do silêncio” (Santos, 1908).

Sendo assim, Mariana Coelho foi a cena para responder aos seus críticos, respostas essas que renderam várias réplicas e tréplicas nos jornais. Através do jornal *A República*, Mariana Coelho se defendeu escrevendo artigos intitulados “*Crítica a crítica*”, nos quais a escritora passou a responder os comentários de “S” e “B”, respostas que se estenderam por longo tempo. Diz ela:

Quando pelo “Diario da Tarde” o illustre jornalista sr. B prometeu analysar o Paraná Mental, deu-nos o direito de esperar uma crítica que, embora severa, fosse sincera e leal; neste caso nós a esperávamos ansiosa porque, em taes condições, era um caso virgem nos annaes da crítica paranaense. O público ledor não está acostumado a crítica, na rigorosa accepção da palavra. Publicam-se as vezes por aqui obras litterárias cuja crítica se resume nas palavras sacramentaes com que se costuma accusar a respectiva recepção e nada mais. A crítica, portanto, prometida, ao Paraná Mental, esperava-se como um acontecimento. Entretanto, a parcialidade do trabalho crítico do illustrado jornalista, logo de começo se manifesta em palpáveis contradicções e intuitivo falseamento da verdade (Coelho, M., 1908b).

Mariana Coelho novamente reforça o que Rocha Pombo escreveu no Proêmio, sobre o livro ter sido escrito “às pressas”, para a exposição, sem o cuidado de se aprofundar numa classificação criteriosa dos literatos do Paraná. Justifica não

ter muito conhecimento sobre o cenário literário paranaense do período anterior à sua chegada ao Paraná, e que por isso buscou o auxílio de “pessoas que, na qualidade de paranaense, e por isso mesmo mais competentes para esse fim do que nós, nos forneceram os respectivos dados”, não corrigindo o que recebeu, pois era estrangeira.

Nomeia alguns dos literatos que a auxiliaram:

Para o fim de confeccionarmos o nosso modesto livro, coadjuvaram-nos os seguintes illustres paranaenses: Aldo Silva – que demorou dois meses para nos dar, e muita incompleta, uma simples lista de nomes – do que bastante nos queixamos; Silveira Netto, Seraphim França, Celestino Junior, Leite Junior, Leocádio Correa, e, finalmente, Domingos Velloso. Temos em nosso poder todos os apontamentos fornecidos; quem quiser pôde vir verificar o que afirmamos (Coelho, M., 1908b).

Aldo Silva utiliza o espaço de o *Diário da Tarde* para colocar sua versão sobre o pedido de ajuda para a elaboração do livro de Mariana Coelho:

A illustre auctora do catalogo dos intellectuais paranaenses, na sua Crítica à crítica deu-me a subida honra de fazer ligeira referênciã a minha humilde pessoa a propósito de uma lista com os nomes dos nossos homens de letras. É verdade que exma. sra. d. Marianna encarregou-me de confeccionar, muito severamente essa resenha. Accendi ao pedido que gentilmente me fazia a distincta escriptora e em pouco fui entregar-lhe os apontamentos mal ou bem, mas certamente com a melhor boa vontade deste mundo organizados (Silva, A., 1908).

Aldo Silva diz ainda que Mariana Coelho lhe pediu ajuda porque desconhecia alguns dos nomes apontados, e que lhe fez um novo pedido, para que ele juntasse aos nomes informações sobre o gênero de literatura de cada um. Depois disso feito, ela pediu ainda que junto ao nome e o gênero, ele acrescentasse os títulos das suas produções, sobre o que ele diz: “então me pareceu, razoavelmente, que d. Marianna Coelho, talvez tivesse intenções de me fazer co-autor do trabalho que ia publicar e não me julgando com forças capazes de arcar com tal missão, desisti da tarefa” (Silva, A., 1908).

Depois de muito se defender, Mariana Coelho, acusada de ter “gênio irritadiço”, escreve que, por conta das ocupações com o seu estabelecimento de ensino, não responderá mais à imprensa, pois isso tem roubado o seu tempo. Em um espaço em que os homens têm o monopólio da escrita, Mariana Coelho, ao escrever, incomoda, ainda mais por ser uma mulher que veio “de fora”, uma mulher que não é paranaense e que escreveu sobre o cenário intelectual do Paraná.

A imprensa escrita aqui analisada permite que possamos hoje conhecer os

debates do período, os discursos dominantes, o processo de circulação das ideias, as dinâmicas dentro do meio jornalístico que unem e afastam os grupos com ideias e posicionamentos em comum ou contrários, sendo possível perceber as redes que unem esses intelectuais. Para Sirinelli (2003, p. 248), os grupos intelectuais se organizam em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, porém igualmente determinantes, que fundam uma rede de sociabilidade.

Apesar de Mariana Coelho circular entre escritores simbolistas, publicar em revistas nas quais a maioria dos escritos tinha esse viés, ela tinha uma opinião bastante crítica sobre esse estilo de escrita. Ao comentar sobre Silveira Netto, a autora comenta sobre a preferência que o escritor tinha para os poemas simbolistas, e que “apraz-me, porém, hoje, felicitá-lo por ter abandonado esse insípido sistema literário, o Nefelibatismo, no qual o aludido poeta sobressaiu brilhantemente, é verdade, mas que, felizmente, pôs termo, ao menos, por ali...” (Coelho, M., 2002a, p. 35).

Para ela, a tendência simbolista não fazia parte dos “superiores domínios da Arte”, e que “pondo de parte a aridez própria de todas as obras mais ou menos saturadas de nefelibatismo, aridez que se espalha pelas respectivas produções deixando cruelmente vazia a nossa alma ávida da verdadeira poesia” (Coelho, M., 2002a, p. 35). Ou seja, para ela a tendência simbolista, ou decadentista, termo que também utiliza para descrever esse estilo de escrita sentimentalista, não é considerado como a “verdadeira poesia”. Sobre Euclides Bandeira, Mariana Coelho elogia sua poesia Égloga, justamente pois, para ela, é “a composição da aludida obra mais fiel à pura poesia, não só pela respectiva ausência de tons nefelibatas, como também porque a isso mais naturalmente se presta o gênero pastoril”. Ainda sobre a escrita desse literato, ela afirma: “Dos fortes ressaibos nefelibatas que o analista experimenta quase em todo o livro nada direi, porque a minha muita incompetência e pouca simpatia para julgar esse sistema art nouveau remetem-me ao silêncio” (Coelho, M., 1908a, p. 67).

Mas Mariana Coelho não se mantém em silêncio e continua sua desaprovação pelo estilo simbolista. Diz “não compreender quaes os méritos da escola decadente”. Ela pontua a poesia de Seraphim França, de “muito idealista”, e que a “linguagem é um tanto forçada”. Ela critica Adolpho Munhoz, por esse também estar indo “na esteira dos nefelibatas”, posto que, em seus versos, “há coração; mas nas produções nefelibatas, por mais que pese aos respectivos autores e por mais cuidadas que elas



sejam; é exatamente o que mais custa a encontrar” (Coelho, M., 1908a, p. 67). Ela cita a descrição terminológica de “nephelibata” pelo dicionário de Candido de Figueiredo, em que esse filólogo diz: “nephelibata: literato excêntrico, que desconhece ou despreza os processos conhecidos e o bom senso litterario”, “o que anda ou vive nas nuvens” (Coelho, M., 2002a, p. 35).

O que Bandeira responde:

Sempre tivemos d. Mariana Coelho em alta consideração, não só por ser uma senhora como por se dedicar às letras, isto é duplamente merecedora do nosso acatamento. Todas as vezes que se nos apresentou ensejo de referências à illustre escriptora, demos provas de boa vontade e apreço, jamais empregando uma phrase menos gentil e elogiosa. [...] Se não pudemos enfileirar apenas louvores, a culpa não foi nossa e sim do livro, imperfeito, falho, anarchisado, em que pese a vaidade da esforçada autora. Quando se anunciou o próximo aparecimento do Paraná Mental nós, confiantes nas luzes e competência da autora, escorvamos as melhores girandolas de adjectivos apotheosadores para o receber; mas, diante do monstrengo recolhemo-nos decepcionados (Bandeira, 1908).

Quando a nova tendência literária decadentista/simbolista passa a fazer parte da forma de escrita dos literatos no Brasil, houve a reprovação de muitos à adesão a esse movimento. Como por exemplo, José Verissimo, que foi crítico ao simbolismo e não aprovava as preferências da linguagem do estilo de Cruz e Souza, para quem em termos de poesia, a História termina com os parnasianos (Barbosa, 2001).

Mariana Coelho recorre a crítica sobre os erros de linguagem utilizado por “B”, dizendo que “poderíamos também provar ao illustre crítico que a sua prosa não se patenteou expurgada de incorreções de linguagem, muitas d’ellas aliás bem graves, o que não esperávamos da penna de um escriptor da cotação do illustrado plumitivo”, as quais não pontua pois seria “fastidioso”, bem como “para não magoar o distincto publicista, cuja intelligencia e illustração somos a primeira a reconhecer” (Coelho, M., 1908b). Ela afirma ter recebido muitas cartas, as quais tem autorização para publicar, e que “tiveram para nós a significação de um honroso protesto á affrontosa apreciação com que se compensou a boa intenção que presidiu a factura do nosso modesto trabalho” (Coelho, M., 1908b). Porém, nessa pesquisa, nenhuma das cartas que Mariana Coelho diz ter recebido foram encontradas publicadas em jornais.

O pedantismo, para a escritora, também seria um problema para as características esperadas de um literato que desejasse se tornar um “intelectual ideal”. Segundo Mariana Coelho: “há apenas uma classe socialmente falando, que, querendo impingir importância intelectual e atrair a consideração geral, obtém exatamente o

contrário”. Para ela, os pedantes, “esta classe de indivíduos acentuadamente ridículos, que vive, por toda a parte, à sombra do mundo civilizado, compõe-se, na maioria, de verdadeiras nulidades que invadem a sociedade moderna” (Coelho, 2002a, p. 29). A autora dizia que pedantismo, para ela, era “falsa orientação intelectual”, “pretendida e oca erudição”, o que acreditava ser um problema para a sociedade culta, tanto quando manifestado por homens, como também por mulheres. Diz:

Se o pedante é viajado, quer sair da vulgaridade; nesse caso, adota com sofreguidão estulta os costumes de uma nação que em qualquer sentido acha superior à sua, prefere falar um idioma que não é o seu, valoriza com mais entusiasmo a sociedade estrangeira que a sua própria, e tudo que é da sua pátria lhe parece fóssil, ridículo, antipático, digno de desprezo e indigno dele. (Coelho, 1908a, p. 31).

Ou seja, as características que definiam o “pedante” seriam opostas ao que se esperava para o “intelectual ideal” almejado, “o pedante se oporia a todos os anseios de verdade e conhecimento científico, sendo uma ameaça constante ao crescimento intelectual do Paraná” (Silvestrin, 2000, p. 27). Esses excessos de erudição poderiam soar como uma imagem falsificante, se tornando um incômodo, um exagero, o inverso do ideal almejado pela modernidade. Mariana Coelho, assim, implicitamente, pontua como o intelectual, nesse caso, o paranaense, “não deveria se comportar”.

Outra questão pertinente de ser analisada, que aparece no livro *O Paraná Mental*, é em torno da discussão de Mariana Coelho com Julio Pernetta, esse que é considerado por ela também como um dos escritores nefelibatas. Mas a questão sobre a qual ela discorre no livro não é sobre as preferências literárias de Julio Pernetta apenas, e sim sobre o sentimento patriótico do escritor. Segundo Mariana Coelho, o patriotismo de Julio é por conta da sua exaltação dos povos indígenas, que para ela são parte de um “selvagismo”, sendo que, para ela, “selvagismo” e “civilidade”, são ideias contrárias, ou seja, na concepção da autora, esses povos indígenas não poderiam ser capazes de trazer o progresso social, somente os portugueses ou algum outro povo visto por ela como “adiantado”.

Para Julio Pernetta, dever-se-ia, por parte dos intelectuais, trazer-se um discurso de valorização do índio, do caboclo e do rural, posto que esses elementos seriam capazes de constituir a identidade da cultura nacional. A questão da identidade nacional, da miscigenação e da “democracia racial” foram questões bastante

debatidas, principalmente durante a primeira metade do século XX, que apontavam também opiniões diversas, principalmente discursos racistas presentes em nossa elite e no pensamento social do período.

Além do movimento em nível nacional sobre a imagem dos sujeitos que representariam o Brasil, de sua identidade coletiva, isso reverberaria anos depois também no movimento paranista, da busca de uma identidade regional, do qual Julio Pernetta também fez parte. Segundo Alonso (2000, p. 30), “seu epicentro era a idealização da nacionalidade como fusão de um colonizador épico e um bom selvagem. Assim se congelavam as características positivas em uma imagem idílica da nacionalidade e se expurgava o processo de colonização”.

Outro ponto que ambos discordam é que Julio diz que a sociedade precisa manter e conservar algumas tradições, e não se deixar suplantar pelos costumes estrangeiros. Mariana Coelho publica, no livro *O Paraná Mental*, na íntegra, a carta que enviou a Julio Pernetta falando sobre sua opinião contrária a dele. Para Alonso:

O Brasil passa a ser visto como um estado nacional, definido por uma língua, um território e uma população forjados por uma história comum, a da colonização. A raiz de ultramar, os laços com a cultura portuguesa são reclamados como formadores da nacionalidade, suprimindo-se a distinção entre cultura autóctone e civilização europeia e demandando-se a integração do país no movimento ocidental (Alonso, 2000, p. 212).

Tudo começou a partir de um artigo publicado por Mariana Coelho, no jornal *Diário da Tarde*, a respeito do livro de Julio Pernetta, cujo título é *Pelas Tradições*. Em resposta, Julio publica no jornal *Comércio do Paraná* uma crítica ao referido artigo. No que vemos através do livro *O Paraná Mental*, Mariana Coelho não gosta do que Julio Pernetta escreve sobre os “primeiros colonizadores do Brasil”, sendo ela portuguesa de nascimento. Ela responde:

Como v<sup>a</sup> ex<sup>a</sup> sabe, não disponho de suficiente cópia de conhecimentos para sustentar discussões substanciais” e por isso, “não posso também julgar com tanto pessimismo, como v<sup>a</sup> ex<sup>a</sup> julga, o fato de os portugueses aproveitarem duas raças selvagens para a sua obra imortal de colonização nesse Brasil colosso. (Coelho, M., 1908b, p. 44)<sup>20</sup>

Mariana Coelho se refere aos povos indígenas e africanos que aqui foram escravizados como selvagens, e que “Portugal, bem ou mal, governava no que era seu”, afirmando ainda que “ninguém pode contestar, além disso, que foram sempre

---

<sup>20</sup> Trecho da carta de Mariana Coelho para Julio Pernetta, publicada no livro *O Paraná Mental*.

aqui os portugueses o elemento que mais espontânea e poderosamente tem contribuído para o aperfeiçoamento das raças inferiores”. Diz ela que “não é só o sentimento do amor pátrio, que me comove, é igualmente o do amor ao progresso; pois sou de tal forma evolucionista” (Coelho, M., 1908b, p. 46-48).

Defensora do evolucionismo, Mariana Coelho acreditava que havia sociedades mais “atrasadas” e outras “adiantadas”, “selvagens” e “civilizadas”. Segundo Silvestrin (2000, p. 40) Mariana Coelho justificava as atrocidades cometidas pelos seus conterrâneos portugueses, caracterizando-as de uma “missão civilizadora”, na qual tudo era permitido para “vencer a barbárie”. Por outro lado, Julio Pernetta exaltava o elemento indígena como objeto de nossa identidade, como representante da singularidade do povo brasileiro, na formação da identidade de uma nação.

O Jornal *A República*, em 1909, re-publica uma nota escrita pelo jornalista Eloy Pontes, no jornal *Folha Moderna*, do Rio de Janeiro, sobre a situação da intelectualidade do Paraná e como os intelectuais do centro cultural da capital do Brasil os viam. Eloy Pontes fala que na opinião dele bem poucos estados do Brasil têm o que se pode chamar de uma literatura local, que geralmente os que se sentem capazes de ter uma carreira na vida das letras mudam-se para o Rio de Janeiro, “meio onde mais facilmente se pode conquistar nomeada, única aspiração do artista”. Para ele, na maioria das cidades provincianas o máximo que existem são, na verdade, “grupos de moços que fazem e escrevem jornais”.

Para Eloy Pontes, existem paranaenses que “se impuseram logo à admiração dos cariocas, como sejam: Rocha Pombo, Nestor Victor, Emilio de Menezes, Leôncio Correa e outros”. Lembra também alguns nomes que, segundo ele, mesmo “sem ter vindo para o grande centro, conseguiram despertar a indiferença, o pouco caso, com que se olha daqui para os Estados”, nomes como o dos irmãos Pernetta, Silveira Netto e Dario Vellozo, que permaneceram no Paraná.

Eloy Pontes, a partir do recebimento do livro *O Paraná Mental*, o qual comenta nesse artigo para o jornal *Folha Moderna*, diz que:

É o Paraná o único Estado do sul que tem uma literatura. Quem tiver dúvidas sobre isto basta ler o interessante livro *Paraná Mental*, recentemente publicado. Firma-o o nome de d. Marianna Coelho, senhora de nacionalidade portuguesa, que vindo para ali, há alguns anos, como todos os bons portugueses, aclimatou-se logo e mais do que isto, amou aquela bela terra. (Pontes, Eloy. Da *Folha Moderna*, 1908)

Nos Quadros 3 a 6 abaixo encontram-se listados os autores citados por Mariana Coelho referentes ao Teatro e às Belas Artes.

Quadro 3 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Teatro – Velha Geração

Teatro	
Velha geração	
Nome	Descrição segundo a autora
João Ferreira Leite	Vulgo João Boava [...] não só é considerado como amador distintíssimo, senhor do palco, mas também como autor de várias comédias e cenas cômicas.
Julio D'Oliveira Ribas Franco	Magnífica figura do palco.
Damaso Correia Bittencourt	Inteligente e apreciado no gênero gaiato.
Caetano Alberto Munhoz	Sempre muito bem aceito pelo público; foi autor de várias composições dramáticas.
Mario Guimarães Corrêa	Muito apreciado no gênero sério.
Dr. Benjamim A. De Freitas Pessôa	Igualmente distinto no gênero sério, como galã.
Julia Rodrigues	Amadora sempre persistente na arte.
Maurilio Sampaio	Bom amador.
Manoel A. da Silveira Junior	Bom amador.
Gustavo Pinheiro	Bom amador.
Antonio Maria	Bom amador.
Dr. Leocádio José Corrêa	Amador distinto e compositor dramático.
Leocadio Pereira da Costa	Amador e comediógrafo.
Frei José Thomaz de Santa Escolástica	Distinguia-se no gênero cômico.
Comendador Antonio de Barros	Distinto amador.
Carlos Augusto Cezar Plaisant	Distinto amador.
Antonio Guimarães	Distinto amador.
Motta	Distinto amador.

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Quadro 4 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Teatro – Moderna Geração

(Continua)

Teatro	
Moderna geração	
Nome	Descrição segundo a autora
Delfica Araújo	Distinta artista; atriz de mérito.
Maria Azevedo	Atriz de medíocre cultivo, mas que tem conseguido agradar nas plateias de São Paulo.
Lucilia Bastos	Amadora.
Rosa Bastos	Amadora.
Costa Queiroz	Bom artista, dedicado na arte cenográfica.
João Abreu	Amador, hábil ensaiador.
Raul Plaisant	Muito feliz no papel de galã cômico.
Luiz Jobim	Sem descrição.
Joanino Sabattella	Sem descrição.
José Abreu	Sem descrição.

Quadro 4 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Teatro – Moderna Geração  
(Conclusão)

Teatro	
Moderna geração	
Nome	Descrição segundo a autora
Altevir D'Abreu	Sem descrição.
Raniel Carnasciali	Sem descrição.
José Nogueira dos Santos	Sem descrição.
Alcibíades Plaisant	Sem descrição.
Dario Bittencourt	Sem descrição.
Gustavo Tupinambá	Sem descrição.
Julio T. Guimarães	Distinto professor normalista, decidida vocação para baixo cômico.
Julio M. da Silva	Igualmente hábil no papel de centro cômico.
Ribeiro Cancellia	Distinto artista.
Eduardo Guimarães	Sem descrição.
Jacinto Vera	Sem descrição.
José Pedro	Sem descrição.
Euripedes Branco	Sem descrição.
Octavio Branco	Sem descrição.
J. Estevam Junior	Sem descrição.
Augusto Abreu	Sem descrição.
Mario Mello	Sem descrição.
Prescilio Corrêa	Sem descrição.
Coronel Theophilo Soares Gomes	Autor.
João Ferreira Leite	Autor.
Leocadio Pereira da Costa	Autor.
Caetano Alberto Munhoz	Autor.
Dr. Claudino dos Santos	Autor.
Francisco de Andrade	Autor.
Nestor de Castro	Autor.
Dr. Leocádio José Corrêa	Autor.
Serapião do Nascimento	Autor.

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Quadro 5 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Belas Artes – Musicistas e Pintores – Velha Geração

Belas Artes – Musicistas e Pintores	
Velha geração	
Nome	Descrição segundo a autora
Bento de Menezes	Distinto professor e compositor.
Jacinto Manoel da Cunha	Distinto professor e compositor.
João Urbano de Assis Rocha	Considerado professor.
Alberto Monteiro	Distinto professor e autor de várias produções.
João Ribeiro	Compositor de mérito.
Itiberês	Amadores e distintos diplomatas.
Eugenio Nogueira	Autor do Hino do Estado do Paraná.

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Quadro 6 – Autores / autoras mencionadas por Mariana Coelho – Belas Artes – Musicistas e Pintores – Moderna Geração

Belas Artes – Musicistas e Pintores	
Moderna geração	
Nome	Descrição segundo a autora
Otilia Luz Santiago	Distinta musicista.
Alice Withers	Distinta musicista.
Maria Deolinda D’Assumpção	Distinta musicista.
Delia Doria	Distinta musicista.
Raul Menssing	Hábil professor e pianista, autor de algumas produções.
Benedicto Nicolau dos Santos	Autor de várias peças musicais.
Bento Mossurunga	Rege uma boa orquestra.
Hugo de Barros	Sem descrição.
Luiz Bastos	Sem descrição.
Augusto Stresser	Sem descrição.
João Scheleder Junior	Sem descrição.
Paulo de Castro	Sem descrição.

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Havia na Curitiba da época saraus e serões de arte, nos quais a elite se reunia para prestigiar apresentações musicais, interpretações teatrais, poéticas e até mesmo na contemplação de obras das artes plásticas, tanto de profissionais quanto de amadores. Nesses momentos, as mulheres aproveitavam para apresentar a sociedade seus “dotes artísticos”, aprendidos nas aulas de canto, dança, ao tocar algum instrumento que soubesse, declamando poesia ou até mesmo interpretando cenas teatrais:

Profissional ou amadora, a mulher que se empenha na interpretação artística conquista a oportunidade de liberar o corpo ou desnudar a alma. E mesmo aquelas para quem o “virtuosismo” é impossível, o canto claudicante, o dedilhar impreciso, a pincelada tímida são, por vezes, os melhores meios para acompanhar os homens no universo da cultura (Trindade, 1996, p. 253).

Tanto no teatro, quanto no cenário musical e na pintura, vemos que as mulheres são um número relativamente pequeno. O campo criativo e artístico as tem como “musas inspiradoras”, mas quando atuantes lhes renega o papel de “amadora sempre persistente na arte”. Mariana Coelho, em *O Paraná Mental*, diz que a inspiração dos intelectuais vem do contato com o feminino “em todos os domínios da Arte, onde fulguram as mais luminosas centelhas do gênio, que a propaga, vibra harmoniosa e sublime a nota que justifica a seguinte eloquente e proverbial frase: ‘cherchez la femme’” (Coelho, M., 1908b, p. 28).

A participação feminina no campo do entretenimento e das artes poderia confrontar o que os padrões da moralidade e as restrições sociais da época pregavam. Vemos que, por conta disso, grande parte do cânone literário e artístico é composto de sujeitos masculinos, e no campo literário a presença feminina é quase nula. Apesar disso, Mariana Coelho diz que “devo, por consequência, frisar, que, tanto na arte dramática como na musical e de pintura, se salientam muitas e bem pronunciadas vocações femininas, o que muito enobrece este florescente Estado” (Coelho, M., 1908b, p. 92).

Mariana Coelho diz: “parece que o belo sexo paranaense se vai já compenetrando do elevado papel que a mulher pode e deve representar na sociedade” (Coelho, M., 1908b, p. 92). Quando a autora discorre sobre os nomes de destaque nas Belas-artes, no mesmo capítulo traz uma discussão referente à emancipação da mulher, dedicando 5 folhas para tratar de um tema que vai lhe acompanhar por boa parte de sua vida: o feminismo. Tema esse que talvez não tenha sido o esperado pelos homens das letras do período, como assunto para aparecer em um livro que consistia numa “catalogação” do cenário intelectual paranaense. Porém, talvez Mariana Coelho tenha acreditado ser esse assunto pertinente de ser posto “à mostra”, demonstrando que o Paraná, discutindo sobre a situação feminina, poderia ser identificado como progressista, visto que, segundo ela:

A despeito das muitas e várias opiniões retrógradas, em todos os grandes centros do mundo civilizado, a par dos graves problemas sociais que têm convulsionado a nossa época, há muito que se ventila franca e entusiasticamente a questão da emancipação da mulher, a que o grande movimento feminista, que abrange o novo e o velho mundo, tem dado impulso e determinada importância, alimentando com denodo e convicção este desideratum (Coelho, M., 1908a, p. 93).

Mariana Coelho diz trazer para *O Paraná Mental* algumas breves considerações que são, no seu modo de pensar, uma maneira de trazer à tona a propaganda feminista, pela qual ela luta. Mariana Coelho, ao seu ver, divide a sociedade “cultura”, em “primeira e segunda classe”, em que, para ela, encontram-se na segunda classe todos aqueles que ainda não entenderam a luta feminista e a luta por uma completa educação da mulher. Para ela, essa ignorância é exemplificada pelo seguinte fato:

Se uma mulher se destaca um pouco do vulgar, dando à sua inteligência um cultivo mais elevado; se tem o arrojo de iniciar-se nos irresistíveis segredos



da Arte, manifestando em qualquer assunto – desta – principalmente em literatura – a sua organização artística, quando aparece em público é ainda, para a segunda classe a que me refiro, motivo de sorrisos alvarmente inteligentes, de frases saturadas de ridículo, acontecendo muitas vezes que, quando ela atravessa a rua, atrai a curiosidade de espectadores trocistas... impagáveis, mirando-a com a curiosidade de que vai ver o urso! (Coelho, M., 1908a, p. 93).

Uma das reclamações da autora no livro é do “porque que há escritores que em tudo admitem o progresso, menos no desenvolvimento intelectual e social do sexo feminino!” (Coelho, M., 1908a, p. 93). Segundo ela, esta segunda classe não admitiria que as mulheres tivessem o direito de ocupar na sociedade um lugar superior ao dos homens, e por isso incomodavam-se com as discussões pela emancipação da mulher, visto que, para esses, a mulher deveria continuar como “um animal doméstico”. Para ela, a primeira classe era a constituída de sujeitos favoráveis ao progresso social e feminino, que seriam, segundo ela, “espíritos alimentados pela mais requintada civilização, que pairam numa esfera incomparavelmente superior, tão puros no brilhantismo do seu tríplice adiantamento social, moral e intelectual” (Coelho, M., 1908b, p. 94).

Mariana Coelho tinha algumas ressalvas sobre os limites que a emancipação da mulher deveria proporcionar às mulheres, posto que tal emancipação “deve ser relativa, e tão justamente compreendida que não isole o vulto feminino de toda essa atraente e doce poesia que o cerca no lar”, defendendo então um “equilíbrio social”.

Finaliza o último capítulo de seu livro descrevendo a Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, localizada então na capital, Curitiba, que foi fundada por Antônio Mariano de Lima e que atendia ambos os públicos, masculino e feminino<sup>21</sup>. Fala sobre as exposições artísticas que o estabelecimento oferta todos os anos, das quais ela mesma diz já ter visitado algumas. Mariana Coelho aparenta ter conhecimento sobre esse mundo artístico, sobre detalhes de exposições, melhores ângulos e posições para expor as obras, trazendo muitos detalhes técnicos em suas observações, dizendo:

Sabe-se que nas escolas de Belas Artes a luz deve infiltrar-se por claraboias centrais em cada galeria, ou por frestas colocadas lateralmente, pelo menos

---

<sup>21</sup> “A Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, fundada em julho de 1886 pelo professor Antônio Mariano de Lima, inicialmente com o nome de “Escola de Desenho e Pintura”, foi a primeira do gênero no Paraná e uma das primeiras no Brasil. A criação de uma instituição voltada ao ensino das artes e ofícios em Curitiba nesse período é considerada, portanto, um empreendimento de vanguarda, em uma cidade que buscava o alinhamento, no processo de modernização social e econômica, com capitais como Rio de Janeiro e São Paulo” (Santana, 2007, p. 99).

dois terços acima da altura total, contados do solo, frestas que devem ser muito mais largas do que altas na parte onde penetra a luz, de forma que esta nunca exceda a 45 graus; assim como uma certa distância, de forma que, colocando-se como observador ao centro do quadro, ele passa avaliar do efeito segundo a maior ou menor proporção dos objetos representados no mesmo quadro (Coelho, M. 1908a, p. 104).

Da mesma forma que nos capítulos anteriores, a artista nomeia e traz uma descrição sobre a sua opinião referente a alguns dos alunos que se destacam na Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Porém, nesse caso, ela aponta as áreas nas quais cada aluno tem se destacado, como se pode perceber no Quadro 7.

Quadro 7 – Lista de alunos da Escola de Belas Artes, com suas áreas de destaque.

Nome	Área onde se destaca:
Polixena Corrêa	Pintura e desenho;
Ida Wiesner	Pintura e desenho;
Francisca Munhoz Cavalcanti	Pintura e desenho;
Mario de Barros	Pintura e desenho;
Arnaldo Kalkmann	Pintura e desenho;
Marietta Bezerra	Pintura;
Carmen Lima	Pintura;
Irene Lemos	Pintura;
Ida Bandeira	Pintura;
Rosina Bezerra	Pintura;
Paulina Wirmond Carnasciali	Pintura;
Stela Macedo Pinheiro Lima	Pintura;
Benedicto dos Santos	Escultura;
João Zaco	Escultura;
João Turim	Escultura;
Marietta Beltrão	Música;
Maria José Pinto	Música;
Maria Olimpia Pinto	Música;
Levy Costa	Música;

Fonte: Adaptado de: COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Por fim, mais uma vez, aponta o Paraná como um lugar próspero, de progresso, “uma terra ideal, encantadora, onde apreciamos as magnificências da opulenta natureza americana!”. Ela justifica o motivo de ter feito tal livro ao fato de que:

Aproveitando a oportunidade da Exposição Nacional, que comemora a abertura dos portos deste país às nações amigas, apresenta este modesto estudo cujo principal mérito consiste no puro intuito de tornar justamente conhecido e apreciado o progresso deste estado na Europa; ele representa uma saudação íntima e sincera, feita com o mais puro entusiasmo, ao Paraná Intelectual (Coelho, M., 1908a, p. 110)

Sobre essa Escola de Belas Artes e Indústrias, Santana (2007) nos diz que

em fins do século XIX, Curitiba carecia de instituições de ensino de porte, tendo essa escola sido fundada com o intuito de preencher uma lacuna educacional, não apenas de Curitiba, mas também do Paraná como um todo, visto que foi a primeira escola do gênero no estado. A escola de Mariano de Lima tinha, então, o objetivo de desenvolver o talento dos jovens artistas locais bem como proporcionar aprendizado em ofícios práticos, facilitando a entrada dos alunos no mercado de trabalho (Santana, 2007, p. 100).

Inspirada no advento das grandes exposições e das exposições de arte, de técnica e de progresso, a recém-emancipada província do Paraná buscava firmar-se com um discurso de ensino organizado e em busca de progresso, inspirada também nas escolas profissionais da Europa, que aplicavam as artes e as ciências ao trabalho industrial. Foi assim que Mariano de Lima conseguiu aval para estabelecer sua proposta de escola, que iniciou suas atividades em 1886, somente com aulas de desenho e pintura, numa das salas do Instituto Paranaense. Em 1888, passou a contar com um periódico próprio, para divulgação de seus trabalhos e das ideias sobre arte e ensino, de seu fundador e colaboradores. Essa revista era intitulada *A Arte*, mas teve vida curta, apenas 7 edições. Em 1889, a escola é transferida para a rua Aquibadan, e é alterado também seu nome, passando a se chamar Escola de Artes e Indústrias (Santana, 2007). Segundo Santana:

A mudança de edifício está relacionada com a alteração do nome da escola, uma vez que a instituição estava crescendo e começava a mudar seu funcionamento para abrigar, também, as funções de liceu industrial almejadas por Mariano de Lima desde o início do funcionamento da Escola de Desenho e Pintura (Santana, 2007, p. 109)

Ao espaço da escola foi anexada, em 1892, a Pinacoteca Paranaense, que possuía uma coleção de quadros, recebendo futuramente também um espaço para realização de exposições, conferências, auditório e biblioteca. A planta desse edifício que abrigou a escola de Mariano de Lima foi premiada com medalha de ouro na Exposição Universal de Chicago, naquele mesmo ano de 1893 (Santana, 2007).

Percebe-se que a educação também servia como ferramenta para apontar um possível grau de progresso e modernidade que se pretendia expor. Segundo a autora, a Escola de Artes e Indústrias do Paraná, foi, no entanto, a única a representar o Brasil naquele evento, em um momento em que o ensino artístico e de ofícios estava em evidência em uma exposição internacional (Santana, 2007). Em 1897, novamente a

escola muda de nome, passando a se chamar Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, na qual:

Em janeiro de 1895, porém, já se encontravam em funcionamento os cursos de desenho artístico, artes plásticas, arquitetura, escultura, pintura e música, na parte de ensino de artes, assim como aqueles voltados para o aperfeiçoamento das “artes industriais”, como os de marcenaria, ferraria, carpintaria e decoração de casas (Santana, 2007, p. 113).

No ano de 1902, Mariano de Lima deixa o Paraná e se estabelece em Manaus, decepcionado pela falta de apoio ao seu projeto de ensino artístico-profissional, bem como por conta da constante disputa pelo ensino de artes em Curitiba, entre ele e seu “rival” e ex-aluno, Paulo Ildefonso d’Assunção. Com a saída de Mariano de Lima, a escola ficou sob direção de sua esposa, D. Maria Aguiar. Mudando em 1917 de nome, passa a se chamar Escola Profissional Feminina, e em 1935 é novamente transferida, tornando-se a Escola Profissional República Argentina, em que Mariana Coelho atuou, de responsabilidade da Secretaria de Estado da Educação. Atualmente, chama-se Centro de Artes Guido Viaro (Santana, 2007).

Percebemos, através do livro *O Paraná Mental*, a participação de algumas mulheres no cenário artístico de Curitiba, principalmente no teatro e nas belas-artes. Porém, a essas referem-se, na maioria das vezes, sob o caráter de amadorismo e não como possível profissão, diferente do modo como Mariana Coelho se refere aos alunos do gênero masculino, sobre os quais traz um breve panorama do que fizeram como carreira nessas áreas: “Mario de Barros, o feliz Herônio, destacado caricaturista, ultimamente nomeado professor de Desenho, do Ginásio e da Escola Normal” (Coelho, M., 1908b, p. 108), o qual, segundo ela menciona, também colaborava nas revistas de caricaturas do Rio de Janeiro e de Curitiba, como em *O Malho*, *A Rolha* e *O Olho da Rua*; “Arnaldo Kalkmann, atualmente desenhista na Secretaria de Obras Públicas” (Coelho, M., 1908b, p. 108); João Zaco e João Turim também são exemplos citados por ela de profissionais das artes que estavam sendo bem sucedidos, pois haviam ido para a Europa continuar seus estudos como pensionistas do Estado, e que já haviam alcançado o primeiro prêmio no gênero de escultura; e “Levy Costa; este distinto musicista está atualmente no Rio de Janeiro, terminando o curso no Instituto Nacional de Música” (Coelho, M., 1908b, p. 108).

A pintura era entendida como mais tolerante para as mulheres, pois era entendida como uma prenda e não como uma carreira (Simioni, 2002, p. 150). De

acordo com Simioni, o campo das artes corroborou com a construção das diferenças de gênero durante aquele período, classificando o que era entendido como arte “feminina” e “masculina”, entendidas como artes de características opostas, o que ocasionou também a criação de estereótipos que distinguiram o que era apto das capacidades intelectuais de cada um dos gêneros, assim como o que poderia contrariar o “decoro” do sexo feminino (Simioni, 2007).

O uso da categoria de amadoras para julgar a produção artística das mulheres representa um discurso promovido pela crítica da arte da época que acabou por inferiorizar a produção feminina. Apesar de Mariana Coelho trazer esses nomes e mostrar a participação das mulheres no cenário artístico curitibano, mesmo assim ainda é possível perceber que essa participação é minúscula, e que os determinantes sociais não incentivavam sua profissionalização.

Para Linda Nochlin (*apud* Simioni, 2004), o que implicou a exclusão feminina desse cenário profissionalizante era a formação artística que elas recebiam, ou a falta de formação artística, pois as principais academias de arte, durante muito tempo, negaram a entrada das mulheres, justificando, como um dos motivos para essa exclusão, as aulas de estudo a partir do modelo vivo, sendo esse contato considerado indecente para o “sexo frágil”. Segundo ela,

na França, capital artística da Europa, as mulheres só puderam ingressar na École des Beaux-Arts a partir de 1897, no Brasil isso ocorreu um pouco antes, em 1892; já na Alemanha, as mais importantes academias, Stuttgart e Munique, só aceitaram a partir da I Guerra Mundial (Nochlin *apud* Simioni, 2004, p. 2).

Por conta dessa diferenciação entre arte “feminina” e “masculina”, a ideia do amadorismo feminino trazia implícitas conotações negativas, sendo a arte feminina considerada sensível, frívola, apenas um passatempo, sem conhecimento técnico e desprovida de profissionalismo, ao passo que a arte masculina era considerada como arte séria, refinada, prestigiosa e estudada. A escultura, por exemplo, era considerada como arte essencialmente masculina, por conta da exigência de força física e do contato direto com a matéria, sendo vista como incompatível com o “sexo frágil” (Simioni, 2004, p. 3). Por outro lado, era incentivada a pintura de natureza-morta, de porcelanas e “de todos os outros tipos de arte menores, ou aplicadas, que não demandassem a representação do corpo humano” (Simioni, 2007, p. 86).

Uma das separações de arte feminina era para as “artes decorativas” ou

“menores”. Assim, ao colocá-las nesse papel, diferencia-se o que é próprio do feminino e do masculino, justificando o afastamento das mulheres das artes consideradas “maiores”, como a escultura, por exemplo (Vicente, 2011, p. 157). Percebemos essa separação pelo número de mulheres dedicadas ao desenho e à pintura e o de nomes masculinos elencados como escultores por Mariana Coelho. Outro ponto que diferenciava a arte feminina e masculina era o incentivo dado às mulheres de classe baixa para se especializarem nas “artes menores” como forma de obter ganhos econômicos através da venda dos itens por elas feitos, o mesmo sendo encorajado também para as mulheres de classes sociais altas, como forma de entretenimento e desenvolvimento de seus dotes artísticos para demonstração em seu lar, as quais tinham incentivo também para a música e para a literatura, porém, somente como forma de distração e lazer, que não ameaçasse o que era “natural” ao seu papel (Vicente, 2011, p. 160), o que traz também uma outra diferenciação, entre o que é produto artesanal, de valor econômico, e o que é produto artístico, de valor cultural.

Através do livro *O Paraná Mental*, da forma como a autora escreve e elenca os nomes, podemos compreender um pouco as características de como eram as condições de produção do trabalho artístico feminino naquele período. O livro também permite que saibamos sobre essas presenças, para também questionar e refletir o porquê de muitos desses nomes femininos não constarem entre os cânones artísticos locais, bem como entender os empecilhos sociais para se firmar a carreira artística dessas mulheres.

Diferente de João Turim e João Zaco, que foram se especializar na Europa, as mulheres que tentavam se firmar profissionalmente no meio artístico enfrentavam muitos obstáculos por conta da forma como simbolicamente eram vistas, como “menos profissionais”. Entre esses problemas, estava a dificuldade em concorrerem a vagas em cursos no exterior, bem como “para os processos de ingresso nos cursos superiores, tendo em vista os currículos secundários femininos que enfatizavam as ‘prendas do lar’ em detrimento dos conhecimentos científicos” (Simioni, 2007, p. 96). Dos nomes citados e descritos por Mariana Coelho, não encontramos nenhuma menção no livro de algum nome feminino que tenha se firmado profissionalmente e exclusivamente como artista, apesar de a escola possibilitar o aperfeiçoamento dos estudos no Rio de Janeiro, bem como para concorrer a bolsas de estudos oferecidas pelo governo federal para estudar em escolas e liceus artísticos na Europa (Santana,

2007, p. 113).

Linda Nochlin foi uma das pioneiras nos estudos das mulheres artistas e no questionamento sobre a invisibilidade dessas. Nochlin questiona em seu artigo *Por que não houve grandes mulheres artistas?*<sup>22</sup> os fatores sociais que as marginalizaram. Segundo a autora:

A pergunta “Por que não houve grandes mulheres artistas?” nos leva à conclusão, até agora, de que a arte não é a atividade livre e autônoma de um indivíduo dotado de qualidades, influenciado por artistas anteriores e mais vagamente e superficial ainda por “forças sociais”, mas sim que a situação total do fazer arte, tanto no desenvolvimento do artista como na natureza e qualidade do trabalho como arte, acontece em um contexto social, são elementos integrais dessa estrutura social e são mediados e determinados por instituições sociais específicas e definidas (Nochlin, 2016, p. 23).

Ou seja, por mais capacitado(a) que o(a) artista seja, seu reconhecimento vai depender do contexto e da estrutura social em que vive, nesse caso, em um tempo em que a única arte aceitável para as mulheres eram as prendas domésticas, havia vários fatores que as afastavam do ambiente artístico e literário como opção de trabalho, como forma de ascensão social. A elas estava confiado apenas o papel de “amadoras” ou “musas inspiradoras”. O artista era sinônimo de figura masculina, era algo condicionado na mentalidade do período, e perceptível nas falas de Mariana Coelho, que diz, por exemplo, que “o escultor que confia ao seu hábil cinzel o melindroso tentâmen de imprimir na estátua os traços da beleza feminina que o impressionou, empreende o arrojo de animar o mármore até fazê-lo palpitar de vida” (Coelho, M., 1908b, p. 27). As mulheres eram vistas, na maioria das vezes, unicamente como inspiração para o “gênio”, impossibilitadas de serem entendidas também como artistas.

De acordo com Filipa Vicente (2011), alguns fatores podem ser entendidos como os responsáveis pela marginalização das mulheres no mundo artístico. Segundo a autora, em primeiro lugar estariam as condicionantes socioculturais, como “a falta de acesso ao ensino artístico ou às possibilidades de viajar, as condicionantes sociais à profissionalização feminina, ou o peso das responsabilidades familiares e domésticas” (Vicente, 2011, p. 20). Em segundo lugar, estaria a própria construção histórica que causou a exclusão das mulheres e reforçou o apagamento delas nesse

---

<sup>22</sup> Esse artigo encontra-se publicado originalmente na revista estadunidense *ArtNews* em 1971. Encontra-se online em português, traduzido por Juliana Vacaro, pela Edições Aurora, em 2016.

cenário, principalmente no século XIX e XX, quando a prática artística das mulheres, quando não era excluída, era inferiorizada (Vicente, 2011, p. 20).

A arte, durante muito tempo, foi considerada elitista. No próprio livro de Mariana Coelho isso é perceptível, ao vermos sobrenomes de figuras que dominaram a economia e a política curitibana, como os Corrêa e os Munhoz Cavalcanti. Segundo Antonio (2007, p. 133), para os intelectuais curitibanos, “a arte e o próprio artista tinham uma missão sublime a cumprir. A fé na arte acima do cotidiano revela a crença nos ideais clássicos e românticos como os pilares da verdadeira expressão artística”. Por conta disso, percebemos entre esses intelectuais um discurso até mesmo com excesso de retórica, sobre essa “missão” de “civilizar” os paranaenses, e apontá-los como literatos cultos e progressistas. Com certo exagero sobre o potencial intelectual de uma província recém emancipada, talvez esteja aí o motivo: esses intelectuais buscavam se afirmar e reforçar uma identidade regional perante as demais regiões do país, principalmente após sua independência de São Paulo.

## 2.2 EM SUA DEFESA: A *CRÍTICA PARANAENSE AO PARANÁ MENTAL*, POR TEIXEIRA COELHO

Havia uma certa hesitação e dificuldade por parte dos homens para tecerem críticas às obras femininas, pois muitas das críticas se voltavam a limitar suas capacidades intelectuais por conta de seu gênero em vez de falar da relevância da obra em si. Dizia Euclides Bandeira, no *Diário da Tarde*:

“Com os homens pode-se até ir a verdade brutal, no desdobramento do justiceiro e retilínea apreciação; com as senhoras, por princípio cavalheirismo e por não ferir nem de leve melindres delicadíssimos, o analysta é constrangido às meias palavras e essas mesmas de ilimitada condescendência, suave como veludos (Bandeira, 1908).

Essa espécie de cuidado ao criticar a escrita feminina reforça os estereótipos e a relação de dominação simbólica, dos homens como detentores do poder e das mulheres como merecedoras de uma palavra de apaziguamento apenas, por estarem numa esfera que não seria própria a elas.

Percebe-se que Carlos Alberto Teixeira Coelho era um irmão bastante próximo de Mariana Coelho, e foi quem lhe aproximou principalmente das discussões do livre-pensamento e do anticlericalismo. Assim como Mariana Coelho, ele era



português de origem que se mudou para o Brasil, passando a morar em Ponta Grossa em 1893. Diniz (2015) escreve sobre a trajetória de Carlos Alberto Teixeira Coelho, mas conhecido como Teixeira Coelho:

Convidado a vir para Ponta Grossa, que, desde a saída de Alfredo Marques de Campos<sup>23</sup>, deixara de contar com a presença o farmacêutico diplomado, instalou-se no pequeno prédio sito nas proximidades da Igreja Matriz de Sant'Anna. Tempos depois, mudou-se para a Rua Santos Dumont, esquina com a Dr. Collares e, em seguida para a Rua Sete de Setembro, no local onde existiu o cine "Recreio Pontagrossense". Homem de espírito aberto e de coração imenso, no que era acompanhado pela mulher Júlia, logo conquistou a simpatia dos mais humildes, que passaram a chamar, carinhosamente, de "Seu Coêio da farmácia" (Diniz, 2015, p. 203).

Por conta dos constantes ataques que o livro *O Paraná Mental* de Mariana Coelho recebeu, seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho<sup>24</sup> saiu em sua defesa, oferecendo apoio intelectual, escrevendo um pequeno opúsculo no qual contesta algumas das críticas ao livro de sua irmã. Esse opúsculo é intitulado *A crítica paranaense ao "Paraná Mental"*<sup>25</sup>, e foi impresso em Curitiba, em 1908, pela *Tipografia Econômica*.

Mariana Coelho era bem próxima de seu irmão. Sobre a influência que Teixeira Coelho exerceu na vida dela, Bueno (2010) diz:

O capital cultural que possuía Teixeira Coelho não era comum entre a comunidade letrada da sociedade da época. De profunda erudição, Teixeira Coelho falava francês, inglês, grego e latim e participou intensamente da vida intelectual da região dos campos gerais, atuando como jornalista no periódico "Gazeta dos Campos" e como diretor, em 1905, do jornal "Luz Essência" de orientação maçônica. Seu nome consta na lista dos obreiros da Loja Maçônica Amor e Caridade de Ponta Grossa, tendo assumido, em 1902, o cargo de diretor da escola Luz Essência mantida por esta loja na mesma cidade. Sua participação na maçonaria é um fator relevante para explicar os laços de Mariana Coelho com esse movimento. Ela manteve relações muito próximas com os intelectuais que participaram da Loja Maçônica Acácia Paranaense e, em iniciativa com outras mulheres, esposas de maçons

<sup>23</sup> A título de curiosidade, Alfredo Marques de Campos, o farmacêutico ao qual Teixeira Coelho veio substituir, é nome conhecido na história dos campos gerais, por ter assassinado sua esposa Corina Portugal. Hoje em dia, Corina é considerada uma santa popular em Ponta Grossa, enterrada no cemitério municipal São José, e muitos fiéis relatam milagres atendidos por essa mulher vítima da agressividade e brutalidade masculina.

<sup>24</sup> Carlos Alberto Teixeira Coelho (1866-1926) era irmão de Mariana Coelho. Durante muitos anos viveu em Ponta Grossa – Paraná. Sua formação inicial foi pela Universidade de Coimbra – Portugal, como boticário. Atuou durante anos como farmacêutico na cidade de Ponta Grossa. Pertenceu a Liga Anticlerical e à Loja Maçônica Amor e Caridade, em Ponta Grossa. Também foi editor e proprietário de vários periódicos alinhados aos ideais do livre-pensamento, do anticlericalismo e do anarquismo. (Bueno, 2010).

<sup>25</sup> Durante a pesquisa foi localizado somente um exemplar desse opúsculo no acervo da seção de obras raras da Biblioteca Pública do Paraná. Essa obra possivelmente pertencia a Albano Reis, pois há uma dedicatória do autor a esse.

pertencentes à loja, fundou a loja de Adoção Filhas de Acácia (Bueno, 2010, p. 34).

No opúsculo, Teixeira Coelho inicia escrevendo a propósito de como se entende o papel da crítica no Paraná e de como se deu a crítica ao livro *O Paraná Mental*, a qual, segundo ele, para um meio literário “*culto e progressista*” a crítica “*foi por demais deplorável*”. Diz:

Sabemos que os verdadeiros paranaenses, amigos das boas letras, do bom nome da sua terra e da sua recomendável reputação intelectual e moral, já lhes faziamos essa justiça, não só não acoroçoaram, como, ao contrário, lavraram cerrado protesto contra esse tristíssimo processo de crítica. Protesto que, saído de todas as classes sociais, não só da capital como do interior do Estado, se generalizou (Coelho, C.A.T., 1908, p. 5)

Para ele, o alcance que a crítica deu ao livro, de ultrapassar os limites da capital e chegar até mesmo ao interior do Estado, teve um ponto positivo, pois, ao se falar do livro, ao criticá-lo, o colocava em destaque. Teixeira Coelho diz que “e assim deveria ser: pois que, se o contrário sucedesse, seria, além de um péssimo precedente, uma deprimente recomendação para a litteratura do Paraná”, visto que as críticas ao livro estavam, na verdade, promovendo-o ainda mais, fazendo com que mais pessoas ouvissem falar sobre e buscassem ler.

Porém, para ele, a crítica que se seguiu à obra era feita sem critério algum, não se buscava trazer ensinamentos, e havia “falta de conscienciosa analyse”, sendo feito de forma “parcial”, “agressiva”, com “desenfreada descortesia”. De acordo com Teixeira Coelho (1908, p.06), “a crítica litteraria paranaense conhecia só estes dois extremos: o elogio em barda, a torto e a direita e a propósito de tudo, ou o silêncio do – recebemos, gratos pela oferta”. Para ele, essa característica da crítica elogiosa em abundância, do elogio mútuo ou do ignorar e silenciar sobre novas obras seria algo que “a despeito de ter prejudicado essencialmente o meio litterario paranaense, como fator do retardamento da sua perfeição e mau guia das suas tendências progressistas”, ou seja, não deveria mais fazer parte do comportamento dos literatos que almejavam acompanhar as mudanças da sociedade progressista e moderna.

Para Teixeira Coelho, a crítica para ser séria deveria ser meticulosa e imparcial, e os críticos do *O Paraná Mental* estavam renunciando às formas de críticas as quais os literatos do Paraná estavam tão acostumados, que era do elogio mútuo, mas que, de certa forma, para mudar o rumo da crítica:

Entendeu, pois, que era já tempo de afastar-se d'essa viciosa preocupação; e crendo chegado o momento opportuno, pretendeu assumir a envergadura da crítica séria, meticulosa e severa, porquanto a despeito mesmo de a criticada ser uma senhora, ella não passava, aos seus olhos, de uma intrusa... (Coelho, C.A.T., 1908, p. 7)

Segundo Teixeira Coelho, ninguém contestou que o livro pudesse ter defeitos e lacunas, o que até mesmo a própria autora reconheceu e declarou no próprio livro e posteriormente nas réplicas e trélicas das críticas nos jornais. Entretanto, a crítica focou-se nas falhas do proêmio de Rocha Pombo, ao falar que por esse “não estar feita nesse prefacio a analyse detalhada do livro”, de seu conteúdo, classificou de “correntia” a prosa de Rocha Pombo, o que, para Teixeira Coelho, “correntia” significava escrita vulgar, comum, trivial, o que, para ele, mostrava um certo desacordo de opiniões e de estilo de escrita entre os críticos do *O Paraná Mental* e o autor do proêmio da obra, Rocha Pombo. Teixeira Coelho diz: “Isto mesmo quando toda a gente ignorasse que o laureado autor da História do Brasil, pela sonoridade do seu estylo, pela formosura, propriedade e correcção da sua linguagem, não está nos casos de ser discípulo do snr. Bandeira” (Coelho, C.A.T., 1908, p. 9).

Aliás, quando Mariana Coelho passou a receber críticas no jornal *Diário da Tarde*, pelo “snr. B”, e no *A República* pelo “snr. S”, não se tinha clareza sobre quem seriam esses personagens anônimos. Em nenhum momento através das respostas trocadas pelos artigos dos jornais a identidade deles é revelada. Mas, no opúsculo de Teixeira Coelho, ele nos deixa claro que “snr. B”, é Euclides Bandeira, e “snr. S” é Serafim França. Isso fica nítido quando Teixeira Coelho nos diz, sobre Euclides Bandeira:

O snr. Bandeira continuou por ali fora, desfiando um rosário de observações, muitas das quaes descabidas e até irrisórias, e que, expostas em synthese, consistiram mais ou menos nisto: “estas divagações entram a martello; aquella dissertação sobre Arte nada tem que ver com o “Paraná Mental”; este é um enxerto intempestivo, aquelle devia estar antes, este depois, aquell'outro lá mais para deante”; e assim neste gosto, como se houvesse falta de nexo nessas divagações, e como se um livro com aquelle título, que não é um compendio didactico, fosse obrigado a taes meticulosidades chronologicas! (Coelho, C.A.T., 1908, p. 9).

Bem como nesse trecho, sobre Serafim França:

Pode-se julgar com precisão da impropriedade e inesthetica dos vocábulos, da inexpressividade e insentimento dos trechos e do desdoiramento das jaças, pelas taxinomias abracadabrantes em que é prolixa a penna do snr. Seraphim, e pela original envergadura analysta de que tem dado provas em matéria de crítica (Coelho, C.A.T., 1908, p. 25).

Teixeira Coelho aponta que as críticas eram discordando da opinião da autora acerca do que ela escreve da característica dos sujeitos que ela nomeia, contrariando-a, dizendo “este não é pallido, aquelle não é doce, este não é triste, aquella não está demente”, referindo-se, por exemplo, ao que Mariana Coelho escreve sobre Silveira Netto e Julia da Costa:

Pálido sempre, sempre contemplativo e concentrado nas suas preocupações artísticas, com a sua aparência triste e doentia de quem sente e sofre impellido por uma compleição singular, tal é o aspecto físico-moral deste poeta, que no seu último livro mencionado, presta sincera homenagem ao malogrado poeta lusitano Antonio Nobre (Coelho, Mariana, 1908, p. 34).

(...)

Primeira e única literata paranaense; distinta poetisa e prosadora. Publicou dois volumes de versos: o primeiro, intitulado Flores dispersas; o segundo, Bouquet de violetas. Vive, atualmente, essa adorável e infeliz poetisa, numa cidade do estado de Santa Catarina, envolta na treva da demência (Coelho, Mariana, 1908, p. 39).

Teixeira Coelho, em vários momentos, fala sobre o parcialismo de Euclides Bandeira na sua crítica à obra de Mariana Coelho, e diz que esse silenciara sobre “um dos maiores defeitos do livro”, que seria “o exagero optimista na apreciação de vários litteratos que ali figuram quasi como sendo a oitava maravilha mundial”. Segundo ele, a autora foi extremamente bondosa em muitos casos, para tornar-se agradável, mas que isso pode ser prejudicial, pois, para ele “visto que a lisonja, que é vizinha da mentira, nunca poderá ser um agente de incentivos e, portanto, de progresso” (Coelho, C.A.T., 1908, p. 10).

Outro ponto que ele comenta é sobre o “nativismo” do crítico, por conta da autora ser estrangeira, Teixeira Coelho diz que se “fosse uma paranaense a autora do livro: o que por lá não iria! Que badalar de sinos e espoucar de foguetes não teria havido lá no conventículo!” (Coelho, C.A.T., 1908, p. 10). Para ele, muitas das críticas se davam por conta da nacionalidade de Mariana Coelho, por não ter ela origem local.

O crítico “snr. S”, que escreveu vários artigos no jornal *A República*, era então Serafim França, que dizia que o livro tinha “vocábulos impróprios e inesthéticos, trechos ás vezes inexpressivos e outras insentidos”. Para Teixeira Coelho, Serafim França “achou o livro bom em todos os pontos onde a autora elogiou em massa, e mau onde não poz phrases elogíacas de alto calibre” (Coelho, C.A.T., 1908, p. 26). Serafim França também era considerado como cheio de “nativismo rubro”.

O próprio Serafim França foi um dos nomes pontuados por Mariana Coelho como dos que lhe ajudaram na organização de informações para o livro. Ele reclama

por ela ter “esquecido” de citar alguns nomes que para eles seriam de grande importância no cenário cultural de Curitiba, como do musicista João Manoel da Cunha. Mariana Coelho defende-se lembrando-o que ele lhe ajudou na confecção do livro e que tal nome não estava na lista que Serafim havia lhe feito. Diz Serafim em sua crítica no jornal *A República*, “a illustre escriptora pediu-nos informações, é verdade, mas nem seria possível que o ligeiro rascunho que fizemos fosse uma summula completa do “Paraná Mental”, quando o seu pedido foi simplesmente de alguns apontamentos” (*A República*, ed. 214, 1908).

Percebemos uma discordância entre Mariana Coelho, seu irmão Teixeira Coelho e seus dois críticos, Euclides Bandeira e Serafim França. Tanto ela, como Teixeira Coelho eram contrários às características da poesia de estética simbolista, por isso eram desfavoráveis aos literatos que faziam uso desse tipo de escrita, os quais Teixeira Coelho vai chamar de “fructos da alucinação nephelibatico-nativista”. Por outro lado, Euclides Bandeira e Serafim França eram defensores da poesia simbolista. Por isso, eram chamados por Mariana Coelho e Teixeira Coelho de “nephelibatás”. Para esses dois irmãos, não haveria uma distinção entre simbolismo, decadentismo e nefelibatismo. Diz Teixeira Coelho:

Ora, no symbolismo, e ainda mais no decadentismo e nephelibatismo – tudo a mesma família, herdando, como de pae para filho, o mesmo sangue viciado, os mesmos caracteres mórbidos, o mesmo espírito de ficção, os mesmos desequilíbrios concepçionaes, não há lyrismo, porque nem sequer chega a haver cabedal suficiente que lhes dê direito a serem considerados legítimos representantes do Bello, e portanto, da Arte (Coelho, C.A.T., 1908, p. 32).

Havia uma discussão do que seria a verdadeira “Arte” para esses literatos. Euclides Bandeira e Serafim França defendiam o simbolismo, não aceitavam serem chamados de nefelibatas, declaravam que a autora era “ignorante e leiga na matéria”. Os críticos dizem ter deixado a autora irritada, “pois a illustre escriptora, abespinhada já, não mais afina o seu vocabulário, agora feroz, n’aquelle timbre tão feminino e gostoso” (*A República*, ed. 00224, 1908), ao que Mariana Coelho responde de que “não há ali irritação alguma: há apenas, implicitamente, a demonstração clara do nulo valor dos produtos que nos apresenta o nephelibatismo” (*A República*, ed. 002, 1908). Teixeira Coelho também lhes respondeu no opúsculo:

É digno de registrar-se que, para o nephelibata, é sempre um ignorante dos processos, da arte e das virtudes da sua escola todo aquelle que não vir nella valor algum, nem arte, nem utilidade, nem ensinamento, nem lógica, nem coisa alguma que se pareça com a essencia do Bello – a Verdade (Coelho,

C.A.T., 1908, p. 15).

Essas críticas provocativas contra a autora nos apresentam um discurso de posicionamento da “virilidade” e “autoridade” desses dois críticos, ao dizer que a autora era ignorante e leiga na matéria, buscando afirmar que a eles pertencia o domínio e conhecimento sobre o assunto. Segundo Bourdieu (2014) “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino” (Bourdieu, 2014, p. 67). Percebemos isso até mesmo pelo fato das críticas continuarem enquanto Mariana Coelho as respondia através da imprensa, ou seja, não cessaram enquanto seu irmão não interveio. Os críticos somente se calaram depois que um homem foi de encontro a eles com a resposta dada por Teixeira Coelho no seu opúsculo.

Euclides Bandeira pontua como o simbolismo tem ganhado força no Paraná, principalmente na capital Curitiba. Cita que na coletânea de Mello Moraes Filho, publicada em 1903, de 20 cultores dessa doutrina, só do Paraná são 14, e que o número estava crescendo a cada dia.

Teixeira Coelho se entristece com o progresso literário do Paraná, pois para ele, apesar de muitos cultivadores da poesia estarem “abandonando as formas da velha concepção romântica e os moldes polidos do parnasianismo”, pois muitos estão acompanhando a escola simbolista da qual ele não simpatiza. Diz:

Ora, a arte que se nos apresenta sob fórmulas abstrusas, com a esthetica da esfinge, e se afasta por completo das normas positivas do critério são, não é arte, é o falseamento do Bello, a negação da sua razão de ser; não é arte- é uma aberração, um requinte mentiroso, que só pode deliciar os amadores de secções charadísticas ou gymnosophistas atacados de epilepsia. [...] Claro que, sendo uma escola de princípios doentios, de degenerescências mórbidas, com tal abundância de matéria pathológica, o logar dos seus sectários e dos seus productos está naturalmente indicado - é no hospital. (Coelho, C.A.T., 1908, p. 18-19).

O autor do opúsculo cita alguns nomes que foram favoráveis e fizeram críticas positivas ao aparecimento do livro de Mariana Coelho, como “dos outros críticos que fizeram justiça à sua autora, taes como os illustrados escriptores, snrs. Antonio Gomes, Hugo Reis, Schneider e Brito Mendes”. Diz ainda que, quando o opúsculo ia entrar no prelo, deu-se o fato de que foi publicado um álbum de poesias sob o título de *Poesia Paranaense*, que, para Teixeira Coelho, tinha “idêntico fim e destino igual ao do *Paraná Mental*, que, aliás, tinha como organizadores tanto Euclides Bandeira

como Serafim França. Sobre isso, Teixeira Coelho diz que “este é o caso de a sua autora (Mariana Coelho) chamar as contas os mencionados críticos, visto que dirigiram essa publicação e perguntar-lhes”:

Se os vossos reparos relativos a omissões, a injustiças, e ordem de collocação, tinham razão de ser, se quereis que lhes atribua o valor que lhes imprimistes, porque é que collocastes Julia da Costa e Silveira Netto lá no meio da collectanea, depois de Helvidio Silva, Leonidas Barros e José Gelbeck, bem como Leôncio Correia depois de Gilberto Beltrão [...] Como é que tão flagrante e rapidamente vos contradissestes, apresentando a vossa collectanea com lacunas muito mais graves, e até inexplicáveis, omitindo Dario Vellozo, Claudino dos Santos [...] . (Coelho, C.A.T., 1908, p. 33-34).

O fato é que os críticos estavam fazendo em sua própria obra o que tanto criticaram na obra da autora. Como já percebido, as críticas extrapolaram a capital, e o assunto foi discutido até mesmo em cidades vizinhas, como Ponta Grossa. Há indícios, no trecho abaixo, de que o livro *O Paraná Mental* foi assunto no jornal *O Escalpello*, órgão do centro livre-pensador dessa mesma cidade, em que há um desentendimento publicado na imprensa entre Virgolino Brasil e João Baptista Dutra sobre a veracidade da identidade do autor de alguns artigos publicados no jornal *O Progresso*, de Ponta Grossa, no qual, como consta, alguns artigos que haviam sido escritos não eram os originais publicados. Entre esses artigos que foram postos em dúvida estava o “caso da crítica ao Paraná Mental” (*O Escalpello*, ed. 3, 1908).

Não é de se estranhar que tal discussão tenha chegado a Ponta Grossa e até esse jornal, pois Teixeira Coelho residia nessa cidade e, de acordo com Bueno (p. 36), junto com Mariana Coelho fundou, em 1908, o jornal *O Escalpello*.<sup>26</sup>

Mariana Coelho deixa bem claro em seus escritos sobre o orgulho que possui por sua nacionalidade lusitana. Na Curitiba do período, aconteciam vários eventos de exaltação da pátria mãe dos que se mudaram para cá, principalmente dos portugueses, eventos esses que juntavam altas autoridades municipais, estaduais e, até mesmo por vezes, federais. Nesses festejos comemorativos faziam-se sessões cívicas, conferências, discursos, apresentações musicais etc. Um exemplo desse tipo de comemoração é o que vemos descrito no jornal *A República*, de 1922, que trata de uma sessão solene que ocorreu no Teatro Guayra “em comemoração ao glorioso feito de Saccadura Cabral e Gago Coutinho”, que reuniu corpo consular, membros de

---

<sup>26</sup> Não foi possível confirmar tal fato visto que durante a pesquisa somente foi encontrada uma edição do jornal *O Escalpello*, na qual se encontram referências ao Teixeira Coelho como colaborador, porém nenhuma referência direta à Mariana Coelho como uma de suas fundadoras.

destaque da colônia portuguesa e da elite social paranaense. De acordo com esse jornal:

Presidiu a sessão o sr. Consul de Portugal, que deu a palavra ao notável tribuno sr. Dario Vellozo que proferiu um admirável discurso, terminando ao som do hymno nacional. A seguir foram ditos lindos versos do Seraphim França.

O sr. Dr. Mario Henriques leu uma bella pagina “Glorificação da Raça”.

O sr. Ferreira Leal leu dourados versos da sua lavra.

O sr. Antonio José de Oliveira leu a mensagem que o Centro Republicano Portugues (Miguel Bombarda) dirigiu aos inclitos aviadores que é a seguinte: “Solo, solo, coello potentes”. O Centro Republicano “Miguel Bombarda”, pela sua directoria, tem a honra de ir à vossa presença, para saudar com a máxima veneração e convicção cívica, os legítimos representantes e heroicos continuadores da raça genial que se immortalizou na história pelas suas altissonantes epopeias. Tendo este Centro resolvido, por unanimidade, em Assembléa Geral de 11 de julho de 1919, premiar com uma medalha commemorativa do grande feito o primeiro aviador que effectuasse o grande Lisboa-Rio, é com o maior entornecimento e intima satisfação que elle, por intermedio da sua delegação, tem o orgulho de collocar no vosso peito illustre esse symbolo do hydro-avião em que realizasteis o voo immortal. Não podia o velho Portugal, rejuvenescido para honrar a sua imorredora tradição de dominador de oceanos e conquistador de mundos, confirmar mais eloquentemente o seu passado benemérito, do que inscrevendo no cadetro opulento das suas odysseas os nomes gloriosos de dois intrépidos bandeirantes do Azul- Cabral e Coutinho. Vós demonstrastes, pelo vosso civismo, ver os genuínos sucessores de Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque, de Magalhães e Pero de Alenquer, de Bartholomeu Dias e Alvares Cabral. “Ditosa pátria que taes filhos tem”. Conscio de cumprir o justo e gratíssimo dever cívico, é com o mais vivo desvanecimento que este Centro vos felicita pelo altíssimo triumpho com que glorificastes a Patria, immortalizastes o vosso nome e engrandecestes a humanidade.

Salve, heroicos dominadores dos ares.

Curityba, 15 de junho de 1922.

Presidente: Antonio José d’ Oliveira. Vice-presidente: Annibal Pires; 1º Secretário: A. Ferreira Leal; 2º Secretário: Mariana Coelho; Orador: Teixeira Coelho; Thesoureiro: José Barreiros (A Sessão Solemne no Guayra, *A República*, 1922).

Antonio Gomes, do jornal *O Guayra*, de Guarapuava, faz um longo discurso crítico sobre o livro *O Paraná Mental*, texto esse republicado no jornal *A República*, na edição 215 de 1908. Diz ele que “foi-me delegada a incumbência de fazer a apreciação da elegante brochura *O Paraná Mental* de d. Marianna Coelho”. Antonio Gomes se refere como não sendo crítico, pois que para tal pretensão “me não autorizaria o meu fraquíssimo cultivo litterario. Si aqui me acho neste posto, é tão somente para corresponder a delicadeza do convite e não para ostentar conhecimentos que absolutamente não possuo”. Para ele, o que escreve sobre o livro são apenas algumas de suas opiniões.

Percebe-se um certo cuidado com as palavras utilizadas pelo escritor, pois ao mesmo tempo que diz que, quanto à forma, a obra é de “inapreciável valor”, “quanto



ao fundo discordo alguma coisa do pensar, aliás respeitável, da festejada escriptora.” Diz que discorda, mas ao mesmo tempo recorre a palavras elogiosas à condição de como a escritora é recebida na cena paranaense. Sobre a forma como tal escritora escreve, diz: “D. Marianna Coelho é uma escriptora brilhantíssima, o seu estylo é suave, leve, fluente, como o deslizar das águas mansas, lambendo as areias. Tem esse qui que se percebe, que se sente, mas não se pode definir, da litteratura moderna” (Gomes, *O Guayra*. ed. 215, ano 1908).

A revista *O Olho da Rua*, que escrevia textos humorísticos, passou a também tecer vários comentários sobre *O Paraná Mental* e sua autora. Sobre as qualidades de escritora, dizem que Mariana Coelho “é pois ao mesmo tempo Minerva e Sapho, maneja de modo admirável à palmatória e ao mesmo tempo a lyra. Ah! Bello sexo, ah! Frágil e gracioso sexo, mira-te naquelle espelho!” (*O Olho da Rua*, ed. 00036, 1908). A ideia de “feminilidade” e do entendimento da mulher como “sexo frágil” é também “um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder” (Bourdieu, 2014, p. 118), que determinam a condição das mulheres a determinadas funções como próprias a elas.

Aparece um poema para Mariana Coelho e sua obra, assinado em *O Olho da Rua* por alguém que se identifica como Hélio, esse segundo Bega (2013) era um dos pseudônimos utilizados por Euclides Bandeira:

No Paraná – Mental, estrambólico opúsculo,  
Tomam este carão os taes nephelibatas  
É um pito mui gentil feito em typo minúsculo,  
Tão gentil que até põe nossos poetas de gatas...

Foi à luz vesperal de invernosso crepúsculo  
Que lendo isso eu cá fiz reflexões exactas:  
Que vale o coração, tão pequenino músculo  
Que nem dá para um bife embora com batatas?

Se elle dêsse um churrasco enfiado em bom esbeque  
Ainda vá... Porém elle, além de não ser chic,  
É mysterioso como um insondável pégo...

Não tem mesmo o valor de um rutilo Patek  
Porque vae, tic-tac, e de repente: tlic!  
Estala a corda e adeus! Nem presta para o prégo!

(Hélio. Coração Nephelibata. *O Olho da Rua*. ed. 00036, 1908)

Dizem que a escritora deveria ter sido mais criteriosa para conseguir fazer “cousa muftissimo melhor” e que, segundo esses críticos d’*O Olho da Rua*, deveria

abstrair das críticas, pois

Ao contrário todas as moças bonitas podiam escrever as asneiras que quizessem: ninguém, nenhum crítico sensuaria os seus dispaupérios porque a sua autora é uma mulher e mulher bonita, ou então amiga íntima de suas irmãs, namorada do seu amigo Pedro ou ainda tia da sua apreciadíssima coiô... (*O Olho da Rua*, ed. 00037(3), 1908).

Vemos em Sirinelli (2003) que os jornais e revistas podem ser entendidos como elementos estruturantes do campo intelectual, que o refletem, nos mostram as amizades estabelecidas, os antagonismos de opiniões, as influências de ideias, divergências, rivalidades, atritos, bem como, através desses meios de comunicação, podemos verificar os debates do período, que servem como um “observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais” (Sirinelli, 2003, p. 249), permitindo, assim, que nós pesquisadores possamos analisar o movimento das ideias e os embates e alianças ocorridos nesses determinados contextos.

Em 1962, anos depois da morte de Mariana Coelho e muito tempo depois de publicado o livro *O Paraná Mental*, a questão sobre o cenário literário paranaense ainda incomoda alguns. O *Diário da Tarde* publica um artigo intitulado “*Crítica literária: uma lacuna*” (*Diário da Tarde*, ed. 20759, 1962), reclamando que a literatura paranaense necessita de uma história, bem compilada e que seja devidamente registrada, selecionada e classificada de forma crítica, afirmando que “o que há, é uma completa barafunda de obras e autores jogados por aí”. Uma das questões levantadas por esse artigo é de que existiria uma história literária paranaense, mas que, na opinião de tais críticos, o que faltava era uma história da literatura paranaense, escrita materialmente.

Sobre o que se tinha até então produzido do percurso literário paranaense, comentam da obra de Mariana Coelho, “é dos primeiros trabalhos sobre o assunto na intenção apenas da autora portuguesa. Logicamente, foi um tremendo ardor patriótico o que levou Rocha Pombo a prefaciá-lo.” Dizem que “falta-lhe estrutura, desenvolvimento e lógica nas análises. Estilo horrivelmente medieval, salvando-se as citações”.

Algum tempo depois do livro *O Paraná Mental* (1908), surge pela livraria Americana o “*Paraná Intelectual*” (1922), de Augusto Rocha. Sobre esse livro, os críticos de *O Diário da Tarde* dizem que “a evolução que sofreu o estudo histórico da literatura paranaense, foi unicamente de “*Paraná Mental*” a “*Paraná Intelectual*”, ou

seja, poucas mudanças significativas de uma para outra, quem sabe somente o título alterado do nome dos livros. Segundo eles, “o sentimento patriótico-deformador é o mesmo. A mediocridade idêntica.” Posteriormente, surgiram várias antologias (em prosa e verso) sobre o assunto, mas para eles, nenhuma com tanto aprofundamento. Dizem:

Mas, quem até agora, deu o maior passo no terreno da reconstituição histórica e bibliográfica da literatura paranaense, foi, assim o creio, o sr. Julio E. Moreira, ao escrever o volumoso “Dicionário Bibliográfico do Paraná. Falho, incorreto e deficiente em muitos sentidos: porém, com o mérito incontestável de ser a obra mais séria que até hoje alguém já escreveu sobre o assunto. É ponto de partida, pelo abundante material encerrado, á concretização final da primeira e verdadeira “História da Literatura Paranaense” (Diário da Tarde, Crítica literária: uma lacuna, Edição 20759, Ano 1962).

Marco Aurélio de Souza (2016) faz uma análise da história literária do Paraná, e entre as obras analisadas pelo pesquisador está a obra *O Paraná Mental* (1908), de Mariana Coelho. Em comparação ao que Mariana Coelho traz do cenário literário paranaense, ele analisa também a obra *Letras Paranaenses* (1970), de Andrade Muricy, o escrito memorialístico de Marilda Samways, no livro *Introdução à Literatura Paranaense* (1988), e a partir da análise do fenômeno literário coletivo, pela obra *Contos Paranaenses* (2014), de Luiz Ruffato. Segundo Souza, as obras de Mariana Coelho e de Andrade Muricy podem ser consideradas e classificadas como inventariantes, posto que, para ele “resgatam o acontecimento, ignorando o processo de interpretação do dado”. A obra de Samways, para Souza, se aproxima bastante da de Coelho e Muricy, diferenciando-se por se deter na análise da revista Joaquim e da trajetória de Dalton Trevisam e seus “aliados”. Segundo ele, é com a obra de Luiz Ruffato que, “a rigor passamos de uma visão do literário enquanto obra individual para uma ideia de vida literária, de literatura enquanto fenômeno social” (Souza, 2016, p. 336).

### CAPÍTULO 3 – UMA MULHER POLIVALENTE

*Agita-se, minhas Iir. em todos os pontos do mundo liberal, uma grave questão, sobre a qual a minha consciência de mulher que compreende o que significam as palavras – progresso e evolução, de mulher que trabalha, convicta, pela emancipação feminina, me manda externar o que sinto. Fazendo-o, cumpro, por consciência, um dever. Demais, ninguém pode negar-me o direito de pensar e opinar, de abordar, enfim, qualquer assumpto da actualidade, moral como social.*

(Mariana Coelho)

Além de colaboradora assídua de diversos jornais, Mariana Coelho teve um papel de grande atuação no cenário educacional paranaense. Gotlib (2003 p. 35) afirma que grande parte das mulheres escritoras da época acumulava, à atividade da escrita, um trabalho didático, mais ou menos profissionalizado, e um trabalho jornalístico na divulgação das propostas de teor feminista, mais ou menos politicamente engajado, e podemos visualizar Mariana Coelho atuando nessas três perspectivas, imprensa, docência e feminismo.

Vemos que Mariana Coelho exerceu seu ativismo em várias frentes, buscando, em suas atuações, questionar sobre as injustiças sociais, políticas e culturais que atingiam as mulheres, discutindo sobre os entraves colocados à participação feminina em diversos cenários, nos quais limitavam suas funções e os espaços de atuação.

No que se tratava sobre comportamentos femininos desejáveis e esperados para “boas moças”, juristas prescreviam que mulheres honestas não podiam andar sozinhas. Soihet (2018) diz que se coadunava tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos, sobre a divisão das esferas que destinava às mulheres o domínio da órbita privada e aos homens, o da pública. Embora as mulheres mais ricas fossem estimuladas a frequentar as ruas em determinadas ocasiões, nos teatros, casas de chá, ou mesmo passeando nas novas avenidas, deveriam estar sempre acompanhadas (Soihet, 2018, p. 365).

Mariana Coelho tinha uma grande preocupação com a educação das mulheres, e via na educação uma possibilidade para desenvolvimento pessoal e de carreira. Em seu tempo, começavam a ser frequentes os artigos na imprensa que apontavam a instrução como maneira para as mulheres almejarem sua emancipação, e ela era uma das que seguia e disseminava essa ideia, pois defendia que a instrução

feminina deveria ser mais ampla e consistente. Eis um trecho de um artigo do jornal católico *A Estrella* que nos apresenta bem qual era o ideal esperado da mulher naquela sociedade, através de um relato de um pai sobre o comportamento de sua filha e de como as mulheres “deveriam aproveitar da melhor maneira possível o seu tempo”:

Levanta-se cedo, ouve missa, toma café, segue diversos cursos e estudos, trabalha em casa, faz passear o A., vae às reuniões das sociedades catholicas à que pertence, recebe e visita algumas amigas bem escolhidas, confessa-se e communga todas as semanas juntamente com as irmãs, nunca foi à bailes e theatros, nunca leu romances, vive muito contente e ajuda a sua mãe em tudo o que pode. As irmãs menores vão no mesmo caminho. É uma benção de Deus. Eis aqui um testemunho íntimo, insuspeito, authenticico, valioso do que é a educação, dada nos collegios religiosos (EDUCAÇÃO POR FREIRAS, *A Estrella*, 15 de junho de 1901).

Segundo Trindade (1996), esse discurso dos leigos religiosos vinha ao encontro com os ideais da educação confessional, no qual “a boa formação da mulher é um núcleo de irradiação da fé, da virtude e da moralidade cristãs, centrado no recinto doméstico, onde, com sacrifício, disciplina e renúncia, ela atua pela salvação dos filhos” (Trindade, 1996, p. 38). Dessa forma, a mulher ideal para aquele período, de acordo com a educação de cunho religioso e conservador, deveria seguir as virtudes da modéstia, da docilidade, da bondade e da obediência para alcançar a felicidade no lar. Ir à bailes e teatros, assim como ler romances e sair desacompanhada, estava fora de cogitação, pois não fazia parte do modelo de comportamento esperado para uma “boa moça”. Tanto nas escolas confessionais religiosas quanto nas que se diziam “modernas”, percebe-se que a formação moral das mulheres era uma grande preocupação.

Por conta disso, a Igreja Católica reforça o discurso contra o “modernismo”, seguindo os documentos e encíclicas que proíbem determinados comportamentos e práticas sociais, como a proibição de certos espaços, como bailes, teatro, cinema, e de certos livros entendidos como prejudiciais para a boa moral feminina cristã:

A ação da Igreja Católica liga-se visceralmente aos propósitos emanados da Encíclica Papal que recomenda, ao seu final, um reforço aos estudos religiosos, a proibição de leituras e publicações que difundam o “modernismo”, e a vigilância rigorosa das dioceses e dos fiéis. Incluindo-se nesse arrocho, a Igreja Católica em Curitiba providencia, ainda, para que se resguarde a mulher de uma vida social imersa nos “vícios” do modernismo; campanha que toma corpo e se acentua, a partir de 1916, com a publicação da revista *Veritas*, órgão de propagação das doutrinas católicas. Por ela difunde-se todo um ideário: em primeiro lugar, pelo incentivo à “boa imprensa”, canal de censura das obras repudiadas; em seguida, pelas

restrições ao teatro e ao cinema, considerados veículos de divulgação de cenas licenciosas e vida desregrada; pela condenação dos bailes e das danças “modernas”, focos de lascívia e apelo sexual; pelo desestímulo à vaidade feminina e à preocupação com os ditames da moda. Sob a expressão “o mundo”, são condenadas, então, a vida dos salões, as manifestações culturais e toda e qualquer forma de lazer. [A não ser o lazer de cunho assistencialista e benevolente – grifo nosso] (Trindade, 1996, p. 158)

Em 1904, o jornal *Bersaglière*, do Rio de Janeiro, publica uma carta aberta em defesa da mulher brasileira, como resposta destinada à escritora feminista argentina Concepción Gimeno del Flaquer, que havia feito um artigo atacando as “qualidades de espírito da mulher brasileira”. Concepción Gimeno havia criticado e deprimido a intelectualidade feminina do Brasil. Respondem-na que “é uma verdade, sim, que o nosso desenvolvimento intelectual está um tanto retardado. A mulher norte-americana e a mulher argentina progrediram mais”, e complementam:

No momento actual porém, nós as intellectuais desta bella região, levamos travada forte campanha, campanha sem tréguas, pelo levantamento da nossa educação. Queremos ficar no mesmo nível de saber das filhas da adiantada pátria de Henriqueta Beecker Stowe, a autora immortalizada da Cabana do Pae Thomaz, esta obra sublime de verdade e dor traduzida em todas as línguas! (Bersaglière, 1904).

Colocam as mulheres norte-americanas e argentinas como exemplo a ser seguido na luta pela emancipação feminina, enquanto, no Brasil, “não paramos, e na tribuna, e no magistério, e no jornalismo, e no livro, vamos estimulando nas nossas irmãs, o gosto pela instrucção, o esmero pela educação, o amor pelo trabalho que ampara, o desejo pela independência que dignifica”. Dizem que “apesar do atraso intelectual havemos evoluído imensamente nestes últimos anos”. Esse jornal do Rio de Janeiro, então, faz um compilado de nomes femininos que, segundo a opinião deles, têm se destacado no cenário intelectual brasileiro, entre os quais estão Mariana Coelho e Georgina Mongruel, como algumas das mulheres que tem se destacado no mundo das letras e da educação:

Temos presentemente medicas illustres como as dras. Maria Renotte, Antonieta Dias Morpurgo, Ermelinda de Sá, Francisca Barreto Pragner; advogadas notáveis como as dras. Myrthes de Campos, Maria Coelho, Maria A. de V. Freire; escriptoras distintíssimas como Julieta Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Amelia de Oliveira, Julia Cortines, Aurea Pires, Narcisa Amalia, Elvira Gama, Josephina Alvares de Azevedo (jornalista), Cacilda Francioni, Ercila Vorms, todas fluminenses; Amalia Francs, Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Georgina Teixeira, Ernestina Verella, Brazilia Marcondes, Rachel Macedo, Maria Piedade, Mina Mee, Dolores Alcantara, M. Emilia da Rocha, D. Simões, do Estado de S. Paulo; Presciliana Duarte de Almeida e Elfrida Gularte (mineiras e jornalistas); Delminda da Silveira (catarinense);

Marianna Coelho e Georgina Mongruel (do Paraná); Rita Souza e Rita Abreu (de Alagoas e jornalistas); Anna Lima (do Rio Grande do Norte); Idília de Lima Freire (da Parahyba); Alba Valdez, Francisca Clotilde e as irmãs Alencar (do Ceará, jornalistas); Maria Valmont (do Amazonas); Ignez Sabino, Amelia Rodrigues e Anna Aufran (da Bahia), Amelia de F. Bevilaqua (de Piauí); Maria A. de Freire, Edwiges Pereira, Úrsula Garcia, Anna Baptista Nogueira, Candida Duarte de Barros, Maria Olinda, Elisa de Almeida Cunha, Luiza Ramalho, C. Assis Brazil, Aura Pessoa, Rita Cintra da Costa, Isolina Lima, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro, Alice de Barros, Candida Ribeiro, Alcina Leite, Julia Figueiredo, Georgina Aurora e Francisca Isidoro (de Pernambuco); Mathilde Ultich, Revocata de Mello e Julieta de M. Monteiro (jornalistas); Candida F. Brandão; Anna Aurora, Zamira Lisboa, Carlota do Amaral, Candida Abreu Pereira, Maria Clara da Cunha Santos, Pidelina Ferreira, Abrantina Cardouce, Honorina Torres Correa, Adelia Marquez, Zilda Gama, Agostina Guizardi, Anna Alencar, Carolina Von Koseritz, Tercilia Nunes Lobo, Eudocia Assumpção, Anna Alvim, Laurentina Pillar, Virgília Rezende, Marinha Noronha, Rosa Fontana, Horacina Maissonette, Candida de Souza, Julieta Maissonette, Mathilde Mazon, Maria José Olinto Carneiro, Celina Alves, Pepita Leão, Julieta Felizardo, Annalia V. do Nascimento, Alba de Lima, Anna S. Velloso e Jacy Peres (do Rio Grande do Sul). E seria numerosíssima a série de nomes si fossemos a citar as talentosas brasileiras que no momento actual, surgem na litteratura, na sciencia, na música, no canto, na pintura, na esculptura, em todos os trabalhos de artes, na indústria, no commercio, em mil outros ramos da actividade humana (Bersaglière, 1904).

Segundo esse jornal, é grande, “apesar do nosso atraso”, o desenvolvimento intelectual da mulher brasileira, assim, pontua, lembrando exemplos de mulheres brasileiras que tiveram destaque internacional, como a literata Nísia Floresta, a qual “teve o venerado apreço de Victor Hugo e Augusto Comte”. “A Itália dobra o joelho, em Ravenna, ante a estátua de Carrara, de uma brasileira celebre entre as mulheres mais celebres de todos os tempos: é Annita, a catarineta heroica, a esposa amada de Garibaldi”. “A Rússia atirou braçadas de flores aos pés de Iracema, que também a República Argentina applaudiu delirantemente”. Apresentando figuras femininas brasileiras de reconhecimento internacional, os editores desse artigo jornalístico, então recomendam a leitura para “a v. exa. já que ignora o grau do nosso desenvolvimento, o famoso livro de Ignez Sabino “As mulheres illustres do Brasil”.

Percebemos, nos escritos de Mariana Coelho, suas preferências filosóficas, como, por exemplo, nas discussões que trava nos jornais, que não raras vezes ela traz algum desses nomes, como o de Littré e Spencer: “vem à pêlo uma phrase de Littré, que vimos algures, affirmando que o progresso da mentalidade de um povo depende do progresso concomitante do seu estado social” e “Spencer, o eminente constructor da sociologia, demonstra mais amplamente, em suas obras, a intuição dessa lei” (Coelho, M., 1908b). Essas referências mostram o peso de uma formação cultural, em que as ideias positivistas e evolucionistas eram colocados a serviço de

uma interpretação desses intelectuais mediadores para as suas defesas e para a defesa dos ideais que acreditavam, nesse caso, um discurso de que esses representariam um desenvolvimento social e cultural (Barbosa, 2001).

Essa retórica era muito comum no período, percebido não apenas nos textos de Mariana Coelho, mas também de seus críticos e de seu irmão, assim como fazia grande parte dos intelectuais que se dedicavam à atividade literária e aqueles que buscavam estabelecer um debate político de transformação social. “Estas referências a autores e obras nos discursos desempenham às vezes o papel de ornato erudito, mas sua principal função está em legitimar argumentos e posições” (Alonso, 2000, p. 28).

Esses intelectuais utilizavam esses pensadores europeus como “recursos de autoridade”. Para Alonso, uma citação de Littré, por exemplo, “deixa de significar o uso de um manual de vulgarização do sistema filosófico de Comte, donde se derivaria uma “escola” positivista “heterodoxa”, para sinalizar a simpatia pelo republicanismo francês de orientação científica” (Alonso, 2000). Segundo a autora, “o dicionário de Littré captava o tom geral da época, materializando o repertório para pensar a sociedade e a política que estava ainda em constituição” (Alonso, 2000).

### 3.1 UMA MARIANA COELHO ESTABELECIDADA: ADENTRANDO O MUNDO CULTURAL CURITIBANO

Por conta da vivência e influência de seus irmãos e do tio José Natividade Teixeira de Meirelles entre círculos maçons do Paraná, Mariana Coelho tinha contato e proximidade com vários membros da maçonaria regional e certa atuação nesse espaço social. Em 1902, em Curitiba, houve um Congresso Maçônico, no edifício da *Acácia Paranaense*, em que foi regularizado a Loja de Adoção Filhas de Acácia e no qual Mariana Coelho foi a oradora da sessão. De acordo com Bueno (2010, p. 35),

A loja de adoção de Curitiba foi fundada em 15 de dezembro de 1901 e funcionava aos sábados no templo da Loja Acácia Paranaense. Junto com Mariana Coelho, as seguintes mulheres participaram da abertura do templo: 1º Vig. – Mad. Francisco Simas; 2º Vig. – Augusta Schleder; Secretária – Leopoldina Stresses Schleder; Tesoureira – Mad. Robine; Secção de Beneficência- Baronesa do Serro Azul (Maria José Correia); Guarda da Torre – Maria Graitz; Mestre de Cerimônias – Zoraide Guimarães; Edelvira Rocha Vellozo; Josephina Pereira da Rocha (Bueno, 2010, p. 35).

Ainda segundo Bueno (2010, p. 35), as lojas de adoção tinham uma estrutura



muito próxima às lojas masculinas, mas se caracterizavam por admitir a presença de mulheres em seus trabalhos e reuniões. Porém, tiveram vida curta, e pouco tempo depois de serem criadas, foram consideradas como irregulares pelo Grande Oriente.

Segundo a transcrição da Coleção “A Maçonaria no Paraná”, em correspondência ao Grande Oriente, buscava-se para regularizar a “loja de senhoras”, garantir “a excelente reputação e honorabilidade das sras”, bem como, afirmavam que “as mesmas sras. foram devidamente iniciadas no grau 3º grau do Rito de adoção”. Mariana Coelho, como oradora, é quem pronuncia o discurso no ato da regularização da Loja. Nesse discurso, ela demonstra-se honrada e grata por desempenhar esse papel, receiosa, diz “porque não disponho de tão vastos recursos de intelligencia e instrucção como o distinctissimo orador que me procedeu”, assim como, diz não dispor de “dotes oratórios e de pratica que me ajudem a dar ao importante papel que me confiaste um desempenho completo”<sup>27</sup>.

Para Mariana Coelho, a participação das mulheres na instituição maçônica serviria para representar uma imagem de sociedade tolerante, rumo ao progresso, em que para ela, serviria como ponto de partida para que as mulheres pudessem agir pela causa feminista. Aproveita o discurso para falar sobre emancipação feminina e criticar a influência religiosa sobre as mulheres, diz:

eu desejaria, portanto, poder levar a intelligencia de toda a mulher fanatisada, o convencimento de que a pratica emanada das theorias fanático-clericaes, quando não fosse retrograda, era pelo menos estacionária; e que temos o rigoroso dever de seguir a todo o custo a rota apontada pelo progresso, porque só essa nos saberá conduzir na nossa gloriosa ascensão ao ponto culminante de luz, para o qual todos os nossos esforços devem convergir. (COELHO, M. Discurso, 1902).

A presença maçônica era significativa em Curitiba<sup>28</sup>, e muitos intelectuais e políticos do período faziam parte dessas lojas. Essa presença e influência da maçonaria, principalmente dentro dos grupos da elite, faz com que crianças e mulheres também sejam aceitas em algumas determinadas festas e cerimoniais, com suas restrições. Exemplo disso é da Loja de Adoção Filhas de Acácia, na qual as

<sup>27</sup> Disponível no site do Museu Maçônico Paranaense: <http://museumaconicoparanaense.com.br>.

<sup>28</sup> De acordo com Trindade (1996 p. 107) em 1908 existiam em Curitiba aproximadamente sete lojas maçônicas: Concórdia IV, Fraternidade Paranaense, Acácia Paranaense, Grande Oriente do Paraná (independente do Grande Oriente do Brasil), Luz Invisível, Electra, Unione e Fratellanza. A partir daí até o final do período, são ainda citadas outras, muitas das quais agregadas ao Grande Oriente: Perseverança, Amor e Virtude, União III, Modéstia, Clemência e Perseverança, Amor e Caridade II, José Carvalho, Garibaldi e Cardoso Junior (*Almanach Paranaense*, 1900, 1901, 1906, 1908, 1909; *Almanach do Paraná*, 1912;1913.)

mulheres “podem exercer atos de beneficência compatíveis com o seu sexo, mas são impedidas de frequentar, mesmo em sessões magnas, as oficinas de rito diferente, ou receber visitantes de outras oficinas” (Trindade, 1996, p. 107).

Conforme noticiado pelo jornal *Diário da Tarde* (ed. 00951, 1902), das 21 lojas maçônicas existentes no estado do Paraná até o ano de 1902, fizeram-se presentes no Congresso Maçônico 18 delas. Listam também o nome dos representantes que assistiram a sessão preparatória desse Congresso:

Ernesto A. Buschmann, José de Salles Pinto, Diogenes Brazil Lobato, Domingos Araujo Pimpão, João Pedro Schleder, Bruno Langué, Pedro Paula Manso, Julio Theodorico Guimarães, Lindolpho Bastos, Augusto Espindola, Teixeira Coelho, Dario Vellozo, Jesuino Ribas, bacharel Albano Drumond dos Reis, d. Marianna Coelho, d. Josephina Rocha, Verissimo A. Souza, Annibal Pires, Lourenço de Souza, Alfredo d’ Almeida, Nicolau Bley Netto e H. Alves de Araújo (*Diário da Tarde*, Edição 00951, Ano 1902).

As mulheres ligadas ao círculo da maçonaria, participavam também de suas festividades, como, por exemplo, na capital curitibana, “as festas de comemoração de S. João da Escócia, padroeiro da maçonaria” (*Diário da Tarde*, ed. 01008, 1902). Além de algumas mulheres, as crianças também faziam parte de alguns eventos, que eram “artisticamente adornados, notando-se por toda parte grande profusão de camélias rubras e brancas”, como a cerimônia de adoção de lowtons, em que os filhos e crianças familiares dos maçons são agregados dentro de alguma loja, são nomeados com nomes simbólicos, e recebem, nesse momento, “padrinhos” para acompanhá-los. Mariana Coelho foi madrinha de algumas crianças: “Albertina, filha do sr. Arthur Borges, condecorada com o nome symbolico de Pureza e teve por padrinho o sr. A. Pires; Albertina, filha do sr. A. Pires, nome symbolico, Isis, padrinhos dr. Jayme Reis e d. Marianna Coelho” (*Diário da Tarde*, ed. 01008, 1902, p. 59). Além da maçonaria, Mariana Coelho também foi frequentadora de reuniões do Instituto Neo-Pitagórico.

O Instituto Neo-Pitagórico foi fundado em 26 de novembro de 1909. De acordo com Bega (2013, p. 238), a importância de tal instituição foi aglutinar diversos intelectuais vinculados às tendências esotéricas ou pitagóricas. Reunia maçons, livres-pensadores, anticlericais, simbolistas, feministas, professores e intelectuais envolvidos nas ideias positivistas e todos aqueles que partilhavam dos mesmos ideais e espaços culturais curitibanos. Trazia ideais helênicos misturados à ideia de Ordem e Progresso, uma mistura de misticismo e razão, o que parece contraditório, mas que mostra o quão complexo era a miscelânea de ideias presentes em Curitiba nesse

período. A opinião de Bega sobre Dario Vellozo nos apresenta bem essa contradição, pois, aliás, é ele o responsável e criador desse Instituto:

No caso de Dario Vellozo, as suas ideias formam um emaranhado contraditório: enquanto funda e dirige revistas maçônicas, que grosso modo defendem a Razão, pregará, como espaço alternativo, “[...]” uma frateria espiritual, em que pelo menos pudessem se afinizar cada vez mais aquelas belas almas, sedentas de Luz, a fim de que, embora separadas fisicamente pela distância, estivessem sempre unidas pelo mesmo grande e nobre pensamento de verdade e justiça, que são as duas colunas da Ordem e do Progresso (Bega, 2013, p. 239).

Em 1914, o Instituto Neo-Pitagórico é transferido para Rio Negro, onde Dario funda a Escola Brasil Cívico, no lugar que chamará de Nova Crótona. A Escola Brasil Cívico era uma espécie de colégio iniciático, onde Dario almejava colocar em prática suas noções de educação mediadas pela formação pitagórica, em que buscava, nesse lugar, nesse espaço rural, reencontrar o equilíbrio entre homem e natureza, servindo também como centro de disseminação da doutrina neo-pitagórica, que mesclava também com o ocultismo (Bega, 2013, p. 246). Sua escola é interrompida no mesmo ano por conta das disputas territoriais entre Paraná e Santa Catarina que afetam a região de Rio Negro, causando a volta de Dario a Curitiba.

Em 1918, após ter lançado a revista *Myrto e Acácia* (1918), que tinha como objetivo difundir o método pitagórico, Dario, com o auxílio de seus simpatizantes, constrói, em estilo grego, o Templo das Musas, que inaugura em 22 de setembro, numa das Festas da Primavera<sup>29</sup>. Para Bega, o local funcionará como aglutinador da vida cultural curitibana, pois para lá irão tanto os escritores e pensadores locais, como também muitos visitantes (Bega, 2013, p. 248). As reuniões tinham intuito de reflexão filosófica e iniciática, bem como trazia programações literárias e musicais, mobilizava a intelectualidade curitibana em propostas para “construir uma nova era de harmonia, segundo o método pitagórico, buscando organizar um grupo de intelectuais para o culto da amizade, que tinham por objetivo criar uma hélade curitibana” (Andrade, 2007, p. 195). Nesse mesmo local, passa também a funcionar, em 1919, a Loja Theosophica Nova Krotona.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> “As Festas da Primavera (1911-1927), organizadas por Dario Vellozo e seu grupo a partir de 1911, pretendiam celebrar a estação das flores com uma festa pagã, revivendo a Grécia Antiga, mobilizando a sociedade curitibana. Moças e rapazes em trajes gregos desfilavam pelas principais ruas da cidade cantando o “Hino da Clóris”; debates literários e leituras de obras poéticas eram seguidos de jogos olímpicos, que incluíam insólitas partidas de futebol” (Andrade, 2007, p. 194).

<sup>30</sup> Consistia num grupo que fazia discussões sobre a doutrina espiritualista, seguidores das ideias de Helena Blavatsky sobre teosofia, que, segundo Trindade (1996 p. 108) “conforma um conjunto de


Mariana Coelho, como se sabe, é uma das pessoas que fará parte desse instituto, sabe-se assim também, de sua ligação estreita com intelectuais como do grupo de Dario Vellozo. Sua participação no instituto neo-pitagórico é confirmada através de relatório do DOPS, de agosto de 1944. Nesse relatório, a pedido da Delegacia de Ordem Política e Social, é solicitado ao Instituto Neo-Pitagórico os estatutos e a relação dos sócios desse local, as origens e finalidades da instituição. Segundo o relatório do DOPS, “não se encontrou a respeito dos mesmos nenhuma atividade suspeita”.

Nesse período, por conta do contexto de repressão do Estado Novo, o Instituto é descrito como local onde se realizavam mensalmente, aos domingos, reuniões culturais, de caráter público, nas quais, em geral, eram prestadas homenagens a vultos ou datas nacionais. Por vezes, realizavam-se ali também conferências, sendo o então presidente do I.N.P. o bacharel Rosala Garzuze, genro de Dario Vellozo e continuador de sua obra, que exercia o magistério em ginásios da capital. Sobre o caráter de estudos esotéricos nada é dito.

---

doutrinas religioso-filosóficas que tem por objetivo a união do homem com a divindade mediante a elevação progressiva do espírito até a iluminação”.

Figura 10 – Lista dos membros do Instituto Néo-Pitagórico no ano de 1944



## Instituto néo-Pitagórico


Sede: Templo das Musas  
Coritiba • Paraná • Brasil  
CAIXA POSTAL 175

RELACÃO NOMINAL DOS MEMBROS DO INP. LIM 12 de agosto de 1944.

1 -Dr. Julio Hauer	51-Adalicio Santos
2 -Dr. José Maria de Paula	52-Maria Carneiro dos Santos
3 -Dra. Florentina Vitel de Macedo	53-Arnaldo Estrela
4 -Dr. Arthur Santos	54-Margarida Estrela
5 -Dr. Savino Gasparini	55-Onig Sena-Han
6 -Mariana Coelho	56-Regina Roseman
7 -Vivaldo Coaracy	57-Bernardinho Schulman
8 -Zulmira Velozo	58-Clara Paciornik
9 -Dra. Maria Felice Macedo	59-Zanny Paciornik
10-Phileas Lebesgue	60-Mariam Kseman
11-Georgina Mongruel	61-João Chignone
12-Dr. José Pereira de Macedo	62-Dr. Aristides Leves da Silva
13-Carmen Velozo Garzuze	63-Dr. Athos Velozo
14-Prof. Pompilia Lopes dos Santos	64-Dr. Alcyone Velozo
15-Dinah V. Brasil	65-Val. Mario Tourinho
16-Dr. Luiz Parigot de Souza	66-Cel. Plinio Tourinho
17-Olivins Vilar de Lucena	67-Leopoldina Tourinho
18-Escolástica de Moraes Velozo	68-Lather Tourinho
19-Dr. Roquette Pinto	69-Dr. Lysis Velozo
20-D. Rizzato Roquette Pinto	70-Abla G. Biacchi
21-Dr. Vital Brasil	71-Francisco Monteiro Barboza
22-Alyrio de Souza	72-Major Higino de Barros Lemos
23-Dr. Rosala Garzuze	73-Dr. Silvio Wendler
24-Dr. Gasper Velozo	74-Mazare Viana Pentead
25-Dr. Francisco Zicarelli Pa	75-Acacia Brasil Imbassaí
26-Antonio Ricardo dos Santos	76-Ione G. Velozo
27-Reul de Azevedo	77-Radail G. Velozo
28-Dr. Ilisn Velozo	78-Cap. David Tompowski Taulois
29-Noemis T. de Souza Brasil	79-Hilda Amarante Velozo
30-João Tibers da Cunha	80-Prof. Jorge Eshlis
31-Margarida Lopes de Almeida	81-Arthur Michaud
32-Dr. Arthur Juvencio Mendes	82-Metry Bacilla
33-Homero Prates	83-Amelio Torquato de Abreu
34-Cel. Eugenio Nicoll	84-Luis A. Zepata
35-Angels Vargas B. Viana	85-Maria Candida de O. Guimarães
36-D. Izarina Virmond Lima	86-Dr. George G. Bleyer
37-Dr. Eduardo Virmond Lima	87-Regina Lopes Velozo
38-Dr. Arthur Lins de Vasconcelos	88-Dr. Aran Machado
39-Dr. Antonio Barbosa Viana	89-Almir Pires
40-Francisca F. da Rocha	90-Didima Rocha
41-Dr. Luiz Campelli	91-Cynira Pontes
42-Dr. Francisco Suba	92-Theodoro Cichewicz
43-Cel. Altamirano N. Pereira	93-Moacyr do Espírito Santo
44-Frederic Macé	94-Frederico Humphreys
45-Roberto F. Pontes	95-Abraham Kaslawski
46-Dra. Josefina Flaks Schweidson	96-Pe-Georgios Assaz
47-Helena Flaks Bleiman	97-Augusta Pontes
48-Bernardo Schulman	98-Elavio Pontes
49-Taufik Kurban	99-Oldemar Santos de Lemos
50-Dr. Vitor Mendes	100-Albertino Moraes

PT1161.139

---



## Instituto néo-Pitagórico

Sede: Templo das Musas  
Coritiba • Paraná • Brasil  
CAIXA POSTAL 175

CONTINUAÇÃO

101- Anita Neta
102-Alcides de Araujo Valença
103-Dr. Emirto de Lima
104-Dr. Ramón S. Brenes Pérez
105-João M. de Moraes Sobr
106- Lucy de Castro
107-Menoel Estanislau
108-Nicomedes Miranda
109-Antonio Medeiros
110-T.M. Gonzalez Barbé
111-P. Pablo Lombarda

PT1161.139

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

Nessa lista, encontramos Mariana Coelho como membro de número 6, juntamente com vários outros nomes expoentes da elite curitibana.

O Instituto Neo-Pitagórico deu sustento ao Simbolismo no Paraná, por conta de sua defesa da filosofia ocultista e de leitura de textos de caráter exotérico. Segundo Tomé (2020), o instituto era inspirado pela Escola de Crotona, criada por Pitágoras no século V a.C. Entre os princípios morais defendidos pelo neopitagorismo estava “o altruísmo, a verdade, a justiça, a liberdade, a fraternidade e a harmonia. Com isso sua filosofia atraiu defensores do livre-pensamento”, sem distinções para credo religioso, filosófico ou político (Tomé, 2020, p. 156).

O Neopitagorismo, então, serviria como uma das alternativas de resposta às mudanças sociais, da quebra com o tradicional e as inovações da modernidade que caminharia para uma “perfeição e harmonia”, pois trazia uma filosofia que se fundava em três instâncias principais, que seriam Mistério – Ciência – Arte. Nesse ideário, o amor era um meio para a humanidade alcançar a harmonia e o progresso (Silvestrin, 2000, p. 20-21).

Os intelectuais curitibanos, principalmente os envolvidos nesse movimento pela modernidade e progresso social, se viam como os responsáveis pela divulgação dessas mudanças almejadas. Esse discurso fazia parte do programa político e social que por eles deveria ser difundido. Para eles, a educação, ou seja, as escolas, deveriam ser entendidas como um ponto estratégico para a divulgação da ciência, de formação do sentimento nacional, de regeneração social e para o desenvolvimento, que só se daria pela via da educação. Sendo assim, os intelectuais se viam como missionários desses discursos, assim como o neopitagorismo, representava “um movimento cultural que tinha como uma das suas pretensões libertar as mentes das travas da religião, especialmente da igreja católica” (Andrade, 2007, p. 209).

Espaço esse que foi importante para aglutinar anticlericais e livres-pensadores, principalmente por conta do acirramento no embate entre anticlericais e clericais, que aumentou a partir do Congresso Católico Brasileiro que ocorreu no ano de 1908, no qual os católicos declararam como grande inimigo o modernismo e suas ideias, “considerado por eles um mal, um veneno destilado pelo teatro, cinema, revista, cartão postal” (Andrade, 2007, p. 196).

Segundo Bega (2013) o Paraná foi um expoente do Simbolismo, com um número de adeptos maior do que ao do Parnasianismo, que era mais recorrente no resto do Brasil. Tal fato foi muito caracterizado por conta do grande número de intelectuais adeptos ao anticlericalismo, misticismo, livre-pensamento e ocultismo. Apesar de Mariana Coelho não apoiar a escrita simbolista, fazendo duras críticas a

essa tendência literária, conviveu e tinha proximidade com muitos intelectuais desses círculos simbolistas, frequentadores das instituições maçônicas as quais ela tinha ligação, do instituto Neo-Pitagórico, bem como compartilhavam as mesmas redações de jornais e revistas, como foi o caso de Dario Vellozo, Julio Pernetta, até mesmo dos próprios Serafim França e Euclides Bandeira, com os quais teve um período de desacordos literários.

Para Tomé (2020), Mariana Coelho era próxima do grupo simbolista, por conta do caráter anticlerical desse grupo, mas não do simbolismo entendido como expressão estética e literária, “marcada pela poesia cheia de sinestesia, aliterações e musicalidade, que se expressava por meio de um misto de sentimentos decadentistas, sendo esse viés duramente criticado por ela” (Tomé, 2020, p. 132).

### 3.2 NA IMPRENSA, NA EDUCAÇÃO, NO CENÁRIO INTELECTUAL E NO FEMINISMO

Em 1902, Mariana Coelho fundou o Colégio Santos Dumont. Essa instituição particular oferecia o ensino primário tanto para o público masculino quanto feminino, oferecendo uma educação de cunho laico. O *Almanach do Paraná* traz a seguinte propaganda desse colégio:

Neste estabelecimento de ensino, fundado em 1902 e que tem merecido a confiança de selecto público curitybano, se ministra à infância de ambos os sexos instrução primária e secundária, pelos methodos mais modernos adoptados nos principaes estabelecimentos congêneres d'esta Capital, e se preparam alumnas para a admissão à matrícula da Escola Normal. Além das matérias correspondentes aos exames finaes de 1º e 2º graus, de música e línguas, tem uma aula de duas horas diárias para o ensino de variados trabalhos de agulha (*Almanach do Parana*, Collegio Santos Dumont, Edição 00009, Ano 1906).

Segundo a propaganda, percebemos que o Colégio tinha como público-alvo um “selecto público curitybano”, assim como a preocupação de demonstrar que se utiliza de métodos modernos, tendo como um dos objetivos a inserção das meninas futuramente nas vagas da Escola Normal, enquanto para os meninos seria os “habilitar para exame de admissão ao Gymnasio” (*Jornal A Notícia*, ed. 00671, 1908). Sobre o seletto grupo ao qual a propaganda se refere, é confirmado tal fato pela verificação de que a filha de Francisca Munhoz Cavalcanti, esposa do Presidente da Província, era

uma das alunas de Mariana Coelho<sup>31</sup>. Pela fala de Maria Nicolas<sup>32</sup>, em 1959, após a morte de sua amiga, esta “criou e dirigiu o Colégio Santos Dumont, no seio do qual, a nata da sociedade feminina curitibana recebeu sólidos ensinamentos cultural, moral e cívico” (*Diário da Tarde*, ed. 21035, 1959).

Sobre a situação da educação no estado naquele início de século, Moreno (2007) pontua que, desde 1903, o Paraná vinha fazendo investimentos no sentido de modernização do seu aparelho de ensino público, mas que “até o final da primeira década do século XX, o estado contou somente com quatro grupos escolares” (Moreno, 2007, p. 43). Foi somente a partir de 1910 que foram construídos novos grupos escolares na capital e no estado, e tornado obrigatório em todas as escolas o período de quatro anos de estudo para o ensino fundamental e a seriação anual. (Moreno, 2007). Até então, os poucos colégios existentes no estado eram de incentivo particular, como o de Mariana Coelho.

Conforme Trindade (1996), as escolas particulares laicas se opõem fortemente às escolas confessionais, ligadas às instituições religiosas. Mariana Coelho ficou à frente dessa instituição até 1917. Anos mais tarde, passou a atuar como professora de datilografia na Escola Profissional (Feminina) República Argentina, tendo também o cargo de secretária nessa instituição, na qual, em 1926, passou a exercer a função de diretora, no qual foi efetivada em 1931, nela permanecendo até 1940.

---

<sup>31</sup> Há no site [www.memoria.pr.gov.br](http://www.memoria.pr.gov.br) um cartão de visita de Francisco Munhoz Cavalcanti enviado a Mariana Coelho, a Cerca da Ausência de sua Filha. Porém, apesar de estar escrito “Francisco”, entende-se que pode ter sido um equívoco na descrição do arquivo, o mesmo é de dona Francisca Munhoz Cavalcanti.

<sup>32</sup> Em 1977, Maria Nicolas lança seu livro *Pioneiras do Brasil – Estado do Paraná*, que traz um balanço da participação feminina na sociedade paranaense.



Figura 11 – Notícia sobre o Colégio Santos Dumont



Fonte: Jornal *Diário da Tarde*, Ano 1907, Edição 02419.

A partir da propaganda da oferta de ensino do Colégio Santos Dumont, é possível compreender quais eram as disciplinas oferecidas às meninas. De acordo com Trindade (1996, p. 32), o ensino do domínio dos trabalhos manuais domésticos é o único indício claro de uma filosofia educacional exclusivamente dirigida à mulher. Porém, para Trindade, há procedimentos e práticas que, mesmo de forma implícita, sugerem uma diferenciação entre um ensino orientado para meninas e outra para meninos. Mariana Coelho tinha uma preocupação em preparar as meninas para as convenções sociais. Na propaganda de o *Diário da Tarde*, edição 04014, do ano de 1912, incluem-se também nas disciplinas ofertadas pelo Colégio “pintura, música e conversação francesa”, bem como “está também aberta a matrícula para a fundação de um curso commercial para o sexo feminino, a exemplo das grandes capitães onde se cuida, com louvável solicitude, de aparelhar intellectualmente a mulher para a lucta pela vida”. Das aulas de música, eram ofertadas as(os) alunas(os) aulas de piano e bandolim.

De acordo com Trindade:

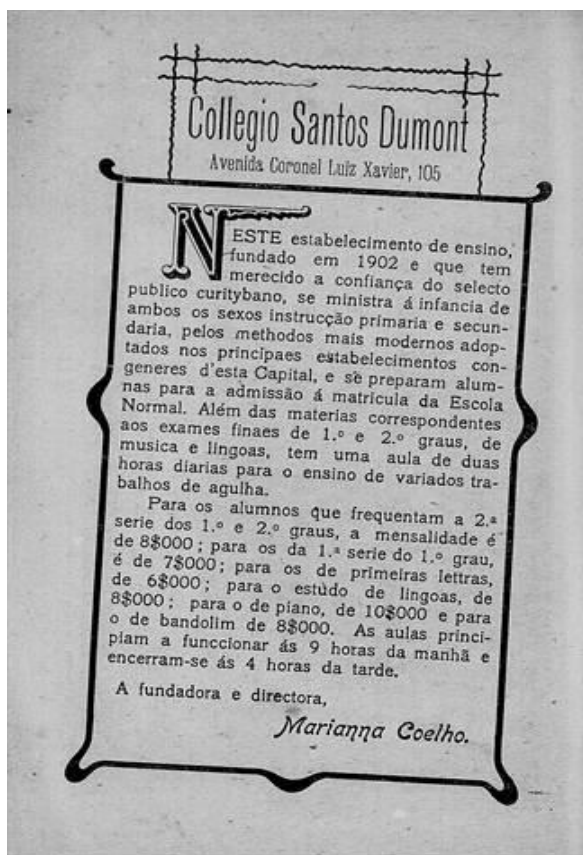
Nessa linha de orientação, as escolas de ensino laico estruturam também a educação feminina sobre uma base cultural que habilite as futuras esposas a serem, simplesmente, a companheira inteligente e “bem formada” do marido. Reforça-se, para isso, a ênfase no “bem falar e escrever”, coloca-se lhe nas mãos uma boa literatura (o que pressupõe um ensino eficiente das línguas estrangeiras); conhecimentos básicos de história, geografia e ciências naturais; a prática do canto e a execução de algum instrumento musical; Ao

fazer um apropriado uso desses conhecimentos, a mulher se eleva, conforme o consenso, a uma espécie de “musa” familiar, inspiração dos filhos e consolo do marido (Trindade, 1996, p. 43).

O ensino da música seria um fato importante na educação das meninas de elite para o convívio da vida social, dos bailes e saraus. O colégio de Mariana Coelho então trazia ensinamentos culturais, morais e cívicos, bem como admitia alunos para internato. Em 1903, Georgina Mongruel passa a atuar no Colégio, dando um curso de belas-artes.

A reivindicação por escolas públicas primárias em Curitiba é algo que vinha reverberando desde o final do século XIX. Segundo Trindade (1996), tanto as autoridades do ensino quanto os relatórios dos inspetores gerais solicitavam a construção de novos prédios designados à organização da educação escolar, utilizando a educação como bandeira para o auxílio da divulgação dos interesses republicanos. Assim o fez Sebastião Paraná, quando inspetor de Instrução Pública da capital, que, através dos programas escolares oficiais, regimentos e regulamentos, estabelecia “o estudo de nomes de grandes vultos nacionais, bem como datas e acontecimentos entendidos como importantes para a inserção dos alunos e alunas no ideal republicano” (Souza, 2004, p. 24).

Figura 12 – Propaganda Colégio Santos Dumont



Fonte: Almanach do Paraná, Ano 1906, Edição 00009.

Mariana Coelho era uma incentivadora da escrita de suas alunas, do acesso e divulgação de poemas para essas meninas. Seu Colégio Santos Dumont participou de vários concursos infantis, tanto com trabalhos literários como também com trabalhos artísticos manuais. Exemplo disso é a divulgação na revista *A Bomba* (ed. 00002, 1913), do poema “Minha Terra”, de Fernandina Marques<sup>33</sup>, que na época tinha apenas 12 anos. A composição de Fernandina, com a direção de Mariana Coelho, participou e concorreu em um concurso de trabalhos de alunos do curso primário de todos os colégios curitibanos no qual decidir-se-ia a melhor produção, e em que a idade de todos os concorrentes não poderia exceder os 12 anos.

Outro fator que nos mostra o incentivo de Mariana Coelho à escrita de suas alunas é o *Boletim Primavera*, que, além das produções escritas das alunas,

<sup>33</sup> Fernandina Lago Marques nasceu em Curitiba – PR, em 1905. Foi professora, inspetora federal de ensino, cantora (concertista da Câmara), compositora, pesquisadora de assuntos folclóricos, poetisa, trovadora e declamadora. Compôs a letra e a música do Hino ao Paraná Centenário, dentre outros dezesseis hinos de sua autoria. Recebeu o título de Vulto Emérito pela Câmara Municipal de Curitiba em 1987. Informações disponíveis no site do Centro de Documentação de Literatura de Autoria Feminina Paranaense, da Universidade Estadual de Maringá.

apresenta também como o ensino da instituição de Mariana Coelho seguia as normas estabelecidas pelo Código do Ensino do Estado, no qual as disciplinas deveriam ter um caráter cívico nacional:

## CAPÍTULO II

Da organização geral do ensino primário  
Secção I

3º - Da vida das nações mais importantes e dos seus grandes homens, no passado e no presente, deve a escola dar às crianças algumas noções gerais, tendentes a demonstrar a solidariedade humana, através do espaço e do tempo.

4º - O ensino de generalidade da Geografia e da Coreografia do Brasil será sempre acompanhado de representações práticas, de planos de viagens e de exercícios cartográficos.

5º - O ensino da História da Civilização no Brasil, como meio de educação cívica, será sintético e ministrado em lições graduais, adequadas a cada série, limitando-se:

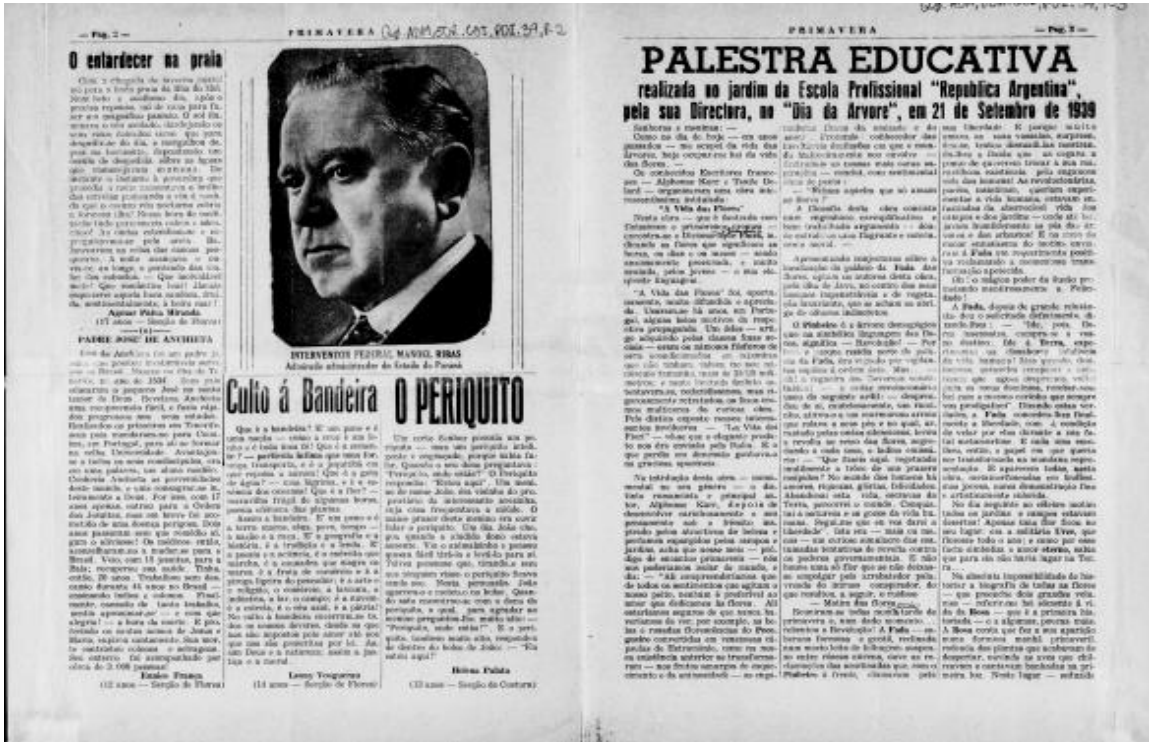
- a) aos fatos que se caracterizam como degraus da evolução social e política da nossa nacionalidade, estudadas as causas e os efeitos principais;
- b) a alguns episódios dos quais resulte ensinamento moral ou cívico;
- c) aos perfis de grandes homens recomendáveis à gratidão nacional pela sua ação, na paz ou na guerra, em prol dos mais altos interesses da nossa Pátria (*Boletim*, 1956, p. 20-21).

Figura 13 – Imagem do *Boletim Primavera*, Órgão das alunas da Escola Profissional “República Argentina”



Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, online, 2023.

Figura 14 – Imagem do Boletim Primavera 2, Órgão das alunas da Escola Profissional “República Argentina”



Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, online, 2023.

Percebe-se que esse investimento num discurso nacionalista exacerbado se reflete até mesmo no cotidiano escolar, através das encenações cívico-nacionalistas e eventos com essas características nas escolas, recorrentes nos cenários de ensino projetadas pelo estado, que trazia um diagnóstico de ausência de sentimento de nacionalidade. Esse movimento reformista foi significativo na década de 1920, e se estende para além dos anos 1940, tanto em nível nacional quando no Paraná, principalmente a que teve a coordenação de Lysimaco Ferreira da Costa, para quem os grupos escolares eram “palco primeiro e vitrine do projeto nacionalista [...] encenadas em festas públicas, desfiles, comemorações e se tornassem, dessa forma, estratégias de convencimento” tanto de alunos, como de professores para o engajamento ao projeto nacional (Moreno, 2007, p. 55).

Apesar de sua origem estrangeira, Mariana Coelho se adequa à “nacionalização do ensino”, do culto à bandeira e das homenagens às figuras de destaque nacionais, como forma talvez de evitar represálias, visto que muitas escolas estrangeiras, assim como grupos de imigrantes, principalmente os alemães e os poloneses, estavam sendo repelidos pela política de projeto nacionalista que surgia. Segundo Moreno (2007, p. 59): “a modernidade pretendida por esses homens partia

do princípio da existência de um povo extremamente moldável aos seus desejos. Mais que isso: imagina-se, aspira-se a alunos e a professores não resistentes a essa modelagem”.

Sobre a educação no período, sabe-se que havia uma disputa entre liberais e conservadores acerca do acesso das mulheres à educação. Os liberais defendiam a melhoria do sistema de ensino, pois, para eles, a educação era vista como o que poderia impulsionar o progresso. Mas, mesmo assim, o acesso e direito das mulheres frequentarem a escola secundária e o ensino superior sofreu grande resistência, pois, era senso comum, entre muitos, de que esses estudos eram desnecessários para a formação do público feminino. De acordo com Duarte (2017):

O androcentrismo da família patriarcal reservava aos homens os benefícios da cultura e se encarregava de excluir as mulheres desse universo. Por isso a imposição de uma educação diferenciada como forma de respeitar as “diferenças biológicas e morais” de cada sexo. Aos homens, uma educação que os preparasse para o mundo do trabalho, às mulheres bastava a “educação da agulha”, saber se comportar e atuar dentro de casa. Numa formação mais sofisticada, a jovem aprendia francês, música, pintura, as quatro operações, e ainda etiqueta, catecismo, culinária e princípios morais, o suficiente para formar a mulher que o discurso senhorial prescrevia: educada, meiga, acomodada.” (Duarte, 2017, p. 24-25).

No Brasil, as meninas somente puderam frequentar as escolas primárias e secundárias a partir de 1827, e a educação superior a partir de 1879 (Prado; Franco, 2018, p. 211). A convivência entre meninos e meninas em um mesmo ambiente escolar era irrecomendável pela Igreja Católica. Dizia-se que a escola mista poderia ser “promíscua”, assim como era bem visto as mulheres no campo educacional, por conta do que se acreditava de sua natural vocação “para cuidar de crianças”, que colocava à docência muito próxima do papel maternal.

O desempenho das alunas era medido através dos exames feitos pelas instituições, para saber se o nível de conhecimento foi alcançado “plenamente”, “com distinção” ou “aprovado simplesmente”. O resultado desses exames geralmente era publicado nos jornais da capital, para que todos pudessem acompanhar a produtividade de determinada instituição escolar. Segundo Trindade, “no discurso escolar, o exame é o ápice dos trabalhos quando mostra o resultado do esforço pessoal, em um espetáculo, uma cerimônia tornada pública, para que todos vejam o sucesso ou o fracasso de cada estudante” (Trindade, 1996, p. 58), como podemos ver no trecho abaixo:

Realizaram-se ontem os exames das alunas do acreditado Collegio Santos Dumont, dirigido pela illustre educadora d. Marianna Coelho. Todas as pessoas que assistiram a este facto ficaram agradavelmente impressionadas, vendo o desembrço e o aproveitamento que a juventude estudiosa daquelle estabelecimento de instrucção apresentou hontem. O collegio achava-se sóbrio, porém belamente ornamentado. Nossos parabéns a d. Marianna Coelho que dia a dia vae fazendo o seu collegio grangear mais vasto renome. A commissão examinadora ficou assim composta: presidente, dr. Sebastião Paraná, e examinadores os distinctos professores d. Georgina Mongruel, Raymundo Ramos, Ismael Martins e Lourenço de Souza. Eis o resultado dos exames: Exames de francez: Maria Beltrão e Jovita Desmarais, aprovadas com distincção [...] (DIARIO DA TARDE, Exames. Edição 01460, Ano 1903)

Outra prática comum no período para mostrar o cumprimento das exigências de aprendizagem era o das exposições dos trabalhos manuais dos alunos e alunas. Por isso, o ensino e conhecimento das belas-artes é recomendado e as exposições então serviriam para “mostrar seus dotes”. O aprendizado sobre as artes manuais mostra também uma diferença de classe na educação feminina do período: enquanto para algumas aprender sobre as “prendas domésticas” serve como forma de aprender algo útil que seja uma ferramenta para sua sobrevivência, para seu ganho, para outras serve como forma de distinção social e mostrar que é uma mulher que está “bem preparada para o casamento”.

Um exemplo é o do *Diário da Tarde* (ed. 01760, 1904), que traz em sua manchete as informações sobre uma dessas “exposições de prendas”, dizendo: “bellissimo aspecto apresenta o grande salão onde em numerosas mesas estão expostos delicados e finos trabalhos em velludo, seda, lã, linho e talagarça, bordados a ouro, seda frouxa e fios”. Relatos sobre essas exposições escolares são frequentes na imprensa do período. Segundo Souza (2004, p. 47), “esses relatos deixam transparecer a importância que era atribuída a essas atividades, mobilizando para tanto não só professoras e alunas, mas também autoridades locais”.

Algumas dessas exposições de trabalhos escolares eram visitadas até mesmo pelo Presidente do Estado. No início do século XX, muitas dessas foram organizadas por Sebastião Paraná, que era o inspetor escolar na época e amigo de Mariana Coelho. De acordo com Bueno (2010, p. 91) “Sebastião Paraná usava de sua autoridade para recomendar a instituição escolar da amiga e ao mesmo tempo propunha uma imagem de Mariana Coelho como alguém que havia conquistado um espaço importante na vida cultural curitibana”. Utilizando-se de seu capital simbólico para favorece-la. O Colégio de Mariana Coelho era um dos que participavam com frequência das exposições, como o *Diário da Tarde* diz:

Exibiram trabalhos as alumnas da Escola Normal, dirigida pela professora d. Dulce Loyola; Collegio Santos Dumont, de que é directora d. Marianna Coelho; Collegio Elysio Vianna; e as alumnas das escolas públicas regidas pelas professoras: d. Julia Wanderley, Josephina Rocha, Maria da Luz Ascensão, Itacilina Teixeira, Maria Ritta de Mendonça, Izabel Guimarães Schmidt, Alexandrina Pereira, Candida Ramos, Maria da Luz Miró, Julia Alice de Loyola e Luiza Netto Correia (*Diário da Tarde*. Exposição de prendas, edição 01760, ano 1904).

A própria autora de *O Paraná Mental* cumpre com essa exigência de saber “bordar e costurar”, comprovados pela notícia de que, além de seu livro, ela fez também, para concorrer na exposição nacional, uma almofada de cetim. Consta no Jornal *A República*: “Acha-se na vitrine da Livraria Econômica uma bellissima almofada de cetim, feita pela inteligente professora d. Mariana Coelho e que vai ser remetida para a Exposição Nacional” (*A República*, ed. 00191, 1908). Ela também foi professora de prendas domésticas em seu Colégio, juntamente com Julia Gomes e Hercília Xavier.

Em 1908, aponta como disciplinas pedagógicas do Colégio “preceitos de moral e higiene, rudimentos de desenho, exercício de ginástica de salão, recitativos etc.”, apontando ainda que o colégio oferta “educação intelectual, física, moral e estética”. Segundo a propaganda publicada:

O collegio incumbe-se de preparar alumnos para exames das diversas séries dos cursos do Gymnasio e Escola Normal, sendo as respectivas aulas assim dirigidas: De francez, latim e história natural, pelo dr. Laurentino d’Azambuja, de portuguez pelo dr. Azevedo Macedo, lente de Pedagogia e Lógica no Gymnasio e Escola Normal. De mathematica, physica e chimica pelo dr. Luiz Sá Fonseca. De geographia pelo professor normalista Lourenço de Souza. De desenho pelo engenheiro Carlos Regnier e as de música pelos professores Raul Menssing e João Richardella (*Jornal A Notícia*, Collegio Santos Dumont, Edição 00671, Ano 1908).

Rocha Pombo foi responsável também por aproximar e estabelecer contato entre Mariana Coelho e Santos Dumont, conforma diz o *Diário da Tarde*, edição 01398, de 1903: “o nosso illustre colaborador Rocha Pombo desempenhou-se antehontem da incumbência que havia recebido da distincta escriptora d. Marianna Coelho, de apresentar ao nosso glorioso compatriota Santos Dumont as homenagens da digna fundadora do collegio”, afirmando ainda que “Santos Dumont mostrou-se muito grato à illustre preceptora e acedeu em dar a sua assinatura num cartão que o nosso colaborador vae remetter a d. Mariana Coelho”. Em 07 de maio de 1916, o Colégio Santos Dumont recepciona o seu “glorioso patrono”, o “pai da aviação”.



Mariana Coelho acreditava que as mulheres só conseguiriam atingir a emancipação e profissionalização se tivessem acesso à educação, e que a educação não deveria ter interferências de cunho religioso. Tinha uma postura bastante crítica sobre a situação feminina no período, e demonstrava seu descontentamento através dos artigos para jornais. Era favorável a que cada vez mais mulheres pudessem ter acesso aos espaços públicos, principalmente aos trabalhos na vida pública, assim como a assuntos políticos. Segundo Bueno (2010):

A presença de mulheres letradas usando a pena para expressar sua insatisfação em relação às restrições que encontravam em diferentes espaços da vida pública em Curitiba pode ser encontrada em ensaios, poesias, biografias e artigos de cunho jornalístico publicados em periódicos especializados ou não. Fosse para propagar os ideais do feminismo nascente, pregando a emancipação feminina e sua participação na vida pública ou para reafirmar o papel de mãe, esposa e esteio da família, o contexto curitibano do início do século e primeiras décadas do século XX acompanhou o crescimento da participação de mulheres no emergente campo cultural. O simples registro da presença feminina neste campo é um indicativo de que a ordem social lentamente se modificava e permitia a promoção feminina no mundo das letras (Bueno, 2010, p. 51-52).

Um exemplo da diferença de opiniões sobre os papéis femininos aparece até mesmo entre elas próprias, como se pode ver no “embate” de ideias entre Mariana Coelho e Georgina Mongruel<sup>34</sup>, através de artigos no jornal *Diário da Tarde*. Apesar de serem “amigas” e compartilharem vários espaços, tinham opiniões bastante divergentes. Mariana Coelho acreditava que as mulheres poderiam e deveriam conciliar o trabalho doméstico com funções em outros espaços, que as mulheres também poderiam ter participação na vida pública e política, assim como era favorável ao voto feminino. Já Georgina Mongruel era contrária à participação das mulheres na tomada de decisões em espaços públicos e no meio político, e contrária ao voto feminino.

Georgina Mongruel, em resposta à um artigo da coluna *Chronica da Moda*, no qual Mariana Coelho fala sobre emancipação feminina e mulheres eleitoras:

Porque considero que a mulher abandona a sua casa, os seus filhos, para ir

---

<sup>34</sup> Georgina Mongruel nasceu em 1861 em Charleroi, Bélgica, diplomando-se pela Escola Normal Superior de Mons, em 1885. Veio para o Rio de Janeiro em 1891 e para Curitiba em 1895. Ensinou francês, alemão, ciências naturais, matemática, piano, canto, desenho, aquarela e trabalhos de “fantasia”. Juntamente com o marido que era artista e mestre de esgrima, foi contratada pelo Conservatório de Bellas Artes. Lecionou no Colégio Santos Dumont, na Escola Americana, no Gymnasio Curitybano, nos Colégios Júlio Theodorico e Duílio Calderari e na Associação dos Empregados do Commercio. Escreveu matéria didática para a revista *A Escola* e artigos na imprensa curitibana. Voltou ao Rio de Janeiro em 1922, onde veio a falecer em 1953 (Nicolas, 1966).

ao café ou a uma praça pública discutir o seu voto nas reuniões; a mulher que se acotovela no meio da multidão na assembleia de voto para colocar o seu voto na urna... sai do seu papel! Na verdade, o “sexo forte” tem razão de zombar de nós no espetáculo desta grotesca paródia que lhe é dada pela mulher mal orientada e mal iniciada! (DIARIO DA TARDE, Edição 00569, ano 1901).<sup>35</sup>

Para Georgina Mongruel, os assuntos de política só deveriam dizer respeito aos homens, enquanto os homens deveriam discutir política e votar, as mulheres deveriam, por exemplo, permanecer em casa, cuidando do lar, dos filhos e preparando um jantar para confortar o marido em caso de decepção pelo voto perdido. O que é também contraditório, pois, em sua trajetória, Georgina Mongruel também abrangeu atividades que iam muito além do que apenas os exigidos no seu lar, como por exemplo, o de ministrar cursos em colégios.

Apesar de Mariana Coelho defender a participação das mulheres na política e nos espaços públicos, Bueno (2018) pontua que, assim como Georgina, ela defendia a preservação das funções femininas nos seus deveres domésticos como primordial, que seus papéis como mãe, esposa e filha deveriam ser postos em primeiro lugar, ou seja, o trabalho público ou o seu envolvimento na política não deveria interferir em nas suas responsabilidades com o seu ambiente doméstico. Nas palavras da própria Mariana Coelho:

Ora, a mulher que apenas sabe ser dona-de-casa, é incapaz de viver do seu trabalho, não se pode tornar independente – está fatalmente condenada a ser escrava – ou dos parentes ou dos estranhos, quando não consiga uma miserável pensão para não morrer de fome! De mais a mais que a sua profissão a não inibe absolutamente de ser, em todo o terreno, muito boa dona-de-casa (Coelho, M., 2002a, p. 47).

Nestor de Castro, usando o pseudônimo João Jacques, também era contrário à algumas reivindicações feministas de Mariana Coelho. Ele justifica o uso de pseudônimo nos primeiros artigos dizendo que “com esse propósito, e sem me desviar da linha de cortesia que sempre consagrei às senhoras, lancei mão de um pseudonymo que exprimisse a modéstia das minhas intenções nas columnas hospitaleiras deste radioso jornal”, pois, segundo ele “ficaria assim mais à vontade, mais desobrigado de qualquer discussão de maior amplitude sobre o assumpto feminista” (*Diario da Tarde*, ed. 591, 1901).

Ele polemiza por dizer que, para ele, do ponto de vista social, “a mulher, sem

---

<sup>35</sup> As publicações originais de Georgina Mongruel para os jornais estão todas em francês, as quais foram traduzidas para essa pesquisa e citadas a partir de suas traduções para o português.

ter lugar nos parlamentos, pode desempenhar uma tarefa fecunda e útil, cabe-lhe a missão caritativa e filantrópica de prevenir e atenuar algumas das misérias sociais” (*Diário da Tarde*, ed. 591, 1901, p. 73). Segundo Bueno (2010 p. 75), dentre os desentendimentos entre Mariana Coelho, Georgina e Nestor de Castro, a luta pelo sufrágio feminino foi “o grande carro-chefe das reivindicações de Mariana Coelho, por reclamar não apenas uma condição de igualdade e cidadania para a mulher, mas por conduzir uma discussão sobre o exercício do poder”.

Deve-se salientar que foi somente no ano de 1943 que a legislação brasileira concedeu a permissão para a mulher casada trabalhar fora de casa sem precisar da “autorização expressa do marido”, mostrando-nos a situação de dependência das esposas, subordinação essa amparada pelo Código Civil de 1916 (Scott, 2018, p. 23).

Os escritos de Mariana Coelho em defesa da educação feminina, tanto em jornais, revistas, como o que fica explícito em seus livros, nos mostram uma opinião dicotômica sobre o papel das mulheres, pois, ao mesmo tempo em que defende as mudanças do progresso, do acesso das mulheres a diferentes espaços para além do doméstico, do direito ao voto, do direito à educação, ainda assim, insiste num discurso que ora defende a fragilidade e o recato feminino, ora fala sobre o quanto as mulheres são tão capazes quanto os homens a ponto de, por exemplo, também lutarem em guerras. Sobre isso, diz Duarte (2017, p. 25): “a emancipação intelectual, política e social da brasileira ficou, assim, à mercê de forças que ora a impulsionavam para a frente, ora a queriam estacionada na ignorância e na dependência”. Além disso, era senso comum que homens de classe alta poderiam ler e escrever sobre assuntos de política, enquanto as mulheres, consideradas “sexo fraco” deveriam ter contato apenas com textos de cunho moralista ou devocional.

Mariana Coelho dedicou anos de sua vida à luta pela emancipação das mulheres e à educação feminina, atuou por vários anos na instância educacional e no cenário cultural de Curitiba. Apesar de ter proporcionado discussões sobre a profissionalização das mulheres e a possibilidade da atuação para além do ambiente doméstico, quando faleceu seu atestado de óbito denomina sua profissão como “Do lar”. Como nos diz Bueno, “embora ela não tenha tido certificação escolar, visto que a documentação encontrada não revela sua formação inicial e seu atestado de óbito mencione “Do Lar” como sua profissão” (Bueno, 2010, p. 19).

Em Curitiba, Mariana Coelho serviu como “inspiração” para muitas mulheres com as quais conviveu. Pode-se dizer que suas ideias acabaram por influenciar

também as suas alunas, bem como outras professoras do período, ou alunas que se tornaram futuras professoras, que tiveram contato com o seu discurso de emancipação das mulheres e defesa da liberdade feminina através do trabalho. Souza (2004, p. 69) nos diz que Mariana Coelho “foi professora de Annette Macedo na Escola Americana e no Colégio Santos Dumont, antes desta ingressar na Escola Normal. Existe uma probabilidade de que Mariana Coelho tenha exercido alguma influência sobre Annette”. Anete Macedo era filha de Francisco Macedo, figura reconhecida no meio da Instrução Pública do Paraná. Essa sua ex-aluna, assim como Mariana Coelho, também se tornou professora. Ambas “foram algumas das professoras curitibanas que se utilizaram de sua condição no magistério para manifestar sua indignação frente à representações que insistiam em manter a mulher confinada ao espaço doméstico” (Souza, 2004, p. 69).

Trindade (1996) nos deixa claro que a mulher ocupando espaços que não o doméstico causava temor entre os homens e a sociedade em geral, que se sentiam ameaçados por tais atitudes, o que justifica que, apesar de tantos anos no trabalho docente, é simbólico que Mariana Coelho mesmo assim não foi reconhecida em sua profissão na morte, apesar do trabalho do magistério ser um dos poucos trabalhos autorizados para o público feminino:

Essa nova mulher que transpõe os limites da sociabilidade e ultrapassa definitivamente o interior das casas; que ganha as ruas e os templos de consumo; as escolas de ensino superior, o campo da realização profissional, as fábricas, lojas, escritórios e “ateliers”, surpreende e atemoriza a sociedade. Dessa forma, é melhor conceder a ela o mero estatuto de trabalhadora manual ou de diletante das letras ou das artes, à qualificação de profissional liberal. O número reduzido das que conseguem romper esse preconceito demonstra a potência das forças que preferem mantê-las nos recintos dos lares, dos salões ou das igrejas, no atendimento da família ou no “serviço” da pátria (Trindade, 1996, p. 86).

Até aproximadamente os anos de 1930, o trabalho do magistério era um dos poucos que possibilitavam espaço para as mulheres, atraindo-as em grande número, principalmente de elite e classe média, pois proporcionava um ganho financeiro, aprimoramento intelectual e status social para aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados (Matos; Borelli, 2018, p. 137). Isso, entretanto, não é comum entre mulheres pobres, que desde muito cedo, por necessidade, são forçadas a trabalhar para se sustentarem.

Apesar da luta pela emancipação feminina e pela profissionalização das mulheres, Curitiba já tinha a mão de obra feminina como parte de sua economia, pois

era grande o número de mulheres operárias, secretárias, balconistas, empregadas do comércio, confeitadeiras, lavadeiras etc., trabalhos estes vistos como de pouco prestígios e mal remunerados:

Dentre a categoria operária que então se conforma, as mulheres representam número significativo na força de trabalho. No interior dos engenhos de mate, das fábricas de cerveja, de balas, de bolachas, de vidro, porcelana e charutos, elas se alinham em aventais de sarja incolor, toucas brancas à cabeça e simples chinelas, sob o olhar vigilante do contramestre. São presença também constante no amanhecer da cidade, dirigindo-se, apressadas, às lojas, escritórios, hospitais ou escolas, e confundindo-se com a atividade tradicional das colonas no comércio das frutas e verduras. Têm também lugar reservado no comércio da urbe: nos balcões das lojas de tecidos e armarinhos de calçados e de brinquedos; nas numerosas confeitarias e nos ateliers das modistas (Trindade, 1996, p. 209).

Segundo Tomé (2020, p. 127), um nome que Mariana Coelho influenciou durante sua trajetória e que fez diferença no cenário cultural de Curitiba foi Pompília Lopez de Souza, que “iniciou seus estudos como aluna do primeiro Jardim de Infância de Curitiba, posteriormente, foi aluna no Colégio Santos Dumont”, que era dirigido por Mariana Coelho, e aos 14 anos já adentrava os círculos sociais curitibanos, organizando grêmios culturais, como o Clube Mozart e o Grêmio das Violetas<sup>36</sup>, seguindo a mesma carreira profissional de Mariana Coelho, formando-se professora. Escrevia crônicas e biografias e foi a primeira mulher a adentrar a Academia Paranaense de Letras. De acordo com Tomé (2020), Pompília Lopez dos Santos:

Passou a lecionar francês para o ensino secundário em várias cidades do Estado, ao mesmo tempo que começou a publicar suas primeiras crônicas e biografias para os jornais. Foi pioneira em muitas iniciativas culturais e educacionais, bem como fundadora de várias entidades e associações no Paraná, entre elas, a mais significativa, a Academia Feminina de Letras do Paraná, no ano de 1970, tornando-se a primeira presidente da instituição, função que exerceu pelo período de dez anos. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Paranaense de Letras, quebrando velhos tabus, sobre a presença de mulheres dentre seus associados (Tomé, 2020, p. 127).

Outro espaço que Mariana Coelho adentrou foi o Centro de Letras do Paraná. Sobre esse Centro, sabe-se que deu início a seus trabalhos em 1913, tendo como direção: Presidente: Emiliano Pernetta; Vice-presidente: Pamphilo d’Assumpção; Primeiro secretário: Leite Junior; Segundo secretário: Rodrigo Junior; Primeiro orador: Dario Vellozo; Segundo orador: José Henrique de Santa Ritta; Primeiro tesoureiro: Correia Netto; Segundo tesoureiro: Clemente Ritz; Bibliotecário: Julio Cezar Hauer.

---

<sup>36</sup> Frequentado também por Mariana Coelho.

Tinha como intuito “promover no Estado a cultura intelectual, sob a tríplice face – artística, filosófica e científica – como o estabelece a sua lei orgânica, o Centro de Letras indubitavelmente exercerá decidida e eficaz preponderância nos domínios do pensamento”, dizendo também que tinha como objetivo desenvolver o gosto literário e o amor aos estudos filosóficos e científicos.

Esse Centro então seria uma ferramenta propulsora do cenário literário do Estado, “publicando em livro as produções esparsas nas revistas, bem como os volumes que jazem no segredo das gavetas; promovendo palestras e reuniões intelectuais”. Sobre a colaboração feminina nesse Centro, deixam claro que “a colaboração feminina, sempre delicada e bizarra, ela não a desdenhou: fazendo tábua rasa de radicados preconceitos admitiu as escritoras no quadro social”. Apesar de admitirem mulheres dentro do Centro, não vemos nenhum nome feminino na sua direção (*Revista Fanal*, ed. 12, 1913).

No ano de 1933, Mariana Coelho foi aceita para fazer parte do Centro de Letras do Paraná. O *Jornal Correio do Paraná* traz a notícia de que:

Apresentada à consideração da casa a candidatura da escriptora d. Mariana Coelho para uma das cadeiras vagas do Centro, usou da palavra o professor Virissimo de Souza que justificou o nobre desejo da candidata de fazer parte da agremiação, estendem também sobre o seu valor literário. Após a votação verificou-se ter sido d. Mariana aceita por unanimidade de votos (CENTRO DE LETRAS, *Jornal Correio do Paraná*, Edição 00434, ano 1933).

Apesar de, no Paraná, somente ter entrado para o Centro de Letras em 1933, já anos antes estabelecia conexões com seus membros, e até mesmo com membros de Centros de estados vizinhos, como é o caso de seu contato com Maura da Senna Pereira<sup>37</sup>, do Centro Catarinense de Letras (*Jornal O Dia*, ed. 01114, 1926).

No dia de sua recepção no Centro de Letras do Paraná, Alcebíades Plaisant pronunciou um discurso à “illustrada escriptora e educadora recipiendaria”. Dizendo, entre suas palavras que “a digníssima e illustre senhora, que ora recebemos, bastante conhecida pela sua vida de labor mental da qual conquistou significativo conceito, educando várias gerações do nosso Estado”, relatando que ela, como professora, fez

---

<sup>37</sup> “Jornalista, professora, cronista, contista, poetisa, conferencista. Filha do professor José de Senna Pereira e de Amélia Regis de Senna Pereira. Foi casada com o bageense Dorval Lamote, depois com o poeta e humanista Almeida Cousin. Coursou Normal em Florianópolis, onde lecionou. Residiu em Porto Alegre e Rio de Janeiro. Membro da Academia Catarinense de Letras” (Flores, 2011. p. 559.). Colaborou em diversos jornais, entre eles *O Corimbo*, do Rio Grande do Sul, ao qual Mariana também foi colaboradora.

parte da vida escolar de “alguns parentes imediatos do próprio e humilde orador, por esse simples, mas honroso título de educadora, já era bem vinda a nossa agremiação” (*Jornal O Dia*, ed. 02037, 1933). Essa fala nos leva a questionarmos o fato de que apenas sendo professora, de que somente essa sua contribuição para o cenário curitibano, por mais significativo que fosse para eles essa profissão, não seria suficiente para que ela adentrasse no Centro de Letras. Entretanto, a publicação do livro *A Evolução do Feminismo* legitimou a entrada de sua autora no Centro.

De acordo com Zomer (2011), o Centro de Letras do Paraná foi fundado em 1912, por Euclides Bandeira e Emiliano Pernetta. Esse espaço era tido como um dos importantes redutos literários do cenário paranaense, tendo, na época, a intenção de representar a produção escrita dos seus membros, reforçando uma coletividade entre esses grupos intelectuais. Sobre esse Centro, diz a autora:

Neste sentido, o Centro de Letras foi criado com o intuito de colaborar para com o progresso literário do Estado, através da editoração de revistas, livros e conferências. A data escolhida para a fundação do Centro foi a mesma de comemoração do aniversário de 59 anos de emancipação do Estado do Paraná, portanto o “intelectualismo patricio” promovido pelo Centro seria um presente à data festiva e uma estratégia para entrar na história do Paraná, já que estava colaborando para com aquela comemoração (Zomer, 2011, p. 116).

Portanto, participar do Centro representava reconhecimento dentro do ambiente literário do estado e o reconhecimento de um *habitus* culto perante o campo. Além do CLP, Mariana Coelho teve significativa participação também no Centro Paranaense Feminino de Cultura, no qual, de acordo com informações de Zomer, ela dava cursos e palestras nesse local. Como afirma a autora: “cursos sobre artes, literatura, poemas e histórias também eram comuns, muitas vezes dados por nomes reconhecidos no meio, como Serafim França, Mariana Coelho e David Carneiro” (Zomer, 2011, p. 140), tendo contato e proximidade com aqueles intelectuais com quem no começo de sua trajetória intelectual havia tido divergências e aparentemente não tendo problemas com isso.

Além do Centro de Letras, havia também a Academia de Letras do Paraná, que segundo Bega (2013), nasceu a partir do rompimento dentro do Centro de Letras do Paraná, que ocasiona a saída de Rocha Pombo, Silveira Netto, Romário Martins, Santa Ritta, Serafim França, Andrade Muricy, entre outros. Que formaram uma nova entidade, onde Rocha Pombo foi escolhido como presidente, entidade essa que tem vida efêmera, pois, em 1936, ocorre novamente a criação de uma nova Academia de

Letras do Paraná.

Nessa pesquisa não nos aprofundamos nas questões que levaram a essa separação dentro desses dois espaços, bem como não identificamos se Mariana Coelho estava entre esses nomes do grupo que separou-se da Academia original. Porém, sobre a busca em unir novamente esses dois espaços de importância literária, encontra-se a notícia onde consta das homenagens e doação de livros para a “Estante Mariana Coelho”, onde, segundo o jornal que noticia tal passagem, ambas as entidades buscavam mostrar a união e os laços literários entre as duas agremiações (Jornal *O Dia*, ed. 06175, 1943).

Sobre isso e sobre Mariana Coelho, diz Heitor Stockler, no jornal *Diário da Tarde*:

Laureada bastas vezes pela crítica sensata do Brasil e do estrangeiro, ela póde gloriar-se de ter um nome universalmente conhecido. Seus livros no rigor de alto bom senso, têm o fulgor de ricas pedrarias lapidadas. Membro acatado de várias agremiações científicas e literárias, ela se encontra em franca atividade, produzindo sempre como um forte e lúdico espírito que é. Mariana Coelho, querendo demonstrar o seu amor a esta terra que de há muito é também a sua de adoção sincera, acaba de oferecer à Academia Paranaense de Letras a sua valiosa biblioteca, constituída por uma verdadeira seleção de obras, as quais cresceram de valor porque a gloriosa escritora que as leu com consciência, fez notáveis anotações em muitas delas, comentando-as à luz da razão e da cultura do seu aprimorado talento. (*Diário da Tarde*, Às quartas, 14/08/1940).

O Centro Paranaense Feminino de Cultura, inaugurado em 1933, reunia mulheres, muitas delas de classes sociais mais favorecidas, para reuniões e encontros nos quais aconteciam discussões sobre diversas temáticas do interesse das centristas. Era uma associação de mulheres casadas e solteiras (senhoras e senhoritas) que almejavam uma educação mais igualitária, bem como tinham a preocupação em lhes oferecer novos conhecimentos, planejar ações filantrópicas, cívicas e educacionais (Zomer, 2011).

Mariana Coelho se aproximou de mulheres da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, e trocou várias cartas com Bertha Lutz, pois simpatizava com várias questões pelas quais esse grupo de mulheres batalhava. Soihet (2018, p. 220) nos aponta que

Bertha e suas companheiras organizavam-se em associações, fazem pronunciamentos públicos, escrevem artigos e concedem entrevistas aos jornais. Buscam o apoio de lideranças e da opinião pública e procuram pressionar os parlamentares, autoridades políticas, educacionais e ligadas à imprensa.



A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino surgiu a partir da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, criada por Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura, nos anos 1920. Segundo Soihet (2018), nessa época, o feminismo brasileiro aproximou-se de entidades internacionais. Em 1922, Bertha Lutz participou da Primeira Conferência Interamericana de Mulheres, em Baltimore. A partir de então, o Brasil teve mais proximidade com o movimento feminista norte-americano, como por exemplo, da *National American Woman's Suffrage Association*. Carrie Chapman Catt auxiliou Bertha Lutz na elaboração dos estatutos da federação brasileira. O estatuto tinha como objetivos: coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais eficiente a atividade social, quer na vida doméstica quer na vida pública, intelectual e política (Soihet, 2018, p. 224).

Nas cartas trocadas entre essas intelectuais, entre os assuntos, Mariana Coelho pede para que Bertha Lutz faça o prefácio de seu livro “A Evolução do feminismo”, e Bertha faz o convite para que Mariana Coelho passe a ser a representante paranaense da Federação no estado. Por conta da idade, por questões de saúde e pelas suas obrigações escolares, Mariana Coelho aceita fazer parte da federação como membra, mas propõe de que o Centro Paranaense Feminino de Cultura, localizado em Curitiba, poderia se agremiar à Federação, servindo essa instituição como representante. Sobre o Centro, em carta a Bertha Luz, de 7 de março de 1936, Mariana Coelho diz: “o Centro não é uma agremiação feminista, mas adopta as ideias modernas, as respectivas sócias são mulheres cultas”.

Essa filiação do CPFC acabou por causar até mesmo pequenos “atritos” e desentendimento entre as sócias, como a reclamação feita por Mariana Coelho à Bertha Lutz sobre a origem dessa iniciativa de união das duas instituições, posto que Ilnah Secundido, outra membra do Centro, andava dizendo ser de sua iniciativa a referida filiação. Bem como o conservadorismo e recusa de algumas das outras membras para discutir questões sobre o feminismo no Centro. Sobre isso, em carta, datada em 14 de setembro de 1936, Mariana Coelho diz a Bertha Luz:

Vou contar-lhe uma coisa – muito confidencialmente... Como a Dra. Bertha é testemunha, tomei a iniciativa de trabalhar pela filiação do “Centro Paranaense de Cultura Feminina” – visto ser eu sua sócia – agindo não só por cartas, mas também verbalmente quando aí estive ultimamente. Quando tive esta lembrança levei a uma sessão do “Centro” uma carta dirigida às respectivas Presidente e sócias (da qual guardo cópias), apresentando o meu plano e as justas razões que me levaram a tomar tal iniciativa. As coisas foram sempre decorrendo razoavelmente até que afinal, o Centro ficou filiado à nossa “Federação”. Mas um belo dia, a Dra. Ilnah escreve uma carta à

Redação de O Dia (remeto-lha inclusa) onde deixa transparecer a intenção de apresentar-se como se fôra ela a de tal iniciativa! Achei o facto pouco airoso e nada sincero, e nada justo. Mas não ficou o caso só nisto. Passados dias recebo uma carta-circular do “Centro” comunicando a sua filiação lembrada e realizada por ela! Ora, não estando eu morta nem ausente, foi muita audácia em querer torcer a história, não acha?

Em 1923, Mariana Coelho escreve longos artigos para o jornal *O Commercio do Paraná*, o tema sobre o qual discorre durante várias edições desse jornal é sobre o civismo da mulher na guerra. Demonstra ter domínio e erudição, escreve com muitos detalhes as instituições e figuras que despontam na assistência feminina, como as “madrinhas de guerra”:

Cujo atraente papel desempenharam senhoras illustres na capital portuguesa, e distintas senhoras brasileiras; a qual tinha por fim animar os soldados combatentes na França e na África com a sua reconfortante correspondência, enviando-lhes leituras amenas, afectuosas dadas e encarregando-se da mútua transmissão de notícias entre os seus “afilhados de guerra” e respectivas famílias (COELHO, Mariana. O civismo da mulher na guerra. *Commercio do Paraná*, ed. 03908, Ano 1923)

Ainda sobre esse assunto, a autora diz ser honrada com a amizade de uma personagem bastante importante nesse movimento de auxílio em tempos de guerra, e do movimento feminista, que é a jornalista e escritora Anna de Castro Osório.<sup>38</sup>

Segundo Gomes (2016, p. 102) Anna de Castro Osório “era, na verdade, uma bem-sucedida continuadora da obra de João de Deus, um dos mais importantes intelectuais da educação de Portugal, no início do século XX”, seguidora do método do referido educador, que tinha uma dimensão nacionalista e uma pedagogia maternal. Em seu colégio, Mariana Coelho também foi uma defensora dessa perspectiva educacional. Tanto Anna de Castro Osório como Mariana Coelho foram defensoras do republicanismo e do feminismo, a primeira tendo fundado a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1908) e vivido no Brasil durante os anos de

---

<sup>38</sup> Sobre a possível amizade entre Mariana Coelho e Anna de Castro Osório não é possível confirmar tal afirmação. Porém, é sabido que essa escritora portuguesa viveu no Brasil durante algum tempo e esteve no Brasil em 1922, juntamente com outras mulheres engajadas no movimento feminista da época, como Carrie Chapman Catt e a holandesa Rosette Manus para a I Conferência pelo Progresso Feminino, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e visitas no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, com as quais Mariana também tinha contato. Informações disponíveis no site: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/11337>. Assim como, esteve na capital paranaense no mesmo período ao regressar de conferências no Rio Grande do Sul, sobre essa passagem de Anna de Castro Osório pelo Paraná, escreve Mariana Coelho no jornal *Commercio do Paraná*, do dia 21 de janeiro de 1923, edição 03907. Porém, em cartas trocadas com Bertha Lutz, Mariana afirma manter contato com Ana de Castro Osório e se refere à ela como sua amiga.

1911 a 1914, época em que seu marido foi cônsul em São Paulo. Sobre essa Liga criada por Anna Osório, Mariana Coelho dedica um artigo no jornal *Comercio do Paraná*, quando trata sobre “O civismo da mulher na guerra”. Ambas as mulheres foram muito ligadas ao campo político, cultural e educacional de onde viveram.

Mariana Coelho demonstrava ser uma mulher por dentro dos assuntos políticos do período, com acesso e bastante atenta às notícias dos jornais da época, assim como é crítica sobre o papel das mulheres e as mudanças que estavam ocorrendo no mundo todo, principalmente no pós-guerra, defendendo a capacidade das mulheres em desempenhar funções e profissões que até então eram maioritariamente entendidas como “exclusivamente masculinas”. Ela diz:

Em setembro de 1917 um telegrama de Amsterdam nos comunicava que um alto personagem neutro, procedente da Alemanha, contara que as mulheres alemãs davam os seus cabelos para a fabricação de correias, vendo-se em Berlim muitas senhoras usando gorros, em virtude de terem despojado do seu belo adorno. Além disto, todos os trabalhos agrícolas foram confiados às mulheres – que também substituiriam os homens, como foguistas, nos navios, nas vias-férreas e nas indústrias. Várias tomaram parte na guerra ao lado dos seus combatentes (COELHO, M., 1923)

Alonso (2000) diz que, um dos fatores que possibilitou uma maior circulação de informações entre as províncias e outros lugares fora do Brasil, foi a introdução do telégrafo em 1874, que fez com que cada vez mais os jornais trouxessem notícias internacionais, “em colunas paralelas, se enfileiravam resenhas sobre o realismo literário português; traduções de romances naturalistas; ensaios e polêmicas sobre novas teorias científicas, como o darwinismo” (Alonso, 2000, p. 206).

Mariana Coelho trazia várias problematizações em defesa do movimento feminista do período, falando sobre a criação de Associações femininas, Sociedades, Comissões etc., apontando exemplos de acontecimentos positivos para as mulheres a partir da luta sufragista do mundo todo de seu tempo e até mesmo de tempos anteriores, falando por exemplo sobre o martírio de Joanna D’Arc e Olympia de Gouges. “É possível inserir Mariana Coelho entre as pessoas que acompanhavam de perto os principais fatos relacionados ao [passado e] futuro mundial” (Kamita, 2005, p. 73)

Ela demonstra possuir grande conhecimento histórico ao discorrer sobre os enfrentamentos bélicos da antiguidade, e a participação feminina em conflitos e guerras, citando Artemisa, rainha de Halicarnasso e seu desempenho junto com Xerxes na guerra contra os gregos, tendo também conhecimento sobre o

envolvimento de defesa patriótica das mulheres russas, italianas, polonesas etc., assim como sobre a própria história do Brasil, ao citar Anita Garibaldi e Leolinda Daltro. Percebemos, assim, que uma das estratégias para que o discurso tenha credibilidade é através das referências a acontecimentos do passado, demonstrando ainda estar atenta e por dentro dos acontecimentos de seu período.

Mariana Coelho se apoderou do processo da leitura e da escrita. Era consciente da importância das mulheres serem instruídas e poderem ter acesso à educação e a diferentes espaços para além do lar. Também por ser professora, incentivava e defendia o acesso à instrução para outras mulheres. A leitura poderia lhes dar consciência das desigualdades enfrentadas principalmente pelas mulheres analfabetas; por conta disso, surgiram vários escritos reflexivos e engajados (Duarte, 2017, p. 14). Além de que “mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência” (Duarte, 2017, p. 14).

Algo interessante de se salientar é que, no período, o discurso dominante trazia a ideia de que o casamento e a maternidade eram naturalmente esperados para todas as mulheres, as quais deveriam cumprir com o “dever sagrado da missão materna”, pois, se não cumprisse com o que lhe era esperado, a mulher não era “bem vista”. A maternidade como função primordial das mulheres era algo discursado tanto pelas instituições religiosas, principalmente pela Igreja Católica, como também pelo pensamento positivista, muito em voga no período. Trindade (1996) diz que, embora o debate sobre os direitos das mulheres havia crescido no início do século, mesmo assim não se questionava a função primordial e “inalienável” da condição materna, nem mesmo o movimento feminista se opõe a esse ideário (Trindade, 1996, p. 117).

De acordo com Bourdieu (2014), o discurso da dominação masculina é algo que muitas vezes se “naturaliza” nos discursos dos processos históricos, o que, conseqüentemente, dificulta os processos para mudanças e transformações. Essa dominação naturalizada é algo reproduzido tanto por homens e mulheres, como também por instituições ao longo dos anos, como, por exemplo, através da família, escola, igreja e até mesmo pelo poder simbólico do Estado. Essas instituições, ao longo da história, contribuíram para justificar as tentativas de eternizar a subordinação das mulheres aos poderes masculinos, que passam, muitas vezes, a serem vistos como relações de poder aceitáveis e até mesmo como algo natural. Esses espaços e

instituições acabam por reforçar ainda mais as “violências simbólicas” dessa construção social de dominação.

Para o autor, esse processo pode ser visto como uma “submissão paradoxal”, resultante da violência simbólica, suave, insensível e invisível de suas próprias vítimas, que acabam por culminar numa divisão socialmente construída entre os sexos, como algo natural e legítimo, que tem como consequências a marginalização e exclusão das mulheres, como também a divisão dos trabalhos e espaços entre “lugares femininos” e “lugares masculinos”.

Segundo Bueno (2010) a emancipação feminina, na compreensão de Mariana Coelho, não poderia fazer com que as mulheres deixassem de se dedicar à maternidade e ao lar. Deveria conciliar seus diversos papéis, tanto no cuidado e do zelo para com a educação dos filhos, com o ambiente doméstico do espaço privado e as novas exigências de participação na vida pública. Muitos jornais da época tinham esse empenho de apresentar e tentar convencer as mulheres sobre o que acreditavam ser o seu papel a ser seguido. Apesar disso, Mariana Coelho nunca se casou e nem teve filhos<sup>39</sup>. Conforme Bourdieu:

A verdade das relações estruturais de dominação sexual se deixa realmente entrever a partir do momento em que observamos, por exemplo, que as mulheres que atingiram os mais altos cargos (chefe, diretora em um ministério, etc.) têm que “pagar”, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor “sucesso” na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos, etc.) e na economia de bens simbólicos; ou, ao contrário, que o sucesso na empresa doméstica tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia parcial ou total a maior sucesso profissional (Bourdieu, 2014, p. 126).

A revista *A Bomba*, de 1913, traz uma crônica de Mariana Coelho cujo título é “*Um urso*”. Nesse texto, de forma sarcástica, ela faz comparações do homem inculto com a figura de um urso selvagem. Na crônica escrita por ela, fala em primeira pessoa, de um passeio por uma região campestre, onde se depara com uma figura dentro de uma casa, na qual, assustada, não sabe “se aquella cousa animada era, apenas, um animal irracional, ou se realmente um desfructavel exemplar da espécie humana”. Na busca por descobrir o que é aquela figura desconhecida, percebe que “era elle conhecido, entre os poucos garotos que por ali o bispavam à porfia, pela alcunha

---

<sup>39</sup> O que pode ser também resultado do pensamento que defendia o celibato das professoras normalistas, que, por conta de sua dedicação à educação dos alunos, não poderia assumir a responsabilidade pela criação e formação de uma prole.

symbolica de – urso”. Curiosa para entender o que levou o homem a se afastar da sociedade, soube que esse homem havia se apaixonado por uma moça mas que:

Assim, quando veio no conhecimento de que a sua eleita vivia de uma atmosfera mais elevada, que era, em summa, mais ou menos sensível aos embates da civilização, confessou a sua pusilanimidade e a instintiva aversão ao melhoramento intelectual, desmentindo grosseira e brutalmente a sua promessa (Coelho, M., ed. 000161, 1913).

Talvez Mariana Coelho tenha utilizado dessa crônica para falar sobre uma aflição vivida por muitas mulheres daquele tempo, quem sabe até por ela mesma, posto que “a experiência me tem feito concluir que existem realmente tipos excepcionaes que se gabam da sua falta de coragem para ligar o seu destino ao de uma mulher de espírito culto” (Coelho, M., ed. 000161, 1913), pois muitos homens se recusavam a se casar com mulheres que fossem cultas e notáveis, com um grau de instrução significativo.

Em 1911, Mariana Coelho participou do III Congresso Brasileiro de Geografia, que ocorreu em Curitiba, sendo ela a responsável por fazer o discurso de encerramento. O que causa certo espanto é que, de 365 participantes, ela é a única mulher a fazer parte desse congresso. “Entre os setenta e três representantes do Estado do Paraná ‘era a única mulher, entre ‘doutores’, ‘desembargadores’, ‘oficiais militares’, ‘professores’, etc.” (Ribeiro, 2015, p. 26), deixando claro que Mariana Coelho acreditava que a esfera pública e os eventos de caráter intelectual não deveriam ser exclusivamente ocupados apenas por homens. Sobre a participação de Mariana Coelho nesse evento, Tomé (2020) diz:

Apesar de Mariana Coelho não ter abordado, em seu discurso, questões relacionadas ao direito e à emancipação das mulheres, sua postura ousada em participar de um evento como única mulher presente dentre 365 participantes homens, demonstrou sua opinião sobre o verdadeiro lugar que as mulheres deveriam ocupar no mundo. Sua ação deixou clara sua defesa e sua renúncia em relação ao papel social secundário atribuído a elas (Tomé, 2020, p. 188).

De acordo com Ribeiro (2015), em 1936, a revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, moveu uma campanha de pesquisa para apurar nomes femininos que mereceriam integrar a Academia Brasileira de Letras, e, entre os vários nomes elencados, lá estava o de Mariana Coelho. Nessa “enquete”, o resultado do plebiscito foi o seguinte: 1º Maria Eugênia Celso; 2º Gilka Machado; e 3º Alba Canizares do Nascimento. Entre as mais de 150 concorrentes, Mariana Coelho ficou em 43º lugar, Raquel de Queiroz

em 59º e Bertha Lutz em 66º. Esse dado é interessante, pois demonstra o renome e distinção que Mariana Coelho já possuía dentro do cenário nacional. É interessante também que Raquel de Queiroz, nome que nessa lista de 1936 vem depois de Mariana Coelho, é a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras, mas somente em 1977. Para Bourdieu (2020, p. 112), “o mundo social é também representação e vontade, existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto.”

No Paraná, segundo Ribeiro (2015, p. 30), “Mariana Coelho é patrona da cadeira número 30 da Academia Paranaense de Poesia e da cadeira número 28, da Academia Feminina de Letras do Paraná”. De acordo com esse pesquisador, também no ano de 1936, Mariana Coelho foi convidada para participar do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, que iria ocorrer no Rio de Janeiro, evento no qual ela apresentou sua tese “Linguagem”, que posteriormente também virou livro, na qual Mariana Coelho defendia a linguagem ortográfica simplificada. Nesse mesmo ano, Ribeiro (2015) também pontua que o Governador do Estado, Manoel Ribas, coincidentemente ou não, decreta o uso da ortografia simplificada nas repartições públicas do Estado do Paraná, através do Decreto n. 3269.

Mariana Coelho era favorável à emancipação feminina, e se favoreceu de suas amizades e relações com os literatos, jornalistas e pessoas importantes de seu círculo para escrever sobre, tanto na imprensa, como em livros nos quais apresentou suas ideias de cunho feminista. Se não fosse por suas relações favoráveis, talvez não tivesse sua escrita autorizada. Apesar da forte oposição que as mulheres enfrentavam por conta do que reivindicavam, muitos respaldavam serem contrários ao que elas levantavam, justificando que tais reivindicações não deveriam ser aceitáveis por conta da fragilidade feminina, sua falta de capacidade intelectual, sua falta de aptidão para questões políticas e públicas, afirmando “que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária” (Soihet, 2018, p. 219).

Segundo Bueno (2010, p. 13):

O debate público deste período foi fortemente marcado pelo caráter ideológico-religioso que tomou o panorama cultural da capital. O advento da República, que promoveu entre outras coisas a separação da Igreja e do Estado no final do século XIX, simbolizou para a elite cultural de Curitiba a oportunidade de transgredir a tradição de pensamento e de comportamento.

De acordo com Bueno (2010, p. 19), temas como feminismo, profissionalização da mulher, laicização do ensino, anticlericalismo, cientificismo, eugenia, entre outros, foram abordados por Mariana Coelho em suas produções e, embora essa pluralidade de temas possa dar a impressão de uma miscelânea de ideias, na verdade, foram resultantes de sua ação pedagógica e de sua identidade com os intelectuais de seu tempo. Ou seja, é resultado dos contatos que teve, das leituras as quais teve acesso, de suas vivências no meio letrado, das interferências de seu irmão e até mesmo das relações de conflito que estabeleceu.

Os intelectuais do período traziam para o cenário a discussão positivista que moldava o comportamento das mulheres, que as colocava no papel central da família, dos cuidados com a casa, com o marido e com a educação dos filhos. Para Trindade (1996, p.139) “o positivismo coloca-se assim, contra os direitos de sua época sobre o dote e a sucessão femininas, fundando uma economia doméstica – e ao mesmo tempo cívica – que atribui ao marido a obrigação do sustento da esposa”.

Percebe-se, portanto, que ao mesmo tempo que Mariana Coelho concordava com o destaque ao papel das mulheres na sociedade dado pela filosofia positivista, discordava e não se conformava sobre o que esse ideário pregava de manter as mulheres subordinadas financeiramente aos maridos e apenas ao seu desempenho no ambiente doméstico. Embora tanto o positivismo quanto Mariana Coelho incentivassem a participação pública das mulheres em eventos sociais e culturais, por exemplo, isso não deveria entrar em desacordo com as suas funções no ambiente doméstico.

Um ponto que incomodou bastante durante essa pesquisa foi a ausência de informações sobre a irmã de Mariana Coelho, Maria Natividade Teixeira Coelho, pois, enquanto temos várias referências e colaborações da primeira na imprensa, no cenário educacional, literário e feminista, a segunda quase nunca é mencionada, nem por Mariana Coelho, nem por seus irmãos. Enquanto Mariana Coelho agradece a ajuda financeira e intelectual de Thomaz e Carlos, nada fala sobre Maria Natividade. Das informações coletadas sobre essa sua irmã, o que foi encontrado é que “foi casada com Augusto José da Cruz, sócio da empresa Cruz, Duarte & Cia e da famosa Casa Verde, de Vitória (ES).<sup>40</sup> Maria Natividade talvez tenha cedido ao que era esperado das mulheres do período, a um casamento e os cuidados com o lar, o que

---

<sup>40</sup> Essas informações foram encontradas através de publicações da Associação Educacional Mariana Coelho.



pode ter sido o que ocasionou o seu apagamento da história, diferente de Mariana Coelho, que contestou o papel social das mulheres e foi a irmã lembrada, mas que nada fala sobre sua companheira de sangue.

Mariana Coelho foi uma das pioneiras na defesa do sufrágio feminino em Curitiba. Trazia questões discutidas internacionalmente para a capital paranaense, e estabeleceu contato com feministas em nível nacional para discutir questões voltadas para o movimento de ampliação dos direitos das mulheres. Porém, essas discussões, por vezes, ficavam restritas a um pequeno número de mulheres letradas de classe média, com muitos privilégios. De acordo com Hahner (2018):

O movimento pela ampliação dos direitos das mulheres não expandiria seu alcance dentre as classes privilegiadas até se tornar mais conservador, no início do século XX, concentrando-se na reforma legal e constitucional e na questão do voto ao invés de lutar por bandeiras mais radicais. Enquanto membros das elites políticas e sociais desempenhavam papéis proeminentes no movimento pelo sufrágio feminino da década de 1920 (as líderes eram profissionais de classes alta ou média alta, bem-educadas e com excelentes contatos, como engenheiras, advogadas, médicas, cientistas, funcionárias públicas de nível mais alto), as professoras de escolas primárias e outras profissionais de classe média emergente (como datilógrafas, encadernadoras, tipógrafas e funcionárias públicas de baixo escalão) engrossavam suas fileiras (Hahner, 2018, p. 61).

As correspondências por trocas de cartas serviam para manter o contato e os vínculos com amigos e pessoas com as quais buscava-se afinidades, fazendo parte dos jogos de sociabilidade. Além disso, através dessas correspondências, os emissores/receptores poderiam “reafirmar sentimentos, fazer reclamações, queixar-se, expressar gratidão, compartilhar confidências, manifestar um pensamento que não pôde ser dito na presença de outrem” (Zechlinski, 2020, p.53).

Através das análises das correspondências trocadas entre Mariana Coelho e outros intelectuais do período, como Fabio Luz, Rocha Pombo, Dario Vellozo, Bertha Lutz, Ana de Castro Osório, podemos compreender o alcance das suas redes de sociabilidade. No Arquivo Nacional do Rio de Janeiro encontram-se várias cartas de/para Mariana Coelho e intelectuais feministas do período, principalmente em torno da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, porém, nessa pesquisa, optamos, por conta do pouco tempo, em não nos aprofundarmos nas questões postas por tais correspondências. Por isso, utilizaremos de breves exemplos que elucidem sobre as redes estabelecidas por essa intelectual, como, por exemplo, as cartas trocadas com Bertha Lutz, como a de 21 de janeiro de 1925, na qual diz:

Com muito gosto quero fazer parte da Federação que a distinta amiga tão proficientemente dirige. Em princípios do próximo mês enviar-lhe-ei a minha annuidade. Recebi em fins de dezembro uma carta do redactor da “Vanguarda” pedindo a minha opinião sobre o suffragio, e a minha photographia – dizendo que quem lhe lembrou o meu nome “foi a senhorita Bertha Lutz”.

Além de mostrar a sua proximidade com a líder do movimento feminista no Brasil, ainda é possível perceber, pelo pedido do redator da *Vanguarda*, que a opinião de Mariana Coelho era benquista, pois ela tinha uma opinião bem conceituada perante a imprensa. As cartas trocadas entre Bertha e membros da FBPF eram principalmente sobre a escrita de seu livro, *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, e sobre a criação de uma federação paranaense.

Mariana Coelho presava muito pela opinião de outros intelectuais sobre sua produção. Vemos isso quando diz, em carta datada de 28 de janeiro de 1925, para Bertha, que “antes da publicação do livro hei de mandar-lhe o capítulo: “A mulher na política e na Burocracia”, pois tenho todo o empenho em que a nossa querida Leader verifique se tem algum erro.” Mais adiante, em outra carta enviada à mesma pessoa, esta de 31 de janeiro de 1936, afirma que “há poucos dias recebi uma extensa missiva da nossa comum e digna amiga Ana de Castro Osório”, enquanto na carta datada de 30 de setembro de 1940, Mariana afirma que “recebi resposta de Mrs. Bompas, de Londres, explicando bem a série de Congressos realizados pela ‘Aliança Internacional pelo Sufrágio das Mulheres’”, pontuando, na referida carta,

como a minha distinta amiga sabe, aqui tenho consagrado toda a minha existência ao Magistério e ás Letras, mas graças a Deus! – estou sendo compensada com honras e homenagens que muito me desvanecem! – Incluindo gentilísimos telegramas do Exm<sup>o</sup> e bondoso sr. Ministro da Educação e da Saúde – elogiando as minhas modestas publicações literárias.

Mariana Coelho faleceu no dia 29 de novembro de 1954, porém, alguns de seus legados seguem vivos. Transitou entre o campo literário e o campo intelectual. Foi considerada pelos seus pares como escritora distinta e consagrada, envolvida e participativa em questões da ordem pública do período, na defesa da capacitação intelectual das mulheres e do direito à educação e direito ao voto, com atuação na vida literária, educacional e política de Curitiba. É necessário lembrar que somente em 1932 o Brasil enfim ganhou um novo Código Eleitoral, que incluía as mulheres como cidadãs eleitoras.

Havia sido em 1934 o ano que Mariana Coelho buscava através do atestado de boa conduta conseguir naturalizar-se brasileira, talvez, como forma de assim conseguir exercer o direito ao voto. Porém, esse processo foi demorado, e ela conseguiu finalizar a naturalização como cidadã brasileira apenas em 1939, tendo como advogada Odila Falce.<sup>41</sup>

Anos após o seu falecimento, o jornal *Diário da Tarde* traz uma nota em homenagem à trajetória de Mariana Coelho no mundo das letras, feitas por Maria Nicolas. Essa nota diz que “em 1887, ainda em Portugal, iniciou a bela carreira literária, cuja vocação herdara do pai. Durante sessenta e poucos anos sua infatigável pena traçou as mais belas páginas, colaborando em muitos jornais e revistas, não só do Brasil, como do seu recanto materno” (*Diário da Tarde*, ed. 21035, 1959). Maria Nicolas<sup>42</sup> diz ainda que “em nossa terra Mariana Coelho foi o farol, o expoente máximo de tão edificante luta. A ela a nossa homenagem pelos raros dotes que lhe armavam o belo caráter.” (Flores, 2011. p. 96).

Kamita (2005) situava Mariana Coelho como uma “mulher à frente do seu tempo”, que atuou “por meio de uma ação simbólica – interferindo no debate da época, produzindo análises sobre a situação política e educacional do país, formando opiniões, indicando problemas e propondo soluções” (Xavier, 2016, p. 514), aproveitando-se dos vínculos que criou, do espaço que obteve, e criticando a ordem estabelecida.

---

<sup>41</sup> Encontra-se o processo de naturalização de Mariana Coelho, digitalizado no Fundo do Dossiê do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>42</sup> “Professora, poetisa, biógrafa, escritora, pintora, trovadora. Filha de León Nicolas e Josepha Maria Nicolas. Cursou Pedagogia e Teatro. Lecionou I e II Grau, foi bibliotecária da Assembleia Legislativa do Paraná. Pintora com exposições coletivas e particulares, “Escritora Destaque” pelo Diário Popular do Paraná, Professora do Ano pela Academia Paranaense de Letras, recebeu Medalha de Prata em Concurso de Trovas, Membro da Academia Feminina de Letras do Paraná, da Academia de Letras José de Alencar, do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Colaboradora no Diário da Tarde, O Dia, Gazeta da Palmeira, Folha de S. José (dos Pinhais), Voz do Paraná etc.” (Flores, 2011. p. 512).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Norbert Elias (2000) busca entender as relações de poder de uma comunidade, entre indivíduos “estabelecidos” e “outsiders”, onde, os “estabelecidos” são aqueles que se auto percebem como reconhecidos, membros de uma “boa sociedade”, que possuem destaque e autoridade, enquanto os “outsiders” são o seu contrário, são os “de fora”, os “deslocados”, podemos fazer esse paralelo com a trajetória de Mariana Coelho.

Ao chegar no Paraná, Mariana Coelho, uma “outsider”, mulher “de fora”, portuguesa recém-chegada, tenta adentrar no mundo da “boa sociedade” curitibana e assim se estabelecer e ser reconhecida. Ao analisarmos seus itinerários e sua trajetória, nos foi possível entender como se deu seu engajamento com outros intelectuais. Sirinelli (2003, p. 246) utiliza, além do conceito de intelectuais mediadores, também a ideia de intelectuais “despertadores”, em que esses sujeitos representam “um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política”. Podemos concluir que Mariana Coelho se encaixa em ambas as definições.

Mariana Coelho inspirou muitos e muitas na defesa da conquista das mulheres pelo espaço público, bem como incentivou o pensamento de que as mulheres poderiam desempenhar qualquer outra função social para além da maternidade e do seu papel no ambiente doméstico. Acreditava que isso seria possível a partir do momento que as mulheres tivessem acesso à uma educação equiparada à dos homens, pois, instruídas, poderiam alcançar a independência intelectual e financeira.

Podemos concluir também que Mariana Coelho se tornou uma intelectual “estabelecida”. Sua participação no cenário intelectual curitibano foi intenso, cultivou amizades e diálogos com políticos, figuras proeminentes e com a elite letrada da época, como Rocha Pombo, Ermelino de Leão, Julio Pernetta, Euclides Bandeira, Serafim França e Dario Vellozo, assim como estabeleceu laços com feministas de destaque, as quais compartilhavam ideias e posicionamentos e até mesmo divergências, como Bertha Lutz, Anna de Castro Osório, Leonor Castelhana, Georgina Mongruel etc.

O ambiente intelectual de Curitiba, na virada do século XIX para o XX, era bastante diverso, havia várias vertentes de pensamento disputando espaços. Percebe-se que os grupos intelectuais não possuíam posicionamentos tão

homogêneos. A grande maioria do círculo com o qual Mariana Coelho tinha proximidade tinha posicionamento político e filosófico voltado para o anticlericalismo, positivismo, cientificismo etc., que os unia para criticar a influência da religião nos espaços públicos e estatais. No campo literário, entretanto, tinham também suas divergências, como as percebidas entre os literatos que eram adeptos a escrita simbolista e os contrários a essa tendência, como Mariana Coelho e seu irmão, que defendiam a estética parnasiana, o que fez com que vários atritos surgissem entre eles e outros literatos, como os presenciados a partir da obra *O Paraná Mental*.

Ainda assim, ela se utilizou de sua proximidade com diversos intelectuais engajados nas instâncias culturais e teve efetiva participação nesses meios. Mariana Coelho atuou e influenciou, o que lhe permitiu ter acesso e contato com a Academia de Letras do Paraná e Centro de Letras desse Estado, com o Centro Paranaense Feminino de Cultura, com instituições maçônicas, como a Loja de Adoção Filhas de Acácia, com o Instituto Neo-pitagórico, em nível nacional com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, e até mesmo em nível internacional, com a *International Woman Suffrage Alliance*, bem como com vários campos, desde o da imprensa, ao da educação, no ambiente cultural e político.

Ela utilizou desse privilégio para ocupar espaços, ser ativa naquele mundo, de forma talvez até mesmo transgressora para seu período, mas que pudesse proporcionar mudanças para as questões femininas da época, como por exemplo: escrevendo suas “crônicas de moda” para discutir além do tema “moda”, falando também sobre a importância de mulheres terem acesso à educação, para que, instruídas, as mulheres pudessem estar cada vez mais próximas da emancipação feminina. Atuação essa que possibilitou que muitas outras mulheres passassem a escrever na imprensa também, seja apoiando suas ideias, seja criticando-as.

Porém, tudo isso nos mostra também que Mariana Coelho era fruto de seu tempo. Seus escritos reverberam muito das ideias presentes naquele período acerca do racionalismo científico, darwinismo social, evolução, progresso, exaltação da razão e até mesmo escritos eugenistas e racistas. Ela acreditava no ideário positivista de que a ciência seria responsável pela regeneração moral. Tanto Mariana Coelho como muitos intelectuais daquele período acreditavam na teoria de que a história caminhava para uma constante evolução, de uma “civilização em progresso”. O próprio livro *O Paraná Mental* tinha essa intencionalidade, de apresentar/representar uma identidade para a província recém-emancipada, apontando a mesma como moderna, civilizada e

com efervescência cultural e literária. Muitos de seus escritos transparecem esse seu pensamento, como também é possível identificar pelos mesmos as estratégias e alianças cultivadas por ela para se firmar nesse local.

Apesar de parnasiana, escreveu em revistas onde a maioria dos demais escritores eram simbolistas, como por exemplo, a Revista *Azul*. Tinha posicionamentos diferentes dos demais sobre suas preferências estéticas, criticou, foi criticada, mas não deixou de escrever e apresentar sua opinião.

Se consolidou no cenário cultural e intelectual de Curitiba, apesar de seu nome ainda manter-se quase esquecido perante tantos nomes masculinos com os quais conviveu, mas que diferente dela, se tornaram cânones, nomes de ruas, homenageados com bustos em praças e instituições.

Há um instituto no Rio de Janeiro que leva seu nome como homenagem, assim como há um coletivo feminista na capital paranaense que tem Mariana Coelho como sua referência, o “Coletivo Marianas”, que busca incentivar a participação das mulheres no cenário literário e no trabalho artístico, no incentivo à ocupar esses espaços ao qual sua patronesse tanto lutou.<sup>43</sup>

No Centro de Letras do Paraná, encontra-se uma estante intitulada “Mariana Coelho”, na qual deveriam constar os livros doados por ela à Academia de Letras do Paraná anos antes de seu falecimento, mas que, hoje em dia, mantém apenas seu nome, nada de livros, apenas algumas folhas, um armário de madeira envelhecida e quase que totalmente esquecida no canto, tal como ficou a trajetória de Mariana Coelho por anos antes de voltar à tona, pelo resgate feito por pesquisadoras nos anos 60.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Para mais informações sobre o Coletivo Marianas, acessar o site: <https://www.coletivomarianas.com/>.

<sup>44</sup> O jornal O Dia, do ano de 1943, da edição 06175, traz uma notícia sobre a “Inauguração da Estante Mariana Coelho, dizendo que no sétimo aniversário da Academia Paranaense de Letras, em meio às homenagens e comemorações, juntamente com o Centro de Letras, como forma de mostrar seus laços literários entre essas duas agremiações, “na mesma reunião, como homenagem à eminente escritora e educadora – professora Mariana Coelho – que, num gesto de expressiva nobreza e de alta generosidade, doou a Academia mais de 200 volumes selecionados, será inaugurada “ad perpetuum”, na biblioteca do sodalício, a “Estante Mariana Coelho”.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos; BLUME, Rosvitha Friesen. **Mulheres traduzindo literatura no Brasil nos séculos XIX e XX**. Recife, v. 39, n. 1, 2015.

ALONSO, Angela Maria. **Ideias em movimento: a geração 70 na crise do Brasil-Império**. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ANDRADE, Maria Lucia de. Dario Vellozo e a escola moderna: a renovação do pensamento educacional no Paraná (1906-1918). *In*: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 191-217.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. Alfredo Andersen e o ensino das artes aplicadas: o desenho como remodelador das sociedades. *In*: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 127-144.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 65-83.

BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. **Ideias em confronto**. Curitiba: Grafipar, 1981.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

BARBOSA, João Alexandre. O cânone na história da literatura brasileira. **Organon**, Porto Alegre, v. 15, n. 30-31, 2012.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BELLO, Maria José. **Retratos de Machado de Assis**. Editora A Noite, 1952.

BERBERI, Elizabete. **Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba**. 1. ed. Curitiba. Editora Aos Quatro Ventos, 1998.

BEZERRA, Kátia da Costa. A busca pelas mulheres oitocentistas mineiras: recuperando trajetórias de vida. *In*: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org.). **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BONA JÚNIOR, Aurélio; VIEIRA, Carlos Eduardo. O discurso da modernidade nas conferências educacionais na década de 1920 no Paraná. *In*: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 13-40.

BOTTON, Fernando Bagiotto. Os discursos propagandísticos e intelectuais: a formação das subjetividades masculinas na modernização curitibana. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-10.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed., 2º reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. [S.l.], v. 62-63, p. 69-72, jun. 1986.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Presença, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

BUENO, Alexandra Padilha. A coluna Chronica da Moda de Mariana Coelho: educação e emancipação feminina em debate (Curitiba – 1901). **Revista de História e Historiografia da Educação**. Curitiba, Brasil, v. 2, n. 5, p. 6-26, maio/agosto, 2018.

BUENO, Alexandra Padilha. Deslizes de sentido: razão, fé e moralidade na produção literária de Mariana Coelho. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009.

BUENO, Alexandra Padilha. **Educação e participação política**: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2010.

CAMPOS, Névio de; TOMÉ, Dyeinne Cristina. Mariana Coelho: O uso do prefácio como estratégia de legitimação de sua trajetória. **Revista História da Educação**, [S.l.], v. 27, p. 1-32, 2023.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto; Universidade de São Paulo, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: a moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. – reimp. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**: Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas/SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**: subsídios para sua história. 2. ed.



Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002a.

COELHO, Mariana. **O Paraná Mental**. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002b.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura**: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Petrópolis, 2000.

CORRÊA, Maria Letícia; MARTINS, Mônica de Souza. Do Paço ao Pão de Açúcar: a Exposição comemorativa do centenário da abertura dos portos às nações amigas no Rio de Janeiro, 1908. **Revista IHGB**, Rio de Janeiro, p. 319-344, jan.-abr., 2020.

COSTA, Alvaro Daniel. Jornais literários no Paraná: os cem primeiros anos da literatura na imprensa a partir dos catálogos comemorativos do IHGB. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 42, p. 1-15, 2020.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez, 2007.

DENIPOTI, Cláudio. Templos de progresso: instituições de leitura no Brasil oitocentista. *In*: PIERONI, Geraldo; DENIPOTI, Cláudio (org.). **Saberes brasileiros**: ensaios sobre identidades: séculos XVI a XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DINIZ, Aires Antunes. **Mariana Coelho**: uma educadora feminista luso-brasileira. Portugal: Penagrafica, 2015.

DUARTE, Constância Lima. Henriqueta Lisboa – uma biografia intelectual. *In*: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org.). **Refazendo nós**: ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis; Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XIX – Dicionário Ilustrado. 1 ed. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. *In*: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 83-102.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance**: As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. I: Uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Cristina Araripe. **Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na Segunda metade do século XIX**: A circulação do Progresso nas Exposições Universais e Internacionais. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Fundação

Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Dicionário de Mulheres**. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a. p. 7-37.

GOMES, Angela de Castro. Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b. p. 92-120.

GOTLIB, Nádya Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org.). **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis; Editora Mulheres, Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 2003. p. 19-72.

HARNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2018, p.43-64.

HARDY, Chery. Espaço Social. In: GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: Conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

KAMINSKI, Rosane. Gosto brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920). In: BREPOHL, Marion. CAPRARO, André Mendes. GARRAFONI, Renata Senna [org.] **Sentimentos na História: linguagens, práticas, emoções**. Curitiba, Editora UFPR, 2012. p. 229-272.

KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho**. Florianópolis. Editora Mulheres, 2005.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores**. São Paulo, Editora Unesp, 2003.

MACHADO NETO, Antônio Luís. **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930**. São Paulo, Grijalbo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (org.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. **O despertar da República**. São Paulo. Editora Contexto, 2001.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres**

no **Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2018. p. 126-147.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Beatriz Teixeira de Melo. **Aspectos demográficos de uma cidade paranaense no século XIX**: Curitiba: 1851 a 1880. 1978. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1978.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: **História da imprensa no Brasil**. MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. 2. Ed. 1. Reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 23-44.

MORENO, Jean Carlos. Intelectuais à década de 1920: modernidade e nacionalismo César Prieto Martinez e Lysímaco Ferreira da Costa à frente da instrução pública no Paraná. In: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 41-64.

MUZART, Zahidé L. Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim. BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org.). **Refazendo nós**: ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis; Editora Mulheres, Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 2003. p. 137-145.

MYSKIW, Antonio Marcos. Curitiba, “República das Letras” (1870-1920). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados/MS, v. 2, n. 3. jan./jun., 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

NICOLAS, Maria. **Vultos paranaenses**. Curitiba: [s.n.], 1966.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Trad. Juliana Vacaro. São Paulo: Ed. Aurora, 2016.

OLIVEIRA, Américo Lopes de (org.). **Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis**. Porto Alegre: Lello e Irmão Edit. 1967.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. As letras lusitanas e as armas da pérfida Álbion: o anti-britanismo na cultura portuguesa (1750-1890). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI, 3, 2012, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2012. p. 1-10.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **O espetáculo dos maquinismos modernos**: Curitiba na virada do século XIX ao XX. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**: Espetáculos da Modernidade do Século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2018. p. 194-217.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In*: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das mulheres no Brasil**; 10 ed., 6. Reimp. São Paulo. Contexto, 2018. p. 578-606.

RIBEIRO, Leonardo Soares Madeira Lorio. **Mariana Coelho: A Educadora Feminista**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Livros e leituras no século XIX. **Revista de História das Ideias**. Coimbra, v. 20, p. 187-227, 1999.

RUDY, Cleber. **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**. São Paulo: Alameda, 2020.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni. Antônio Mariano de Lima: pioneiro do ensino de artes e ofícios no Paraná (1886-1902). *In*: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.  
SANTANA

SANTOS, Cristian. **Devotos e Devassos: Representação dos Padres e Beatas na Literatura Anticlerical Brasileira**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Paulo César dos. **Produtos da terra: tempo, espaço e técnica nas exposições industriais (1861-1922)**. 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANTOS, Paulo César dos. Um olhar sobre as Exposições Universais. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 27: Conhecimento histórico e diálogo social. **Anais...** Natal/RN: UFRN, 2013.

SANTOS, Reginaldo Clecio dos. **A prosa de ficção francesa nos periódicos Diário de Pernambuco, O Liberal pernambucano e Jornal do Recife (1850-1870): Joseph Méry e o público leitor**. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL. Érico Vital (org.). **Dicionário de Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCOTT, Ana Sílvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2018. p.15 -42.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados. **Encontros ibéricos de História da Educação**. Porto, v. 1, p. 101-121, 1992.

SILVESTRIN, Mônia Luciana. **Do bom uso da palavra**: o intelectual na obra de Mariana Coelho. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2000.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Entre convenções e discretas ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil. **RBCS**, vol. 17, n. 50, out., 2002.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.- jun., 2007.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Profissão artista: mulheres, atividades artísticas e condicionantes sociais no Brasil de finais do Oitocentos. *In*: COLÓQUIO CBHA, 24, 2004. **Anais...** Belo Horizonte: CBHA, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2018.

SOUZA, Cristiane dos Santos. **A mulher professora na instrução pública de Curitiba (1903-1927)**: um estudo na perspectiva de gênero. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SOUZA, Marco Aurélio de. **Pode a história literária do Paraná ser dividida em pedaços?** *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA – ABRALIC, 15: Experiências literárias e textualidades contemporâneas, 2016. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ABRALIC, 2016. p. 327-338.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. **Mariana Coelho e a educação das mulheres**: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940). 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Letras E Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VICENTE, Filipa Lowndes. **A arte sem história**: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX). Lisboa/Portugal: Editora Babel, 2011.

WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 3, n. 3, p. 09–34, 2007.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Imagem contestada**: a guerra do contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

XAVIER, Ângela Barreto; SANTOS, Catarina Madeira. Cultura intelectual das elites coloniais. **Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias**, [S.l.], v. 24, p. 9-33, 2007.

XAVIER, Libânia Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. *In*: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 326-341.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. Introdução. *In*: PAULA, Anna Beatriz da Silveira; ADELMAN, Miriam; **Lentes, pincéis e páginas: discursos de mulheres**. Curitiba. Ed. UFPR, 2020. p. 11-28

ZOMER, Lorena. **História de uma “boa feminista”**: trajetória intelectual de Leonor Castellano em Curitiba (1924-1967). 2011. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

## APÊNDICE A – FONTES, CORRESPONDÊNCIAS, JORNAIS E REVISTAS

### FONTES

ARQUIVO DISTRITAL DE VILA REAL. **Certidão de Nascimento de Mariana Coelho**. 1857, fl. 69 verso. Disponível em: <http://www.advrl.org.pt/instituicao/index.html>. Acesso em: 02 ago. 2023.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**: subsídios para sua história. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002a.

COELHO, Mariana. **O Paraná mental**. Curitiba: Typographia da Livraria Economica Annibal Rocha & C., 1908a.

COELHO, Mariana. **O Paraná mental**. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002b.

COELHO, Carlos Alberto Teixeira. **A Crítica Paranaense ao Paraná Mental**. Typographia da Livraria Economica Annibal Rocha & C., 1908.

POMBO, Rocha. Proêmio. *In*: COELHO, Mariana. **O Paraná mental**. Curitiba: Typographia da Livraria Economica Annibal Rocha & C., 1908.

SAGAE, Wilson Hideki. Orelha do Livro. *In*: COELHO, Mariana. **O Paraná mental**. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002b.

### CORRESPONDÊNCIAS

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatária: Bertha Lutz. Curitiba, 28 jan. 1925. 1 carta. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatária: Bertha Lutz. Curitiba, 7 mar. 1936. 1 carta. 5 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatária: Bertha Lutz. Curitiba, 14 set. 1936. 1 carta. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatária: Bertha Lutz. Curitiba, 30 set. 1940. 1 carta. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **[Correspondência]**. Destinatária: Bertha Lutz. Curitiba, 31 jan. 1926. 1 carta. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

### JORNAIS E REVISTAS

A IMPRENSA, Edição 00473(1), p. 3, Ano 1909.

A REPÚBLICA, Ano 1895, Edição 00301.

A REPÚBLICA, O Paraná Mental, Edição 208, Ano 1908.

A REPÚBLICA, O Paraná Mental. Edição 00224, 1908.

A REPÚBLICA, Várias notícias, edição 00191, Ano 1908.

A REPÚBLICA. O Paraná mental IV. Edição 204, Ano 1908.

A REPÚBLICA. O Paraná Mental, Edição 00224, Ano 1908.

A REPÚBLICA. Paraná Mental. Edição 214, Ano 1908.

ALMANACH DO PARANA - Ano 1906 Edição 00009.

ALMANACH DO PARANÁ, Ano 1899, Edição II.

ALMANACH DO PARANÁ, Collaboração, Ano 1905, Edição 00008.

ALMANACH DO PARANA. Collegio Santos Dumont, Edição 00009, Ano 1906.

BOLETIM do Instituto Histórico e Geográfico e Etnográfico Paranaense. **Ensinar foi o seu destino**. Curitiba, jan.-jun. p. 20-21, 1956.

BERSAGLIÉRE. Em defesa da mulher brasileira, ed. Esp. Ano 1904.

BRASIL, Virgolino. Ajuste de contas. **O Escarpello**, 1908, ed. 3.

BRAZIL MODERNO, ed. 0016, 1908.

CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ. Revista Fanal, Edição 12, ano 1913.

COELHO, Mariana, Paraná. **Diario do Commercio**, 1894.

COELHO, Mariana. Chronica da Moda. **Diario da Tarde**, Edição 00441, Ano 1900.

COELHO, Mariana. Chronica da Moda. Diario da Tarde, Edição 00568, Ano 1901.

COELHO, Mariana. Crítica à crítica. **A República**, Edição 002, Ano 1908b.

COELHO, Mariana. Crítica à crítica I. **A República**. Edição 209, Ano 1908c.

COELHO, Mariana. Crítica à crítica II. **A República**. Edição 210, Ano 1908d.

COELHO, Mariana. Crítica à crítica V. **A República**. Edição 213, Ano 1908e.

COELHO, Mariana. Crítica à crítica. **A República**, Anno 1908, edição 209.

COELHO, Mariana. Crítica a Crítica. **Jornal A República**, Anno XXIII, n. 210.

COELHO, Mariana. Cutello de Debora, **Revista Nova Alvorada** - Revista Mensal Litteraria e Scientifica, Portugal, Ano 1892- Edição 00009 - p. 93-94; 00010 – p. 100;



00011 – p. 111; e 00012 – p. 115-116.

COELHO, Mariana. Emancipação da Mulher. **Breviário**. Anno I, n. 1, p. 8, 1900.

COELHO, Mariana. Invasão jesuítica. **Electra**. Anno II, n. 10, p. 2, 1902.

COELHO, Mariana. Na orla do abysmo. **Revista Nova Alvorada** - Revista Mensal Litteraria e Scientifica, Portugal, Ano 1893 - Edição 00003, p. 24.

COELHO, Mariana. O civismo da mulher na guerra. **Commercio do Paraná**, ed. 03908, Ano 1923.

COELHO, Mariana. Os peripatheticos. **Revista Nova Alvorada** - Revista Mensal Litteraria e Scientifica, Portugal, Ano 1892- Edição 00003, p. 134; 00004, p. 143.

COELHO, Mariana. Paraná. **Diario do Commercio**, 1893.

COELHO, Mariana. Pela Patria! **Revista Nova Alvorada** - Revista Mensal Litteraria e Scientifica, Portugal, Ano 1893, Edição 00000, p. 8.

COELHO, Mariana. Um urso. **A Bomba**. Edição 16, Ano 1913.

CORRESPONDÊNCIA, **A Estrella**, 20 de outubro de 1901

DIARIO DA TARDE, Ano 1907\Edição 02419.

DIARIO DA TARDE, Congresso Maçônico. Edição 00951, Ano 1902.

DIÁRIO DA TARDE, Crítica literária: uma lacuna, Edição 20759, Ano 1962.

DIÁRIO DA TARDE, Crítica literária: uma lacuna, Edição 20759, Ano 1962.

DIÁRIO DA TARDE, de 1937 – Edição 12728.

DIARIO DA TARDE, Edição 00569, ano 1901.

DIARIO DA TARDE, Edição 00951, Ano 1902.

DIARIO DA TARDE, Edição 01398, ano 1903.

DIARIO DA TARDE, Edição 21035, Ano 1959.

DIÁRIO DA TARDE, Edição 2903, ano 1908.

DIARIO DA TARDE, O feminismo. Edição 591, Ano 1901.

DIARIO DA TARDE, O Paraná Mental IV. Anno XI, Edição 2892, 1908.

DIARIO DA TARDE. Exposição de prendas, edição 01760, ano 1904.

DIARIO DA TARDE. Festas maçônicas. Edição 01008, Ano 1902.

DIARIO DA TARDE. Mariana Coelho, Edição 21035, Ano 1959.

DIARIO DA TARDE. Vida social. Festas. Curitiba, 11 de setembro de 1913, p.3

DIARIO DO COMMERCIO, Curityba, Anno III, n. 735, 1893.

EDUCAÇÃO POR FREIRAS, A Estrella, 15 de junho de 1901.

JORNAL A NOTÍCIA, Collegio Santos Dumont, Edição 00671, Ano 1908.

JORNAL O DIA, Centro de Letras do Paraná. Edição 02037, Ano 1933.

JORNAL O DIA, Nesgas. Edição 01114, Ano 1926.

LEMOS, Dulcindo. Paraná Mental, de d. Marianna Coelho. **Jornal A Imprensa**, edição 00473(1), p. 3, 1909.

NASCIMENTO, Domingos. Página Litterária, **Jornal A República**, edição 00251, ano 1895.

O GUAYRA. Antonio Gomes. Ed. 215, Ano 1908.

O OLHO DA RUA, Mental Paraná. Edição 00036, Ano 1908.

O OLHO DA RUA. Caixa do "olho". Edição 00037(3), Ano 1908.

O PARANÁ MENTAL I. Diário da Tarde, Edição 02889, Ano 1908.

OLIVEIRA, Belmar de. Pelas letras. **O Commercio**, de 1909, edição 75.

PARANÁ MODERNO, Ano 1911, Edição 00011.

PELOS COLÉGIOS – Concurso infantil. **Revista A Bomba**. Ano 1913 Edição 00002.

PONTES, Eloy. Da Folha Moderna. **A República**, 1908.

REVISTA AZUL, Ano 1893, Edição 00003.

REVISTA AZUL, ano 1893, Edição 00006.

SANTOS, A. Julio dos. O Paraná Mental. **Diario da Tarde**. Edição 02901, Ano 1908.

SILVA, Aldo. *Diário da Tarde*, Ano 1908

ANEXO A – PRONTUÁRIO DE MARIANA COELHO. EM GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E ESTATÍSTICA DO ESTADO DO PARANÁ, DISPONÍVEL EM ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ

DEPARTAMENTO DO SERVIÇO MEDICO LEGAL E ANEXOS DO ESTADO DO PARANÁ

Gabinete de Identificação e Estatística

Despacho do Diretor



Informe nº 245/34  
Mariana Coelho  
Diretor

Snr. Dr. Diretor do Gabinete de Identificação e Estatística

(Nome por extenso) Mariana Coelho  
estado civil solteira, com 34 anos de idade,  
de nacionalidade portuguesa, natural Ing - a - Parana  
nascimento 10 de Setembro de 1878, filha de  
Manoel Antonio Ribeiro Coelho e de D. Maria do Carmo  
Francisca Meirelles Coelho com a profissão de Directora do Escola  
Profissional "Rep. Argentina", residente em Curitiba, à rua  
Marechal Osorio, n. 568, desejando obter atestado de  
boa conduta para fins de naturalização  
solicita de V.S. as necessarias ordens no sentido  
de que lhe seja expedido o referido documento, depois de satisfeitas as formalidades exigidas por Lei.

Do que espera deferimento.

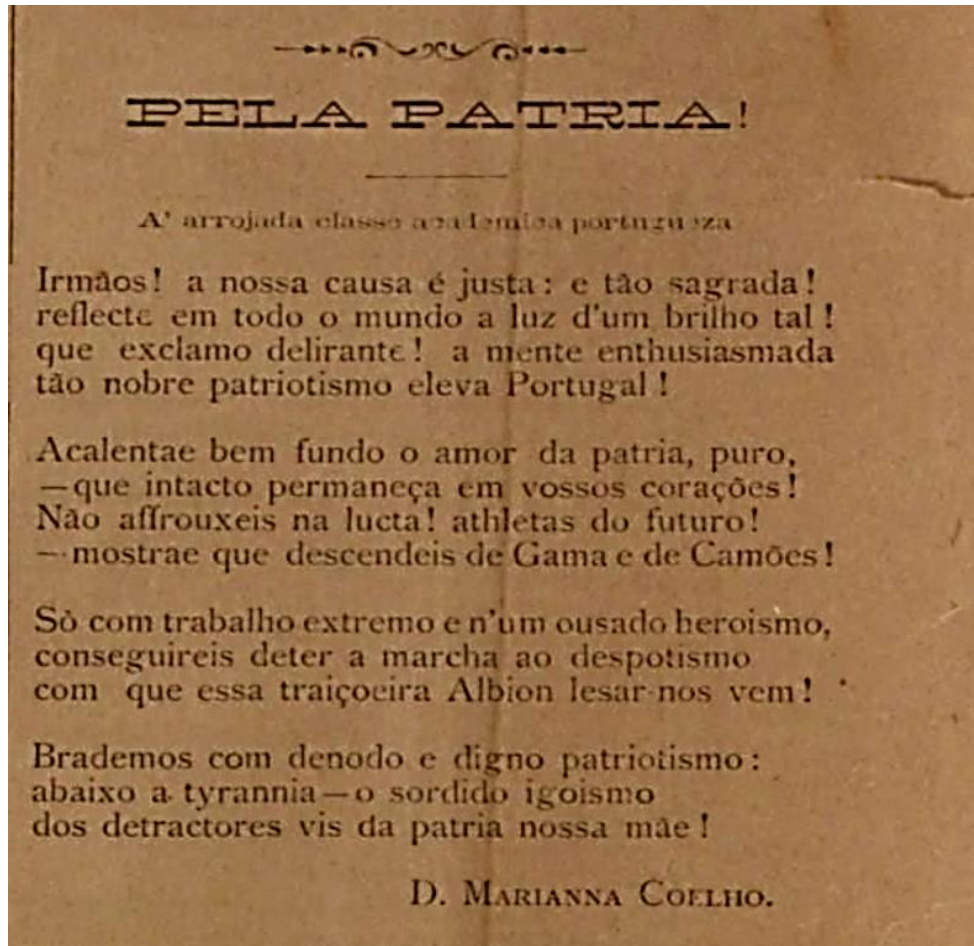
Curitiba, 23 de Maio de 1934

Mariana Coelho

Relatoria Especial de Vigilancia e Investigações  
GABINETE DE IDENTIFICACAO E ESTATISTICA  
3475  
23 Maio 1934  
Porteiro [assinatura]

A requirite nos em  
condições de ser atendida.  
24.5.1934  
Domicílio [assinatura]  
C. P. Sout.

ANEXO B – COELHO, MARIANA. PELA PATRIA!. REVISTA NOVA ALVORADA-  
REVISTA MENSAL LITTERARIA E SCIENTIFICA – PORTUGAL. EDIÇÃO 00000,  
P. 8.



ANEXO C – COELHO, MARIANA. NA ORLA DO ABYSMO. REVISTA NOVA  
ALVORADA- REVISTA MENSAL LITTERARIA E SCIENTIFICA- PORTUGAL.  
ANO 1893 - EDIÇÃO 00003, P. 24.

---

## NA ORLA DO ABYSMO

---

Levanta a timida fronte,  
Sublime martyr do amor!  
Contempla n'outro horisonte  
Fulgido astro redemptor!

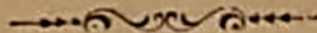
Poetica imagem da rosa  
Que a amar se definha e esvae,  
Não sigas a mariposa  
Que morre na luz que a attrahe!

Arranca ess'alma ao abysmo,  
Onde a pode arremessar  
A onda do fatalismo!

Eu venho-te aconselhar  
Philosophia e estoicismo,  
Para essa dor conjurar!

Curitiba, Estado de Paraná, 26-4-93.

MARIANNA COELHO.



## ANEXO D – A DIVULGAÇÃO. VOLTANDO AO PASSADO. ED. 28, 1950.

senhora da LUZ.

seguiu...

curitiba.

### Voltando ao Passado

Uma foto de real expressão, é essa que apresentamos hoje aos nossos leitores. Trata-se de um instantâneo batido em 7 de maio de 1916, em nossa Capital, à porta do Colégio Santos Dumont, por ocasião da recepção do seu glorioso Patrono. O

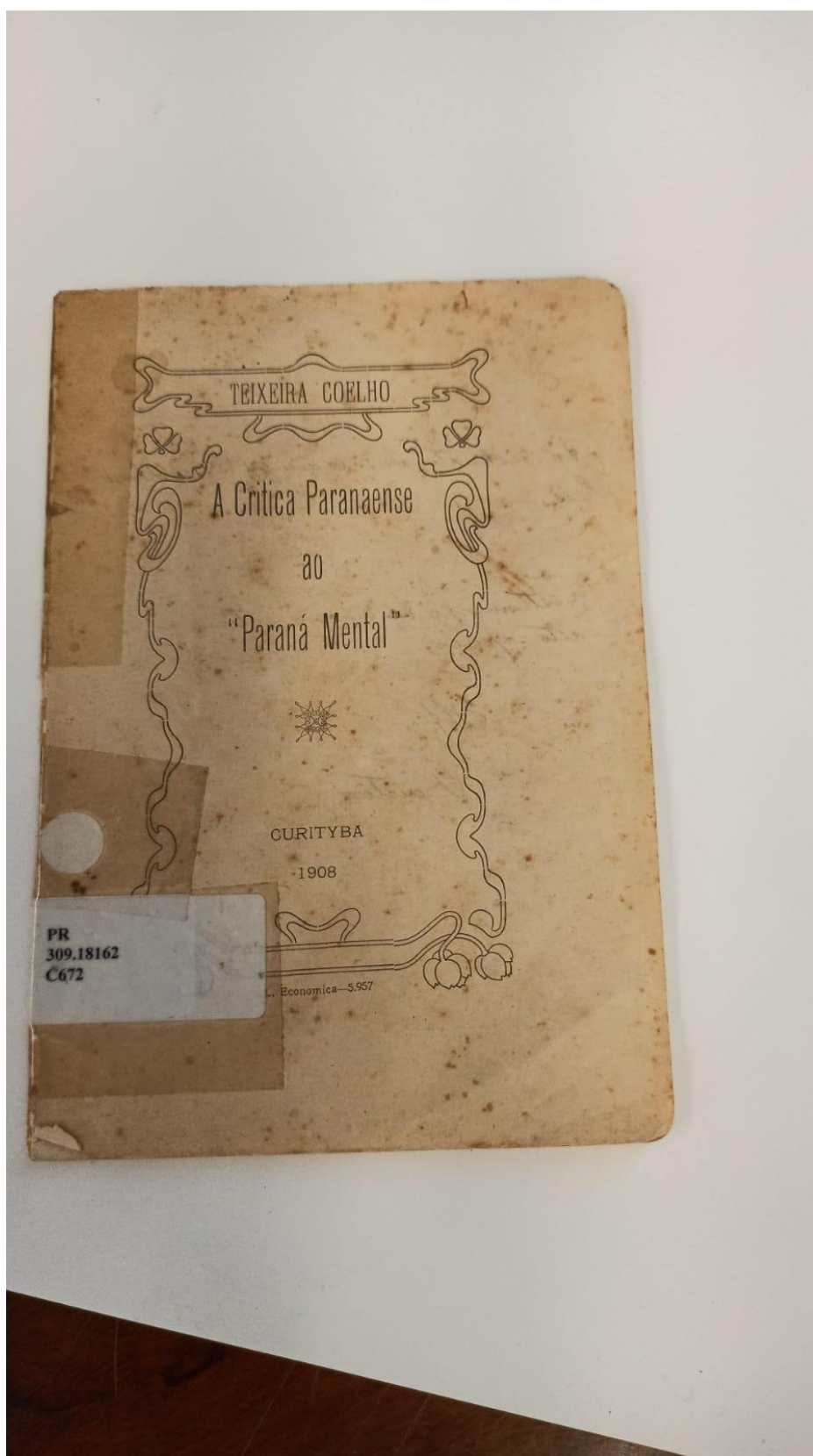


Em 7 de maio de 1916, o pae da aviação em Curitiba.

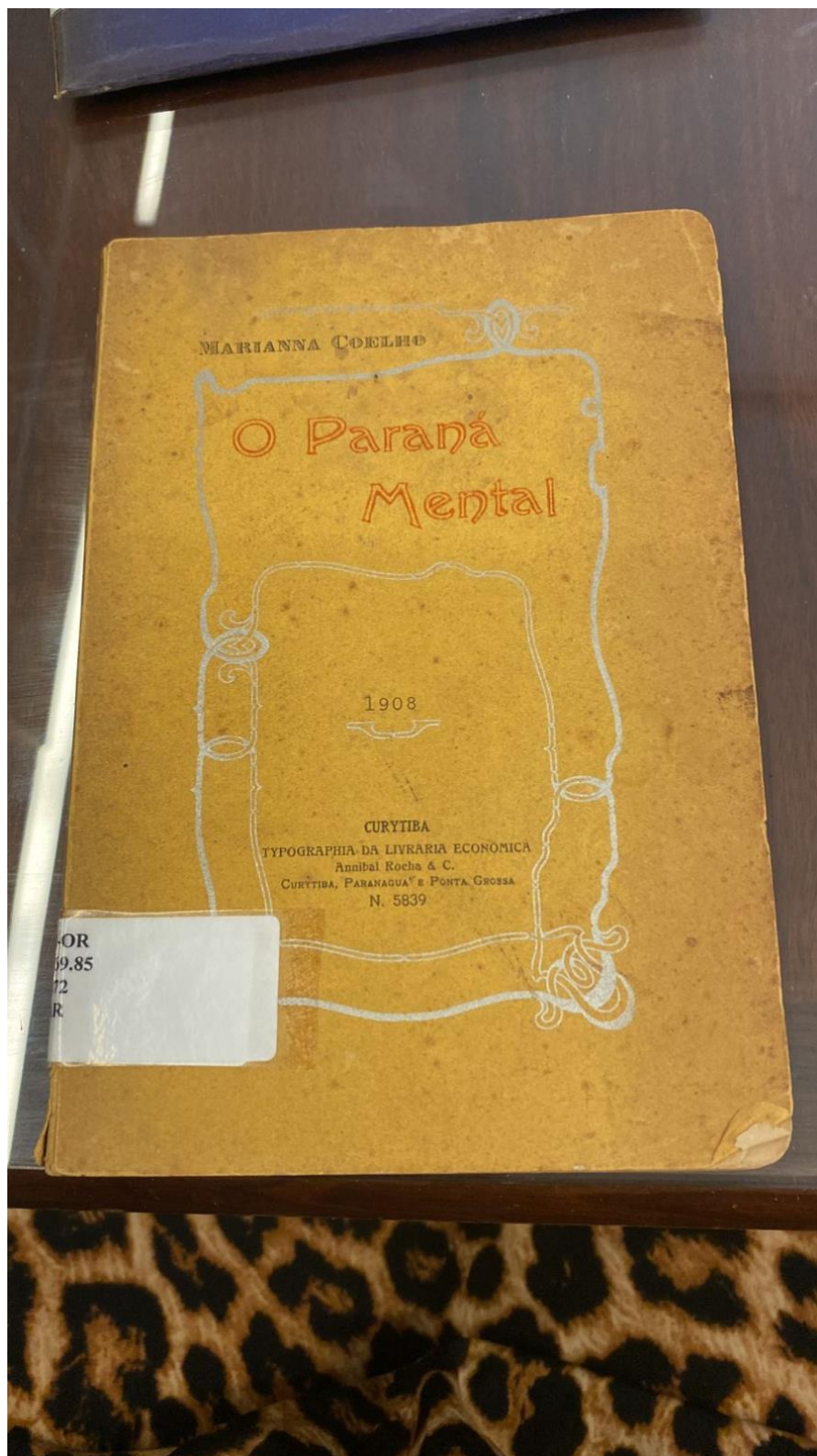
referido Colégio tinha como diretora a Senhora Mariana Coelho, que se encontra ao lado do pae da aviação.

Foi um dia de festa para a Cidade - Sorriso, êsse da presença de tão ilustre figura em Curitiba.

**ANEXO E – CAPA DO OPÚSCULO A CRITICA PARANAENSE AO PARANÁ MENTAL – DE CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO**



ANEXO F – CAPA DO LIVRO O PARANÁ MENTAL – 1908 – MARIANA COELHO





ANEXO G – DEDICATÓRIA NA OBRA O PARANÁ MENTAL, DE MARIANA  
COELHO PARA SEBASTIÃO PARANÁ

